

CATARINA DE SIENA



SIGRID UNDSET

SIGRID UNSET

CATARINA DE SIENA

Tradução de

MARIA HELENA AMOROSO LIMA SENISE

Fonte do texto:

alexandriacatolica.blogspot

Imagem da capa:

gaudiumpress.org

Prefácio

Na revista *Vinduet*[1], assim se exprimia recentemente o norueguês Carl Fredric Engelstadt:

"É com impaciência, é com viva emoção que manuseamos a obra de Sigrid Undset sobre Santa Catarina de Siena, último livro da romancista, que aparece dois anos e meio após a sua morte. Tem-se a impressão de uma mensagem de *autre-tombe* [2], formulada pela vibrante personalidade cujo desaparecimento deixa enorme vácuo na nossa vida intelectual."

Obra que não representa apenas um testamento espiritual, mas ilustra o substrato de um pensamento e de uma carreira, firmando uma concepção da História ao mesmo tempo que desvenda para a nossa época longínquas perspectivas. "Este *Catarina de Siena* não é apenas um livro de Sigrid Undset, mas, sob diversos aspectos, um livro sobre Sigrid Undset."

O conceito é dos mais felizes e explica o motivo que me levou a introduzir, numa colecção especificamente literária, uma obra transbordante dos mais variados significados.

Convertida ao Catolicismo pouco depois da Primeira Guerra Mundial [3], Sigrid Undset aprofundara as suas convicções religiosas escrevendo sobre *Christine Lavransdatter* e sobre *Olav Audunsson* duas das suas obras mais representativas. Deslumbrada ela própria pelo misticismo onde evoluíam as suas rudes personagens, sentiu que, mesmo em época complexa como a nossa, poderia encontrar uma fé mais espontânea e uma experiência, religiosa mais genuína.

Daí se originou este livro sobre uma santa contemporânea de Santa Brígida da Suécia, de quem era alguns anos mais moça, numa época em que essas mulheres inspiradas sabiam dirigir-se aos papas e aos poderosos deste mundo, intimidar os poderes temporais e fazer chegar até eles a linguagem da espiritualidade. Santa Catarina, particularmente ligada aos acontecimentos de França, conseguiu obter do papa de Avinhão a restauração do papado romano.

Ao par da abundância da hagiografia auxiliar, cumpre atender para a autoridade das fontes originais de consulta: de facto, seguindo escrupulosamente os escritos de *Tommaso della Fonte*, primeiro confessor da santa, e de *Raimondo de Capua*, biógrafo minucioso e observador quotidiano do constante milagre que foi a vida de Catarina, Sigrid Undset não se arriscava a extraviar-se, e podia tentar reconstituir com toda a precisão o universo espiritual onde floresciam alguns espíritos de elite numa época inocentemente bárbara a despeito dos primeiros sopros renascentistas.

Voltando a tecer considerações sobre a era em que vivemos, conclui Sigrid Undset: "Nós precisamos dos santos" Qualquer que seja o sentido por nós atribuído a essas palavras - e por mais familiares que nos sejam a intuição e a revelação - quem se recusaria a aderir a esse apelo a luzes suplementares, às forças mais altas do espírito e do destino?

Depoimento de fé e de angústia, proclama *Carl Fredrik Engelstadt*... Sigrid Undset não ousa prever a perpetuidade do Cristianismo não prometida pelo Cristo.

Depoimento singularmente emocionante para uma época que se acredita reeditar um apocalipse

NOTAS

[1] Vinduet, Gyldendals Tidsskrift for litteratur, Oslo (Nov. 1951).

[2] Em francês no texto.

[3] Cf. Sigrid Undset, *Minha Conversão ao Catolicismo*, traduzido do original norueguês para o francês pelo R. P. Béchaux O. P., antigo prior dos dominicanos de Oslo. (Estudos, maio 1950).

CAPÍTULO 1

Nas repúblicas de Toscana, os burgueses (*popolani*) - comerciantes, artífices, membros das classes universitárias - haviam, desde a Idade Média, reivindicado e obtido o direito de participar com os nobres - os gentis-homens - no governo da cidade.

Em Siena, desde o século XII, haviam conseguido um terço dos postos do Grande Conselho. A despeito das lutas constantes, e não raro cruentas, que dispersavam partidos e grupos, e às vezes os próprios partidos internamente, a despeito das guerras frequentes contra Florença, a vizinha e poderosa rival de Siena, a vida na cidade era folgada. Os sienenses eram ricos e orgulhavam-se da sua cidade, que enchiam de belas igrejas e prédios públicos. Pedreiros, escultores, pintores, e os ferreiros que executavam as primorosas grades de ferro forjado e os lustres, nunca estavam desocupados. Ali a vida lembrava um tecido colorido, onde a violência, a vaidade, a avareza, o ardente apetite dos prazeres sensuais, a febre do poder e o gosto pelas honrarias se mesclavam para produzir os mais variados desenhos. Entretanto, aqui e ali sobressaíam da trama, como fios prateados, o amor cristão, a fé sincera, honesta e profunda que imperava nos mosteiros e entre os bons sacerdotes, entre os monges e freiras, cujas vidas eram dedicadas a socorrer o próximo. Ricos e pobres rivalizavam na generosidade para com os doentes, os indigentes e os abandonados. E em todas as camadas da sociedade podia ser encontrada gente boa a levar, modesta e pacificamente, uma vida de piedade, de pureza e de fidelidade a uma vida de família bem compreendida.

Assim se dava com Jacopo Benincasa. Exercia ele a profissão de tintureiro de lã, auxiliado pelos filhos mais velhos e por um jovem aprendiz, enquanto a mulher, Lapa di Puccio di Piagente, dirigia com mão firme a movimentada casa, a despeito dos parcos intervalos entre uma e outra gravidez. Perdeu cerca de metade dos filhos em tenra infância. Ignora-se o número dos que sobreviveram, embora em antiga árvore genealógica da família Benincasa haja sido encontrada menção de treze filhos vivos. Tão elevado era na época o índice de mortalidade infantil, que é possível

mencionar-se como uma felicidade o facto de Jacopo e Lapa terem podido criar mais de metade da sua prole.

Jacopo Benincasa era homem de posses. Em 1346 tinha meios para alugar uma casa na Via dei Tintori, próxima à Fontebranda, um dos dois reservatórios cobertos que abasteciam a cidade de água fresca e abundante. O velho solar dos Benincasa, conservado tal qual era na época, parece, para a nossa concepção moderna, demasiado exígua para família tão numerosa. Na Idade Média, porém, não havia o costume de se desperdiçar espaço, e, menos que ninguém, cogitavam em fazê-lo os burgueses das cidades fortificadas, onde era preciso concentrarem-se o mais possível por detrás das muralhas protectoras. O terreno custava caro, a cidade precisava de todo o espaço disponível para erguer os seus mercados, as suas igrejas, os seus prédios públicos, que, ao menos em teoria, pertenciam a toda a população. Assim as moradias se apertavam umas contra as outras nas ruas estreitas e tortuosas.

A dos Benincasa era, pois, no conceito da época, uma residência agradável e quase opulenta.

Lapa dera já a luz 22 filhos, quando, no dia da Anunciação, 25 de março, de 1347, lhe nasceram duas gémeas.

Foram baptizadas como Catarina e Joana. Madonna Lapa não podia amamentar senão uma; Catarina foi a privilegiada, enquanto que Joana era confiada a uma ama-de-leite. Madonna Lappa jamais gozara da felicidade de alimentar os seus próprios filhos, forçada sempre por nova gravidez a entregar o bebé a outra mulher.

Catarina nutriu-se, assim, do leite materno até à idade do desmame. Era portanto natural que Lapa, que aliás começava a envelhecer, manifestasse pela criança uma ternura maternal exclusiva e exigente.

Quando Catarina cresceu, essa mesma ternura teve por efeito transformar a vida entre a rústica Lapa e a jovem luminar que tivera por filha, numa série de cruciantes mal-entendidos. Lapa amava Catarina acima de tudo no mundo, mas não a compreendia.

Além de ser a mais querida, Catarina ficava assim na posição de mais moça da família, pois a pequena Joana morreu cedo, seguida alguns anos mais tarde por outra que recebera o mesmo nome. Para se consolarem, os pais acreditavam firmemente que as duas inocentes haviam alçado vôo dos seus pequenos berços directamente para o paraíso.

Mas *Catarina* - como escreve Raimundo de Capua, fazendo com o nome um trocadilho algo ousado com o termo latino *catena* (cadeia) - teve muito que labutar na Terra até que lhe foi dado arrastar consigo ao paraíso uma cadeia de almas resgatadas.

Quando Raimundo de Capua reuniu o material para a sua biografia de Santa Catarina, pediu a Madonna Lapa que lhe contasse traços da infância da sua heroína.

Essa época já era bem distante, pois Lapa, já então viúva, contava agora oitenta anos. Acompanhando o relato de Raimundo, é fácil adivinhar o prazer que tinha em contar, minuciosamente, tudo de que se lembrava a um auditório tão simpático e compreensivo. Evocou dias passados, em que fora mãe activa e eficiente, cercada de um bando de filhos, de genros, de noras e de netos, sem contar os amigos e vizinhos.

Catarina era, então, a mais nova, mimada por pais já a caminho da velhice. Lapa referiu-se também a seu marido - homem bondoso, piedoso e justo. A respeito dela mesma, escreve Raimundo: "Não tinha nenhum dos vícios comuns às pessoas que conhecemos." Era, efetivamente, uma alma inocente e simples, incapaz de mentira. Todavia, como fosse ela a encarregada de zelar pelo bem-estar de tantos, não podia exhibir em todas as ocasiões a bondade e a paciência sobrenaturais do marido. Talvez pelo facto de mostrar-se Jacopo bom demais para este mundo, a sua esposa achou ser sua obrigação encarar de maneira mais prática os interesses da família. Pois Jacopo jamais deixava escapar uma palavra áspera ou inconveniente, quaisquer que fossem as suas preocupações ou as ofensas que recebesse.

Se algum dos membros da família dava livre curso ao seu mau humor - falando com irritação, ou mesmo com ódio -, ele procurava acalmá-lo. "Meu caro, - dizia- no teu próprio interesse deves evitar essas expressões inconvenientes."

Certa ocasião, um dos seus concidadãos pretendeu obrigá-lo a pagar uma pesada soma que Jacopo em absoluto não lhe devia. Por uma série de maledicências e através de amigos poderosos, essa criatura maldosa atormentara e perseguira o honesto tintureiro até quase arruiná-lo. Contudo, Jacopo não permitia que se invectivasse de qualquer maneira o seu perseguidor; e ao ver que Lapa lhe desobedecia nesse terreno, admoestou-a: "Deixa-o em paz; verás que Deus o fará reconhecer o seu erro e nos protegerá."

Efectivamente, pouco tempo depois, contou Lapa, tudo se passou como Jacopo previra.

Ditos grosseiros e palavras de baixo calão eram desconhecidos na casa do tintureiro. Uma das suas filhas, Bonaventura, pouco depois de desposar um jovem sienense, ficou a tal ponto chocada com a linguagem licenciosa empregada pelo marido, e pelos amigos deste, que adoeceu. O marido, que no fundo devia ser um bom homem, inquietou-se ao ver a sua mulher tornar-se dia a dia mais magra e mais pálida. Interrogou-a sobre a causa da sua doença, ao que Bonaventura lhe respondeu com seriedade: "Em casa do meu pai não fui habituada a ouvir os gracejos que aqui sou forçada a ouvir diariamente. Podes estar certo de que, se estas conversas indecentes não tiverem um paradeiro, tu me verás morrer em consequência delas." Imediatamente Nicolau deliberou cortar de vez os hábitos inconvenientes que feriam os sentimentos da sua esposa, e manifestou vivamente a sua admiração pela virtude e piedade dos sogros.

Foi este o lar da pequena Catarina. Todos lhe faziam as vontades, todos a amavam. Muito pequena ainda, já edificava a família pelo seu bom comportamento. Era, além do mais, uma criança bonita, e Lapa não podia gozar em paz do seu tesouro ante a insistência dos vizinhos em chamá-la para a companhia deles.

Os escritores da Idade Média raramente se dão ao trabalho de descrever ou de procurar compreender uma criança. Graças a Lapa, porém, Raimundo conseguiu transmitir-nos, em algumas páginas do seu livro, a imagem de uma pequena italiana, séria e não obstante alegre, amável e sedutora. Já desde então revelava ela aquela vitalidade exuberante e aquela força espiritual que, muitos anos mais tarde, levariam Raimundo e seus outros

"filhos" a entregarem-se a ela. Sentiam-se como se a sua presença e as suas palavras espantassem neles as ideias negras e o desânimo, enchendo-lhes a alma da paz e da felicidade do Senhor. Desde o momento em que escapou à tutela imediata dos de casa, a pequena Catarina ficou sendo o chefe de outros garotos da rua. Ensinava-lhes as brincadeiras que ela mesma inventava, o que equivalia a dizer que fazia com eles exercícios de piedade. Aos cinco anos sabia de cor a saudação angélica e gostava de repeti-la incansavelmente. Subindo ou descendo as escadas do lar paterno, adquiriu o hábito de ajoelhar-se em cada degrau para aí recitar uma Ave Maria. A piedosa menina, filha de família piedosa, onde todos os membros se tratavam com cordialidade e delicadeza, passou naturalmente a dirigir-se da mesma maneira a Deus e aos Seus santos, assim que aprendeu a conhecê-los. Por enquanto isso não passava, para ela, de uma brincadeira. Mas as crianças empenham-se com toda a sua alma nas suas brincadeiras e nos caprichos da sua imaginação.

Os vizinhos chamavam-na Eufrosina. É o nome de uma das três Graças. A este respeito Raimundo parece algo indeciso. Teria a boa gente do bairro de Fontebranda conhecimento da mitologia clássica? Parece antes acreditar que Catarina houvesse adoptado o nome da santa que, segundo a lenda, se vestira de homem para fugir de casa e ingressar num convento de monges. Não convém, porém, esquecer que os sienenses estavam habituados aos cortejos e canções, assimilando, portanto, mais do que se poderia supor do património comum aos poetas. O pai de Lapa, Puccio di Piagente, compusera versos para uma comemoração. Além de colchoeiro de profissão, era ele muito devoto, generoso para com os conventos, os monges e as religiosas, e bondoso para com os pobres. Era possível que conhecesse as duas lendas - a pagã e a cristã - de Eufrosina.

Aos seis anos, Catarina voltava uma noite para casa, depois de visitar a sua irmã casada, Bonaventura. Vinha em companhia de dois meninos, um dos quais era o seu irmão Stefano, mais velho alguns anos de que ela, sem dúvida encarregado pela mãe de velar pela menina. As crianças haviam atingido o local onde a rua se transforma em ladeira íngreme em direcção ao vale, entre os muros dos jardins e das casas. Diante deles elevava-se o gracioso parapeito de pedra que domina as águas espumantes de Fontebranda, onde as mulheres da vizinhança lavam a roupa e vêm encher

de água fria e cristalina os baldes de cobre que trazem de volta sobre a cabeça. Do outro lado do vale, a igreja conventual de São Domingos ergue os seus muros maciços e severos, despojados de qualquer ornamento, à exceção das janelas ogivais rasgadas na fachada até o coro, que termina em rectângulo o edifício.

A menina contemplou o Vale Piatta e depois ergueu os olhos. E eis que, por sobre as igrejas da cidade, viu surgir uma visão maravilhosa. Jamais, nem mesmo em sonhos, ousara imaginar algo semelhante. Num trono real, sentava-se o Salvador do mundo, em vestes episcopais, trazendo sobre a cabeça a tríplice coroa papal. A Seu lado estavam os Apóstolos Pedro e Paulo, e São João Evangelista. A criança ficou como que pregada ao solo. Deslumbrada, contemplava a visão simultâneamente com os olhos do corpo e com os da alma. Nosso Senhor sorriu-lhe com ternura, após o que, erguendo a mão, abençoou-a traçando sobre ela o sinal da cruz, como faz o bispo para com os fiéis. Entretanto Catarina ficara como aque paralizada, enquanto a ternura divina lhe submergia a alma, transformando-lhe o ser para todo o sempre. Na ruela estreita reinava a animação da noite; era um vaivém de pedestres, de carros de bois, de cavaleiros. E, lá em cima, a meninazinha, de ordinário tão tímida, o rosto e os olhos erguidos para a aparição milagrosa, permanecia imóvel e como que petrificada.

Os garotos estavam já quase no final da descida. Stefano voltou-se à procura da irmã. Viu que ela não se movera e chamou-a por duas vezes. Catarina não fez um movimento. Ele subiu correndo a rua, de volta, chamando a menina em tom impaciente. Esta só se apercebeu da sua presença quando ele a tomou pelo braço: "Que estás fazendo aí?" Pareceu então despertar de um sono profundo e, baixando os olhos, respondeu: "Ah, se tivesses visto o que vi! Estou certa de que não me incomodarias se soubesses de que visão me privaste."

Ao voltar novamente a cabeça, a visão desaparecera e ela pôs-se a chorar. Como pudera desviar os olhos de um espectáculo como aquele?

Quando Raimundo de Capua se tornou seu confessor, Catarina contou-lhe que a partir desse dia começara a estudar os caminhos palmilhados pelos santos. Acima de tudo quis conhecer as vidas de São Domingos e dos padres do deserto. Ninguém se ocupando de ensinar-lhe, tudo quanto

aprendeu deveu-se à intervenção do Espírito Santo. Entretanto, uma criança de seis anos pode adquirir uma multidão de conhecimentos sem saber de onde lhe vêm. No topo da colina, acima da casa de Catarina, erguia-se o convento dos dominicanos, com a sua igreja semelhante a uma fortaleza. É bem provável que os irmãos pregadores, envergando o hábito preto e branco da sua ordem, circulassem pelas mesmas ruas que percorriam os pequenos Benincasa quando em visita aos vizinhos ou às irmãs casadas. Na própria mansão dos Benincasa, aliás, vivia um rapazinho, Tommaso della Fonte, que mais tarde ingressaria na ordem de São Domingos.

Era irmão de Palmiero della Fonte, o qual desposara Niccoluccia Benincasa. Tendo ficado órfão em seguida à epidemia de peste de 1349, Tommaso, então com dez anos, encontrou um lar junto ao sogro do seu irmão. É possível que a convivência com um irmão adoptivo que aspirava à vida monástica haja influenciado a menina mais do que ela o acreditou na ocasião, ou mesmo mais tarde.

Os momentos durante os quais Catarina vira o céu abrir-se e recebera a bênção do Senhor marcaram-lhe definitivamente o ser. Não passava ainda de uma criança, mas os seus viram-na bruscamente atingir uma surpreendente maturidade e uma circunspeção inesperada. Desde então, pode-se dizer que foi mais adulta que criança. Passara por uma iniciação. A alegre pequena Eufrosina enxergava por fim a perturbadora realidade que procurara às cegas nos seus exercícios de piedade. Tivera acesso aos espaços infinitos do amor de Deus e do amor a Deus. Talvez pressentisse vagamente que as suas orações e meditações se tornavam outros tantos meios de preparar-se para seguir o apelo que um dia lhe seria endereçado. Contudo, ignorava ainda o que exigiria dela o Salvador entrevisto, Aquele mesmo que, com a Sua mão estendida, a abençoara.

Qualquer que seja a origem dos seus conhecimentos sobre a vida e os actos dos santos de Deus, é pelo menos inegável que se esforçou ao máximo por imitá-los, seguindo-lhes as práticas de vigilância e ascetismo.

Ao contrário da maioria das crianças em fase de crescimento, fez-se mais silenciosa e passou a comer menos. Durante o dia o pai e os filhos trabalhavam nos porões, onde estava instalada a tinturaria, enquanto a mãe e as outras mulheres da casa se atarefavam na imensa cozinha, que fazia

também as vezes de sala. Essa cozinha situava-se na parte mais alta da casa e abria sobre um terraço cercado de arbustos e de vasos de plantas. Aí se estendiam as cordas para a roupa lavada, que estalava ao vento.

Nos andares intermediários, os quartos ficavam vazios a maior parte do dia. Catarina buscava o isolamento numa dessas peças desertas, e ali flagelava, em segredo, os seus ombros frágeis com uma corda.

As amiguinhas da vizinhança não tardaram a aperceberem-se do que ocorria - as crianças não respeitam a necessidade do isolamento - e procuraram imitá-la, como tinham o costume de fazer. Passaram a reunir-se em algum cómodo da casa e se flagelavam, enquanto o seu modelo recitava tantos Padre Nossos e Ave-Marias quantos achava necessários para incentivar as companheiras: O mistério enchia-as de prazer, e o pequeno grupo de penitentes sentia-se tão edificado quanto feliz. Raimundo de Capua observa que essas reuniões infantis eram como que uma premonição do futuro.

Eventualmente, porém, Catarina procurava fugir à companhia das suas companheiras de diversões, e de modo particular à dos meninos. Galgava então as escadas com tamanha rapidez que, no dizer de Lapa, os seus pés não chegavam a tocar os degraus. Dir-se-ia que ela planava no ar. A mãe assustava-se, temendo que a pequena caísse e se magoasse.

O desejo de isolamento e as lendas dos padres do deserto, que tanto lhe ocupavam a imaginação, levaram-na a sonhar com uma gruta solitária onde pudesse esconder-se para entreter-se exclusivamente com Deus. Num belo dia de verão, munida de um pedaço de pão, saiu sozinha em direcção à casa da irmã casada, próxima à porta de San Ansano. Desta vez, porém, ultrapassou a casa e atravessou o portão da cidade. Pela primeira vez na sua vida a pequena cidadina contemplava o sereno Vale Piatta e a verde planície. Estava habituada a um cenário todo diverso, onde as moradias se apertavam umas contra as outras nas ruas estreitas e rectas, habituada ainda à multidão de pedestres ou de cavaleiros montados em cavalos e burros, aos carros de bois, às juntas de mulas, aos cães e aos inumeráveis gatos que constituem parte integrante do ambiente de toda a família italiana. A menina tomou, naturalmente, aquele novo mundo silencioso pelo deserto. Pôs-se a caminhar, à procura de uma gruta. Havia-as em grande número, escavadas

na rocha calcárea, de ambos os lados do vale. Tendo encontrado a que lhe convinha, pôs-se de joelhos e começou a rezar com todo o fervor. Não tardou porém a fazer uma curiosa experiência. Parecia-lhe ser levantada do solo e flutuar livremente sob a abóbada. Temendo tratar-se de uma tentação do diabo para impedi-la de rezar, redobrou de ardor e de firmeza na oração.

Despertando desse deslumbramento, percebeu que continuava de joelhos na gruta. Era a nona hora, isto é, as três da tarde, exatamente a hora em que o Filho de Deus morreu na cruz.

Catarina recebeu então como que uma inspiração do alto. Compreendeu que Deus não queria que ela vivesse como eremita, obrigando o seu corpinho frágil a suportar maiores privações que a sua idade lhe permitia normalmente. Não era do Seu desejo vê-la abandonar o lar paterno, como quisera. O caminho não era longo, da gruta à sua casa. Estava muito cansada e receava ter assustado demasiadamente os pais. Quem sabe se acreditavam que ela os deixara para sempre? Pôs-se novamente a rezar, desta vez, porém, suplicando a Deus que lhe permitisse entrar em casa sem complicações. Mais uma vez sentiu-se flutuar no espaço; quando os seus pés tocaram o solo, estava diante da porta da cidade. Correu o mais depressa que pôde até casa. Ali porém não se dera muita atenção à sua ausência; acreditavam-na em companhia da irmã. Ninguém soube que acabava de tentar viver como eremita; mesmo ao seu confessor, foi só muito mais tarde que se referiu ao facto.

Em torno dela, a pequena visionária via os adultos e as outras crianças interessados numa quantidade de coisas que nem um pouco a atraíam. Mais tarde compreenderia que essas coisas representam o *mundo* de que falam as Santas Escrituras. O seu mundo particular, aquele que sentia necessidade constante de conhecer cada vez mais de perto, parecia-lhe existir em outro plano, acima de tudo quanto podia perceber com a ajuda dos sentidos. Era o mundo celestial, que lhe fora permitido contemplar pelo espaço de um segundo, quando vislumbrara Nosso Senhor sentado em Sua realeza sobre as nuvens, por sobre a igreja de São Domingos. A chave desse mundo estava na oração.

A sua experiência lhe ensinara também que ali poderia penetrar de maneira apenas espiritual, sem ver e sem ouvir, sem o intermediário dos

seus órgãos materiais.

O seu pai e a sua mãe, tanto quanto os irmãos e as irmãs, eram bons cristãos. Contentavam-se, porém, em beber moderadamente da mesma fonte em que Catarina não conseguia matar a sua própria sede. Todos rezavam, assistiam à missa, mostravam-se generosos para com os pobres e os ministros de Deus, mas não raro se deixavam absorver por preocupações que Catarina reputava cada vez mais como outros tantos obstáculos entre ela e a beatitude do seu coração.

Se bem que sempre protegida contra as más influências, as crianças dos Benincasa não podiam estar completamente alheias ao orgulho dos poderosos, às disputas entre homens rudes e belicosos, à vaidade das mulheres frívolas. Desde essa época, o coração de Catarina ardia do desejo de ver resgatadas essas almas infelizes, voluntariamente afastadas do amor de Deus, desse amor que fora para ela um prenúncio da bem-aventurança. Desejava ser autorizada a tornar-se uma dessas almas que trabalham pela salvação das demais, como era, por exemplo, a finalidade dos dominicanos. Frequentemente, à passagem dos irmãos pregadores, observava atentamente onde pousavam os pés para em seguida beijar-lhes piedosamente as pegadas.

Contudo, para chegar a ser um dia capaz de compartilhar da obra de toda essa desvelada população dos mosteiros, evitando ao mesmo tempo ser arrastada para longe da sua vida interior pelas preocupações e prazeres que absorviam uma parte tão importante da vida da sua mãe e das suas irmãs casadas, era preciso, bem o sabia, que permanecesse eternamente virgem.

Desde a idade de sete anos, portanto, suplicava à Virgem pleiteasse a sua causa. De todo o coração aspirava entregar-se a Jesus Cristo e tornar-se Sua esposa. "Amo-O com toda a minha alma, - dizia - e prometo a Ele e a Ti jamais aceitar outro esposo. "E rogava ao seu noivo celestial e à Sua Santa Mãe que a amparassem, para que pudesse manter-se pura e sem mácula de corpo e alma, "de acordo com as suas forças".

Ainda nos dias de hoje, uma menina italiana de sete anos é mais amadurecida que outra de raça nórdica ou anglo-saxónica. Na Idade Média, as crianças europeias, de modo geral, alcançavam mais cedo ainda o

amadurecimento. Na Noruega, moças e rapazes eram apresentados como aptos para o casamento desde a idade de 15 anos. Em Romeu e Julieta, a senhora Capuleto recorda à filha de 14 anos incompletos que "em Verona, as nobres damas, se bem que mais jovens que tu o és presentemente, já são mães...."

Não obstante, na época em que fez voto de castidade, Catarina pouco ou nada poderia saber sobre essas paixões do corpo e da alma, às quais se comprometia a jamais se entregar. As tentações da carne resumiam-se para ela no apetite vigoroso de uma menina saudável e em pleno crescimento. Pois, a despeito das práticas de ascetismo que começava a praticar secretamente, continuava a ser uma criaturinha cheia de vigor e de saúde. Tinha pelo sofrimento físico um medo muito natural, que procurava combater através de práticas de disciplina. Para dominar o apetite, decidiu restringir a sua alimentação a pão e legumes. Nessa intenção passava subrepticamente a Stefano, ou ao gato que rondava a mesa familiar, a copiosa dose de carne que lhe serviam às refeições. O garoto e o animal aceitavam alegremente a ração suplementar, e os numerosos convivas reunidos em torno da mesa sempre provida de Madonna Lapa não pareciam tomar conhecimento do que se passava do lado em que se reuniam os jovens da família.

Já não era mais possível deixar de perceber que Catarina se tornava dia a dia mais meiga e paciente. Muitos anos mais tarde ela qualificaria a paciência de "medula central da piedade". Sabendo que a graça não modifica a nossa natureza íntima, senão que apenas a transforma, é forçoso reconhecer que essa moça, que com uma energia e uma tenacidade fora do comum podia cumprir tudo quanto as suas visões lhe diziam ser a vontade de Deus, devia exibir também uma obstinação natural extraordinária. Continuava a obedecer aos pais e aceitava pacientemente as repreensões da mãe. Ora, não eram poucos os contratemplos com que se defrontava Lapa com tantas pessoas a gravitarem em torno dela, em consequência do que perdia facilmente a calma e não media as suas expressões contrariadas.

Por essa época, contudo, a família de Catarina mostrava-se ainda completamente satisfeita com o procedimento exemplar da menina e

olhava-a com admiração, julgando-a muito mais inteligente, mais piedosa e mais amável do que seria de se esperar de uma criança da sua idade.

Certa vez, pensando dar prazer à mãe nova, a mãe encarregou-a de uma comissão: levar à igreja paroquial alguns círios e uma soma de dinheiro a serem depositados sobre o altar, encomendando, ao mesmo tempo, uma missa em honra de Santo António. Esse santo benevolente, quando em vida, demonstrara grande compreensão e simpatia pelas preocupações e canseiras das mulheres de condição humilde; de sorte que mães e donas de casa viam nele um amigo particular e o seu protector no paraíso. Catarina sentiu vontade de assistir à missa e voltou para casa mais tarde do que era esperada. Lapa recebeu a filha da maneira como em Siena se recebiam os garotos que se atrasam na rua sem necessidade.

Malditas sejam as más línguas que me afirmaram que tu não voltarias mais! - exclamou

A menina nada retrucou a princípio; mas depois, tomando de parte a mãe, dirigiu-lhe em tom grave e humilde esta súplica:

Minha querida mãe, se fiz alguma coisa de mal, ou se excedi as tuas ordens, bate-me, para que possa conduzir-me melhor futuramente Suplico-te, porém, que não permitas à tua língua proferir uma maldição por minha causa contra outras pessoas, boas ou más. Palavras assim não convêm à tua idade e me repugnam.

Esta resposta de Catarina produziu sobre a sua mãe forte impressão. Fingiu contudo nada compreender e perguntou apenas à menina a razão de sua longa ausência.

Quando Jacopo chegou, Lapa contou-lhe o acontecido. Ele ouviu-a em silêncio e ficou pensativo. No fundo do coração, agradecia a Deus.

Assim cresceu Catarina até ao dia em que já moça, descobriu que uma mudança se operara nela, e também no mundo que a cercava.

CAPÍTULO 2

Era de praxe, nas cidades italianas, que as meninas de doze anos não saíssem senão acompanhadas por outra mulher.

Aos olhos de todos, estava apta ao casamento, ou quase isso, e chegara para os pais o momento de buscar uma situação conveniente para ela.

Quando Catarina atingiu essa idade, encerrou-se para ela a época das compras na rua e das visitas às irmãs casadas.

Os seus pais e irmãs esperavam encontrar-lhe um marido, facto que era encarado como uma honra para toda a família. Lapa, em particular, persuadia-se de que o seu tesouro, a sua encantadora e sensata mais nova, acabaria por descobrir esse esposo excepcional.

Porém, quando tentou convencer Catarina a tirar o maior proveito possível dos seus encantos, a dispor da maneira mais agradável os seus bonitos cabelos, a lavar mais frequentemente o rosto e a preservar cuidadosamente a delicadeza de sua tez e a alvura do pescoço, Catarina decepcionou-a. A mocinha não manifestou o menor desejo de produzir boa impressão sobre os rapazes. Antes, pelo contrário, era como se o seu convívio a amendrontasse e ela fizesse o possível para não ser notada. Evitava, mesmo, o jovem aprendiz e os operários da casa como se fossem serpentes. Nunca se demorava no portão, nunca se debruçava à janela para ver passarem as pessoas ou para ser vista por elas.

Para torná-la mais submissa, Lapa recorreu ao auxílio de Bonaventura, conhecendo a grande afeição de Catarina pela irmã mais velha. Realmente, durante algum tempo esta pareceu exercer alguma influência sobre a sua mais nova, que passou a cuidar-se mais. Segundo o relato de Raimundo, Catarina nunca foi de uma beleza deslumbrante, mas era jovem e cheia de vida. De talhe esbelto, tinha a pele alva, lindos olhos escuros e uma bela cabeleira desse castanho dourado tão apreciado pelos italianos. Tudo isso contribuía para fazer dela uma jovem realmente sedutora.

De qualquer forma, quaisquer que fossem as concessões feitas por Catarina à moda contemporânea, sob a influência da irmã predileta, ela iria mais tarde acusar-se, em prantos, de haver traído a graça de Deus e manifestar vivos remorsos pela sua reprovável vaidade.

Raimundo, seu confessor, perguntou-lhe se cogitara alguma vez em renegar o seu voto de virgindade. Respondeu-lhe negativamente. Nem por um instante isso lhe passara pela cabeça.

Raimundo era um sacerdote muito sensato e com longa experiência como confessor, inclusive de religiosas. Continuando a interrogar Catarina, quis saber se acaso se enfeitava para impressionar os homens em geral ou a alguém em particular, embora resolvida a respeitar o seu voto de castidade.

Por outras palavras, se teria ela cedido à velha vaidade de Eva nesse caminho da renúncia que, fácil a princípio, se torna pouco a pouco mais severo. A todas essas indagações, porém, Catarina persistia em opor uma veemente negativa. Disse-lhe então o padre que o facto de ter cedido às instâncias da mãe e da irmã não teria representado falta grave. Nesse ponto Catarina acusou-se de uma afeição excessiva por essa irmã, a quem julgava ter amado mais do que devia.

Negava-se a julgá-la com a severidade que ela se aplicava a si mesma: se tentara agradar à irmã fora sem má intenção e sem incorrer em pecado de vaidade.

"Que guia espiritual é este, que procura desculpar os meus pecados? - queixava-se ela. - Como explicar, meu pai, que uma miserável criatura que, sem passar por provações, destituída de mérito pessoais, recebeu de Deus graças tão abundantes, possa ter perdido o seu tempo em enfeitar este corpo destinado a apodrecer, por aí induzindo em tentação outros mortais? Ainda desta vez sucedeu o que já se passara em tantas ocasiões. O confessor cedeu à sua penitente, reconhecendo que a experiência religiosa desta era mais vasta que a sua e que ela conhecia melhor do que ele a essência da pureza absoluta.

A curta veleidade mundana de Catarina iria ter um final imprevisto. Bonaventura morria de parto. A sua jovem irmã persuadiu-se de que essa

morte era um castigo divino, pois que Bonaventura tentara desviar uma alma do serviço do Senhor. Porém o Senhor Se encarregou de revelar a Catarina que a sua irmã, tão sinceramente piedosa e virtuosa, não sofrera senão um breve purgatório antes de ingressar no esplendor celestial. A morte de Bonaventura só fez confirmar aos olhos de Catarina a vaidade das coisas deste mundo.

Com ardor renovado voltou-se para o Mestre e implorou o Seu perdão. Por que não ouvia dos Seus lábios as palavras que empregara para Maria Madalena: "Os teus pecados te serão perdoados"? Em Maria Madalena via a sua protectora particular e o seu modelo.

Após a morte da filha mais velha, o casamento de Catarina impôs-se ainda com mais urgência a Jacopo e a seus filhos, pois a família, na Idade Média, representava a garantia mais segura dos direitos e do bem-estar das criaturas. Numa época de agitação e revoluções contínuas, o apoio que o indivíduo podia esperar da sociedade, do Estado ou da cidade era pouco mais que precário.

É indubitável que um grupamento humano formado de pai, filhos e genros estreitamente ligados entre si, e sempre dispostos a proteger com lealdade os interesses comuns, representa um forte elemento de segurança. Niccolo, ainda jovem na época da morte de Bonaventura, não tardaria a aliar-se a outra família pelo casamento. Parecia, portanto, ser dever de Catarina obedecer aos pais e desposar um homem que tomasse o lugar do genro de que precisavam.

Quando se aperceberam da repugnância total de Catarina aos seus desejos, deixaram de admirar a sua sensatez e a sua deliciosa modéstia. Levantaram-se contra a jovem, declarando estar tudo resolvido e não lhe restar senão submeter-se.

·Convém ressaltar, para escusar tal violência, que a família de Catarina ignorava por completo o compromisso por ela assumido. Jamais ousara tocar no assunto. Houvesse manifestado desejo de entrar para o convento e pelo menos Jacopo a teria ouvido com indulgência, mesmo não se mostrando disposto a um consentimento imediato. Tudo indica, porém, que Catarina nunca mencionara a intenção de tomar o véu, a não ser nas suas

divagações infantis, quando pensava em viver solitária no deserto ou em imitar Santa Eufrosina e fazer-se monge sob um hábito masculino.

Partiu talvez de Jacopo a ideia de mandar chamar um monge dominicano, velho amigo da família, no intuito de fazer Catarina consentir nos projectos dos seus. Esse dominicano não era outro senão Fra Tommaso della Fonte, o irmão adoptivo de Catarina. A ele confiou a moça o seu compromisso secreto de pertencer a Cristo exclusivamente enquanto viva fosse. O monge não pôde senão aconselhá-la a opor, ao rígido tratamento a que era submetida, uma firmeza capaz de convencer os pais de sua inabalável resolução. Calculou Fra Tommaso que, fazendo cortar os cabelos que constituíam o seu principal traço de beleza, a moça conseguiria talvez que a família a deixasse em paz.

Catarina viu nesse conselho uma mensagem do céu. Tomando imediatamente uma tesoura, aparou quase pela raiz a sua magnífica cabeleira, cobrindo a seguir a cabeça com um véu curto. Os costumes locais e a moda não permitiam que uma moça solteira escondesse os cabelos, razão pela qual Lapa precipitou-se sobre a filha, indagando dos motivos daquele insólito espectáculo. Não ousando confessar, nem recorrer à mentira, a menina conservava-se calada. Lapa arrancou o véu e, ao ver a sua bonita filha a tal ponto desfigurada, pôs-se a soluçar alto, de desespero e de cólera. Sentia-se como se lhe tivessem cravado no peito um punhal. "Filhinha, como pudeste prejudicar-te desta forma?"

Catarina repôs o véu sem dar resposta. Entretanto, quando Jacopo e os rapazes acorreram, às pressas, assustados pelos gritos e pelas lágrimas de Lapa, e verificaram do que se tratava, o seu furor não teve limites.

A situação de Catarina complicava-se, agora, pelo facto de haver-se apresentado recentemente um pretendente à sua mão. Tratava-se de um jovem que os Benincasa teriam visto ingressar na família com o máximo prazer. "Menina maldosa, acreditas que por esse capricho de cortares os cabelos nos escaparás? Os teus cabelos voltarão a crescer e nós te faremos casar, mesmo que isso te despedace o coração. Não terás sossego enquanto não consentires no que te pedimos."

Era preciso pôr um paradeiro aos caprichos dessa tola adolescente que a todo o propósito, e mesmo fora de propósito, vivia a esconder-se para rezar e entregar-se a práticas piedosas exageradas. De então em diante não mais lhe foi permitido ter o seu quarto separado.

Sendo-lhe facultada a escolha do companheiro de quarto, preferiu o irmão Stefano, por essa época ainda solteiro. Durante o dia, enquanto Stefano se atarefava no porão diante dos caldeirões da tinturaria, Catarina tinha o aposento só para ela; e, à noite, Stefano dormia como uma pedra, sem se aperceber das longas vigílias que a irmã passava em oração, a mil léguas deste mundo terrestre.

Lapa despediu a criada e pôs Catarina na labuta doméstica, de manhã à noite. A moça viu-se encarregada de lavar toda a roupa, de cozinhar, de servir à mesa, além do que todos se divertiam à sua custa ou ralhavam com ela, encarregando-a, ademais, dos recados de cada um.

Assim agindo, acreditavam que Catarina acabaria por reconhecer preferível o papel da mulher casada, no seu próprio lar, ao de escrava de uma família numerosa. Apesar, porém, da intensidade da sua vida espiritual, Catarina era ainda suficientemente criança para tirar da situação o seu aspecto pitoresco.

Como mais tarde relatava ao seu confessor, comprazia-se então em representar Nosso Senhor Jesus Cristo sob os traços do pai e a Virgem Maria sob os da mãe, muito embora esta parte lhe fosse algo difícil quando Lapa se entregava a um dos seus grandes acessos de cólera... Os seus irmãos e os aprendizes da casa eram, a seus olhos, os Apóstolos e discípulos. Servia-os com alegria e conscientemente, sem fadiga ou mau humor. Embora a contragosto, a família via-se forçada a reconhecer que ela era, sob todos os aspectos, admirável. A mesma associação de ideias de Catarina fazia da cozinha um santuário, e quanto a servir a mesa, como não se sentir inefavelmente feliz em atender ao seu Mestre e Senhor?

O Espírito Santo ensinava-lhe assim o meio de construir uma cela interior, um local de refúgio onde podia rezar e meditar sobre o Bem-Amado. Ninguém a arrancaria dela, ninguém podia ali penetrar para incomodá-la. "O reino de Deus está em vós.

Hoje podia perceber o significado destas palavras ditas por Aquele que é a própria Verdade. O reino de Deus em nós - isto significa que os dons do Espírito Santo se derramam sobre nós, desenvolvendo as nossas aptidões naturais, arrazando os obstáculos que nos chegam de fora e aqueles que vêm da nossa natureza íntima. Se desejarmos ardentemente o verdadeiro bem, estaremos preparando a vinda do hóspede celestial, d'Aquele que disse: "Estai atentos, eu venci o mundo."

Catarina sentia-se cada dia mais fortalecida n'Ele, sentindo formar-se na sua alma um santuário que não era obra humana. Não seria ela, pois, a lamentar ter perdido uma mísera cela de pedra e madeira. Mais tarde, aos discípulos que se queixavam de estarem sobrecarregados de trabalho para terem tempo de procurar a Deus ou de se abeberarem na Fonte da Vida, costumava aconselhar: "Construí uma cela no fundo da vossa alma e de lá não vos afasteis mais." Raimundo confessa não ter percebido imediatamente todo o alcance das palavras da sua "mãe", muito embora reconheça o facto extraordinário de que todos os que conviveram com ela compreendessem muito melhor os seus actos e palavras depois que ela deixou de viver a seu lado.

Estava um dia ajoelhada, imersa em oração, no quarto de Stefano. O pai entrou à procura de um objecto. Tendo sido formalmente vedado à moça aferrolhar a porta, foi nessa posição que Jacopo a encontrou - de joelhos a um canto do aposento.

Sobre a sua cabeça estava pousada uma pomba alva como a neve, que, à aproximação do pai, voou pela janela.

Jacopo interrogou a filha a propósito dessa ave, recebendo a resposta de que não vira no quarto pomba de espécie alguma.

Jacopo calou-se, mas no íntimo do coração reflectia no que acabara de ver e em muitas outras coisas que já tivera ocasião de observar.

CAPÍTULO 3

A Ordem Terceira das Irmãs da Penitência de São Domingos se originara de uma confraria de leigos fundada pelo próprio São Domingos, sob a designação de Milícia de Jesus Cristo. Os seus associados - muitos dos quais não sabiam ler - deviam não apenas recitar determinadas orações, ao invés de ler as horas, como fazem os monges, como também se comprometiam em defender os bens da Igreja. Durante os anos em que os heréticos dominavam a França e a Itália Meridional, um número elevado de propriedades eclesiásticas, havia caído nas mãos de leigos, que delas se utilizavam como se se tratasse de herança de família. Para a sua primeira ordem de irmãos pregadores, e para a de religiosas contemplativas, escolhera São Domingos uma vida de estrita pobreza. Todavia, a miséria das catedrais pilhadas, das igrejas paroquiais, abadias e conventos acabou por constituir obstáculo à actividade de bispos e sacerdotes. O mesmo sucedia em relação às obras de caridade das antigas instituições conventuais e às obras missionárias. Um dos encargos da milícia consistia em fazer restituir à Igreja o que de direito lhe pertencia. Sendo a maioria desses irmãos leigos constituída por homens casados, estes não podiam, segundo a legislação católica, pronunciar qualquer voto independente do consentimento das suas esposas, as quais, por sua vez, deviam comprometer-se a não se opor ao cumprimento dos deveres dos seus esposos. A Ordem Terceira passou a ser constituída, na sua maioria, por casais que levavam juntos uma vida semimonástica. Estavam no mundo e não estavam. Para exhibir a sua condição de filiados à ordem dos Dominicanos, usavam um hábito preto e branco com o braço da ordem, muito embora nenhuma prescrição formal existisse nesse sentido. Pelo fim do século XIII, a ordem perdeu, aos poucos, o seu carácter de milícia, continuando como Ordem Terceira dos Penitentes da São Domingos. Se uma das irmãs enviuvava, dedicava o resto da sua vida ao serviço de Deus. Continuava a viver em sua casa, porém levava uma existência de monja. As religiosas da Ordem Terceira não contavam com capela ou oratório próprio. Reuniam-se habitualmente em alguma capela determinada, de preferência nas de propriedade dos irmãos pregadores. Assistiam à missa e rezavam em conjunto. Quando conseguiram licença para envergarem um hábito próprio

- veste branca, véu branco e mantilha negra - foi-lhes conferido, na Itália, o nome de *mantellate* - as religiosas da mantilha.

Em Siena vivia um bom número de mantelatas. Mulheres, casadas ou viúvas, de todas as classes sociais faziam parte dessa congregação, que se reunia na Igreja de São Domingos, numa capela que foi chamada Capella della Volte. Desde a infância, Catarina votava a São Domingos uma afeição particular e gostava de escapular de casa de madrugada para assistir à missa na igreja que ficava no topo da colina que dominava a sua casa. Tivera, portanto, inúmeras oportunidades de ver reunidas as mantelatas nas suas orações.

A sua cunhada Lisa, e uma tia viúva, irmã de Jacopo, pertenciam à ordem. E no momento em que a família redobrava de esforços para fazer essa insubordinada comportar-se como toda a gente, quando a faziam subir e descer escadas durante todo o dia, e todos se irritavam contra ela, tanto devido à sua obstinação quanto à sua paciência e à obediência jovial - de que jamais abdicava, senão no que dizia respeito ao assunto que mais lhe importava no mundo -, então a nostalgia que experimentava desde a infância voltaava a invadir-lhe a alma. Aspirava tornar-se, um dia, mantelata. E cada manhã implorava ao seu celestial Bem-Amado que lhe concedesse essa graça.

Uma noite a serva do Senhor viu em sonhos um grupo de austeros patriarcas e de fundadores de ordens religiosas. Entre eles divisou São Domingos, que reconheceu pelo lírio de alvura deslumbrante que trazia na mão. Pediram-lhe os santos, em conjunto, que escolhesse uma ordem que lhe permitisse servir o Senhor melhor do que o fizera até então. Imediatamente Catarina voltou-se para São Domingos, o qual, por sua vez, se encaminhou para ela, mostrando-lhe um hábito semelhante ao das Irmãs da Penitência e proferindo estas palavras: "Minha querida filha, cria ânimo. Não temas os obstáculos e está certa de que vestirás o hábito que ambicionas." Catarina chorava de alegria. Agradeceu a Deus e a São Domingos, seu valoroso soldado. Quando despertou, tinha o rosto banhado em lágrimas.

Depois que o Senhor manifestou assim a Sua vontade à Sua serva, Catarina não duvidou mais que Ele viria em seu auxílio, se procurasse os

pais para expor-lhes o motivo da sua incompreensível resistência aos projectos que haviam traçado para o seu futuro. No mesmo dia punha em prática essa resolução: "Já por muitas vezes vos exhibi as mais variadas evidências do motivo que me impulsionava, mas, pelo respeito que por ordem de Deus vos devo, nunca abordei livremente a questão. Hoje decidi rompero meu silêncio; quero abrir-lhes o meu coração e declarar que a minha resolução está tomada. Esta resolução não é recente - data da minha infância e a ela me tenho mantido fiel desde então. Desde esses dias de infância prometi ao meu Salvador, Nosso Senhor Jesus Cristo, e à Sua Santa Mãe, preservar para sempre a minha virgindade. Não foi uma infantilidade, e sim um motivo grave, o que me levou a fazer tal promessa. Sim, tomei o compromisso de não aceitar outro esposo a não ser Jesus. À medida que, com o passar dos anos, a Graça divina me iluminou também o entendimento, essa resolução só fez criar raízes em mim. Será mais fácil, doravante, comover uma pedra do que arrancar de mim essa determinação primordial. Estais perdendo tempo em combatê-la. Eu vos aconselho, pois, a cessar todas as negociações concernentes ao meu casamento; a esse respeito não vos obedecerei jamais, pois devo atender a Deus de preferência aos homens.

Se nessas condições me quiserdes deixar ficar, servirei de bom grado a todos. Mas se em vista do meu voto pretenderdes expulsar-me de casa, não julgeis com isso modificar os meus sentimentos. Tenho um esposo suficientemente rico e poderoso que nada me deixará faltar e proverá a quanto me for necessário."

Parou de falar, e da família Benincasa partiu um coro de lamentações. Choravam uns, outros suspiravam, e ninguém parecia capaz de dizer uma palavra. Todos os olhares permaneciam fixos na rapariga tão tímida, tão pouco loquaz, e que bruscamente se punha a falar com tal seriedade e franqueza. Os presentes compreenderam perfeitamente que Catarina preferiria abandonar o lar paterno a quebrar a sua promessa. Os pais já não conservavam a menor esperança de fazê-la acolher um bom partido. E as lágrimas do clã familiar corriam abundantemente.

Jacopo Benincasa, contudo, acabou por dominar a sua emoção. Na realidade, não se sentia, em absoluto, surpreso. Foi com ternura que

respondeu a Catarina: "Minha querida filha, não pretendo de forma alguma opor-me aos desígnios de Deus. É Ele que inspira a tua resolução. Através desta longa experiência chegamos à convicção de que não é a obstinação da juventude, e sim a misericórdia divina, que dirige os teus passos. Mantém, pois, a tua promessa sem receio, e vive como te ordena o Espírito Santo. Não te perturbaremos mais nas tuas orações e nas tuas meditações, e não mais tentaremos interferir na tua missão santificada. Reza por nós, para que possamos ser dignos do esposo que, tão jovem ainda, escolheste." A seguir, voltando-se para a mulher e os filhos: "A partir de hoje, ninguém atormentará mais a minha filha tão preciosa, ninguém oporá mais obstáculos no seu caminho. Deixem-na inteiramente livre para servir a seu Esposo e rezar assiduamente por nós. Jamais teríamos sido capazes de proporcionar-lhe tão gloriosa aliança. Não nos lamentemos, pois, se, ao invés de tomar por esposo um homem mortal, ela se entregou ao Deus feito homem, que é eterno." Os irmãos continuavam, porém, profundamente penalizados, e Lapa lamentava-se em voz alta. No seu íntimo Catarina agradecia antes de tudo ao seu esposo triunfal que lhe concedera a vitória, e em seguida, com toda a humildade de que era capaz, a seus pais.

Estes restituíram-lhe o quarto primitivo, de dimensões exíguas, situado no primeiro pavimento. À semelhança de tantas outras moradias de Siena, situava-se a mansão dos Benincasa na vertente de uma colina, de forma que o aposento ocupado por Catarina abria para a ruela que acompanhava os fundos do prédio. A única janela era gradeada, como de hábito, aliás, eram todas as janelas de rés-do-chão. O mobiliário compunha-se de algumas imagens de santos, de um cofre onde Catarina guardava alguns raros pertences e de um leito de tábuas, onde um bloco de madeira fazia as vezes de travesseiro.

Nessa enxerga se sentava para meditar, ali se ajoelhava para orar e se recostava para dormir, vestida sempre do seu hábito de lã. Durante algum tempo usou uma camisa de crina, mas nunca deixou de esmerar-se no asseio corporal. À semelhança de Santa Teresa de Ávila, a apenas um tipo de disciplina física deixou de recorrer: a falta de higiene, a que tantos santos recorreram na qualidade de meio de combate ao orgulho. A camisa de crina não tardou a ser trocada por fina corrente de ferro, que apertava em torno do corpo o suficiente para ferir a carne. Usou essa corrente até quase ao fim da

vida, quando o seu confessor lhe ordenou que suspendesse a penitência, por lhe estar prejudicando seriamente a saúde.

Muitos anos mais tarde, na sua obra intitulada "Diálogo", registava as palavras que em seus momentos de êxtase ouvira da boca do Esposo divino acerca da penitência corporal. "Os actos santos e proveitosos que espero dos Meus servidores são as virtudes da alma e as lutas espirituais, e não apenas aqueles em que só o corpo serve de instrumento e que se gastam em manifestações exteriores. Pois estes são meios de praticar a virtude, e não propriamente virtudes." Pode acontecer que uma alma se deixe seduzir por esses exercícios de penitência exterior, que venham a impedi-la de trilhar o caminho da perfeição. A firme confiança no amor de Deus, o ódio sobrenatural ao próprio eu, uma verdadeira humildade, uma paciência integral, a ânsia pela Glória de Deus e pela salvação da alma - eis aí as provas de uma genuína deliberação que destruiu a concupiscência da carne pelo amor à verdadeira virtude.

São Bento, por sua vez, já se pronunciara contra a prática exagerada da penitência corporal na sua Regra. Outras regras proíbem aos monges ou às religiosas de se imporem tais exercícios sem antes aconselhar-se, seja com o seu confessor, seja com o superior. Porém São Bento, ele próprio, entregara-se na sua juventude a práticas de penitência extremamente severas, no intuito de purificar a sua alma das impressões que a haviam marcado durante os anos passados em Roma em companhia de homens e mulheres corrompidos. Catarina, então nos primeiros anos de mocidade, estava convicta de obedecer à inspiração do Espírito Santo ao impor-se, na sua cela, tão severas disciplinas. Nas circunstâncias em que vivia, tais medidas de penitência lhe pareciam indispensáveis. Segundo confiou mais tarde a Fra Raimundo, o sacrifício que mais lhe custava então era a privação de sono. A princípio, depois de toda a noite passada em oração e em colóquio com o Esposo, adormecia por alguns instantes ao toque de matinas dos sinos do convento. Aos poucos, porém, a alma triunfava do corpo e acabava por contentar-se com um sono de meia hora, isso mesmo, não raro, de dois em dois dias.

Desde que "era com o céu que mantinha relações", o tempo dedicado ao sono devia parecer-lhe realmente como perdido.

Começara desde muito tempo antes a abster-se de vinho, essa beberagem familiar que serve a um tempo de alimento e bebida aos italianos, desde tempos imemoriais. Antes, apenas misturava algumas gotas com a água, no intuito de colorir-la ligeiramente e escapar aos comentários dos demais convivas. Havia muitos anos que deixara de comer carne, cujo cheiro lhe repugnava, segundo confessava a Raimundo mais tarde. Convém recordar esse pormenor em vista de ter ela aceite voluntariamente o encargo de todo o serviço doméstico, ao qual outrora era forçada. Ora, esse serviço obrigava a lidar com os espetos onde tostavam as carnes, e a fiscalizar os caldeirões onde fervia o ensopado de carnes, legumes e especiarias - maravilha da cozinha italiana. Quando, porém, a moça chegou a ponto de suprimir totalmente o pão e restringiu-se a uma reduzida ração diária de legumes, é natural que Lapa não pudesse conter as lamentações. Ao escrever a sua obra sobre a vida de Santa Catarina, Raimundo tinha portanto razões para acentuar que a santa jovem exercitava-se numa renúncia de que não mais se tinha notícia desde o tempo dos eremitas. Acresce que essa renúncia ela não a praticava na solidão do deserto e sim na sua própria casa, no seio de uma família de burgueses ricos.

No intuito de se assemelhar a São Domingos, seu pai espiritual, infligia-se penitências corporais. Três vezes ao dia flagelava-se com uma corrente de ferro; uma vez pelos seus pecados, uma outra vez pelos pecados de todas as almas dos vivos e a terceira pelas almas do purgatório.

Não raro, o sangue jorrava-lhe dos ombros. Na expressão de Raimundo, ela restituía ao seu Salvador "o sangue pelo sangue".

A pobre mãe apenas tivera tempo de acostumar-se à ideia de que a mais graciosa e a mais querida das filhas nunca se casaria, nunca seria mãe de outros pequenos Benincasa, e já um novo motivo de desespero se apresentava sob a forma das torturas incompreensíveis que essa jovem singular se impunha.

- Oh, minha filha, tu vais morrer, vais te matar. Quem me está roubando a minha filha? Quem está sendo causa de toda a minha desgraça?

A mulher de Jacopo Benincasa gritava a ponto de despertar os ecos da estreita rua e de sobressaltar todo o quarteirão. Eventualmente, amigos e

transeuntes precipitavam-se para sua casa, indagando das novas desgraças que afligiam a pobre senhora.

Incapaz de forçar a filha a comer, Lapa procurava ao menos proporcionar-lhe algumas horas de sono cada noite. Subia até à cela da filha, que encontrava ajoelhada sobre o seu catre, e conduzia-a à força até ao seu próprio quarto, onde a obrigava a deitar-se no leito acolhedor, entre lençóis de linho e travesseiros macios. Obediente, Catarina deitava-se ao lado de Lapa, e ficava imersa em meditação até a mãe adormecer. Então se esgueirava do leito e voltava às suas orações. Não obstante, Satanás, provocado por essa determinação inflexível, despertava Lapa. Efectivamente, Raimundo não duvida fosse o diabo a procurar servir-se do amor maternal de Lapa para desviar Catarina do caminho da união mística perfeita. Naturalmente, a boa e ingénua Lapa não tinha a menor noção das actividades do Príncipe deste mundo.

Stefano Maconi fizera, ele mesmo, a experiência dos conflitos que podem surgir entre a vocação de uma criatura e o amor autoritário de uma mãe. Na tradução italiana que fez da biografia de Catarina, escrita em latim por Tommaso Caffarini, limita-se a dizer que Lapa amava mais o corpo que a alma da sua filha.

Para conciliar a vontade da sua mãe e a sua própria intenção, Catarina teve a ideia de colocar uma tábua sob os lençóis do leito de Lapa, no lugar que lhe correspondia. Descobrimdo o piedoso artifício, a mãe foi obrigada a deixar a moça agir segundo a inspiração do Espírito Santo, embora não sem antes protestar veementemente.

Catarina mencionava frequentemente aos pais o seu desejo de ingressar na ordem das Irmãs da Penitência de São Domingos. Lapa mostrava-se descontente com o projecto, mas, não ousando contrariá-lo frontalmente, imaginou distrair as ideias da filha levando-a consigo à estação balneária de Vignone, ao sul de Siena. Era esta uma estação reputada na época; encontravam-se ali numerosas hospedarias à disposição da multidão de banhistas seduzidos pelas fontes de água quente.

Catarina obedeceu docilmente. No momento de dar início à cura, porém, pediu à mãe permissão para banhar-se sozinha, no que foi atendida.

O que Lapa ignorava é que, ao invés de entrar na piscina onde a água apresentava uma temperatura tolerável, a moça postava-se junto às canalizações de onde a água sulfurosa jorrava fervente.

A dor era atroz, mas Catarina tentava imaginar o sofrimento do purgatório e do inferno, e suplicava ao Criador que Se dignasse aceitar esses padecimentos voluntários em lugar dos que ela teria merecido, em punição pelos pecados cometidos.

Lapa teve de se considerar vencida. Catarina suplicou-lhe então interferir junto à superiora das mantelatas para conseguir-lhe a autorização necessária para envergar o hábito da ordem. Lapa acabou por consentir, se bem que a contragosto, e experimentou certamente um grande alívio quando as irmãs lhe responderam não ser costume receberem moças na congregação.

Como pela regra da congregação as religiosas eram forçadas a viver separadamente, nas suas respectivas moradias, não se aceitavam, por medida de precaução, senão mulheres de certa idade desejosas de se dedicarem inteiramente a Deus pelo resto da vida.

Pouco tempo depois Catarina adoecia gravemente. Uma espécie de erupção cobria-lhe o rosto e o corpo. Tinha dores atrozes e ardia em febre. Lapa, sentada à beira do leito, tratava-a com uma dedicação incansável. Procurava consolar a doente com carinhos e expressões ternas, e experimentava todos os remédios. Catarina, porém, só uma coisa ambicionava - e dessa vez Lapa estava disposta a ceder em tudo, contanto que lhe salvasse a vida.

Consentiu, pois, em fazer nova tentativa com vistas a obter o favor tão ardentemente ambicionado. Pensando bem, era preferível que Catarina envergasse o hábito dos penitentes nesta terra e não fosse convidada pelo Senhor, e por São Domingos, a subir tão cedo para a Sua companhia.

O único pecado de Lapa fora o de preferir o corpo de sua filha à sua alma. Pôs-se a caminho e, para expiar o seu erro, pôs em prática, contra as Irmãs da Penitência, toda a sua força de persuasão, e exibiu uma tenacidade exaltada. A luta obscura que durante todos esses anos sustentara em segredo

contra um marido bom demais para este mundo, e uma filha cujo procedimento eontinuava a seus olhos como um enigma, aguçara-lhe a inteligência. A entrevista foi encerrada com a promessa das freiras de reflectirem sobre o assunto,"tanto por consideração a Lapa como à postulante", disseram.

A beleza de Catarina teria representado um obstáculo à recepção do hábito da ordem. Lapa foi suficientemente hábil para persuadir as suas interlocutoras a virem certificar-se pessoalmente. A pobre Catarina, cujo rosto estava desfigurado pela erupção traiçoeira, estava de molde a acalmar qualquer possível escrúpulo.

As mantelatas escolheram três ou quatro das mais experientes e das mais prudentes dentre elas e as enviaram, como emissárias, à jovem, afim de a examinarem e sondarem as suas disposições de espírito.

Catarina estava, na ocasião, quase feia. Ademais, após ter conversado com ela durante alguns instantes, puderam as visitantes verificar com que ardor aspirava a pertencer ao número delas; reconheceram a sua piedade, a sua madureza de carácter, o seu discernimento, e regressaram surpresas e encantadas, para comunicarem às companheiras o que haviam visto e ouvido.

Após haverem obtido o consentimento dos frades, as irmãs reuniram-se para discutir o assunto, e decidiram, de comum acordo, receber Catarina Benincasa na Ordem Terceira de São Domingos. Quando Lapa foi autoriznda a levar à filha a boa nova, esta agradeceu ao Esposo e a São Domingos com lágrimas de alegria. Haviam cumprido magnificamente a Sua promessa.

E Catarina, que até então suportara com extrema paciência a sua enfermidade, passou a implorar a Deus um breve restabelecimento, na impaciência da hora de envergar o hábito. Ao cabo de alguns dias, estava completamente restabelecida. Lapa procurou ainda ganhar tempo, mas teve de ceder às instâncias da filha, e o dia e hora da cerimónia foram fixados.

Pouco tempo depois Catarina encontrava-se em seu quarto, imersa em orações e meditando sobre o instante em que veria realizar-se o desejo de

seu coração. O sol ia pôr-se. Em pouco a estreita ruela seria inundada pela frescor do crepúsculo, e até às janelas da solitária subiriam as vozes alegres de homens e mulheres que voltavam ao lar após o trabalho. Repentinamente, aquele que é o inimigo jurado de Deus e de todos os homens investiu sobre a moça, que foi chamada a confirmar a sua renúncia a tudo o que desde a infância sempre desejara renunciar. Tanto em visões puramente intelectuais, quanto em visões sensíveis, Catarina enfrentara já o demónio e as suas legiões, jamais tendo experimentado por essas imagens senão horror e medo. Hoje, o tentador apresentava-se a ela sob o aspecto de um jovem, não no intuito de amedrontá-la, senão para seduzi-la e convencê-la. Esse fantasma ameno e másculo desdobrou, ante as suas vistas, todas as maravilhas que a arte dos tecelões italianos e dos artistas do bordado eram capazes de criar. Apresentou a Catarina um vestido, recoberto de ouro e pedrarias, como jamais se vira semelhante na realidade. "Tudo isto é teu" - ouviu-o dizer. Como do fundo de um sonho, Catarina olhava essas maravilhas, símbolos do prazer e da alegria que o mundo pode oferecer a uma mulher jovem, graciosa, enérgica, feita para vibrar às tonalidades infinitas da paixão e do amor. Bruscamente pareceu-lhe que despertava. Afastou com violência de junto de si o tentador; a tentação persistia.

Catarina atingia o limiar da sua vida de mulher; quiçá pela primeira vez adquiria a noção integral do que era a felicidade terrena, à qual renunciara. Continuava, por certo, profundamente convicta de que a felicidade terrena não é mais que ilusão, e sabia, de fonte segura, que todas essas coisas de aspecto tão atraente não eram reais. Não passavam de uma miragem que se desvanecia com o tempo, e aquela felicidade não tardaria em se transformar em sofrimento e terror. Quão sedutora era, porém, essa miragem !

Catarina pôs-se de joelhos diante do crucifixo e suplicou ao Esposo que viesse em seu auxílio. "Tu bem sabes, Senhor, que não amo senão a Ti." Nenhum consolo lhe vinha da oração. Dir-se-ia que o crucifixo permanecia surdo e mudo às suas súplicas. Repentinamente, aos olhos de Catarina outra visão se apresentou sob o aspecto de uma mulher cujas vestes dardejavam raios de luz. Era a própria rainha do céu que estendia à jovem um vestido que brilhava como o Sol, crescendo-lhe a fulguração de pérolas e pedras preciosas. " Minha filha, - disse - este vestido estava escondido na chaga do lado de Meu Filho, como se fora num cofre de ouro. Do Seu coração o tirei

e nele incrustei com as Minhas próprias mãos as pérolas e os diamantes." Catarina abaixou-se humildemente até ao solo, e Nossa Senhora vestiu-a com o paramento celestial. Dias depois, Lapa e a filha subiram, de madrugada, a colina onde se erguia a igreja dos dominicanos. Os irmãos pregadores achavam-se aí reunidos, e entre eles certamente se encontraria Fra Tommaso della Fonte, que crescera como irmão adoptivo de Catarina e hoje era seu confessor. Em presença dos monges e das penitentes, recebeu Catarina o hábito e o véu brancos, símbolos da pureza do corpo e da alma, e a seguir a mantilha negra, sinal de humildade e de morte para o mundo. Ignora-se a data do acontecimento, e os historiadores tampouco se acham de acordo quanto ao ano em que teve lugar. É bem provável que tenha tido lugar em 1366, na ocasião em que Catarina entrava no seu décimo nono ano de vida.

CAPÍTULO 4

Durante os três anos que se seguiram, a jovem penitente seguiu uma vida de reclusa, no quarto humilde dos fundos da mansão dos Benincasa. Dali não se afastava a não ser para assistir à missa matinal na igreja dos dominicanos, no topo da colina.

Primavera, verão, outono e inverno enfeitavam a cidade com as suas tonalidades variadas. A luz transformava a atmosfera das ruas estreitas que escalam as três colinas sobre as quais se estende a cidade de Siena. No planalto mais alto eleva-se a catedral, como coroa imperecível e preciosa. A torre pontiaguda da prefeitura parece apontar para o céu. Por detrás do cinturão de muralhas, a cidade contempla, orgulhosa, os deliciosos campos que a circundam - esses mesmos campos que os sienenses tantas vezes defenderam pela força das armas. Siena, assim como as planícies e os montes de Toscana que circundam a cidade, nos aparecem hoje como um mundo encantado onde tudo fala das delícias de um passado quase irreal. No tempo de Catarina, porém, a cidade não concitava a sonhar com um passado romântico. Ela enquadrava o mundo onde vivia, pelo qual rezava, um mundo onde dominava a impetuosidade das paixões e do orgulho, e onde as almas, resgatadas a duro preço, lutavam, seja para dedicar-se a Deus, seja para afastar-se d'Ele. Inclusive para os parentes de Catarina, seu pai e irmãos, Siena era a cidade bem-amada, cuja prosperidade e reputação constituíam o objecto de constante preocupação. Quanto a Catarina, também amava a sua cidade, embora de maneira diferente. Quando, de madrugada, subia as ruelas íngremes em direcção à igreja, era com o Esposo que se entretinha, suplicando-Lhe derramar sobre a cidade e seu povo a bênção da Sua Santa verdade.

Data possivelmente dessa ocasião o hábito que Catarina adquiriu de se demorar horas a fio na igreja, uma vez terminada a missa - hábito esse que acabou por desagradar às suas próprias irmãs de ordem e a muitos dos irmãos pregadores. De volta a casa, isolava-se na sua cela, de onde não saía até à manhã do dia seguinte. A pequena quantidade de alimento que ingeria - alguns legumes crus e um pouco de água - eram-lhe trazidos ao quarto. Imersa em silêncio e meditação, não se entretinha senão com o seu

confessor, Tommaso della Fonte, e à própria família não se dirigia senão para o estritamente indispensável. Embora tivesse pelos seus a mais profunda afeição, sentia não lhe ser mais possível ver os seus semelhantes, e a si mesma, senão em Deus, e era através d'Ele que pensava nas demais criaturas e em si própria. Segundo se exprime Raimundo, servindo-se de uma imagem de que ela parece ser a autora: "Aquele que se lança ao mar e nada sob a água, passa a não ver e a não sentir senão a água do mar e as coisas que estão no fundo. Fora do elemento líquido, nada discerne e nada ouve. Dos objectos exteriores, só aqueles que se refletem na água lhe podem ser perceptíveis, mas esses mesmos é através da água que os percebe, e apenas durante o tempo em que a água os reflecte. É essa, sim, - acrescenta - a imagem do único amor verdadeiro e sensato que podemos experimentar por nós mesmos e pelas demais criaturas."

Raimundo confessa não estar muito certo de ter compreendido perfeitamente todo o alcance dessa comparação de Catarina. "A verdade - confessa - é que um amor desta espécie ultrapassa a minha experiência." No decorrer dos anos que se seguiram, Catarina iria revelar o quanto pode ser inesgotável a capacidade de amar na alma que mergulhou no oceano do amor divino.

A cena cognominada "A Santa Conversação" constituiu um dos motivos predilectos dos pintores italianos do fim da Idade Média e da aurora do Renascimento. É traduzida por um grupo de santos a cercarem, seja o Cristo crucificado, seja o Cristo glorioso no Seu trono, ou ainda Cristo quando criança nos joelhos da Sua mãe. A imagem procura exprimir a emoção dos santos na presença do Senhor. Essa emoção enchia a vida de Catarina na sua cela solitária.

Foi Tommaso della Fonte a primeira pessoa a quem Catarina confiou algumas das experiências secretas desses primeiros anos de isolamento. Com esses dados, tomou ele uma série de notas com as quais ocupou numerosos cadernos. Estes cadernos desapareceram, mas sabemos que deles se serviram os biógrafos da santa, Raimundo de Capua e Tommaso Gaffarini. Muitas das conversas que no recesso da sua alma se entretinha com o seu Senhor, e que durante muitos anos encheram a sua vida, encontram-se repetidas e desenvolvidas na obra que pelo fim da vida ditou,

no correr de êxtases quase ininterruptos de muitos dias - obra conhecida sob o título de "Diálogo de Santa Catarina". Contudo, a verdade fundamental sobre a qual edificou a sua existência fora-lhe já revelada na época em que ingressou na Ordem Terceira de São Domingos.

Um dia, encontrando-se mergulhada em oração, Jesus apareceu-lhe, dizendo: "Filha, sabes acaso quem és e quem sou Eu? Se o souberes, serás infinitamente feliz. Tu és aquela que não é, mas Eu sou Aquele que é. Se guardares esta noção no fundo da tua alma, o demónio jamais terá forças para seduzir-te e evitarás impunemente todos os seus ardis. Nunca participarás de nada que se oponha aos Meus mandamentos. E descobrirás sem dificuldade todos os dons da graça e todas as virtudes do amor."

Catarina receava, por vezes, que as suas visões fossem obra do diabo, pois está escrito que Satanás pode assumir o aspecto de um anjo de luz, e o espírito de extrema humildade em que vivia Catarina levava-a a julgar-se indigna de uma graça excepcional de Deus. Seu Esposo louvou-lhe a prudência e prometeu ensiná-la a distinguir sempre as visões que Ele lhe enviava das falsas imagens pelas quais o inimigo tentava seduzi-la. "Uma certa angústia precederá as visões que Eu te envio, - disse-lhe Ele - mas à medida que elas se desdobram verás que te farão experimentar uma sensação de crescente segurança. A princípio experimentarás certo amargor, a que se seguirá um sentimento de confiança e de paz interior. As visões de origem demoníaca começam por provocar confiança e deslumbramento, mas terminam na angústia e no terror. O mesmo se dá com o caminho que conduz a Mim, ou seja, o caminho da penitência. No início é uma estrada áspera, penosa de ser percorrida; porém, à medida que por ela se avança, mais leve e mais feliz se sente a criatura. Em contraposição, a voz do demónio promete de início toda espécie de alegria e de facilidades, porém, quando a alma segue a trilha do pecado, caminha de decepção em decepção até atingir finalmente o abismo da perdição eterna. Eu sou a Verdade mesma, eis porque as visões que vêm de Mim conduzem sempre a uma noção mais profunda da verdade. É de necessidade primordial que a alma Me conheça antes de se conhecer a si mesma. Dotada d'essa percepção a alma Me honrará e se desprezará a si mesma, realizando com isso o segredo da verdadeira humildade. As visões que vêm do demónio enchem de orgulho a alma que elas visitam, pois Satanás é o pai da mentira e do

orgulho. A alma se compraz, então, na presunção que é a essência mesma do orgulho."

Posteriormente, Nosso Senhor ensinava a Catarina outro princípio fundamental: "Minha filha, pensa constantemente em Mim e Eu te prometo pensar em ti. Esvazia o teu coração de toda e qualquer preocupação; não penses senão em Mim e no repouso que em Mim encontrarás. E estejas certa de que penso sempre em ti, Eu que posso e quero prover-te em abundância de tudo quanto necessitas."

A pequena Catarina Benincasa fora, outrora, cognominada pelos vizinhos de Eufrosina, devido à sua graça e à alegria de viver que sempre demonstrava. Para a jovem que "nadava sob a água, mergulhada no oceano do amor divino" a alegria de viver transformou-se, no decurso de longos anos de vida solitária, numa alegria sobrenatural que tão profunda impressão iria causar sobre os seus filhos espirituais.

Todos concordavam em apontar como traço mais acentuado dessa mãe bem-amada precisamente essa alegria que transpirava incessantemente da mulher em plena maturidade, mesmo quando era preciso encarregar-se de uma tarefa sobre-humana, mesmo nas derrotas aparentes, mesmo em face das decepções ou penosos sofrimentos físicos e morais, e do longo martírio que teve de suportar antes que o Esposo divino a chamasse ao Seu seio.

Por esta época, Catarina nem de leve suspeitava que se aproximava o dia em que o Esposo iria tirá-la daquela vida de solidão e de silêncio para fazê-la lutar, em Seu nome, ora numa ora noutra frente de batalha. Todavia, ignorando embora as intenções do Senhor, ela deixava-se dirigir por Ele em espírito de alegria e humildade, sem cessar de afirmar a seus confessores jamais ter tido outro mestre, admirados por encontrar tanto discernimento, tanta penetração dos mistérios da fé e tão integral conhecimento da doutrina sagrada numa jovem iletrada.

Todo o seu conhecimento, afirmava ela, provinha do Espírito Santo. As palavras que usava saíam dos próprios lábios de Jesus, quando aparecia à Sua serva e esposa. Às vezes, as visões que revelavam a Catarina a realidade supra-sensível ficavam no plano puramente intelectual, sem despertar nela qualquer percepção sonora ou visual. De joelhos na cela

silenciosa, os seus ouvidos permaneciam surdos aos ruídos familiares da casa, bem como aos que subiam da rua próxima. Só a voz do Bem-Amado lhe chegava aos ouvidos da alma. Sem mover os lábios, ela respondia, implorava, interrogava.

Em outras ocasiões, as visões assumiam aspecto sensível, e ela podia, então, ouvir as palavras do Cristo, Divisava-O na cruz, ou ainda O via caminhar a seu lado, na cela, entretendo-Se com ela. Em geral vinha só, porém acontecia também fazer-se acompanhar por Sua Santa Mãe, ou de alguns de Seus santos. Catarina experimentara, desde sempre, particular afecto por Maria Madalena. Esta veio, também, visitá-la na sua cela, acompanhando Cristo, o qual a apresentou à Sua esposa como sua mãe espiritual. Enquanto Catarina se preparava para o seu destino, que ainda desconhecia por completo, não cessava de meditar sobre a diferença entre as duas espécies de amor. Pois de uma coisa estava certa: "Não se pode viver sem amor." Cumpre distinguir porém entre o verdadeiro amor, o amor clarividente da realidade, que é Deus, e o falso amor, dominado pela paixão do nosso próprio eu e do mundo. Ora, seguir a senda do amor verdadeiro é tarefa árdua, e Catarina bem sabia que ninguém é capaz de consegui-lo integralmente enquanto a alma habita o corpo, nem mesmo a criatura a quem Deus concede em abundância os tesouros da Sua graça. Implorava, portanto, ao Senhor, lhe desse a força necessária, ao que o seu Esposo contestava com estas palavras;

"Minha querida filha, se pretendes realmente adquirir o dom da força, é indispensável que Me sigas e procures imitar-Me. É certo que Eu teria poder suficiente para derrotar os Meus adversários. Porém não quis fazer uso dele, e não Me servi senão das armas da cruz, no caminho que leva à cruz."

"Eis por que, filha Minha, por amor a Mim, é preciso que toda a amargura te seja doce, toda a ventura amarga. Então nada terás a temer de ninguém, pois estarás armada contra toda a sorte de adversidades."

Pouco depois desse colóquio, Catarina foi assaltada por uma terrível tentação. Não raras vezes, em suas visões, enfrentara e combatera o eterno inimigo do género humano. Desta. vez, porém, os demónios atacaram-na

com violência inacreditável. Nem mesmo em sonhos pudera conceber tão violenta investida.

Catarina era então mulher feita, robusta e saudável. Lapa referia, prazerosamente, aos biógrafos da sua filha, que esta, ainda adolescente, transportava com facilidade, da porta de entrada até ao sótão, pesados sacos de farinha, do volume dos que transportam os animais de carga. As vozes demoníacas vieram susurrar-lhe ao ouvido, em tom insinuante, que fazia mal em escolher um modo de vida tão penoso. "Não suportarás seguir até ao fim neste caminho - diziam. - Continuando assim, terás uma morte prematura. Deus não exige de ti tamanho sacrifício; não O poderás satisfazer com essas práticas de penitência que tendem a apressar a tua morte."

As vozes instavam com Catarina para recordar as santas mulheres que, através das virtudes praticadas na vida conjugal, haviam chegado a obter a mais alta consideração do Senhor. Catarina sabia ser verdadeiro o que diziam; sabia, também, que Deus traçara para ela outros caminhos.

Não deu resposta aos demónios tentadores; procurou apenas rezar com maior fervor e castigar o corpo com uma disciplina firme e rígida. Contudo, quando o espírito do mal lhe murmurou ao ouvido: "Não suportarás continuar até ao fim neste caminho", retrucou apenas: "Não é em mim que confio, senão no meu Senhor Jesus Cristo."

Logo depois foi assaltada por uma multidão de pensamentos impuros e sensuais, de visões repugnantes e diabólicas. Homens e mulheres entregavam-se, ante os seus olhos de carne, a actos vergonhosos; e, através de palavras e gestos ameaçadores, incitavam-na a tomar parte nos seus lúbricos meneios.

E enquanto era presa desse sofrimento, Catarina via-se privada do conforto representado pela visita habitual do Bem-Amado.

Rezava incessantemente, mas parecia-lhe que as suas orações não eram atendidas. Buscava refúgio na igreja, onde se demorava horas a fio depois de terminada a missa, pois sentia que o poder do demónio era menor ali. De

volta à sua cela, todavia, tornava a encontrar a turba agitada das legiões infernais.

Com bravura e incansável paciência prosseguiu na luta, julgando-se a única culpada da privação do auxílio divino.

Essa privação, acreditava, lhe era infligida como punição pelos seus pecados. A impureza era inerente à sua natureza; uma tendência secreta de seu ser custara-lhe todo esse opróbrio. Entretanto, não renunciou aos exercícios espirituais e passou a rezar com mais assiduidade. Finalmente, um dia, um raio de luz caiu sobre a sua alma atormentada. Lembrou-se de ter pedido, ela mesma, ao Senhor, que lhe concedesse essa fortaleza para o combate.

Compreendeu que as tentações que suportava lhe eram impostas com o consentimento do Senhor, para que pudesse enfrentá-las e aproveitá-las para o seu próprio bem. A alegria aobrenatural dos primeiros dias voltou a submergir-lhe a alma. E quando um dos demónios, o mais cruel, o mais repugnante, lhe gritou ao ouvido: "Em que estás pensando, miserável criatura? A tua vida será toda feita de sofrimentos como estes; nunca encontrarás sossego, não deixaremos de te atormentar enquanto não te submeteres à nossa vontade" - ela replicou, "com santa temeridade", segundo a expressão de seu biógrafo:

"Escolhi essas tentações como um refúgio, e declaro sentir-me feliz em sofrê-las, bem como a todos os padecimentos, seja de que origem forem, por amor ao meu Salvador, meu doce Amigo, e por amor à Sua Glória, durante todo o tempo em que Ele, em Sua bondade infinita, nos quiser impor."

Dir-se-ia que a legião de demónios fora bruscamente derrotada. Desorientados, assustados, fugiam em debandada. E aos olhos da moça, Cristo crucificado aparecia num halo luminoso. Chamando Catarina pelo nome, falou-lhe: "Filha, pensa nos sofrimentos que padeci por ti, e não julgarás tão penosos os que estás padecendo por Mim."

A visão modificou-se. O Senhor apresentou-Se a Catarina sob o Seu aspecto habitual. Falou-lhe, em tom ameno, dos árduos combates em que

ela tivera de empenhar-se para conseguir a vitória. Porém, Catarina continuava tão perturbada, pela lembrança dos dias e noites de tremenda provação, que murmurou, como Santo António no deserto: "Meu Senhor, onde estavas quando o meu coração transbordava de amargura?"

"Estava no teu coração", respondeu o Senhor.

Estupefacta, Catarina pediu uma explicação para esse milagre. Eis o que lhe disse o Senhor:

"Era a Minha presença a causa do sofrimento e da angústia que te consumiam, ao sentires ao redor de ti a investida dos demónios. Se não sucumbiste, é que a Minha Graça te servia de protecção. Não permiti que esses combates te fossem poupados, como tu me pedias, porque Me alegrava em te ver combater com tamanha intrepidez pela tua coroa de glória. No entanto, quando, inspirada por Mim, ofereceste com tamanha generosidade suportar todas as torturas por Meu amor, foi por um acto de Minha vontade que te libertei de todos esses tentadores. Por teres combatido como um cavaleiro, mereceste e obtiveste graças ainda mais numerosas; doravante visitar-te-ei com mais frequência e te farei penetrar em Meu pensamento mais intimamente do que até aqui o fiz."

A visão desvaneceu-se, mas Catarina guardava dela um deslumbramento invisível. Sentia-se sobretudo feliz por Se ter o Mestre dirigido a ela tratando-a de "Catarina, minha filha", e prometido visitá-la mais amiúde do que o fizera no passado.

Exteriormente a sua rotina quotidiana em nada foi alterada. Logo após a missa matinal confinava-se na reclusão da sua cela para rezar. Cada vez mais, porém, o velho costume de recitar as orações cedia lugar à meditação interior. As palavras eram contudo demasiado lentas para exprimir o que transbordava da sua alma impetuosa; havia muito que desejava ler o breviário, as orações canónicas. Era esta uma prática à qual os membros da Ordem Terceira não estavam obrigados, pois os iletrados, homens e mulheres, eram em grande número entre eles.

Também iletrada, Catarina empenhou-se com ardor em aprender as letras do alfabeto, fazendo-se ajudar por um amigo, provavelmente Tommaso della Fonte. Mas o processo era demasiado lento para o seu temperamento feroso. Certo dia esteve prestes a desanimar. "Se o meu Senhor deseja que eu O exalte pelas orações canónicas, Ele me fará ler um dia. Se não o quer, contentar-me-ei em recitar o Padre Nosso e a Ave Maria, como tantas outras mulheres ignorantes."

Um belo dia verificou que sabia ler. Tanto ela como os seus amigos convenceram-se de que um milagre se produzira e que a arte da leitura lhe fora ensinada directamente pelo Mestre celestial. Na nossa época, em que todas as crianças são obrigadas a aprender a ler e a escrever, não precisa recorrer à explicação de um milagre para o facto.

Não é raro, com efeito, que criança excepcionalmente dotada possa ler antes mesmo de ser capaz de soletrar as palavras. Uma mulher com a intuição genial de Catarina pode ter estado capacitada a ler rapidamente, nos livros, sem encontrar necessidade de destacar as sílabas uma a uma. De qualquer maneira, o que importa é que em pouco era capaz de ler qualquer manuscrito e, anos mais tarde, depois de ter tido, através do ditado, uma vasta correspondência, tentou um dia escrever ela mesmo. Depois de morta, pretenderam que existissem manuscritos de sua autoria. Porém, como estes não foram encontrados, alguns dos seus mais recentes biógrafos põem em dúvida a sua capacidade epistolar.

A leitura do breviário descobriu-lhe novos tesouros espirituais. Aos salmos de David, às orações litúrgicas, somavam-se breves esboços da história da igreja e da vida dos santos.

Catarina, graças à sua faculdade de intuição e através das suas visões, adiantava-se sensivelmente na penetração da essência mesma da fé e da palavra de Deus. A Igreja sempre considerou que esse dom de penetração lhe fora concedido gratuitamente, por obra de uma graça extraordinária e sobrenatural. Não obstante, a própria interessada era a última a julgar-se dotada de faculdades excepcionais que pudessem dispensá-la de aprender, como o comum dos mortais, os assuntos de religião.

Curvou-se, todavia, com docilidade, aos ensinamentos da Igreja, e aceitou sem objecções (é ela quem o diz, pelo menos) os conselhos dos seus confesores. Com uma alegria profunda, relia sem se cansar as palavras de introdução ao breviário. "*Deus in adiutorium meum intende, Domine ad adjuvandum me festina.*"

Enquanto entregue à leitura do breviário, acontecia aparecer-lhe Nosso Senhor, que dizia os responsos "como quando dois membros de uma ordem monástica lêem juntos o ofício". Ao final, Cristo atendeu às constantes orações de Catarina, realizando o desejo do seu coração: unir-se a Ele numa fé e numa fidelidade integrais. "Farei de ti Minha esposa numa fé perfeita", foram as Suas palavras.

Estava-se nos últimos dias de carnaval. Todos os habitantes de Siena, bons ou maus cristãos, preparavam-se para suportar as longas e áridas semanas da quaresma. Jovens levianos regalavam-se em festins e diabruras. Entretanto, as boas mães de família, com Lapa e suas noras à frente, serviam copiosas refeições de carnes, queijos gordos e outras iguarias de que por muito tempo se viriam privadas e de que consideravam pecado desperdiçar o menor bocado. Obrigavam a família a comer e repetir, até que os pratos e travessas ficassem inteiramente limpos. Raimundo, que não costuma primar pela severidade, qualifica, entretanto, o carnaval de festa dos ventres.

Sozinha na sua cela, Catarina rezava pelos que se divertiam. A sua própria vida nunca deixava de ser um perpétuo jejum. Sentia-se triste, pois não ignorava que, nesses dias em que o povo se entregava aos prazeres dos sentidos, muitos dos seus concidadãos se desembaraçavam dos escrúpulos que uma piedade convencional lhes impunha, para se precipitarem voluntariamente no pecado mais grosseiro.

Catarina rezava, flagelava-se, suplicando ao Mestre que perdoasse a quantos O ofendiam. D'Ele recebeu esta resposta magnífica:

"Por minha causa rejeitaste as vaidades do mundo e os prazeres dos sentidos, e Me escolheste para a delícia do teu coração. Eis porque, no dia de hoje, enquanto os demais membros da tua casa se divertem e cuidam de

si mesmos, comendo e bebendo à vontade, Eu celebrarei com a tua alma um noivado solene e farei de ti Minha esposa na fé, como te prometi."

Nessa ocasião, apareciam em torno de Cristo a Sua bem-aventurada Mãe, os Apóstolos São João Evangelista, São Paulo e o rei-poeta David. Este último empunhava uma harpa, da qual extraía suaves melodias. Tal como é de uso nas cerimónias de casamento, a Virgem Maria adiantou-Se e tomou a mão direita de Catarina, que entregou a Seu Filho, pedindo-Lhe que a recebesse como esposa na fé, segundo a Sua promessa. Jesus colocou no dedo de Catarina um belo anel, ornado de um diamante cercado por quatro pérolas enormes. O Senhor pronunciou então os termos rituais do compromisso matrimonial: "Declaro-te Minha noíva para a eternidade, na fé perfeita que te conservará pura e imaculada até que na alegria festejemos as nossas bodas no céu. Deste momento em diante, Minha filha, serás capaz de realizar sem hesitação todas as tarefas que receberes de Mim. Munida das armas da fé, triunfarás de todos os teus adversários."

A visão desvaneceu-se, mas a partir de então Catarina veria sempre no dedo o anel de noivado que era invisível aos olhos dos demais.

Jesus Cristo tomara por noiva Catarina de Alexandria, a fim de prepará-la para o martírio. Quanto à jovem, nem de leve suspeitava da natureza da tarefa que lhe reservava o seu Noivo divino. Ao receber a revelação, o seu primeiro movimento foi de recuo, e o pavor levou-a a chorar, muito embora, submissa e paciente, procurasse seguir o Mestre e mostrar-se "obediente até à morte".

CAPÍTULO 5

Pouco tempo depois do seu noivado místico, Catarina voltou a ter uma visão do Senhor. Foi na hora em que os pacatos sienenses costumavam reunir-se em torno da mesa do jantar. Jesus ordenou-lhe: "Levanta-te e vai sentar-te à mesa com a tua família, trata-os com afabilidade e em seguida volta aqui."

Ouvindo essas palavras, Catarina pôs-se a chorar. Estava tão pouco preparada para deixar a sua cela e a sua vida contemplativa para misturar-se à agitação das criaturas do mundo! Nosso Senhor, porém, ordenou-lhe que assim fizesse. "Vai em paz, pois assim servirás a Minha justiça e conhecerás melhor a união perfeita no amor - Comigo e com o teu próximo. Então estarás apta a subir ao céu como se te suportassem duas asas. Recorda o ardor que te consumia quando eras apenas uma menina e querias vestir-te de homem a fim de ingressar na ordem dos irmãos pregadores, para trabalhar pela salvação das almas."

Naturalmente, Catarina estava pronta a submeter-se à vontade de Deus; não sem antes, contudo, fazer algumas objecções.

"Senhor, como poderei ser de alguma utilidade na obra de salvação das almas? Não passo de uma pobre serva, de uma mulher simples, e não é conveniente ao meu sexo querer ensinar aos homens, ou mesmo com eles se entreter. Além de tudo, não fazem caso algum do que dizemos", suspirava. Porém Jesus falou-lhe como falara um dia o anjo Gabriel:

"Tudo é possível a Deus, que tira o mundo do nada. Sei que é a humildade a fazer-te falar assim. Fica sabendo que, nos tempos que correm, o orgulho se desenvolveu de maneira extraordinária entre um número avultado de criaturas, particularmente os que possuem instrução e acreditam saber tudo. Eis por que, se outrora enviei para a pregação ao mundo homens simples, despidos de toda a ciência humana e cheios da sabedoria divina, escolho hoje mulheres, por sua própria natureza ignorantes, temerosas e frágeis, porém instruídas por Mim no conhecimento dos assuntos divinos. Foi precisamente para confundir a presunção e o orgulho que as elegi. Se os

presunçosos e os orgulhosos aceitarem humildemente os ensinamentos que pretendo transmitir-lhes por intermédio do sexo frágil, usarei de grande misericórdia para com eles; se, contudo, desprezarem essas mulheres, conhecerão desordens e torturas incalculáveis. Cumpre, portanto, humildemente o que te ordeno, minha querida filha, pois jamais te abandonarei. Pelo contrário, continuarei a visitar-te, como venho fazendo até aqui, e em tudo serei o teu guia e o teu apoio."

Catarina curvou a cabeça, ergueu-se, saiu do quarto e sentou-se à mesa entre os seus. É pena que nenhum dos seus biógrafos nos fale da emoção que terá certamente provocado em Lapa e Jacopo o aparecimento da reclusa, sem mencionar as prováveis observações dos filhos destes, noras e netos. Entretanto, a presença de Catarina era apenas natural; o seu espírito continuava ligado ao seu Senhor, e logo que a família se dispersou, correu a refugiar-se na sua cela, ansiosa por retomar o colóquio com o Mestre. Para quem posteriormente iria levar uma vida aventureira, à qual poucas mulheres terão sido chamadas, e que aceitou essa vida com ânimo inquebrantável, esse primeiro contacto com a família, de quem se mantivera havia três anos afastada, deve ter-se aproximado da prova de ferro em brasa.

O seu coração pulsava certamente com violência quando se encontrou de volta, na cela, e pôde voltar à sua meditação. Não tardou, porém, a habituar-se a essa nova modalidade de vida. Se o Esposo impunha que mantivesse contacto com as criaturas, Catarina raciocinou que devia comportar-se entre elas com humildade e piedade, para representar a seus olhos um modelo de fé cristã. Para atingir esse objectivo, porém, sabia ser preciso uma humildade ilimitada, pois nenhuma forma de orgulho mantém raízes tão profundas, nenhuma é tão hábilmente dissimulada e tão fumesta, tanto para a alma do eleito de Deus quanto para a dos seres que a testemunham, quanto o orgulho dos santos vaidosos da sua santidade.

A humildade dos eleitos de Deus pode parecer absurda aos olhos dos nossos contemporâneos; muitos falam, até, a esse respeito, de hipocrisia. Para Catarina, com a penetração profunda dos segredos da alma humana de que era dotada, a luta pela conquista da humildade perfeita apresentava um carácter de singular gravidade.

Quanto mais o seu caminho a afastava do círculo das suas amizades, quanto mais a apregoavam santa, ou pelo contrário, quando a criticavam como a uma exaltada que tinha perdido todas as suas qualidades femininas para lidar com assuntos que não lhe diziam respeito, ou a acusavam de ser uma hipócrita que se fazia passar por realizadora de milagres, tanto mais lutava ela para desprezar o seu próprio eu, para rebaixar-se mais que os grandes pecadores, para arrojarse no pó aos pés do seu Mestre. Quando, mais tarde, dizia aos seus filhos espirituais - indignados ao verem caluniada e perseguida a sua "*mamma*" adorada -, que os seus inimigos eram os seus verdadeiros benfeitores, era com sinceridade que o fazia. Os seus ouvintes não alcançavam o sentido dessas palavras: tampouco terão compreendido, talvez, o alcance do grito que lançou no seu leito de morte: "A vaidade? Nunca! O louvor de Deus e a Sua Glória - eis o que existe de certo." Desde o dia em que Cristo a fez sair, jovem penitente, do seu retiro secreto, e a colocou neste mundo de perdição onde queria que ela O servisse entre homens e mulheres de todas as idades, e até ao seu último momento sobre a Terra, o temor de deixar-se arrastar pela presunção persistiu como um espinho a castigar-lhe o espírito.

Vimos como, antes de atingir a idade adulta, aprendera a construir em si mesma um refúgio interior. A este abrigo recorreu sempre, depois que da vida em comum com os seus foi arrastada para o meio da multidão barulhenta das ruas da sua cidade, e até para as estradas e os oceanos do mundo - em toda a parte onde os seus semelhantes careciam do seu auxílio.

Em época que lhe parecia mais remota do que de facto o era, a mãe fizera-a trabalhar como uma escrava para a família, pretendendo com isso quebrar a sua obstinação em querer viver a sua própria vida segundo a inspiração do Espírito Santo.

Actualmente ela aceitava voluntariamente o mesmo trabalho, produzindo até mais do que dela se esperava, depois que aprendera a submergir no oceano do amor divino a natural ternura que sentia por pais e irmãos. Durante anos a fio passara em orações e contemplação metade das noites, enquanto os seus irmãos dominicanos adquiriam no sono a força necessária para cumprir a sua missão entre os homens. À hora em que os sabia dirigindo-se ao coro para entoar as matinas, deitava-se no seu leito de

tábuas e pedia ao Senhor que lhe concedesse algum repouso, enquanto os seus irmãos velavam e glorificavam a Deus. Agora, aproveitava a noite para inspeccionar a casa e lavar a roupa da família, esfregar as escadas e os soalhos e limpar a casa. Durante o dia cozinhava, fazia pão, servia à mesa, lavava a louça das refeições e, como se fosse pouco, tomou a si a tarefa da outra empregada, quando esta adoeceu, e tratou-a com o maior carinho.

Foi por essa época que decidiu receber Jesus Cristo no santo sacramento do altar com mais frequência do que o fizera no passado. Sentia necessidade de unir-se totalmente a esse Esposo eleito para a eternidade, e isso não apenas no plano espiritual como também no físico. É que lhe cumpria, agora, rezar e meditar, ao mesmo tempo que as suas mãos e pés se ocupavam em executar a tarefa de Marta na casa paterna.

Não se exigiam dos membros da Ordem Terceira dos Penitentes os três votos monásticos de praxe: castidade, obediência absoluta, pobreza pessoal. Grande número dos irmãos e irmãs eram casados, alguns eram subordinados a superiores temporais no exercício das suas profissões, outros ainda possuíam bens, que se comprometiam a administrar cristãmente, contentando-se em viver com modéstia e distribuir em caridade tudo o que podiam. Catarina, enquanto muito jovem ainda, fizera voto de castidade. E prometera a Cristo obedecer integralmente aos seus confessores. Sempre pronta a acusar-se das mínimas faltas, jactava-se de sempre ter sido de uma obediência perfeita.

Não obstante, essa obediência da penitente para com os confessores, da mulher ignorante para com os padres e monges, da filha para com os pais, Catarina não a compreendia como a inércia do cadáver. Ouvia os conselhos com paciência e humildade, mas sentia-se no direito de apresentar objecções sempre que acreditava não serem convenientes à sua alma as normas apresentadas pelo confessor.

Entre ela e os seus confessores, principalmente Raimundo de Capua, estabeleceram-se desde então relações singulares. Esse santo homem era muito mais idoso do que a sua penitente. Teólogo culto e experiente, dirigia um sem número de almas, porém diante de Catarina preferia calar-se e ouvir. Quase sempre inclinava-se ante a sua compreensão profunda da vida espiritual e seguia-lhe os conselhos, como faz o filho frente à mãe cuja

sabedoria reconhece. Sendo o pai de Catarina em Jesus Cristo, tinha sobre ela a autoridade do sacerdote; porém ela lhe fazia às vezes de mãe espiritual, com a autoridade que lhe conferia uma compreensão mais profunda dos mistérios da fé. Catarina era uma esposa de Cristo a quem o Mestre bem-amado outorgara uma sabedoria mais alta do que a que possui a maioria dos cristãos.

Havia muitos anos que Catarina renunciara aos bens não indispensáveis deste mundo. Não possuía de seu senão alguma roupa de uso e os móveis da sua cela, além de raros livros e de uma cesta com objectos de costura. O Senhor mandava-a de volta ao mundo, e desse mundo os pobres constituíam parte integrante, então como hoje. Os mendigos faziam-na parar na rua, ou vinham procurá-la na porta da tinturaria; outros vinham vê-la em segredo, procurando esconder a sua miséria, envergonhados de recorrer à compaixão dos vizinhos. Aos olhos de Catarina, todos se igualavam no amor de Deus, que os submergia a todos como as águas de um oceano.

Jacopo Benincasa era um artífice de vida folgada, e a solicitação, que lhe fez Catarina, de contribuir a fim de minorar os sofrimentos desses infelizes, encontrou da sua parte a mais pronta acolhida. Deu-lhe permissão para lançar mão das somas de que necessitava para as suas esmolas. Deixava-lhe a liberdade de agir segundo a sua própria consciência e critério. Essa autorização não foi concedida apenas na entrevista que tiveram a sós; todos os membros da família foram prevenidos a não estorvarem-na no exercício da caridade, "nem que seja para distribuir aos pobres tudo quanto contém esta casa".

Mulher e filhos tiveram de inclinar-se ante a vontade todo-poderosa do chefe da casa. Logo perceberam, porém, que fariam bem em manter debaixo de chave os seus pertences pessoais. Sucedia com efeito que, estando à procura de algo com que vestir um semi-nu, Catarina lançava mão da primeira peça de roupa que lhe aparecia.

Entre os mendigos de Siena não tardou a espalhar-se a noticia de que a estranha moça Benincasa, aquela que pretendia fazer-se santa, distribuia fartamente os bens do velho tintureiro entre todos quantos vinham expor-lhe a sua miséria. Acontecia, porém, que alguns pedintes se viam desagradavelmente surpreendidos; Catarina não se deixava ludibriar, se bem

que a sua caridade cristã não seguisse os mesmos padrões de julgamento dos sábios deste mundo.

Empenhava-se activamente em descobrir e socorrer a miséria escondida. Certa vez, em que se achava presa ao leito, enferma e quase incapaz de movimentar-se, ouviu falar de uma viúva que habitava nas proximidades, e que a morte do marido deixara na maior penúria, com numerosos filhos pequenos. Ainda assim, envergonhava-se de mendigar.

Catarina suplicou ao seu Esposo que lhe concedesse, por um breve espaço de tempo, a força necessária para levar algum alimento à pobre mulher. E imediatamente sentiu-se disposta para levantar-se. Foi correndo que desceu e subiu, de volta, as escadas, trazendo para a sua cela um saco de farinha, uma garrafa de vinho, um jarro de azeite e muitas outras provisões que retirou da despensa familiar. Parecia difícil que pudesse levar tudo consigo de uma vez, mas fazendo uma distribuição equilibrada da carga, um volume sob cada braço, o saco de farinha nas costas e os embrulhos menores presos ao cinto, pôde realizar essa proeza de transportar, sozinha, um peso aproximado de cem libras.

Apressou o passo para chegar ao seu destino antes de raiar a madrugada.

Inúmeras vezes já lhe acontecera, quando no exercício de uma missão de caridade em que não queria humilhar os seus protegidos, encontrar a porta aberta como que por milagre, o que lhe permitia depor os donativos na casa a desaparecer sem ser vista. Desta vez, se bem que encontrasse a porta aberta, provocou um ligeiro ruído que despertou a viúva.

E, subitamente, Catarina sentiu que perdia totalmente as forças; mal se podendo manter de pé, foi-lhe impossível fugir. Profundamente decepcionada com o que lhe pareceu ser um abandono por parte do seu Senhor, pôs-se a lamentar-se: "Oh, Tu que sempre manifestaste tamanha bondade para comigo, por que me traíste assim? - gemia. - Se queres zombar de mim, deixa-me ficar de pé junto a esta porta. Não tardará a amanhecer e eu servirei de chacota aos que passarem."

Tendo suplicado a Deus lhe permitisse chegar até casa, arrastou-se como pôde ao longo das paredes, não sem antes ter sido percebida pela

beneficiada, a quem o hábito das mantelatas fez adivinhar de quem se tratava. A aurora não despontara ainda de todo quando a moça, toda trémula, de volta à sua cela, se deixava cair sobre o catre, completamente esgotada e tão doente quanto o estivera na véspera. De então em diante, as pessoas próximas de Catarina iriam perceber que as suas frequentes enfermidades não pareciam seguir sempre um curso natural.

No meio aos piores sofrimentos, e num estado de fraqueza extrema, sucedia-lhe levantar-se cheia de vitalidade e de energia, como se a sustentassem mãos invisíveis; a sua tarefa cumprida, voltava à prostração inicial.

A partir da época em que se lançou nessa vida de caridade activa, mais abertamente se revelou a sua intimidade com os mistérios do mundo supra-sensível, a qual se tornou evidente aos olhos surpresos dos circunstantes eventuais. Enquanto a sua alma se alçava até ao céu, através da oração e da contemplação, o corpo se enrigecia, tornava-se frio como pedra e totalmente insensível.

Acontecia ainda aos que a cercavam presenciar a silhueta ajoelhada e imóvel erguer-se acima do solo, "bastante alto para permitir passar-se a mão entre o soalho e o corpo". Em outras ocasiões, particularmente depois de ter recebido Nosso Senhor no sacramento do altar, quando ainda mergulhada em êxtase, a onda de calor que a envolvia fazia porejar o suor sobre o seu rosto em brasa.

Esses estados de êxtase, ocorrendo principalmente na igreja, não tardou que toda a cidade comentasse o facto. Para os amigos, persuadidos da sua qualidade de eleita do Senhor, esses êxtases constituíam motivos de alegria e veneração; sabiam que quando a sua alma era arrebatada deste mundo até próximo ao trono do Deus de amor, de lá regressava sempre carregada de dons preciosos para os seus semelhantes. O pintor Andrea di Vanni, que teve ocasião de desenhar-lhe os traços numa coluna da igreja de São Domingos - contava ela então pouco mais de vinte anos -, garantia não existir da sua parte a menor sombra de simulação. Nessa ocasião ele não se incluía ainda no rol dos seus íntimos.

É de sua autoria o único retrato autêntico que nos resta de Santa Catarina de Siena. O lírio que traz na mão e a mulher ajoelhada diante dela foram acrescentados depois da sua morte.

Para um grande número dos seus concidadãos, entretanto, Catarina constituía precisamente o que tanto receara ser: um objecto de escândalo.

Quando a sua filha apresentava essa rigidez de cadáver, a pobre Lapa ficava como que alucinada e procurava, de todas as formas, arrancá-la a esse estado assustador, tentando movimentar os membros hirtos e soerguer a cabeça inclinada. Catarina nada sentia durante esses êxtases, mas quando retomava consciência experimentava dores intoleráveis, relacionadas precisamente com as interferências de Lapa. "Tenho a impressão de que a minha mãe tentou quebrar-me o pescoço" - costumava dizer.

Dentre as suas companheiras da Ordem das Irmãs da Penitência, muitas consideravam com desconfiança a jovem mantelata. Inconscientemente, e não raro também conscientemente, essas dignas e piedosas matronas invejavam à companheira privilegiada as graças sobrenaturais com que era favorecida. A Idade Média interessava-se por tudo quanto se passava no terreno do prodigioso, e particularmente pelo que se referia aos sinais de santidade.

Aqueles mesmos que timbravam em não entrar em contacto com o mundo sobrenatural se apaixonavam pelas histórias de milagres, pelo maravilhoso, pelos santos visionários e proféticos. A moça em questão, contudo, nem religiosa era, e sabiam-na filha de Jacopo Benincasa e da velha Lapa. Vivia em casa, entre os irmãos, que precisamente nessa época estavam intensamente envolvidos na política local. Catarina circulava nas ruas de Siena com mais frequência do que o permitiam os costumes vigentes concernentes à modéstia feminina. Parecia improvável comprovar-se a exactidão do que se propalava sobre as suas visões e revelações. Atribuía-lhe a intenção de chamar, de todas as formas, a atenção, para tanto simulando as atitudes estáticas e os rubores em público. Mesmo entre os irmãos pregadores, alguns duvidavam. Ou, pelo menos, não gostavam de ver Catarina Benincasa perturbar, com tais excentricidade, o recolhimento dos fiéis simples e honestos. "Que fique ao menos ao fundo da capela,

durante a missa, diziam eles - se é que precisa realmente de assistir à missa todos os dias."

Os êxtases de Catarina prolongavam-se, às vezes, até ao meio-dia. Segundo o costume local, fechava-se então a igreja por duas horas, enquanto a cidade de Siena em peso fazia a sesta. Acontecia, não raro, que os sacristães transportavam a jovem inanimada e deixavam-na estendida na rua, diante da porta da igreja. Alguns transeuntes, para quem os cristãos demasiado zelosos e as mulheres exageradamente piedosas são uma praga a combater, soltavam-lhe, de passagem, um pontapé ou uma bofetada. Assim é que, ao despertar, Catarina voltava para casa mancando e coberta de lama.

Não obstante, crescia também por seu lado o pequeno rebanho dos que acreditavam na sua santidade. Agrupavam-se em torno daquela que amavam pela sua inesgotável paciência, o seu entusiasmo e alegria. Ela sabia falar-lhes do amor de Deus em termos tão agradáveis e tão sensatos, e mostrava-se tão solícita pela felicidade eterna de cada um! Pediam-lhe conselho, seja para os males do corpo ou para os da alma, pois sentiam que o seu coração transbordava de amor por todas as "criaturas de razão" - os seres humanos criados por Deus.

Alguns que tinham suficiente humildade e largueza de espírito para aceitar sem ciúme nem inveja esse carinhoso interesse, começavam a manifestar uma submissão infantil à jovem que os acolhia com um carinho maternal quando lhe vinham depositar entre as mãos as suas angústias e preocupações.

Fra Tommaso della Fonte continuava sendo o confessor de Catarina. Trouxe-lhe muitos companheiros da ordem, dos quais alguns passaram a integrar o número dos seus filhos espirituais e dos seus discípulos mais fiéis. Cumpre citar particularmente Fra Bartolommeo de Dominici e Fra Tommaso Caffarini, os quais deixaram, ambos, obras escritas sobre a sua "mãe". Bartolommeo refere que, ao encontrar-se pela primeira vez com Catarina, era ela ainda extremamente jovem, e de génio encantador. Contudo, se bem que também ele ainda jovem, nunca se sentiu perturbado na sua presença como o teria ficado na de outras. Quanto mais se entretinha com ela, mais lhe parecia esquecer os sentimentos humanos, as paixões.

Por seu lado, Catarina, que outrora tanto receara frequentar os rapazes - que comparava a serpentes -, neles encontrava agora outros tantos amigos, unidos a ela no amor de Deus. Falava-lhes com a franqueza e a liberdade de uma irmã dedicada, fazia-lhes presentes de ramos e cruces de flores, que tinha prazer em confeccionar ela mesma.

Catarina amava as flores; e a beleza do seu país de Toscana, embora pouco se refira a ela, representava uma fonte de profunda alegria para a santa, de alma de poeta.

Entre as suas amigas contava-se uma viúva nobre, Alessia Saracini, e outra dama de Siena, Francesca Gori, igualmente viúva, cujos dois filhos haviam ingressado na ordem de São Domingos. Podemos citar ainda Giovanna di Capo, uma das primeiras mulheres a tomar Catarina por sua mãe espiritual, a despeito da grande diferença de idades.

Em casa, sem contar o pai, Catarina encontrava pelo menos um outro membro da família que a compreendia: Lisa, que desposara o seu irmão Bartolommeo. Lisa era prima do bem-aventurado Giovanni Colombini, o rico comerciante de Siena que um dia abandonou o mundo, distribuiu os seus bens entre os pobres e fundou a ordem dos jesuatas, ordem dos irmãos leigos dedicados à salvação das almas.

Ignoramos se Catarina chegou a encontrar-se com Giovanni Colombini, o qual, no fim de sua vida, já não vivia em Siena. Pôde inteirar-se, porém, da sua obra, através dos relatos de Lisa e também dos da abadessa do mosteiro beneditino de Santa Bonda, a qual fora amiga de Colombini e também se fez amiga de Catarina.

Lisa era também mantelata; pertencia, mesmo, havia muitos anos, à ordem, quando nela a cunhada foi recebida. Contudo, a história de Catarina pouca menção faz de Lisa antes da entrada da santa para a vida pública. Sem dúvida, Lisa levava em casa uma existência retirada, servindo a Deus pelo cumprimento dos seus deveres de esposa e de mãe. Pois a mansão dos Benincasa abrigava, já agora, uma quantidade de netos, dos quais alguns já adolescentes e outros ainda sendo amamentados. Como quase todas as italianas, Catarina amava apaixonadamente os *bambini*. Revelou um dia

que, não fora ter vergonha, passaria todo o seu tempo acariciando os pequeninos sobrinhos.

A despeito dos encargos mais e mais numerosos que assumia, Catarina continuou a executar activamente todas as tarefas domésticas durante o tempo em que viveu sob o tecto paterno. E embora a sua generosidade irritasse, por vezes, os irmãos - menos desligados que ela dos bens deste mundo -, embora Lapa se zangasse ao vê-la sujar constantemente as mãos ao contacto da imundície e da doença, era como se a despensa e a adega fossem alvo de uma bênção especial enquanto Catarina passava de uma a outra, enchendo as garrafas de vinho para os seus pobres ou assando o pão para a família. Sucedeu, por exemplo, o episódio do tonel de vinho. Habitualmente o conteúdo desse tonel bastava para prover às necessidades da família pelo espaço de uma quinzena. Era um vinho de qualidade excepcional. Contudo, para a maior glória do seu Senhor, Catarina habituara-se a dar aos mendigos o que de melhor havia na casa. Diariamente descia, pois, à adega e enchia numerosas garrafas com o excelente vinho. Ora, ao terminar o mês, o tonel continuava cheio como antes, e a qualidade excepcional do conteúdo fazia o pai e aos irmãos declararem jamais terem bebido nada de melhor. Enquanto os parentes conjecturavam sobre o estranho facto, Catarina conhecia perfeitamente a origem dessa abundância.

Chegou então a época da vindima, e toda a vizinhança pôs-se a preparar os tonéis que iriam receber o vinho novo. O vinhateiro dos Benincasa anunciou que iria precisar do tonel até então inesgotável. Fizessem o favor de passar o restante do conteúdo para outro recipiente. Ainda nesse dia os Benincasa haviam enchido uma jarra de vinho claro, sem qualquer traço de bôrra. Mas na manhã seguinte, ao pretender esvasiar o barril, perceberam que nada mais havia dentro do mesmo e que a madeira estava completamente seca. A família compreendeu então que Aquele que um dia transformara a água em vinho, para impedir que um esposo se visse envergonhado perante os seus convidados, podia, ainda, mesmo nos detalhes da vida quotidiana, acorrer em auxílio daqueles que escolhera como amigos.

Certa vez, Catarina e Lisa trabalhavam juntas na cozinha. Catarina virava os espetos do churrasco sobre o braseiro, quando a cunhada percebeu que ela fora arrebatada em êxtase. O seu corpo, rígido, estava completamente imóvel. Lisa ocupou-se tranquilamente da carne, que levou à mesa depois de assada, após o que se ocupou em instalar os filhos para a sesta. De volta à cozinha, percebeu que Catarina tombara sobre o braseiro, o rosto tocando as chamas. Lisa soltou um grito de horror: "Catarina queimou-se!" Ao retirá-la, porém, para longe do fogo, viu que a cunhada nada sofrera. O seu vestido de lã nem ao menos fora chamuscado e não se sentia o menor cheiro de queimado.

Dir-se-ia que o fogo era inofensivo a Catarina durante os seus tranSES. De outra vez, na igreja, quando se encontrava apoiada ao muro, morta a tudo o que a cercava, um círio caiu do candelabro debaixo do qual se achava. A cera e a mecha consumiram-se sobre a cabeça da jovem, sem que se inflamasse o véu. De outras vezes, ainda, caiu na lareira, como se a empurrasse algum demónio invisível; levantava-se sempre incólume, caçoando até das suas aventuras: "Não temam, é mais uma peça que me prega Malatascha." Era este o apelido que em Siena davam ao diabo, porque percorre o mundo procurando enfiar no seu saco (tascha) as almas por ele transviadas.

Quanto mais o espírito de Catarina planava sobre as coisas materiais, mais ela parecia mover-se num plano sobrenatural, mesmo depois que retornava consciência e voltava às tarefas diárias. Era como se o Senhor, poderoso e magnífico, permitisse que as coisas triviais fossem impregnadas de majestade pelo seu simples contacto com elas.

Os mendigos beneficiavam-se largamente da sua caridade. Tal como São Martinho e São Francisco, Catarina via em todos o Esposo: "O que fizerdes ao mais humilde dos Meus irmãos, é a Mim que o tereis feito." E, à semelhança daqueles dois santos, as suas visões lhe ensinavam que as palavras de Nosso Senhor deviam ser tomadas literalmente.

Encontrando-se um dia na igreja, viu aproximar-se um mendigo, homem ainda jovem, apenas passado dos trinta anos. Os trapos que vestia deixavam-no quase completamente nu, no rigoroso inverno de Toscana. Catarina convidou-o a vir até sua casa, onde encontraria algo para cobri-lo.

Porém o mendigo resistiu, alegando estar esgotado e a ponto de morrer de frio. O aspecto lamentável do rapaz encheu Catarina de compaixão. Enfiando delicadamente a mão sob a gola da capa, soltou o vestido e deixou-o cair aos pés. "Toma isto" - disse. O pedinte não se mostrava satisfeito ainda. "Agradeço-te por este vestido, mas preciso de alguma roupa branca." "Segue-me então até casa, e terás o que necessitas!" Pediu-lhe que esperasse à porta enquanto remexia o quarto dos homens, de onde trouxe uma camisa e uma calça do pai.

O mendigo não estava ainda satisfeito. "O vestido que me deste não tem mangas, sinto frio nos braços" - observou. Ao que ela contestou amavelmente: "Não te zanges, espera-me um pouco, que logo estarei de volta."

Desta vez, nada encontrou em toda a casa. Lançou mão de um vestido da empregada, pendurado a um prego atrás da porta. Na expressão de Tommaso Caffarini, foi com "uma santa confiança" que empreendeu de descoser as mangas para trazê-las ao mendigo, que disse: "Desta vez tu me auxiliaste bastante; mas tenho no hospital um companheiro em situação tão má quanto a minha."

Catarina voltou a explorar a casa toda, sem nada encontrar senão outro vestido da empregada, que não ousou pegar. O mendigo sorriu ao vê-la de volta.

"Agora sei que és caridosa e não te atormentarei mais. Deus esteja contigo."

Na noite seguinte, estando Catarina em oração, Jesus apareceu-lhe ostentando, recoberto de pedrarias, o mesmo vestido que ela dera ao mendigo. "Filha, - disse-lhe - ontem cobriste com esta veste a Minha nudez e hoje serei Eu a vestir-te."

Apresentou-lhe um novo vestido, rubro como o sangue e ofuscante de luz.

"Toma esta vestimenta - disse. - Invisível a todos os demais, ela te será preciosa, pois te protegerá contra o frio até o dia em que, cercada do

exército dos anjos e dos santos, serás revestida da glória eterna."

Desse dia em diante Catarina não mais usou roupa interior, e no entanto nunca sofreu frio. Vento ou neve já não a incomodavam, inclusive quando à sua volta se queixavam todos e diziam gelar.

De outra vez, encontrou na rua um mendigo que implorava uma esmola qualquer. Tamanha impaciência revelava que Catarina julgou-se obrigada a atendê-lo imediatamente. A única coisa de que dispunha no momento era uma pequena cruz de prata presa ao terço. Entregou-a sem hesitação ao pedinte. Durante a noite, Jesus apareceu-lhe exibindo uma cruz recoberta de pérolas e de pedras preciosas cintilantes.

" Tu a reconheces?"

"Sim, meu Senhor, porém estava longe de ser tão bela quando em meu poder."

Respondeu-lhe Jesus que conservaria a valiosa cruz para o dia em que ela o viesse encontrar no Céu.

Em verdade, não foram muitos os anos que Catarina passou na casa de seu pai, ocupada em socorrer a vizinhança enquanto o seu espírito se abismava na contemplação dos mistérios do seu divino esposo. Entretanto, quando, alguns anos após a sua morte, os bem-aventurados Raimundo de Capua e Tommaso Caffarini se dispuseram a reunir os testemunhos referentes a esse período da sua vida, todos os que com ela conviveram em Siena tinham tanto a dizer sobre a sua actividade milagrosa que era como se os prodígios da santa se renovassem diariamente.

Para oferecer desses milagres um relato ordenado, os dois monges preferiram agrupá-los de acordo com a sua natureza - como Catarina se servia dos objectos inanimados para exercer a caridade, como cuidava dos enfermos, como se ocupava dos pobres e forçava os demónios a abandonar os corpos e almas possuídos por ele. Pouco se incomodavam eles com a sequência cronológica dos factos, a qual não podemos estabelecer com segurança senão quando nos é dado recorrer à correspondência da própria Santa.

Não resta dúvida, porém, de que, desde os primeiros tempos da sua existência de mensageira de Cristo, o seu desvelo pelos doentes, que tanto receio e desgosto inspirava a Lapa, levou-a a visitar os hospitais da cidade onde se encontravam as doenças mais repugnantes.

CAPÍTULO 6

No tempo em que Catarina Benincasa era jovem, o hospital de Santa Maria della Scala tinha pelo menos duzentos anos de existência. Monges e religiosas que ali trabalhavam haviam doado, além das suas pessoas, tudo o que possuíam aos pobres e enfermos. Num dos terrenos mais valorizados do centro da cidade, junto à catedral, a República de Siena fizera levantar os diversos prédios destinados a este fim. Ali se localizavam as enfermarias separadas para homens e mulheres, uma hospedaria para peregrinos, um asilo para crianças abandonadas e as peças necessárias ao preparo e à distribuição do alimento aos pobres, além dos armazéns e adegas. Monges e religiosas viviam segundo a regra monástica que se adequava à sua vocação. Como filhos autênticos que eram de uma república de comerciantes, os frades haviam elaborado um minucioso sistema de contabilidade e de administração. Dentro do método vigente, era humanamente impossível a um pobre monge enriquecer ou fazer beneficiar a família com as sobras dos donativos feitos à casa.

Siena contava ainda com numerosos outros hospitais, mais ou menos ricos, e um asilo de leprosos, San Lazzaro, situado, como de praxe, fora dos muros da cidade. Como tantas outras companheiras, as mantelatas visitavam doentes nas residências. A missão de Catarina, tal como a recebera dos lábios do próprio Cristo, conduzia-a ora aos hospitais de Siena, ora às moradias onde as criaturas padeciam as mais terríveis enfermidades.

Passava, às vezes, a noite inteira no hospital della Scala, depois de ter trabalhado nas enfermarias até a hora em que uma moça não podia sair sozinha às ruas sem perigo. Conseguira que lhe cedessem um minúsculo recanto, na adega, o qual era ainda exibido aos visitantes, na última guerra. Se assim agia, era para se encarregar das vigílias da madrugada - aquelas horas frias e mortas em que a vida dos enfermos parece mais periclitante e o cansaço desce mais acabrunhante sobre aqueles que se encarregam de vigiá-los. O biógrafo de Catarina refere que ela aceitava de bom gosto a responsabilidade dos casos desesperados e dos doentes menos suportáveis ou mais ingratos. As boas irmãs do della Scala ficaram encantadas em

poder descarregar grande parte de seu trabalho sobre uma criatura de paciência incansável, de calma e bom humor perpétuos.

Como sempre acontece, havia sempre um certo número de doentes a quem nem mesmo um anjo do céu teria podido contentar. Esses tornavam-se logo os preferidos de Catarina. Sem desanimar, esforçava-se por confortá-los de todas as maneiras possíveis. Nunca deixava de mostrar-se amável e eficiente para com eles, mesmo quando resmungavam ou a invectivavam com violência ou, ainda, quando se queixavam de que ela os negligenciava e era tão incapaz quanto idiota.

Não passava, diziam, de uma hipócrita que queria fazer-se passar por santa. Antigas cortesãs e prostitutas, privadas da vida que levavam outrora, encontravam um bem triste consolo em tornar a mais penosa possível a tarefa de Catarina. A atmosfera de castidade que cercava a jovem amedrontava-as, tanto quanto a sua intimidade com esse Deus que elas não haviam cessado de ofender. Detestavam cordialmente essa mulher, cujo auxílio lhes era contudo indispensável.

Num dos mais pobres dos hospitais da cidade fora internada uma mulher, por nome Cesca, afectada por uma enfermidade repugnante que a impedia de viver entre os seus. Sendo o hospital dos mais pobres, e não possuindo Cesca nada de seu, as religiosas não sabiam como prover-lhe a subsistência. O estado da mulher piorava cada dia, e quando ficou patente tratar-se de lepra, ninguém mais quis ocupar-se dela. Catarina ouviu falar na doente e pediu autorização para ocupar-se dela. Trouxe-lhe medicamentos e víveres, preparava-lhe ela mesma as refeições e lhe lavava o corpo mal cheiroso e coberto de chagas antes de untá-lo com uma pomada apropriada para lhe acalmar as dores e as coceiras.

Cesca não era de trato agradável. Catarina prometeu visitá-la de manhã e à noite, enquanto vivesse, e a infeliz encontrava como que um triste conforto em atormentar tanto quanto lhe era possível aquela moça sadia e robusta que podia circular livremente pela cidade.

Habitou-se a tratá-la como se fosse sua serva; sobrecarregava-a de injúrias e falava-lhe num tom que uma senhora honrada jamais usaria com uma empregada. Tudo o que Catarina fazia era mal feito aos olhos de

Cesca. Se acontecia à moça demorar-se um pouco mais na igreja e atrasar-se a chegar ao hospital, a velha megera acolhia-a com sarcasmos: "Seja bem-vinda, nobre senhora, seja hem-vinda, rainha e dona de Fontebranda. Onde passou a rainha toda a sua manhã? Vossa Majestade não se cansa nunca da companhia dos frades?"

Atormentando Catarina dessa forma, procurava fazê-la encolerizar-se; só conseguia, porém, que esta se desvelasse mais nos seus cuidados. "Pelo amor de Deus, minha boa Cesca, não se zangue, tudo estará pronto num instante." Com toda a delicadeza de que era capaz, tratava da leprosa com a competência profissional que todos lhe reconheciam. Ninguém podia deixar de admirar a solicitude infinita que dedicava à megera de língua viperina e chagas nauseabundas.

Não deixava, porém, de atormentar-se em segredo pela alma de Cesca, pois a velha estava evidentemente muito pouco disposta a receber a graça de Deus, e, à mais leve menção do assunto, mostrava-se mais maldosa ainda. Catarina nada podia fazer senão rezar por ela.

Lapa intervinha com frequência, procurando evitar para a filha o que lhe parecia um contágio fatal. Catarina, que fundava em Deus toda a sua esperança, procurava acalmar os temores da mãe. Chegou, porém, o dia em que se viu forçada a reconhecer nas mãos, que tanto haviam lidado com a leprosa, os sinais insofismáveis da afecção. Não teve um minuto de hesitação. Pouco lhe importava o que sucedesse ao seu corpo, desde que pudesse oferecer ao Esposo uma obra digna da Sua aprovação. Sabia de cor as palavras do Sermão da Montanha. Abandonar a doente naquele momento equivalia a abandonar o seu Deus.

Cesca morreu, afinal. Fra Raimundo parece acreditar que o sacrifício de Catarina acabou por comover a leprosa a ponto de levá-la a atender às palavras de conforto da jovem, no momento de expirar. O cadáver era um espectáculo horripilante, porém assim mesmo Catarina fez-lhe a última "toilette", vestiu-a e deitou-a no caixão. Terminado o ofício dos mortos, foi ainda ela a se encarregar com as suas próprias mãos do sepultamento, ninguém ousando aproximar-se. Ao erguer-se, porém, sobre o túmulo recém-coberto, verificou que nas mãos sujas de terra não se viam mais os sinais das chagas; estavam mais alvas e mais belas do que nunca. Com

efeito, mau grado as macerações e o trabalho, aquelas mãos continuariam sempre de uma beleza excepcional.

Se é facto que os doentes do hospital representavam para a paciência de Catarina uma prova de fogo, não é menos verdade que havia muito que se persuadira serem os seus melhores amigos exatamente aqueles que mais a atormentavam. O seu único desejo era caminhar no rasto do Mestre, e o caminho de Jesus sobre a Terra fora um caminho de dor. Fora incompreendido; aqueles por cujas almas se fizera homem O haviam caluniado, traído, e finalmente, executado como a um malfeitor. O caminho não se apresenta particularmente penoso para quem se esforça por seguir as pegadas d'Aquele que segue à frente. Não foi Ele mesmo a dizer: "Eu sou o caminho"? Jesus Cristo - amor luz, suavidade, alegria santa - não é, Ele mesmo, mais que caminho, o próprio Céu?

Não obstante, apesar de acreditar sinceramente na felicidade de sofrer por amor a Jesus, Catarina não podia deixar de sentir confranger-se o seu coração de carne, vendo se afastarem dela as próprias companheiras da Ordem Terceira. Uma destas, Palmerina, era uma viúva rica que doara todos os seus bens ao hospital da Misericórdia. Extremamente piedosa, vivia, havia muitos anos, em oração e penitência, mas comprazia-se em escutar a voz do diabo quando este lhe enumerava aos ouvidos as próprias virtudes. E agora a cidade inteira não falava em outra coisa senão na santidade da jovem Catarina. Santa? Uma jovem (que não cessava de perambular pela ruas e vivia em tamanha intimidade, não apenas com as suas amigas, mas ainda com uma porção de rapazolas e - pior que tudo - com monges. Como deixar de supor não fosse ela tão santa quanto pretendia ser? Quanto a esses dons sobrenaturais da graça, a essas visões, êxtases e outros fenómenos análogos, Palmerina nunca, em toda a sua vida, ouvira falar em coisa semelhante. Quem mais do que ela merecia de Deus esses favores?

Ora, Palmerina adoeceu e Catarina apresentou-se para cuidar dela, sendo escorraçada com palavras insultuosas. Pelo conhecimento das almas que a experiência lhe fornecera, Catarina não pôde deixar de atribuir à inveja a aversão de Palmerina por ela. Lançando-se aos pés do seu Divino Esposo, Catarina orou pela moribunda. "Melhor seria não ter nascido do

que ser causa da perdição da minha irmã. Oh, meu bom Jesus, não permitas que se perca por minha causa essa alma que criaste à Tua imagem."

Catarina não foi chamada ao leito de morte dessa irmã, mas pôde constatar, através de uma visão, que Palmerina se arrependera dos seus pecados no último momento e recebera os sacramentos finais. A seguir, Jesus lhe deixou ver a alma que ela salvara com a sua intercessão: estando ainda no purgatório, não ostentava as vestes da glória, se bem que houvesse readquirido a beleza que lhe adornava a alma no momento da sua criação e baptismo.

Segundo referência de Catarina a Raimundo, essa beleza era demasiado extraordinária para ser descrita em palavras

A visão emocionou Catarina a tal ponto que esta suplicou ao Esposo lhe concedesse a graça de enxergar a beleza das almas em cujo meio vivia, para que mais se empenhasse em lutar pela salvação das mesmas. Prometeu-lhe então Nosso Senhor que, em vista do zelo de que dera mostras pela salvação de Palmerina, Ele lhe iluminaria, de futuro, o espírito, permitindo-lhe distinguir a beleza ou a fealdade das almas que a cercavam.

"Os teus sentidos internos te permitirão divisar o estado das almas tão distintamente quanto os teus sentidos materiais te fazem distinguir o estado dos corpos. E não verás apenas as almas próximas de ti, senão todas aquelas por quem intercedes nas tuas orações."

Assim explicava Catarina o dom miraculoso que possuía de penetrar até ao fundo da vida interior dos que a rodeavam. Os seus "filhos" espirituais não podiam esconder a sua surpresa e o seu respeito, ao verificarem que a sua mãe muito querida (deram-lhe logo pequenos nomes familiares, como *mamma* ou *mamma*) podia ler os seus pensamentos e inclusive os movimentos semiconscientes ou secretos dos seus espíritos. Sabia sempre o que havia dito ou feito em tal ou qual momento em que se achavam longe dela. Dir-se-ia possuir um sexto sentido. Era capaz de dizer com um sorriso que tinham lido um determinado livro, ou, ainda, fitando-os em rosto com o seu belo olhar cheio de inquietação, lembrava que na última confissão haviam omitido certa falta, seja por vergonha ou esquecimento. Se lhes acontecia curar-se milagrosamente de uma doença, ou escapar a algum

perigo, não demoravam a saber que a sua mãe sentira que necessitavam de auxílio e suplicara ao Senhor que viesse em socorro deles.

Uma vez foi admoestada pelo seu confessor (então Fra Raimundo) por permitir àqueles que vinham procurá-la lhe beijarem as mãos. Catarina, ligeiramente surpresa, replicou não se ter apercebido desse facto, tão arrebatada se sentia de cada vez na contemplação da alma do ou da visitante.

As faltas dos bons apareciam-lhe sob o aspecto de manchas nas suas almas; ao deparar, entretanto, com criaturas em estado de pecado mortal, sentia um odor repugnante que a obrigava a lançar mão de toda a sua força de vontade para não demonstrar o seu asco. Acontecia-lhe, porém, perder ocasionalmente esse domínio sobre si mesma, como de uma feita, em Avinhão, quando se apresentou para visitá-la uma senhora bastante bonita, de alta categoria, mãe de um cardeal. Catarina retirou-se precipitadamente, não podendo suportar o odor de putrefação que emanava dela. Descobriu-se mais tarde que cometera adultério, vivendo havia tempo como amante de um padre.

Em compensação, ao se tratar de doenças repugnantes, jamais ocorrera a Catarina rejeitar um acto de caridade devido à mera repugnância física.

Mostrava-se cheia de solicitude pela saúde de amigos e inimigos, pelos doentes de que cuidava, pelas almas piedosas que procuravam os seus conselhos e as quais ela orientava com a previdência de uma verdadeira mãe e um bom senso excepcional. Afastava-as das práticas de penitência capazes de lhes prejudicar a saúde, induzia-as a comer, beber e dormir razoavelmente, na medida suficiente para manter corpo e alma em condições de cumprir, por amor a Deus, a tarefa que lhes incumbia pelo seu estado e pela posição que ocupavam.

Cristo a escolhera para seguir o caminho do sofrimento, e fortalecera-a com as Suas graças e dons, diferentes dos que concedia a outros cristãos. Porém, como deixar de supor que todo o ser humano, temente a Deus e desejoso de O servir no caminho que leva ao Céu, fosse tão precioso quanto ela aos olhos do Senhor? Porventura o seria até mais, reflectia Catarina,

pois que, deixando-se conduzir por Jesus Cristo, qualquer um podia atingir a perfeição, ao passo que ela mesma sentia-se terrivelmente imperfeita.

Outra mantelata, por nome Andrea, sofria de um câncer no seio. O tumor desenvolveu-se e corroeu a carne a tal ponto que todo o ventre se tornou uma só chaga purulenta, de odor infecto. Aqueles que vinham visitar Andrea tapavam ostensivamente o nariz, gesto que, na opinião de Catarina, constituía maneira bem pouco caridosa de se aproximar de um enfermo que se pretende confortar. Percebendo como era reduzido o número das que se aproximavam de Andrea, ou mesmo consentiam em entrar no seu quarto, Catarina prontificou-se a tratar dela durante todo o tempo que durasse a sua enfermidade, ou, melhor dizendo, até à sua morte. Sentia que Deus lhe reservara essa missão. E, no começo, Andrea aceitou reconhecida esse auxílio. A moça passou, portanto, a se ocupar da doente, e portou-se para com ela como filha solícita e carinhosa. Embora o mau cheiro das chagas só fizesse aumentar, até tornar-se insuportável, Catarina não parecia experimentar qualquer mal-estar. Respirava normalmente, as narinas abertas, mesmo quando descobria as carnes descompostas; lavava as chagas, secava-as, cobria-as de unguentos, dava de comer à enferma e ajudava-a em todas as suas necessidades.

Andrea parecia cheia de admiração pela rapariga que com tamanha perseverança se sacrificava por ela sem jamais demonstrar qualquer sinal de cansaço, desânimo ou repugnância.

Contudo, se a vontade de Catarina não fraquejava pela convicção que tinha de estar fazendo a do seu Salvador, acontecia-lhe ser traída pela própria carne.

Uma manhã, quando desfazia as bandagens de Andrea, a fetidez que dela se desprendia revoltou-lhe o estômago a ponto de sentir que ia vomitar. Tomada de santo furor contra o seu próprio corpo, recriminou-se: "Como podes sentir nojo da tua irmã, como tu resgatada pelo sangue do Cristo? Ignoras que podes vir a ser, também tu, presa de doença igual, se não pior que a dela?"

E, num gesto impulsivo, debruçou-se sobre o ventre repugnante e apoiou sobre a chaga os lábios e as narinas até conseguir vencer as náuseas.

Andrea protestava: "Não faças isso, minha querida; podes contaminar-te com essa abominação."

Porém Catarina sentiu ter conseguido uma grande vitória sobre o velho inimigo do género humano, sempre pronto a instigar e a tergiversar no caminho da cruz.

Todavia, a afeição de Andrea começou a declinar, seja por acreditar que uma dedicação tão excessiva não podia ser sincera, ou porque o comportamento de Catarina, sempre paciente, gentil e activa, acabasse por irritar-lhe os nervos.

Andrea não ignorava que, no seu leito de dor, não podia deixar de causar horror aos que estavam de plena saúde. A sua animosidade secreta não tardou a transformar-se em aversão declarada. Por outro lado, sábia que não encontraria outra enfermeira. se afastasse esta; convinha, pois, não demonstrar até que ponto a detestava. No fundo da sua alma pululavam os maus pensamentos, e o diabo encontrou ali campo propício para insinuar que, ao deixá-la, Catarina se desferrava de todo o trabalho que tinha com ela procurando prazeres ilícitos.

As criminosas fantasias da imaginação de Andrea não ficaram confinadas ao seu quarto de doente. O mundo sendo como é, e as mulheres continuando o que sempre foram, Andrea voltou a receber visitas. Em breve as más línguas da cidade estavam ocupadas em denegrir a boa reputação de Catarina, e algumas penitentes concordaram mesmo em respirar a atmosfera empestada do quarto da cancerosa para se informarem do que ela tinha a dizer sobre a jovem Benincasa. Esta percebia perfeitamente o que se passava; porém, inabalável em seus propósitos, não desprendia o olhar da cruz onde o seu Esposo agonizava, e redobrava de cuidados para com a doente.

Um dia foi chamada diante da madre priora e das demais irmãs da ordem. Cumularam-na de acusações e questionaram-na sobre como se tinha deixado seduzir e havia perdido a virgindade. Catarina contentou-se em responder com modéstia e brandura: "Em verdade, minhas senhoras e minhas irmãs, continuo virgem pela graça de Jesus Cristo." A cada calúnia, a cada grosseria que lhe era lançada em rosto, contestava com essa mesma

frase. No íntimo, porém, sentia-se profundamente infeliz. À sua natural indignação de moça honesta, criada por pais zelosos no ambiente de um lar onde as conversas frívolas e a linguagem indecorosa jamais haviam sido toleradas, vinha acrescentar-se o temor que sentem as almas cristãs ao constatar o quanto são numerosos os casos de religiosos que vivem em pecado. Conhecia o suficiente sobre esses escândalos para que o seu coração se desolasse ante os ataques lançados contra a Igreja de Cr1sto pelos seus próprios e indignos servidores. Vertendo lágrimas amargas, suplicou ao Senhor: "Tu, que escolheste uma virgem para ser Tua Mãe Imaculada, bem sabes o quanto uma boa reputação é valiosa para todas as jovens. Vem, pois, em meu auxílio, meu Senhor, meu Deus, a fim de que a serpente não me afaste de um encargo que assumi por Teu amor!"

Mais uma vez uma visão lhe foi concedida. O Senhor do mundo apareceu-lhe, trazendo na mão direita uma coroa de pedras preciosas e na esquerda uma coroa de espinhos. "Reflecte, minha filha, que deverás usar estas duas coroas, uma em seguida à outra. Aceitas usar a de espinhos enquanto viveres neste mundo, para receber a coroa de pedras preciosas para a eternidade? Ou preferes usar a de pedrarias nesta Terra, e neste caso receber a de espinhos no outro mundo? Escolhe." Catarina estendeu vivamente a mão para a coroa de espinhos, que enfiou na cabeça com tal violência que as pontas lhe penetraram na carne. Não lhe restaram marcas visíveis, mas a sensação perdurou para sempre.

Chegaram aos ouvidos de Lapa os rumores espalhados por Andrea no intuito de prejudicar Catarina. Sem duvidar por um instante da pureza da filha, voltou, entretanto, contra ela uma parte do furor que a animava contra a difamadora. "Quantas vezes não te mandei que abandonasses essa megera asquerosa? Vês, agora, de que maneira recompensa a tua caridade cristã." Lapa soluçava ruidosamente. "Se não deixares de cuidar dela, se eu souber que ao menos te aproximaste da sua casa, não te reconheço mais como filha."

Catarina ajoelhou-se aos pés da mãe: "Minha querida mãe, não sabes que a ingratidão dos homens nunca impediu a Deus de derramar cada dia os dons da Sua misericórdia sobre os pecadores? Mesmo sobre a cruz, acaso deixou Nosso Senhor de Se esforçar pela salvação do mundo, porque O

injuriavam os homens? Bem sabes que se eu deixar de visitar Andrea, esta não encontrará mais ninguém para tratá-la, e morrerá abandonada. Seremos, tu e eu, causa da sua morte? O demónio seduziu-a, mas Deus ainda pode iluminá-la."

Lapa acabou por ceder, e, mesmo, por abençoar a filha. Pouco depois, entretanto, Andrea começava a lamentar sinceramente o que dissera; receava talvez ser abandonada definitivamente. Catarina, porém, ia e vinha com a mesma regularidade, sempre amável e cuidadosa. De uma das vezes em que surgiu à porta de Andrea, esta a viu cercada de um halo luminoso. A anciã prorrompeu em soluços e súplicas de perdão.

Catarina procurou confortá-la com palavras carinhosas. Sabia bem que fora o diabo a meter na cabeça de Andrea aqueles maus pensamentos.

"Quanto a ti, - falou à mãe - só te devo reconhecimento, pela maneira como zelaste pela minha virtude."

De então em diante, àqueles que a vinham ver, a doente passou a apresentar Catarina como um anjo, uma santa, e falava-lhes da luz misteriosa que vira com os seus próprios olhos e fora para ela um conforto incomparável. Catarina defendeu-se vigorosamente contra essa nova tentação. Recusava deixar-se assim qualificar de santa e de privilegiada. Movia-se no quarto da doente com a mesma discreta actividade dos dias precedentes, mas o cheiro do corpo em decomposição tornava-se cada vez mais insuportável. Nenhum arrebatamento da alma para as regiões etéreas podia impedir os seus sentidos de se revoltarem, vez por outra. E tinha de lutar com todas as suas forças para não vomitar.

Um dia, tendo acabado de lavar as chagas, sentiu que não podia mais suportar a tarefa. Tomada de furor contra a sua carne miserável, tomou da bacia cheia de água e de detritos. "Pela vida do Altíssimo, pelo Bem-Amado Esposo de minha alma, vais receber em teu próprio corpo, criatura pecadora, aquilo que tanto te repugna."

E, voltando as costas ao leito, ingeriu a horrenda beberagem. De então em diante, nunca mais experimentou qualquer repugnância no exercício do seu mister.

Na noite seguinte, Jesus lhe apareceu, descobrindo as cinco chagas de Seu corpo.

"Minha bem-amada, - disse - por Meu amor travaste mais de um combate, e neles sempre triunfaste com a Minha ajuda. Ontem alcançaste a maior das tuas vitórias bebendo aquela horrível mistura por amor de Mim, e calcando aos pés a tua própria carne. Dar-te-ei de beber, agora, um licor que não tem sido dispensado com frequência à natureza humana."

Pousando a mão direita sobre a nuca da jovem, e fazendo-a inclinar a cabeça para o Seu lado, prosseguiu: "Bebe, filha minha, bebe o meu sangue, e experimentarás uma suavidade de que toda a tua alma transbordará, e que penetrará também o teu corpo, esse mesmo corpo que desprezaste por amor de Mim."

E Catarina apoiou os lábios à própria Fonte da Vida. O Mestre permitiu-lhe ali desalterar-se, após o que se sentiu a um tempo saciada e transformada.

CAPÍTULO 7

"As leis que os sienenses promulgam em outubro nada mais valem em novembro", já dissera Dante, e não sem razão, a propósito da cidade natal de Catarina. É certo que o poeta estava habituado às lutas de partidos e às mudanças de regime, frequentes na sua cidade de Florença. Ali, os vencedores vingavam-se dos vencidos e exilavam arbitrariamente todos os suspeitos. Entretanto, na Siena gibelina, inimiga e rival tradicional de Florença, cidade guelfa, parecia impossível fazer reinar qualquer espécie de ordem, por curto prazo que fosse. Os dois partidos dominantes, os *Jentilhuomini* (a nobreza) e os *popolani* (a burguesia), subdividiam-se em facções adversas entre si, e estas em grupos que caíam constantemente entre as mãos dos seus piores inimigos devido à incapacidade de se unirem. Os burgueses, os novos ricos das cidades italianas, haviam assumido a finalidade de derrubar o poderio da antiga nobreza feudal, e no correr dos últimos séculos vinham se entregando a esses objectivos com obstinação incansável. É inegável que a força crescente da aristocracia - constatada pelos burgueses italianos nos países vizinhos -, tanto quanto o progresso da técnica militar - que posteriormente iria anular a utilidade social do sistema feudal -, justificavam os esforços dessa burguesia. Os seus titulares eram tão ricos e cultos quanto a maioria dos nobres, e não tardaram a constituir o elemento predominante no governo da sua cidade. Poder-se-ia, sob certo aspecto, designar esse movimento como de evolução democrática. Aconteceu, porém, o que sempre acontece quando uma nova classe social domina o poder e passa a usar ou abusar dele da mesma forma que os seus antecessores.

"A união faz a força, a força produz o orgulho, o orgulho precede a queda." Esta máxima valia outrora como valerá, sem dúvida, para sempre, em todas as sociedades.

Ainda quando um partido parecia ter bem seguras nas mãos as rédeas do Estado, as disputas entre famílias e grupos de famílias, as inimizades pessoais, os tumultos nas ruas e cabarés encarregavam-se de fazer correr o sangue pelas sarjetas da cidade.

Um velho antagonismo mantinha acesa a discórdia entre as duas poderosas clãs dos Salimbeni e dos Tolomei, que, por sua vez, eram inimigos dos Maconi. Os Saracini, os Piccolomini, os Malavolti e os Patuzi haviam todos recebido uma herança sangrenta, que cuidavam de entreter.

Só alguns homens excepcionalmente inteligentes eram capazes de afirmar-se individualmente; de modo geral, porém, nobreza e burguesia deviam recrutar, na sua família ou na sua corporação, os defensores dos seus interesses e da sua segurança pessoal (se é que se podia falar nisso), e dispor-se a compartilhar da sorte, boa ou má, do grupo a que pertenciam. De nada valem as leis justas e sensatas onde não existe um governo forte e estável para fazê-las serem respeitadas. Quanto mais se avolumava a onda de amargura, mais se inflamavam as paixões populares: ódio, temor, amor pela família ou pela classe. Vingava-se a morte de um parente, ou a agressão a um companheiro de agremiação, e a *vendetta* atingia até as crianças nos berços.

Padres e monges nasciam e cresciam nesse clima espiritual. A poderosa noção de solidariedade familiar, que sempre constituiu traço característico do carácter italiano, não desaparecia com a entrada para o convento de um homem ou de uma mulher. Nem todos tinham força suficiente para imitar Catarina e submergir essa dedicação inata à sua própria carne e sangue no "oceano do amor divino". Ela pedia a Deus que concedesse àqueles que ela amava os tesouros destinados a enriquecê-los na vida eterna. Quanto aos bens deste mundo, confiava a Raimundo de Capua, "estão sempre a tal ponto impregnados de maldade que não tenho coragem de desejá-los para os meus".

Foram numerosos os monges e religiosas que procuraram imitá-la, a isso renunciando, porém, logo que alguma desgraça real ameaçava abater-se sobre aqueles que haviam deixado atrás de si no mundo. Alguns nem mesmo chegaram a tentar a experiência, conservando-se acima de tudo unidos à sua família carnal, e prontos a se servirem do poder e da influência que a Igreja ou a sua ordem monástica lhes conferiam para proteger os seus ou assegurar-lhes o bem-estar. Agiam, aliás, abertamente e sem qualquer pejo. Assim sendo, não era raro que a violência penetrasse nos próprios conventos. Os anais de Siena, bem como as crônicas de outras cidades

italianas, referem casos dolorosos de monges que lutavam e matavam-se por detrás dos muros dos mosteiros, ou ainda de religiosas que permitiam a parentes e amigos gozarem da hospitalidade do convento, até que o eco das intrigas e dos escândalos se tornasse verdadeiro clamor público.

Por ocasião da morte do pai de Catarina Benincasa, no outono de 1368, inaugurava-se um período de lutas internas cruentas e de desordens, que ultrapassaram, sem dúvida, tudo o que se vira até então.

Em 1368 Siena era governada por uma assembleia de doze membros - os *Dodici* - todos burgueses.

Os filhos de Benincasa pertenciam a esse partido; Bartolommeo, o marido de Lisa Colombini, fora membro do governo no ano anterior. A nobreza, entretanto, aprestava-se para a revolta. A seu ver, ao Conselho dos Doze faltava experiência e dignidade, consistindo a sua política em conquistar o máximo de vantagens para si mesmos. A par disso, também as classes mais modestas - os *popolo minuti* -, ou seja, os pobres, os artífices, os pequenos comerciantes, os operários, os diaristas, haviam todos sofrido amarga decepção com o Conselho dos Doze. Também na classe baixa, portanto, a insurreição fomentava. Todavia, a despeito dessa ameaça de uma revolução popular, nobreza e burguesia não abdicaram da sua rivalidade.

A dois de setemhro de 1368, um grupo de nobres irrompeu pelo *Palazzo Pubblico*, a majestosa sede da prefeitura de Siena. Dali expulsaram os *Dodici* e constituíram-se eles próprios em governo, requisitando o auxílio de alguns raros burgueses que selecionaram cuidadosamente.

O governo dos Nove (*Noveschi*) conseguiu manter-se durante três semanas. Foi então que o vice-rei Malatesta, nomeado pelo imperador para a Itália, empreendeu o cerco da cidade, apoiado por todo um exército. Embora sendo um Estado livre, de governo autónomo, Siena devia fidelidade ao Santo Império.

Os gibelinos - que outrora haviam apoiado o imperador contra o papa e seus guelfos, na época em que a rivalidade entre o papa e o imperador condicionava toda a política italiana - foram sempre partido dominante em Siena. No momento em pauta, os nomes de guelfos e gibelinos haviam

perdido muito do seu primitivo significado, e preocupações distintas separavam e dispersavam os antigos partidos.

A vinte e quatro de setembro, os Salimbeni saíram do seu palácio armados até aos dentes. Unindo-se aos homens dos *Dodici*, abriram as portas da cidade a Malatesta e aos soldados do imperador. Para abrir caminho tiveram, porém, de sustentar combates pelas ruas, e o *Palazzo Pubblico* foi tomado de assalto. Foi instaurado um novo conselho de doze membros, o qual recebeu a designação de *Difensori del Popolo Sienense*. Nesse Conselho, os *popolo minuti* contavam com cinco representantes, os burgueses com quatro e a nobreza com dois. Em recompensa pelos serviços prestados à causa do povo, os Salimbeni foram declarados cidadãos honorários, merecendo a preferência nos cargos públicos e recebendo a doação de castelos fortificados nos arredores da cidade.

Quinze dias mais tarde, o imperador Carlos IV chegava a Sienas acompanhado da esposa. O partido dirigente recebeu-o com aclamações e demonstrações de respeito. O soberano, que ficou instalado no *Palazzo Salimbeni*, poucos dias se demorou na cidade, prometendo, porém, ali voltar para celebrar o Natal. Antes disso, contudo, já o novo Conselho dos Doze era derrubado, em seguida a uma sangrenta revolta popular, e o poder passava às mãos de quinze Defensores - ou Reformadores, como se chamavam a si mesmos -, também eles recrutados entre os *popolo minuti*. Após diversos combates, os burgueses conseguiram fazer eleger para o conselho um pequeno número de seus representantes, mas a nobreza foi afastada e a maioria das antigas famílias nobres viu-se forçada a abandonar definitivamente a cidade.

A vinte e dois de setembro voltava o imperador, tornando a estabelecer-se no *Palazzo Salimbeni*. Foi então que estes conceberam a esperança de derrubar os Reformadores, com o concurso das tropas imperiais. Para agravar a excitação dos espíritos, anunciou-se a chegada de um legado do Papa, o Cardeal de Bolonha, correndo a notícia de que o imperador tinha a intenção de vender ao Papa o direito de soberania que possuía sobre a cidade. A dezoito de janeiro de 1369, Niccolo Salimbeni, atravessava a cavalo as ruas da cidade, acompanhado de um séquito de homens armados,

aos gritos de: "Viva o povo, morram os traidores que tramam fazer voltar a nobreza a Siena"

Os sienenses pegaram em armas e afluiram ao Campo, diante da prefeitura, praça esta que é com razão considerada umn das mais belas do mundo. Ali se defrontaram com Malatesta e a sua cavalaria. Enquanto o pesado sino do campanário ressoava incessantemente, convocando o povo às armas, a refrega assumia proporções assustadoras. O imperador tentou uma investida, mas encontrou as tropas de Malatesta em plena retirada. Choviam pedras dos telhados sobre os soldados; o próprio imperador teve de voltar apressadattmnte para o palácio e só a muito custo pôde salvar a própria pele, enquanto quatrocentos dos seus homens perdiam a vida e numerosos outros ficavam feridos.

O soberano chorava de ódio e de medo, enquanto abraçava indistintamente os vencedores à medida que se aproximavam dele. Jurou que Malatesta e os Salimbeni o haviam traído. O supremo titular dos *popolo*, o Presidente do Conselho, falando em nome do povo sienense, proibiu que lhe fôssem cedidos víveres, a ele ou ao seu exército. Carlos IV prometeu deixar a cidade, não sem antes pedir ajuda financeira para cobrir as despesas da viagem.

O representante dos Defensores, com desprezo evidente, lançou sobre a mesa um empréstimo de mil florins de ouro.

A partida de Siena do imperador do Santo Império Romano, da nação germânica, nada teve de gloriosa.

Carlos IV pertencia à casa real de Boémia. Embora eleito imperador, o seu coração permanecia preso ao seu pequeno torrão natal. Pouco lhe importava o império, e menos ainda os seus domínios italianos. O papel pouco heróico que desempenhara durante a sua estadia em Siena conciliava-se, aliás, com a sua política - que consistia, acima de tudo, zelar pela prosperidade do seu próprio país. Era um homem sensato a quem faltava o senso do heroísmo e que procurava sempre evitar as guerras e a efusão de sangue. Conseguiu até certo ponto fazer reinar a paz num recanto dessa Europa devastada pelas guerras, e esse facto depõe em seu favor.

Afastado o imperador, Siena tornou-se palco de uma completa anarquia. No ano seguinte estabelecia-se uma espécie de trégua; as famílias exiladas tiveram permissão para voltar, e o governo dos quinze reformadores conseguiu manter-se até 1385. Apesar, porém, desse governo relativamente estável, retomavam vulto as questões particulares entre adeptos dos Dodici e dos Noveschi, ou seja, entre famílias de orgulho exacerbado. Catarina Benincasa cada vez mais se convencera de que a sua tarefa principal era a de instaurar uma paz verdadeira entre os seus concidadãos. Devido à sua vida de orações e sacrifícios, a filha do tintureiro adquirira, aos poucos, um prestígio que lhe permitia derramar o bálsamo da misericórdia cristã sobre as paixões dos revoltados - das classes inferiores -, ora vencer o orgulho irreduzível e exasperado da nobreza altaneira, dos burgueses arrogantes e dos padres mais ou menos mundanos.

O espectáculo dessa efusão de sangue e dessa guerra fratricida foi poupado a Jacopo Benincasa. Morreu em agosto de 1368, alguns dias antes de estourar a revolta que iria derrubar o partido a que pertenciam os seus filhos. Das ruas estreitas em torno da sua casa não ouviu subir o fragor das armas, e o odor do sangue não lhe chegou às narinas. Catarina, ajoelhada junto ao seu leito, suplicava ao seu Esposo celestial que restituísse a saúde ao seu pai. Foi-lhe respondido, entretanto, que a peregrinação de Jacopo neste mundo estava terminada, e que não lhe seria conveniente viver mais.

Reflectindo sobre essas palavras do seu Salvador, nos meses que se seguiram a moça procurava determinar até que ponto o destino da sua cidade muito amada e os perigos que corriam os filhos teriam contribuído para despedaçar o coração terno e pacífico do velho tintureiro. Pelas conversas que tivera a sós com o pai, concluía achar-se o moribundo desligado de todas as preocupações mundanas, e feliz em trocar a vida terrena pela do Céu. Reconhecendo embora que o Senhor a cumulava dos Seus dons, ousou pedir-lhe mais alguma coisa por amor a esse pai que fora o seu melhor amigo neste mundo. Com todo o fervor de que era capaz, suplicou a Jesus recebesse no Céu a alma de Jacopo, no momento mesmo em que essa alma abandonasse o corpo, pura como sabia estar de qualquer falta grave. E a voz do Cristo se fez ouvir na alma de Catarina, declarando que, embora tendo levado Jacopo uma vida boa e pura, como poucos do seu estado ou da sua posição social, a sua alma devia, necessariamente, passar

pelo purgatório a fim de purificar-se da poeira dos pecados veniais. Catarina não queria ceder. "Meu Deus, não posso suportar a ideia de que as chamas cruéis queimem a alma do meu pai por um instante que seja. Ele velou por mim durante todos os dias da minha vida, e sempre foi a minha força e o meu consolo. Em Tua infinita misericórdia, suplico me faças sofrer em lugar dele, se acaso se tornou culpado da mais leve infracção às Tuas justas leis." Antes mesmo de Jacopo expirar, a sua filha sabia que o Senhor lhe concedera o favor que tão ardentemente suplicara.

Após tê-lo sustentado na sua agonia, quando se pôs de pé ante o cadáver do pai, sentiu uma dor aguda no lado. Essa dor nunca mais a abandonou, enquanto viveu, embora se tornasse, por vezes, menos intensa. Ela a aceitou prazerosamente, como penhor da felicidade eterna que o seu Esposo concedera ao velho Jacopo, a saber, a visão real de Deus. Ela mesma aspirava compartilhar dessa felicidade.

Após a morte de Jacopo, os negócios da tinturaria de Fontebranda cessaram de prosperar. O primogénito dos Benincasa era, na época, o chefe da família. Segundo algumas cartas de Catarina, escritas a seus irmãos quando estes fugiram de Siena para se estabelecerem em Florença, pode-se deduzir que o mais velho dos Benincasa não se entendia muito bem com a família; ademais, fizera um casamento infeliz. Não obstante, no decorrer do inverno 1368-1369 os herdeiros de Jacopo esperavam ainda poder manter o negócio familiar na própria Siena, embora devessem atravessar constantemente a zona perigosa.

De uma vez em que o seu partido era mais furiosamente atacado do que nunca, projetaram refugiar-se na sua igreja paroquial de Santo António, fazendo dela o seu refúgio. Não confiando na segurança do local, Catarina sugeriu levar os irmãos para o hospital della Scala. Revestida do seu véu branco e de sua mantilha negra, atravessou em companhia dos irmãos a cidade em revolta, sem que ninguém fizesse menção de atacá-los. Este simples facto revela a consideração que a santa moça já adquirira na sua cidade natal. Os refugiados de Santo António foram tirados à força da igreja e massacrados ou lançados nas prisões, ao passo que os Benincasa retornaram incólumes à sua casa, uma vez passado o perigo.

A morte de Jacopo, as atrocidades a que assistia ou ouvia contar à sua volta e a inquietação pela vida dos filhos constituíam carga demasiado pesada para Madonna Lapa. Já avançada em anos, debilitou-se rapidamente e, em breve, todos os de casa perceberam que não deixaria mais o leito onde se consumia lentamente.

Catarina, porém, não cessava de suplicar ao Senhor que lhe conservasse a vida da mãe. Finalmente, recebeu uma resposta do Céu. A salvação de Lapa estava muito mais garantida se morresse agora do que se continuasse a viver para suportar todas as desgraças que ameaçavam assaltá-la de futuro. A santa jovem empreendeu, portanto, de fazer compreender à mãe, usando de todo o carinho de que era capaz, o quanto seria preferível que ela aquiescesse ao chamado do Senhor e se inclinasse sem resistência diante da vontade de Deus. Mas Lapa estava demasiado ligada a este mundo para se dispôr a deixá-lo; continuava a recear terrivelmente a morte, e suplicou à filha que intercedesse junto a Deus para que a deixasse viver. "Não me fales em morrer" - suplicava.

Se bem que sofrendo tremendamente com isso, Catarina viu-se forçada a reconhecer que a sua mãe não se encontrava de forma alguma preparada para morrer. De todo o seu coração atormentado suplicou ao Senhor que não separasse aquela alma do corpo antes que ela houvesse aceite a Sua santa vontade. O estado de Lapa piorava dia a dia, mas continuava viva. Era como se a moça se houvesse postado diante da mãe para defendê-la. Todavia, embora o Senhor parecesse haver atendido às súplicas da jovem, de nada valia a insistência desta junto à mãe no sentido de deixar de agarrar-se tão desesperadamente a este mundo e confiar mais na sabedoria divina.

Por fim, Cristo falou a Catarina: "Diz a tua mãe, que hoje não quer abandonar o seu corpo, que dia virá em que se empenhará pela permissão de expirar, sem poder consegui-lo."

Tudo continuou como dantes. Finalmente, um dia ela morreu - ou pelo menos assim o acreditaram todos quantos lhe rodeavam o leito. Recusara confessar-se e receber os últimos sacramentos. Estirada sobre o corpo, Catarina rezava e chorava:

"Meu Senhor Bem-Amado, é assim que Tu manténs a promessa que me fizeste um dia? Tu me asseguraste que membro algum desta casa sofreria a morte eterna. E também me prometeste não chamar minha mãe deste mundo antes de estar em condições de deixá-lo numa santa disposição de espírito... e aqui a vejo morta sobre este leito sem arrependimento, sem sacramentos. Meu Senhor Bem-Amado, eis-me aqui a implorar a Tua incomensurável misericórdia; não me abandones. Ficarei prostrada a Teus pés até morrer eu mesma, se não me restituíres a minha mãe."

As mulheres reunidas em torno do leito mortuário viram, então, com muda estupefação, a vida voltar ao corpo inanimado. Lapa respirou levemente e fez um ligeiro movimento. Dias mais tarde entrava em convalescença para logo recuperar totalmente a saúde.

Raimundo cita nominalmente as mulheres que testemunharam o milagre. Eram elas: duas mantelatas, Catarina Gheli e Andrea Vanni, além de Lisa, nora de Lapa. Refere, ainda, que Lapa sobreviveu até à idade de 89 anos. Assistiu ela ao ocaso da era de prosperidade e de felicidade da família, tendo visto morrer a maioria dos seus filhos e filhas e muitos netos. Residia então num pequeno alojamento próximo à Porta Romana, muito afastado do lugar onde passara a sua vida de dona de casa activa e robusta. Queixava-se às vezes de que Deus lhe colocara a alma atravessada no corpo, de forma que dele não pudesse sair.

CAPÍTULO 8

Em 1369 e 1370, enquanto a sua cidade natal parecia um verdadeiro caldeirão de bruxa borbulhante de ódio e o ambiente familiar era tenso devido à incerteza quanto ao futuro dos irmãos -, Catarina realizava por seu lado experiências pessoais sob todos os aspectos excepcionais. Exteriormente, a sua vida se limitava às idas e vindas entre a sua casa e a igreja e o hospital. Entretanto, como a sua fama, tendo ultrapassado os limites de Siena, se estendesse agora às cidade vizinhas, viu-se subitamente privada do isolamento que lhe era tão caro. A sua família espiritual queria seguir a *mamma* querida para onde quer que esta se dirigisse. Pessoas que desejavam falar-lhe entravam à força no seu pequeno quarto. Os mendigos e os aflitos acompanhavam-lhe os passos na rua. E os espíritos críticos, os inimigos e os mexeriqueiros não perdiam tempo em repetir a seu modo tudo quanto se espalhava de extraordinário acerca de Catarina de Madonna Lapa - como a designavam agora habitualmente depois que perdera o pai.

A jovem irmã da penitência era infatigável no seu afã de servir a todos quantos vinham expor-lhe desgostos e problemas. Mantinha sempre um humor igual, era alegre e paciente, e recebia inclusive aqueles que a procuravam apenas para tentar pegá-la em flagrante delito de heresia ou para confundi-la como simuladora. Alguns monges chegavam mesmo a repreendê-la e admoestá-la, porém num espírito bem diverso do espírito de amor cristão. Entretanto, Catarina não deixava de agradecer-lhes com seriedade pela solicitude que demonstravam pelo bem da sua alma. Jovens estroinas, de quem toda a cidade conhecia as proezas e a vida devassa, forçavam o isolamento da reclusa para deixar extravasar o desprezo e o ódio que ela lhes inspirava, pelo facto de haver levado um ou outro companheiro a abandonar o bando para procurarem secretamente alguma igreja obscura, onde se deixavam cair de joelhos no tribunal da penitência ou diante do crucifixo.

A frágil moça, vestida do seu hábito de grossa lã preta e branca, ia-lhes ao encontro, amável e intrépida. Nada tinha o poder de atemorizá-la; e, não raro, esses homens, ao deixá-la, iam procurar um confessor ou suplicavam-

lhe os acolhesse também como filhos e sustivesse os seus passos hesitantes no novo caminho que iam trilhar.

Nunca, entretanto, encontrava o isolamento necessário para que a sua alma pudesse elevar-se livremente até o Semblante que era a causa de todo o seu poder sobre os seus semelhantes, até à Fonte da sua alegria e da sua inexcedível paciência. Nunca estava suficientemente isolada para exprimir o amor ardente que a unia ao criador da vida e a tudo quanto ela amava através d'Ele, desde as flores que gostava de arranjar em ramos ou de armar em forma de cruz, até às criaturas pelas quais estava pronta a oferecer a vida, se isso lhes assegurasse a salvação. Só quando era arrebatada em êxtase, com o corpo enrijecido, aparentemente morto para o mundo exterior, é que voltava a experimentar o prazer do isolamento perfeito.

A frequência e a duração desses transportes estavam de acordo com as leis do mundo espiritual, as quais também justificavam que Catarina fôsse autorizada a penetrar cada dia mais profundamente nos mistérios da fé.

Catarina contava então vinte e poucos anos, e a sua resistência física natural, acrescida dos dons da graça, permitia-lhe arcar com os mais variados encargos - tarefas caseiras, serões, cuidados aos doentes, viagens a pé ou em dorso de mula pelas mal conservadas estradas da Idade Média italiana - que poucas das nossas contemporâneas suportariam.

Até às últimas semanas da sua vida, o corpo exausto obedecia, animado de uma determinação sobrenatural, de cada vez que uma inspiração lhe ordenava abandonar o leito de enferma e executar a missão do divino Mestre.

Por volta de 1370, chegara a ponto de não ingerir qualquer espécie de alimento sólido. Por intervalos cada vez mais longos, o seu único sustento era o corpo do Senhor na Eucaristia. "Sinto-me saciada pela santa comunhão, - dizia ela - não tenho necessidade de outro alimento." Fra Tommaso della Fonte, então ainda seu confessor, preocupava-se com isso. Duvidava que uma abstinência a esse ponto total, antinatural, fosse realmente conforme à vontade de Deus; parecia-lhe, antes, uma tentação demoníaca. Ordenou, pois, a Catarina que ingerisse diariamente algum alimento. Em pouco, porém, viu-se forçado a ceder, ante o sofrimento

visível com que a sua penitente lhe cumpria a determinação. "Faz o que te ordena o Espírito Santo" - suspirou. Aliás, privando com Catarina desde a mais tenra infância, Fra Tommaso conhecia o seu dom de discernir sobre a conveniência ou não dos conselhos que ele lhe dava. Catarina era um instrumento de eleição designado pelo Senhor em vista de um objectivo preciso. Para certificar-se disso, bastava a Tommaso percorrer as anotações que durante todos esses anos registara e verificar os progressos realizados dia a dia pela sua penitente.

Nem todos porém tiveram tão facilmente dissipadas as suas dúvidas sobre a santidade de Catarina. Quando a crónica escandalosa de Siena divulgou a notícia da sua recusa absoluta a toda a espécie de alimento, alguns altos dignitários da Igreja e um certo número de monges não podiam compreender a necessidade desse jejum. Acaso pretenderia ela ser mais perfeita que Nosso Senhor? Pois Ele comera e bebera, e participara mesmo de banquetes, em companhias nem sempre respeitáveis.

Muitos dos santos canonizados pela Santa Igreja não nos têm posto em guarda contra as excentricidades? E essa excentricidade de Catarina, a que mais atribuir senão à vaidade pura e simples? Alguns insinuaram que a moça jejuava talvez ostensivamente, para comer à vontade às escondidas. No intuito de evitar ser objecto de escândalo, Catarina decidiu esforçar-se por ingerir algum alimento. Entretanto, o menor bocado que tentava engolir causava-lhe terríveis padecimentos; o seu estômago não suportava nada do que procurava ingerir. Convenceu-se, então, de que tal provação lhe era imposta como punição pelos seus pecados - principalmente pelo pecado da gula, pois na infância fora excessivamente gulosa por frutas.

Numerosos foram os que se escandalizaram por vê-la comungar com tanta frequência. Não era hábito fazê-lo, na época; a maioria acreditava ver diminuir o recolhimento e o mistério devidos ao grande mistério do sacrament.o do altar na alma que dele se aproximava com demasiada assiduidade. Os mais piedosos dentre os monges raramente comungavam mais de uma ou duas vezes por semana; não era de uso celebrar-se a missa diariamcne. Dentre as irmãs da penitência e os dominicanos, muitos se esforçavam por dissuadir Catarina de comungar com tanta frequência, em parte por não acreditarem ser legítima aquela necessidade da hóstia e, em

parte, também por suspeitarem da sensação produzida pelo êxtase que se seguia à comunhão.

Com efeito, os curiosos acercavam-se da jovem quando nesse estado de arrebatamento; os inimigos da religião zombavam dela, as almas piedosas e simples sentiam-se perturbadas.

À delicada sensibilidade de Catarina não terá passado despercebida a pouca simpatia que lhe demonstravam os seus irmãos e irmãs de religião. Seja como fôr, sempre se recusou a considerá-los senão como amigos devotados e a ver na sua atitude outra coisa que não a preocupação da salvação da sua alma.

A 19 de julho, véspera da festa de Santo Aleixo, Catarina preparava-se para receber na manhã seguinte a santa comunhão, sob a condição de obter para tanto a permissão do monge a celebrar missa e das irmãs da penitência. Orava para obter o perdão dos seus pecados quando uma voz interior incutiu-lhe a certeza de que receberia no dia seguinte o corpo do Senhor; e enquanto mais insistentemente ainda implorava a graça de O merecer, sentiu que uma chuva de sangue e fogo lhe jorrava na alma, enchendo-a de amor e de devoção sobrenaturais. Pareceu-lhe ter sido purificada até ao mais íntimo de seu ser. Ao amanhecer, contudo, mostrava-se tão debilitada que ninguém a julgou capaz de caminhar. Ela, entretanto, acreditava firmemente na promessa que lhe fizera na véspera o Salvador. E para surpresa de todos que a cercavam, levantou-se e dirigiu-se à igreja.

Haviam-na proibido de receber a comunhão de outras mãos senão a do seu confessor. Ora, ao chegar à Capela della Volta, nada indicava que iria ser celebrada missa naquela manhã, nem tampouco avistou Fra Tommaso. Este confessou mais tarde que não se sentira disposto a officiar naquele dia e não cogitara a vinda de Catarina, que sabia doente e acamada. Subitamente sentiu que Cristo lhe tocava o coração, e foi tomado de um desejo intenso de celebrar. Ao administrar a hóstia a Catarina, percebeu que esta tinha o rosto afogueado, e que minúsculas gotas de suor - que também podiam ser lágrimas - porejavam-lhe da fronte e das faces. O fervor intenso de Catarina inundava de luz a alma do celebrante. Após a comunhão, Catarina permaneceu por longo tempo arrebatada em êxtase e, mesmo depois que

recobrou pleno conhecimento do que a cercava, ficou o resto do dia sem poder pronunciar qualquer palavra.

Quando, posteriormente, Fra Tommaso tentou falar-lhe sobre o que experimentara naquela ocasião, Catarina declarou-se incapaz de explicá-lo. Ignorava se estivera pálida ou corada. As palavras humanas eram pobres para descrever o que vira ou experimentara, e seria blasfêmia tentar fazê-lo. Mencionou apenas uma sensação de tão maravilhosa suavidade que, comparadas a ela, todas as coisas terrenas tornavam-se lodo e fel, e isso não apenas para o que se podia perceber pelos sentidos senão inclusive para esses mesmos confortos espirituais que não cessava de implorar. "Rezei para que todos esses lenitivos me fossem recusados, - disse ela se, em troca, me coubesse o dom de não desejar senão o Senhor e O possuir integralmente. Eis porque supliquei ao Mestre que me retirasse a vontade própria, e me concedesse a Sua. E Ele me fez a graça de responder: 'Minha querida filha, vou te dar a Minha vontade; ela te fortalecerá a ponto de que nada do que te acontecer possa perturbar-te ou alterar as disposições do teu coração!'"

Este é o relato de Fra Tommaso, que Fra Raimundo corrobora, acrescentando que, desse dia em diante, Catarina mostrou-se sempre alegre e bem humorada em qualquer circunstância.

Naquele mesmo dia, como meditasse sobre as palavras do profeta: "*Cor mundum crea in me, Domine*", Catarina suplicou a Deus que lhe arrancasse o próprio coração, onde se enraizava a sua vontade pecadora. Teve então uma visão; o seu Esposo celeste aproximava-Se, abria-lhe o lado esquerdo do peito, de onde lhe retirava o coração, que sustinha entre as mãos. Tão forte foi a impressão causada, que Catarina confessou posteriormente a Fra Tommaso não ter mais no peito o coração. O monge não pôde deixar de rir-se. "Ora, Catarina, bem sabes que é impossível viver sem coração." "Mas a moça não se convenciu." "Seria preciso que eu duvidasse do testemunho dos meus próprios sentidos para acreditar ter ainda um coração. Nada é impossível a Deus"

Dois dias mais tarde, tendo assistido à missa na Capela della Volta, Catarina deixou-se ficar rezando, depois que os demais fiéis haviam deixado a igreja. Subitamente Cristo apareceu-lhe. Trazia nas mãos um

coração humano, de beleza invulgar, de côr rubra e cintilante de luz. Ante o fulgor da aparição, Catarina prostrou-se ao solo. Mais uma vez o Senhor abriu-lhe o lado esquerdo e colocou-lhe no peito o coração incandescente: "Minha querida filha, - disse-lhe - anteontem tomei-te o coração, hoje entrego-te o Meu, pelo qual terás a vida eterna."

As amigas mais íntimas de Catarina asseguraram ao seu biógrafo terem verificado com os seus próprios olhos a cicatriz sob o seio esquerdo, onde se processara a troca milagrosa. De então em diante, Catarina não dizia mais nas suas orações: "Senhor, dou-Te o meu coração", e sim: "Senhor, eis o Teu coração."

Frequentemente, ao receber a hóstia, esse coração pulsava de júbilo de modo tão violento que os demais assistentes podiam ouvi-lo e admiravam-se.

Antes de comungar, Catarina via, eventualmente, a hóstia transformar-se enquanto era feita a consagração. Uma criança de intraduzível beleza descia do céu, amparada por anjos, que a entregavam às mãos do sacerdote. Acontecia-lhe também divisar bruscamente uma silhueta luminosa de homem, ou ainda uma labareda descendo do céu.

Ao que tudo indica, tais visões se apresentavam antes de ser arrebatada em êxtase, no momento em que oscilava entre o conhecimento e a perda dos sentidos.

Tendo recebido o corpo do Senhor, era habitualmente arrebatada até aquelas esferas onde nada do que era exterior vinha perturbar a sua comunhão com o Bem-Amado. Ficava de joelhos, imóvel como estátua, porém ouviam-na às vezes murmurar docemente: "*Vidi arcana Dei.*"

O próprio Raimundo refere tê-la ouvido pronunciar estas palavras, escusando-se, porém, de qualquer comentário a respeito, após a retomada de consciência. Embora costumasse entreter-se com Raimundo sobre as suas experiências místicas, mesmo quando não solicitada por ele, sentia ser impossível fazê-lo daquela vez.

Naquele mesmo verão decisivo de 1370, sucedeu que o sacerdote, aproximando-se de Catarina para ministrar-lhe a comunhão, e tendo proferido as palavras sacramentais: "Senhor, eu não sou digno de que entres em minha pobre morada", ouviu nitidamente uma voz que lhe respondia: "Eu porém sou digno de penetrar em ti." E, enquanto absorvia a hóstia, pareceu a Catarina que a sua alma penetrava em Deus e Este na sua alma, como o peixe a identificar-se com a água em que mergulha.

Tão intensa foi em Catarina essa sensação de identificação com o Criador, que apenas de volta à sua cela deixou-se cair sobre o catre, onde permaneceu longo tempo sem ter força para mover-se. Os que a cercavam viam que o seu corpo se levantava e pairava por momentos no ar, sem que nada a sustentasse. Encontrando-se novamente sobre a enxerga, ouviram-na murmurar palavras suaves e cheias de ternura dirigidas a Deus. Ao cabo de alguns instantes, pôs-se a rezar por algumas pessoas, e especialmente pelo seu confessor.

Segundo confiou mais tarde a Raimundo, Fra Tommaso tinha a intuição perfeita dos momentos em que Catarina rezava por ele. Acontecera-lhe frequentemente sentir inundada de alegria e amor a alma que momentos antes fora árida e ressecada, vindo a saber mais tarde que, naquele instante preciso, Catarina orava por ele.

Naquele verão, enquanto assim se dedicava a rezar pelos demais, Catarina recebeu pela primeira vez os estigmas do Senhor. Tendo suplicado a Cristo que lhe concedesse a vida eterna para Fra Tommaso e todos os seus outros amigos, obtivera d'Ele a promessa de ser atendida. Não por se sentir presa de dúvida, mas no intuito de poder recordar sempre ter recebido do Senhor essa graça, Catarina pediu-Lhe um penhor da Sua promessa de salvação para aqueles que ela amava. Repliou-lhe Cristo: "Dá-me tua mão." E dirigindo para ela a ponta de um prego luminoso, transpassou-a de lado a lado. Não ficaram marcas sensíveis, mas Catarina nunca mais deixou de sentir na mão direita a dor aguda produzida pelo corte.

Do verão de 1370, não se passou um dia sem que todo o ser de Catarina parecesse inundado de amor e do desejo de servir o Senhor, decorrente de visões e revelações extraordinárias. Quanto mais se lhe extenuava o corpo pela intensidade das experiências espirituais, mais a alma reagia.

A certeza que experimentava da presença constante de Cristo na sua Igreja assumiu o aspecto de visão quase ininterrupta. Contemplava esse Cristo e ouvia-Lhe a voz no coração. Via o Seu amor pelos homens jorrar em tumulto como o sangue da chaga do Seu lado. Via luzir como uma chama o Seu desejo de salvar as almas das criaturas e admirava o brilho de Seu esplendor celeste. Às vezes mostrava-se só, de outras acompanhado da Sua Santa Mãe ou de alguns santos.

Maria Madalena e São Domingos apareceram por sua vez a Catarina. "O rosto de São Domingos é exactamente semelhante ao de Nosso Senhor - disse ela. Tem o cabelo e a barba louros." Enquanto assim o descrevia a Fra Bartolommeo de Dominici, um dos monges saiu da igreja. Catarina voltou-se para olhá-lo. Imediatamente a visão desvaneceu-se e a jovem pôs-se a chorar amargamente, censurando-se por se ter deixado distrair daquela graça que Deus Se dignara conceder-lhe.

Contudo, esses sucessivos arrebatamentos não deixaram de esgotá-la, e ela acabou por sentir-se completamente desprovida de forças. Chegada a festividade da Assunção, em que a missa era celebrada com particular solenidade, desde que a cidade escolhera a Virgem como padroeira, Catarina sentiu-se incapaz de mover-se. Milagrosamente, porém, ouviu da sua cela cantar a missa e assistiu a uma aparição de Nossa Senhora.

Durante dias a fio o seu estado de fraqueza extrema impedia-lhe executar o menor movimento. Passava a maior parte do tempo em êxtase, e as suas amigas, atentas ao murmúrio dos seus lábios, referiram posteriormente que parecia então transportada de felicidade; sorria docemente e segredava palavras amorosas ao Esposo. Falava-lhe do seu desejo nostálgico de ser chamada a reunir-se a Ele na pátria celestial, onde O teria para todo o sempre, sem que nenhuma separação a obrigasse a retornar a este mundo.

Como se sentia cansada deste corpo que a aprisionava longe de tudo a quanto aspirava alcançar! Porém, quando o Senhor lhe recomendou que não fosse egoísta, visto Ele ter ainda uma missão a confiar-lhe neste mundo e entre os seus semelhantes, ela submeteu-se humildemente. Suplicou-Lhe, apenas, lhe concedesse o dom de experimentar, por levemente que fosse, e na medida em que pudesse suportá-las, as torturas físicas que Ele suportara

neste mundo pela salvação dos homens. Então, sabia-o, ela aceitaria de mais bom grado sofrer e ser posta à prova por amor à humanidade. A sua oração foi atendida e, tendo sentido toda a pungência do sofrimento de Jesus e a profundidade infinita desse amor que aceitara semelhantes torturas em sua infinita caridade, sentiu que o seu próprio coração se partia e que a vida a abandonava.

Convictos de haver chegado o momento da sua morte, os seus amigos mandaram chamar Fra Bartolommeo de Domicini. Este, acompanhado de outro dominicano, Fra Giovanni, teve de romper à força a multidão que se acotovelava em torno da mansão dos Benincasa, pois o povo acorrera em massa, apenas se espalhara na cidade o rumor da morte iminente da jovem santa. Os amigos mais próximos - Fra Tommaso della Fonte, Fra Tommaso Caffarini, Madonna Alessia, Madonna Lisa e muitos outros mais -, ajoelhados em torno do leito, choravam e se lamentavam. Através de gemidos lancinantes e gritos agudos, os italianos costumam chorar a perda de um ente querido. Tão forte foi a impressão causada pela cena sobre o jovem Fra Giovanni, atingido de tuberculose, que ele sofreu violenta hemoptise. Tommaso della Fonte, animado de confiança em Deus e na Sua santa esposa, tomou a mão de Catarina e pousou-a sobre o peito do monge enfermo. A hemoptise cessou bruscamente. Um instante após, Catarina abria os olhos e mirava em torno de si, com expressão profundamente decepcionada; em seguida voltando-se para a parede, pôs-se a chorar.

Durante muitos dias não pôde fazer outra coisa. Acabou, todavia, por revelar a Tommaso della Fonte alguns pormenores daquilo que experimentara enquanto a tomavam por morta. Convencera-se de que a sua alma fora arrebatada à sua prisão de carne e osso. Pudera entrever os padecimentos e adivinhar a torturante nostalgia das almas do purgatório, que sabem chegarão um dia a possuir integralmente a visão divina, mas que os seus próprios actos e pensamentos mantêm afastados ainda de tal bem-aventurança. Testemunhara o tormento das almas perdidas no inferno, e durante um breve momento fora-lhe concedido gozar a felicidade dos eleitos, no Céu. Jesus acolhera-a à porta do paraíso e concitara-a a voltar à Terra e relatar o que vira. É entretanto impossível à voz humana referir tais coisas com exactidão, declarou ela. Não temos palavras capazes de descrever os grandes mistérios. Restava-lhe apenas proclamar perante o

mundo a imensidão do amor de Deus para com ela e com todas as almas, descrever as medonhas torturas do inferno e evocar as chamas do purgatório que consomem as almas arrependidas, desejosas de se unirem ao Senhor - única meta digna da sua ambição.

Muitos anos mais tarde, Catarina declarava a Raimundo prezar altamente os seus sofrimentos, pois estes tinham por finalidade uni-la mais intimamente a Cristo.

Concluindo, assim lhe falara Jesus: "São numerosos aqueles cuja salvação depende de ti. Não continuarás levando a vida que até hoje tiveste. Pela salvação das almas, serás mesmo obrigada a abandonar a tua cidade natal, mas Eu nunca te abandonarei. Levar-te-ei para longe daqui e para aqui te trarei de volta. Proclamarás o Meu nome diante de ricos e pobres, diante de leigos e clérigos, e da tua boca sairão palavras de sabedoria às quais ninguém poderá resistir. Enviar-te-ei junto aos papas, aos chefes de Minha Igreja e a todo o povo cristão, pois apraz·Me confundir o orgulho dos poderosos por meio de instrumentos aparentemente frágeis."

Indubitavelmente, Catarina possuía razões para propor ao seu confessor a pergunta que constantemente lhe vinha aos lábios: "Meu pai, não vê quanto mudei? Não vê que a sua Catarina já não é a mesma de antigamente?"

Num dia de agosto do ano de 1370, três irmãos de Catarina, Benincasa, Bartolommeo e Stefano, deixavam Siena para se estabelecerem em Florença. Ali receberam o título de cidadãos e passaram a exercer o ofício tradicional da família: a tinturaria. Aparentemente, porém, o êxito não lhes sorriu. Alguns anos mais tarde Catarina solicitaria do seu amigo florentino Niccolo Soderini um empréstimo destinado a auxiliá-los nas suas dívidas sempre crescentes. Viu-se obrigada a escrever a Benincasa no sentido de que não mais pedisse ajuda à sua velha mãe. "Ela deu-te a carne da sua carne, alimentou-te com o seu leite e suportou grandes padecimentos por ti e por todos nós." Foi certamente com grande pesar que Catarina viu partir para Florença, com os filhos, Lisa, mulher de Bartolommeo, único membro da família a quem se sentia realmente ligada depois da morte do pai.

Os que ficaram em Siena - um irmão, pelo menos, e provavelmente muitos cunhados - tentaram continuar o negócio no mesmo antigo local, mas ao que parece não tiveram mais sorte que os demais.

Em breve tiveram os Benincasa de abandonar o velho casarão da Via dei Tintori. A partir de então, Catarina parece ter morado com diversas amigas, até à data que fora fixada pelo Esposo durante a sua morte mística. Foi enviada para lugares remotos.

É fora de dúvida que o seu conhecimento com o franciscano Fra Lazzarini data da época em que habitava ainda com o pai em Fontebranda. Este irmão era leitor em teologia no mosteiro da sua ordem, em Siena. Tinha grande popularidade como pregador. É possível que o velho antagonismo existente entre as duas ordens pregadoras tenha exercido alguma influência sobre os eventos posteriores. Seja como fôr, o facto é que Fra Lazzarini nutria certa inveja profissional em relação a Fra Bartolommeo de Dorninici, este leitor no convento dos dominicanos.

Fra Lazzarini mostrava-se furioso pela agitação provocada em torno da jovem Benincasa, que se pretendia apresentar como santa. Nas suas pregações esbravejava contra ela e contra o círculo de amigos que a rodeavam, a quem a cidade apelidara de *caterinati*. Desta vez, Fra Lazzarini preparava-se para desferir novo e mais violento ataque contra a simuladora. Decidiu ir vê-la, a fim de surpreender em flagrante delito essa jovem ignorante, fosse ela hipócrita ou heresiarca.

Teve a audácia de pedir a Fra Bartolommeo que lhe conseguisse uma entrevista com Catarina. O bondoso dominicano, excessivamente confiante, acreditou que o franciscano começava a se dar conta do prejuízo que vinha causando à santa. Foi, pois, com alegria que se prontificou a acompanhá-lo à Via dei Tintori. A tarde declinava; Catarina convidou delicadamente os dois monges a acomodarem-se. O estranho sentou-se sobre o cofre, Bartolommeo à borda do leito, enquanto Catarina se colocava aos pés de seu novo visitante.

Este começou por desfiar um rosário de louvores à moça. "Tantas coisas tenho ouvido, a respeito da tua santidade! Dizem que o Senhor te inspirou

uma profunda compreensão das Santas Escrituras, e aqui estou para solicitar da tua boca algumas palavras de edificação e de estímulo."

Ninguém era menos acessível que Catarina à adulação. Denotando bom senso e modéstia, respondeu ao convite de Fra Lazzarini solicitando a este, pelo contrário, de falar ele próprio, com isso fortalecendo e instruindo a sua pobre alma. Durante alguns momentos entregaram-se a esse duelo de cortesias. O franciscano nada descobria de suspeito na penitente, e evidentemente nem de leve suspeitava de que a humilde rapariga lhe houvesse adivinhado as intenções.

Quando os sinos de Siena deram o sinal do *Angelus*, os dois monges esmoleiros despediram-se da jovem. Esta acompanhou-os até a porta, onde se ajoelhou e pediu a Fra Lazzarini que a abençoasse. "Reza por mim, por piedade." O frade, do alto de sua tranquilidade displicente, esboçou com a mão um vago sinal da cruz sobre a mulher ajoelhada, e proferiu com expressão ausente: "Reza também por mim, irmã."

Fra Lazzarini dormiu mal naquela noite, e ao levantar-se, pela manhã, para preparar o seu curso, sentiu-se estranhamente mal disposto e triste. Essa depressão não cessou de acentuar-se, até que, bruscamente, rompeu em prantos. Como detestasse qualquer sentimentalismo, sentiu-se envergonhado das suas lágrimas, que, entretanto, não conseguia deter. Teve de suspender o curso e manter-se encarcerado na sua cela. Como as lágrimas não deixassem de correr abundantemente, procurou descobrir a razão dessa estranha aflição. Quem sabe aquele acesso denunciava o começo de alguma indisposição séria, devido a um excesso de comida ou de bebida? Ou seria por se ter esquecido de cobrir a calva com o capucho, na véspera, ao deitar-se? Seriam porventura essas lágrimas presságio de más notícias de Pisa, sua cidade natal? Tinha ali mãe e irmãos, os quais podiam ter morrido ou estar correndo perigo mortal. Para terminar, perguntou-se se não teria, sem o saber, ofendido a Deus de uma maneira ou de outra.

Durante todo o dia não saiu da cela. À tardinha veio-lhe bruscamente ao espírito uma lembrança. Reviu o quarto miserável de Catarina e a moça humildemente sentada no chão, a seus pés. Recordou a bênção distraída que lhe lançara do alto, com frieza, e o tom indiferente com que murmurara: "Reza também por mim, irmã."

Catarina certamente o fizera.

Correu os olhos em torno. A sua cela consistia, na realidade, em duas celas conjugadas, de forma a proporcionar-lhe um confortável gabinete de trabalho. Estava provida de um leito macio, estante para os livros e cómodas poltronas. Não tendo incorrido em qualquer culpa, escondida ou pública, tinha-se na conta de monge bom e honesto. Seguiria com os lábios o seu Salvador e Mestre, enquanto Catarina vivia aquilo que ele pregava. Ela possuía o amor - um amor ardente por Deus, e por todas as criaturas de Deus. Sofria pelos pecados dos homens, pelos de Fra Lazzarini como pelos dos demais, era pobre como o fora São Francisco, o "pai" de Fra Lazzarini, era casta, franca, sincera - era uma santa. Fra Lazzarini via-a, enfim, como ela realmente era.

Naquele mesmo instante, a tormenta aplacou-se em sua alma. Acabara de descobrir o seu próprio eu à luz daquela verdade, e agora podia olhar para dentro de si sem chorar. Aos primeiros alvares da madrugada precipitou-se para a casa da Via dei Tintori. Catarina veio abrir-lhe, e quando o viu prostrar-se de joelhos à sua frente, ajoelhou-se por seu turno. Entraram juntos na cela, juntos sentaram-se no chão para falarem do Mestre comum. O monge confessou que até então contentara-se com as exterioridades da fé, ao passo que ela lhe possuía o cerne. Enquanto Catarina lhe falava com brandura e suavidade, como se fora a um filho, a paz descia sobre a alma de Fra Lazzarini. Catarina recordou-lhe os compromissos assumidos na juventude, dos quais eram testemunhos o hábito grosseiro, a corda que fazia as vezes de cinto e os pés descalços. "Segue teu pai São Francisco; o seu caminho é o caminho da tua salvação" - acrescentou.

De volta à sua casa, Fra Lazzarini distribuiu tudo quanto tinha de supérfluo entre os pobres. Vendeu os livros, presenteou os móveis, não conservando senão a roupa indispensável e alguns volumes que lhe eram realmente necessários. Está claro que tal atitude valeu-lhe críticas e risos. Entretanto, agora não se cansava de louvar a modesta moça que dois dias antes desprezara tão cordialmente. Deixou de se incomodar com o que diziam dele. Um pouco mais tarde retirava-se para um eremitério nos arredores de Siena, de onde saía de raro em raro, para pregar, sendo que os

seus sermões sobrepujavam os de outrora. Fra Lazzarini jamais renegou a sua fiel amizade por Catarina.

CAPÍTULO 9

Desde que renunciara à vida de reclusa, Catarina estivera constantemente ocupada em obras "físicas" de misericórdia. Entretanto, a partir do dia em que a sua alma abandonou o corpo para empreender a sua viagem mística ao inferno, ao purgatório e ao paraíso, compreendeu que ia ser chamada acima de tudo a uma actividade espiritual de misericórdia. Se Cristo a escolhera para instruí-la e conceder-lhe tal confiança juntamente com os dons excepcionais da Sua graça, era evidentemente para torná-la um instrumento de que Se serviria na Sua luta pela salvação das almas.

Ao que tudo indica, foi a de Andrea de Bellanti a primeira das conversões milagrosas obtidas através da sua intercessão, e o eco ultrapassou de muito os limites de Siena. Andrea de Bellanti era um jovem de origem nobre, imensamente rico e acima de tudo um refinado libertino. Tão escandalosa era a sua vida que toda a cidade lhe comentava os hábitos dissolutos, por mais habituados que fossem os burgueses de Siena à depravação dos jovens senhores da época.

Andrea de Bellanti entregava-se à bebida, ao jogo, à violência e blasfemava contra Deus. Nunca queria ouvir falar em religião, e desde a adolescência nfastara-se completamente da Igreja. Em dezembro de 1870, viu-se subitamente acometido de grave enfermidade. Porém, quando o pároco se apresentou para visitá-lo - como era de seu dever fazê-lo -, Andrea o expulsou do quarto com uma tempestade de injúrias e imprecações. A sua família mandou chamar Tommaso della Fonte, o qual não teve melhor resultado junto ao doente. Andrea declarou aos seus ter a intenção de morrer exactamente da maneira como vivera. Fra Tommaso recorreu então a Catarina, para pedir-lhe rezasse por aquela alma prestes a expirar em estado de pecado mortal.

À chegada do monge, Catarina encontrava-se mergulhada em êxtase; e as mulheres que a cercavam referiram a Fra Tommaso que desde a manhã ela assim se encontrava. Vira o céu abrir-se e as legiões celestes, que se preparavam para celebrar a festa de Santa Lúcia, que ocorreria no dia

imediatamente. Fra Tommaso pediu às mulheres que transmitissem o seu recado a Catarina, assim que esta recobrasse os sentidos.

Muito cedo, na manhã seguinte, Fra Tommaso foi informado de que Andrea Bellanti morrera arrependido das suas culpas e assistido pelos sacramentos da Igreja. Soube-se mais tarde que redigira um testamento dispondo da sua fortuna como convinha a um bom cristão. Aos que o acompanharam nos momentos finais, Andrea disse ver a Jesus Cristo de pé num dos cantos do quarto, tendo a seu lado aquela mantelata de nome Catarina. Cristo apresentava a fisionomia de um juiz severo, e declarou que, ante a hediondez das culpas de Andrea, restava apenas deixar a justiça seguir o seu curso. Entretanto a moça intercedeu pelo pecador, oferecendo-se para ser condenada ela própria se Cristo consentisse em salvar a alma do moribundo. O coração empedernido de Andrea foi então transpassado de dor, e, mandando chamar um padre, reconciliou-se com o seu Criador.

Catarina ratificou perante Fra Tommaso o relato desses acontecimentos. Enquanto, de joelhos na sua cela, orava incessantemente por Bellanti, sentiu-se transportada, em espírito, em companhia de Cristo, até ao quarto do doente, onde se oferecera para sofrer pela eternidade pelos pecados de Andrea, se Deus tivesse compaixão da sua alma. A princípio, Fra Tommaso pouco crédito deu a essa história. Contudo, rendeu-se à evidência quando Catarina lhe descreveu com fidelidade o rapaz - que nunca chegara a ver -, bem como a câmara mortuária onde jamais penetrara, e que ele tão bem conhecia após tantas visitas malogradas.

Mais tarde escrevia ela a Raimundo de Capua: "Ninguém pode duvidar que eu ame realmente as almas, tendo-as resgatado, como fiz, ao preço do meu próprio afastamento do meu Senhor."

A essa vigília de Santa Lúcia seguiu-se uma fase de jejum absoluto. Durante meses a fio Catarina viu-se impossibilitada de absorver a menor partícula de alimento. Só da hóstia se alimentava, e parecia completamente arrebatada deste mundo. As visões se sucediam, não retomava contacto com o mundo senão quando o Senhor lhe confiava alguma missão a cumprir. As suas forças físicas abandonavam; não raro mostrava-se a tal ponto debilitada que os amigos receavam pela sua vida. Ela, porém, sabia não ser

chegada a sua hora. O Senhor lhe concederia as forças necessárias para cumprir o que exigia dela.

Ao iniciar-se o ano de 1371, viveu muitos meses com a sua amiga Alessia Saracini. Esta era viúva e morava em companhia do sogro, Francesco Saracini, o qual, com oitenta e cinco anos de idade, era pecador renitente e anticlerical fanático. Confessara-se uma única vez na vida, durante uma enfermidade grave, porém na ocasião ria-se do que considerava um momento de fraqueza, e jurava não recomeçar. De certo pároco de Siena, que considerava seu inimigo, dizia constantemente: "Se algum dia o encontrar, mato-o."

Durante as longas noites de inverno, Catarina fazia companhia ao velho e o ouvia caçoar da religião e invectivar contra os padres. Ela não o contradizia, mas falava-lhe de Jesus Cristo, do Seu amor pelos homens, da Sua morte dolorosa e do poder regenerador dos Sacramentos, cuja guarda Ele confiara à Igreja, e que conservam a sua eficácia ainda quando são maus e indignos os sacerdotes que os administram. Acabou por vencer a batalha. Francesco mostrou desejo de reconciliar-se com o seu Senhor. Disse-lhe ela que seus pecados seriam perdoados se também ele perdoasse aos que o haviam ofendido.

Às primeiras horas da manhã seguinte, Francesco tomou o mais belo dos seus falcões e dirigiu-se com ele para a capela do mosteiro onde o seu mortal inimigo era prior. Parecia-lhe que o primeiro fruto da sua conversão devia ser o de apagar o antigo ódio; nesse intuito, decidira-se a oferecer ao inimigo a ave de estimação.

Ao avistar o velho Francesco, o pobre prior fugiu a toda a pressa. Saracini foi obrigado a explicar aos outros monges o motivo da sua vinda, e conseguiu que fossem buscar o superior. Após certificar-se de que Saracini vinha desarmado, este aproximou-se, embora trémulo - pois estava longe de ter a alma heróica -, e mais ainda se assustou ao receber a preciosa oferta que lhe fazia o velho pecador arrependido. Este voltou para junto de Catarina e lhe contou o que acabava de fazer. "E agora?" - perguntou. Ela aconselhou-o a procurar Fra Bartolommeo de Domicini para confessar-se. Durante três dias consecutivos o monge ouviu a confissão geral de

Francesco Saracini, que fez desfilar a seus ouvidos todos os pecados cometidos no curso de vinte anos de impiedade.

Obediente como um soldado, às ordens da sua *mamma*, Francesco Saracini passou a assistir diariamente à missa na catedral, após o que recitava cem Padre Nosso e cem Ave Maria, com o auxílio de uma corda cheia de nós que Catarina lhe fornecem para servir de terço. Viveu um ano ainda, e morreu pacificamente.

Nesse mesmo inverno, estava Alessia à janela, observando o movimento da rua, quando subitamente gritou por Catarina. "Oh, que coisa horrível. Dois condenados à morte são levados, cada um em sua carroça. Vão para o suplício do ferro em brasa."

Eram dois célebres malfeitores que acabavam de ser presos e entregues à justiça. Tão espantosa era a lista dos seus crimes que haviam sido condenados a sofrer o pior dos suplícios.

Eram levados a percorrer a cidade, amarrado cada um deles a um tronco, enquanto os auxiliares do carrasco arrancavam-lhe aos pedaços a carne com tenazes em brasa. Em lugar de chorar e de suplicar a piedade da multidão, como faziam tantos outros, os dois desgraçados urravam e blasfemavam, fazendo estremecer de horror os assistentes.

Catarina debruçou-se um instante à janela, não por curiosidade, mas certamente por compaixão. Logo se retirou e voltou a buscar refúgio na oração. Com todo o fervor de que era capaz implorou ao seu Esposo celeste para que acorresse em auxílio dos dois infelizes. "Tu salvaste o malfeitor pregado à cruz a Teu lado, se bem que justamente condenado pelos seus crimes; salva também estes dois desgraçados, criados à Tua imagem e resgatados pelo Teu precioso sangue. Será preciso que sofram tão cruéis torturas antes de morrer, e sejam em seguida precipitados no inferno, para sofrerem eternamente?"

Obteve a graça de seguir em espírito os condenados no seu fúnebre trajeto, e via as carroças infamantes arrastadas pelas ruas da cidade até ao local do suplício, fora da Porta della Giustitin. Em torno revolteavam os demónios, como um enxame de mosquitos. Eles enchiam o ar com os seus

zumbidos e incitavam os criminosos a detestarem mais selvagememente ainda o gênero humano e a se entregarem mais completamente ao desespero. Contudo, em torno dos desgraçados planava também o espírito de Catarina. Com todo o fervor de que era capaz, procurou tocar essas almas perdidas e nelas despertar o remorso e a confiança na misericórdia divina. Os espíritos impuros, que gozavam de antemão as suas presas certas, voltaram-se enfurecidos contra a intercessora. Cercaram-na das maiores ameaças, se persistisse em arrancar-lhes o que de direito lhes pertencia; chegaram mesmo a prometer privá-la do uso da razão à força de atormentá-la. Catarina só pôde retrucar: "O que Deus quer, quero-o eu também, e não sereis vós a fazer-me desistir."

As carroças iam atravessar o portão. Ali estava Cristo, de pé sob a arcada sombria, coroado de espinhos, sangrando por efeito da flagelação. Viu-O Catarina, e O viram também os dois celerados. Ante a tristeza do olhar que mergulhou no coração dos culpados, a resistência destes cedeu. Pediram aos gritos lhes fosse trazido um padre. E aquela mesma multidão que zombava, seguindo as carroças, mudou bruscamente e pôs-se a gritar e a aclamar. Feitos dessa natureza não eram raros na época. Conversões bruscas costumavam ocorrer entre os condenados, e os próprios inimigos mortais destes mudavam de disposição e davam graças a Deus por haver salvo mais uma alma. A sinistra procissão seguiu o seu caminho, porém agora os dois homens acorrentados entoavam hinos sacros, cujos ecos se tinham perdido havia tanto tempo em sua memória. Quando os carrascos lhes enfiavam na carne as tenazes em brasa, gritavam que não era bastante, que teriam merecido muito mais. Os próprios auxiliares do carrasco emocionaram-se com essa mudança de atitude. Chegados ao local do suplício, os bandidos caminharam para a morte com a calma e a alegria de quem se dirige para um festim.

O padre que os acompanhara nos momentos finais referiu a Fra Tommaso della Fonte a extraordinária conversão, e Alessia, por seu lado, contou-lhe que, no instante em que morreram os condenados, Catarina interrompia as suas orações e despertava do seu êxtase. O bem-aventurado Raimundo citava esse milagre como sendo, a seus olhos, o mais importante de quantos Catarina realizara. No dizer de Santo Agostinho e de São Gregório, a conversão de um criminoso é milagre maior que o de chamar à

vida um cadáver. Santo Eystein reitera a mesma afirmação, na sua obra *Passio et Miracula Sancti Olavi*, referindo a história de um pecador empedernido que foi convertido durante a procissão da festa de Santo Olavo. Em todas as biografias de santos da Idade Média o mesmo conceito se repete. A conversão, obtida por Catarina, dos dois criminosos impenitentes, submetidos a um castigo terrível por uma série de negros crimes, é um milagre. E milagre ficará sendo, embora não desconheçamos que certos fenómenos psíquicos possam explicar, até certo ponto, aos nossos contemporâneos, como Catarina era capaz de transmitir o seu pensamento e as suas visões aos dois supliciados, concentrando sobre eles a intensidade da sua força espiritual.

O dom que Catarina possuía de exercer a sua influência sobre pessoas ausentes, a ponto de levá-las a obedecer aos seus intuitos, era, indubitavelmente, aos olhos dos seus contemporâneos, o mais notável de todos os extraordinários dons atribuídos à jovem. Uma noite, Niccolo Saracini, outro velho impenitente da família Saracini, viu-a em sonhos e resolveu visitá-la, apenas para certificar-se de ter sido mesmo ela a pessoa, já que não lhe interessava o que poderia ter a dizer-lhe. Entretanto, ao deixá-la procurou o confessor e, tal como o seu parente Francesco, tornou-se fiel e piedoso adepto da Igreja.

Uma das maiores famílias de Siena, os Tolomei, dera à cidade um bom número de cidadãos famosos e numerosos santos. Os Tolomei distinguiam-se, desde tempos imemoriais, entre os chefes do partido guelfo - que sustentava os papas contra os imperadores alemães. Quanto ao jovem Jacopo Tolomei, era conhecido em toda a região pelo seu carácter brutal e seus numerosos actos de crueldade. Antes de atingir os vinte anos tornara-se culpado de dois assassinatos. As suas duas jovens e lindas irmãs eram as moças mais vaidosas da cidade e não cuidavam senão de divertir-se. Se se conservavam virgens, era apenas por receio dos comentários, e nunca por preocupação de conservar a pureza.

A mãe, Madonna Rabe, procurou Catarina e suplicou-lhe intercedesse pela salvação dos seus filhos - o rapaz criminoso e as moças de costumes levianos. Mais uma vez Catarina dirigiu para o Céu as suas súplicas.

A primeira entrevista entre Catarina e as duas moças teve por resultado fazê-las atirar ao lixo frascos de perfume e potes de cosméticos. Cortaram as magníficas cabeleiras loiras e suplicaram o favor de vestir o hábito das mantelatas. Jacopo encontrava-se fora de Siena por ocasião desses acontecimentos; porém, ao ser informado, por Matteo, do que se passava, ficou desatinado de cólera. "Toma cuidado ao voltares a Siena - recomendou-lhe o irmão. - Ela poderia converter-te também a ti." "Isso nunca - exclamou Jacopo com uma praga. - Antes teria de cortar a cabeça a toda essa canalha de freiras, monges e curas."

Madonna Rabe temia vivamente a ira do jovem estroina. Porém Catarina, que parecia segura da situação, enviou Fra Tommaso como emissário a Jacopo. "Fala-lhe da minha parte, e eu falarei delc a Nosso Senhor."

Fra Tommaso juntou-se a Fra Bartolommeo e os dois dominicanos foram procurar o jovem bandido no seu castelo, nos arredores de Siena. Recebeu-os este espumando de raiva. Passados momentos, contudo, sentiu que alguma coisa mudava no seu íntimo. "Tenho a impressão de que devo fazer o que Catarina deseja" - disse. Como faziam bem em atender ao serviço de Deus, vestidas com o hábito grosseiro das irmãs da penitência, as suas lindas irmãs de quem tanto se orgulhara antes! Ele mesmo sentia vontade de confessar-se e fazer-se amigo de Jesus Cristo.

Jacopo Tolomei atingiu uma velhice avançada. Transformara-se radicalmente, passando a viver como cidadão integro, vizinho honesto, bom marido e bom pai. No fim de sua vida, ingressou na Ordem Terceira de São Domingos, e foi o ecónomo do mosteiro. O seu irmão mais moço, Matteo, fez-se dominicano; as duas irmãs viveram e morreram como zelosas irmãs da penitência.

Nanni di Sertanni era outro desses jovens criminosos. Como era falso e inescrupuloso, ninguém queria conquistar-lhe a inimizade, o que lhe valia a impunidade pelos seus crimes, embora o número dos seus inimigos assassinados à traição fosse do domínio público. Catarina gostaria de travar conhecimento com Nanni, pois esperava que, com a ajuda de Deus, saberia pôr cobro a tantos ódios e morticínio. Porém Nanni temia a moça, como a serpente teme o encantador. Não obstante, não parece ter sido

particularmente hostil aos membros do clero; achava que nenhum deles poderia jamais fazê-lo mudar de orientação na vida. Fazia apenas o que lhe agradava. Ainda assim, num bosque dos arredores de Siena, o monge agostiniano William Fleete, jovem inglês que tomara o hábito em Lecceto, arrancou dele a promessa de visitar Catarina. As intenções do rapaz eram, porém, bem diferentes do que se esperava.

Catarina não estava em casa à chegada de Nanni; ocupava-se em alguma das suas missões caridosas. À sua espera encontrava-se também Fra Raimundo de Capua, então confessor da moça. O monge recebeu o jovem gozador, e puseram-se a conversar. Em dado momento Nanni exclamou com expressão atónita: "Oh, meu Deus, que se estará passando comigo? Quero ir-me embora e não posso. Nunca me vi tão constrangido na minha vida. Sinto que alguma força desconhecida triunfa sobre mim." Entretanto chegava Catarina; ele atirou-se-lhe aos pés, soluçando: "Tudo quanto é meu entrego nas tuas mãos - exclamou. - Obedecer-te-ei em tudo, se vieres em auxílio da minha pobre alma."

Catarina acolheu-o com brandura, dizendo-lhe ter pedido por ele ao seu Senhor e Mestre; após o que, mandou-o procurar um confessor. Nanni era agora outro homem. Pouco tempo depois foi feito prisioneiro pelos soldados do potentado, e correu o rumor de que ia ser decapitado.

Ouvindo a notícia, Raimundo afligiu-se bastante; e comentou com Catarina: "Enquanto Nanni servia ao mundo, tudo parecia correr-lhe às mil maravilhas. Agora que se voltou para Deus, dir-se-ia que o Céu e a Terra lhe são contrários. Temo que sucumba ao desespero, pois que a sua fé não está ainda fortalecida. Reza para que lhe seja evitado esse perigo."

Melhor do que Raimundo, porém, Catarina penetrava os desígnios do Senhor em relação a Nanni. "Não vêdes que Deus o perdoou e o redimiu das penas eternas? Em compensação, permitiu que ele fosse submetido a uma punição temporal pelos seus pecados. Enquanto amou o mundo, o mundo o amou. Por se ter transformado, o mesmo mundo o odeia e persegue. Não temais; Aquele que o salvou do inferno pode muito bem salvá-lo ainda desta vez."

Com efeito, dias mais tarde Nanni era posto em liberdade, embora perdesse a maioria dos seus bens. Catarina rejubilou-se com o facto, que lhe pareceu evitar ao rapaz incorrer em grandes tentações.

Nanni era ainda proprietário de numerosos castelos fortificados nos arredores de Siena. De um deles cedeu a propriedade a Catarina, que o transformou em mosteiro para a primeira ordem de religiosas contemplativas de São Domingos.

Isso representou naturalmente uma grande alegria para ela, mas muitos anos se passaram antes que conseguisse do governo a autorização necessária para transformar uma fortaleza em convento de monjas. A homologação papal, indispensável no caso, foi-lhe concedida por uma bula do papa Gregório XI. Não está, aliás, esclarecido que o mosteiro tivesse completado a sua instalação na época da morte de Catarina.

Novos adeptos não cessavam de aderir à família daquela a quem chamavam "a mãe seráfica". Todos os meses crescia o rebanho dos *caterinati*. Ao compilarem o material dos seus escritos, os biógrafos da santa, Fra Raimundo e Fra Tommaso, encontraram inúmeros textos referentes ao poder que ela exercia sobre as almas. Um verdadeiro exército de zelosas testemunhas mostravam-se dispostas a revelar o que lhes vinha à memória da vida milagrosa de Catarina, do seu encanto pessoal, da sua santa alegria. Todos os que sabiam algo ansiavam por falar da Beata Popolana - "filha abençoada do povo" -, como os sienenses gostavam de chamar à filha do tintureiro da Via dei Tintori.

CAPÍTULO 10

Os tempos estavam duros para o povo, em Itália. Cidades e aldeias arriscavam-se, a todo o momento, a ser atacadas e devastadas, seja pelos exércitos da república vizinha, seja por um *condottiere* à testa do seu batalhão de mercenários e a soldo de algum tirano, ou momentaneamente sem trabalho, em busca de um campo de pilhagem. Os vencidos serviam às orgias sanguinárias, ao prazer de torturar, aos massacres e à pilhagem.

A fome e a peste seguiam no rasto dos exércitos. Os rapazes, que cresciam no meio da anarquia geral, refugiavam-se nos bosques e nas montanhas, tornavam-se bandidos e assassinos. Destituídos de piedade pelos outros, não a reclamavam tampouco para si. Não nos esqueçamos de que Catarina e seus companheiros, como aliás todos os seus contemporâneos, viajavam por estradas infestadas de ladrões e de tropas inimigas, e sempre em péssimo estado de conservação.

As causas dessa miséria eram inumeráveis, como soem ser as causas da miséria humana. O exílio dos papas em Avinhão - local por eles mesmos escolhido - constituía sem dúvida um dos motivos mais sérios e mais reais do descalabro. Não que Roma houvesse sido moradia permanente do papado na Idade Média. O povo romano, agitado e determinado por natureza, e a aristocracia romana tendiam a considerar como propriedade pessoal o sucessor de São Pedro, que era também seu pastor. Tumultos e sedições internas convulsionavam Roma logo que as medidas de segurança tomadas pelo papa indispunham a população. Em cada eleição pontifícia, uma multidão armada procurava forçar os cardeais a elegerem o candidato da sua preferência.

O candidato romano não tinha a maior parte do tempo a seu favor senão o facto de ser "romano di Roma", romano de nascimento. O intuito dos imperadores romanos ao invadirem a Itália fora obrigar os papas a cederem às suas exigências; isto é, a submeterem o poder espiritual ao poder temporal. Eles haviam constrangido os papas a se refugiarem em Nápoles ou em Lyon, enquanto um antipapa, sustentado pelas lanças alemãs, se instalava no palácio de Latrão. Certos papas haviam preferido estabelecer-

se em Viterbo. Anagni, Rieti, Perugia, e outras cidades haviam servido de residência aos Soberanos Pontífices desejosos de escaparem à perpétua agitação e insegurança da Cidade Eterna.

Quando Beltrão de Got, arcebispo de Bordéus, foi eleito papa, em 1303, sob o nome de Clemente V, recusou-se a abandonar o solo francês para fixar-se em Itália. Avinhão, situada nas margens do Reno, não pertencia ao reino de França, e sim ao condado de Veneza [*], o qual pertenceu ao rei de Aragão até à época em que o papa Urbano V o comprou à rainha Joana de Nápoles. Moralmente, os papas de Avinhão ficaram prisioneiros do rei de França desde o instante em que Beltrão de Got cedeu à influência de Felipe, o Belo. Este era um monarca despido de qualquer escrúpulo. Ao apoiar a candidatura de Beltrão de Got ao trono pontifício, tornara-se já culpado de assassinio e sacrilégio. De facto, um dos capítulos mais sombrios da história da Igreja de Cristo é a que relata como o fraco e ambicioso Clemente V se deixou persuadir a prestar o seu apoio a Felipe, o Belo, quando este fez dissolver a Ordem dos Templários para se apropriar das riquezas dos Cavaleiros - cuja influência política ele temia.

Contrariamente aos princípios da Igreja, que por centenas de anos proclamara a ilegalidade dos juramentos e confissões obtidos através da tortura - enquanto a justiça humana desta se servia como meio perfeitamente legítimo de descobrir a verdade -, Clemente V recolheu as confissões de heresia e de homossexualidade arrancadas pelos carrascos do Rei de França a numerosos templários. Alguns destes eram anciãos que, tendo pertencido à Ordem desde a primeira juventude, retornavam agora à infância. Por essa traição aos seus princípios imemoriais, a Igreja criou um precedente que iria servir de arma aos seus piores inimigos. Aos olhos do povo, essa concessão significou que fora minado o mais poderoso bastião contra a brutalidade crescente da autoridade temporal.

O papa Clemente V, ao morrer, deixou uma fortuna aproximada de um milhão de florins. O seu testamento revelou que emprestara dinheiro aos reis cristãos de França e de Inglaterra para se guerrearem e devastarem reciprocamente os seus desgraçados países.

O seu sucessor, o francês Jacques d'Esuse, tomou o nome de João XXII. Também ele fixou residência em Avinhão; seguindo os passos de seu

predecessor na sua faina de construtor, contribuiu para transformar a cidade papal das margens do Reno em uma das mais importantes fortalezas e das mais belas cidades da Europa. Rebelou-se, porém, a ordem dos franciscanos contra o mundanismo e a corrupção reinantes na corte dos papas de Avinhão. A simonia e a cupidez imperavam ali abertamente. Foram os franciscanos a divulgar a expressão: "O cativeiro de Babilônia dos papas", ao que estes ripostaram pela proclamação de bulas e editais de banimento contra os "*fraticelli*", os beguinos e os "irmãos da Santa Pobreza".

Durante anos a fio, a luta entre os papas de Avinhão e a ala radical da ordem dos franciscanos corroe a Igreja. Os papas condenaram os franciscanos como heresiarcas; estes ripostaram com violência. Quando Dante acusava o papa de haver consorciado o papado à França, o papa nada mais era do que o capelão do Rei de França. Por seu lado, a voz de Petrarca levantava-se para acusar Avinhão de ser a Babilônia do Apocalipse. Nada disso adiantou. Houve uma série de papas franceses, os quais, por seu turno, nomearam cardeais franceses, frequentemente parentes e amigos do pontífice reinante. Desse número, os padres honrados e piedosos constituíam uma minoria.

A dependência em que se encontravam os papas diante da autoridade temporal em França produzia consequências desastrosas para a própria Igreja de França. Enquanto a interminável guerra com a Inglaterra devastava a França, tanto do ponto de vista material quanto espiritual, o povo perdia o seu amor e respeito pela Igreja de Cristo. Era incontestável que o poder dessa Igreja de dirigir as almas no bom caminho, e de pensar as chagas do povo martirizado, declinara lamentavelmente. A moralidade de todas as categorias do clero decaía, não raro a ponto de confranger os corações dos fiéis. Em não poucos lugares a ignorância religiosa era quase absoluta. O povo não recebia mais, por assim dizer, qualquer espécie de ensino religioso; homens e mulheres ignoravam praticamente tudo da fé que oficialmente professavam. O pouco que lhes restava das tradições cristãs era absorvido pela superstição - fosse ela oriunda do paganismo antigo ou de ideias recentes.

As consequências desse calamitoso estado de coisas se fizeram sentir em toda a Cristandade, embora atenuando-se à medida que crescia a

distância das fontes do mal. Contudo, em parte alguma mais do que em Roma, a antiga capital da Igreja, se sofreu a ausência do representante de Jesus Cristo. Os Estados Pontifícios estendiam-se muito além da Romanha, atingindo as fronteiras do Milanês dos Visconti; e as repúblicas toscanas eram como ilhotas perdidas entre as propriedades pontifícias, das quais os papas eram também os soberanos temporais. Estes delegaram a sua autoridade a representantes, que cumularam a autoridade temporal e a espiritual. Destes, muitos eram franceses que não nutriam simpatia pelos italianos e tampouco os compreendiam. As duas supostas irmãs latinas já desde aquela época não se gostavam nem se entendiam.

Nem os porta-vozes das repúblicas, nem os membros das famílias nobres tradicionais (que reinavam sobre os seus pequenos Estados na qualidade de soberanos hereditários e vassalos da Santa Sé numa série de burgos fortificados) eram jamais favorecidos em casos de litígio, ou quando procuravam entrar em acordo com os legados do papa de Avinhão.

Em Roma, nenhuma autoridade se mostrava capaz de reprimir as violências das poderosas famílias nobres que fomentavam a guerra civil, sustentadas por adeptos recrutados entre a baixa nobreza e o povo de Roma. No interior da cidade, as suas fortalezas levantavam-se não raro sobre ruínas de monumentos do Império Romano, enquanto nas montanhas adjacentes construía-se castelos solidamente fortificados e cercados por um povoado. A esse respeito celebrou-se a descrição de Muratori em seus *Fragmenta. Historiae Romana III*. "A violência suplantara o direito. Não se respeitavam mais as leis ou o direito de propriedade, e a segurança pessoal deixou de existir. Os peregrinos que vinham orar no túmulo dos Apóstolos eram despojados dos seus haveres, assaltavam-se os camponeses junto aos muros da cidade, as mulheres eram violentadas. A arbitrariedade ocupava o trono da justiça, a libertinagem instalava-se nos santuários, a miséria no seio das famílias. As igrejas caíam em ruínas na cidade santa. Na Basílica de São Pedro e no Palácio de Latrão, as vacas pastavam ao pé dos altares. O foro transformara-se em horta, ou tinha suas áreas desertas infestadas de animais selvagens. Obeliscos egípcios derrubados se haviam esfacelado na queda; restavam escombros e ruínas. Ausentes os papas, as lutas de partidos e as rixas entre pequenas facções de adversários tomavam livre curso. Daí a desordem generalizada e o despovoamento. Os grandes poetas dessa Roma

outrora florescente dependuravam as suas liras nos ramos dos ciprestes e abandonavam-se às lamentações do profeta: "Que estado de abandono o dessa cidade outrora tão povoada! A soberana dos povos assemelha-se a uma viúva."

Entretanto, Roma continuava sendo a cidade santa da Cristandade. Os peregrinos afrontavam perigos e cansaço para, vindos de terras distantes, ali rezar sobre o túmulo dos Apóstolos e fazer as visitas tradicionais aos santuários dedicados à memória dos santos da fase heróica da Igreja, os quais se situavam dentro dos muros da cidade e no ameno campo circundante. Regressavam às suas terras levando consigo as indulgências recebidas, as relíquias e imagens de santos que iriam legar aos filhos ou à igreja paroquial. A par disso traziam, também, relatos tenebrosos do que se estava passando na cidade de São Pedro e São Paulo.

Durante breve espaço de tempo, o *intermezzo* criado por Cola di Rienzo pareceu anunciar a ressurreição de Roma. De origem burguesa, Cola era de inteligência brilhante, tinha a palavra fácil e uma imaginação ardente. Dominado por um sincero amor pela pátria, sonhava ser o escolhido para fazê-la renascer. Um dos seus irmãos fora assassinado em 1344, e Cola, após tentar em vão apresentar o criminoso à justiça, para fazê-lo condenar, dirigiu-se a Avinhão, à testa de uma missão que incluía delegados dos treze distritos de Roma. O quadro vigoroso que pintou da miséria de Roma e da tirania dos barões decidiu o papa a mandá-lo de volta na qualidade de representante da Santa Sé. Os dotes oratórios do jovem valeram-lhe em breve uma ascendência completa sobre o povo romano; em 1347 ele fazia a revolução com que sonhara. Do alto do Capitólio promulgou a constituição da República Romana, convicto de estar fazendo ressurgir a antiga república. O povo conferiu-lhe os títulos de tribuno e de libertador, e o papa teve o bom senso de sancionar a nova situação, ordenando a seu vigário, o bispo Raimundo de Orvieto, prestar colaboração a Cola. Restabeleceram-se a ordem e as leis, as igrejas em ruína foram restauradas e grandes depósitos destinados ao armazenamento de trigo para lutar contra o encarecimento da vida e a penúria que afligiam a cidade a intervalos mais ou menos longos. Com isso se pôs cobro ao domínio dos barões, e os peregrinos que chegavam a Roma puderam transportar-se com segurança de um lugar sagrado para outro, tanto dentro como fora dos muros da cidade.

Tudo isso parecia bom demais para ser real; efectivamente, foi o que o futuro não tardou a provar. Os romanos, inconstantes, voltaram-se contra o seu tribuno e o expulsaram da cidade.

A maioria das vantagens que a revolução de Cola di Rienzo acarretou para a cidade foi anulada pela epidemia de peste bubónica que, oriunda da Ásia, devastou a Europa em 1348 e 1349 e dizimou a população de todos os países a um grau nem antes nem depois ultrapassado. Foi dito que a metade dos habitantes de Itália morreu do contágio. Por toda parte o povo se persuadiu de que Deus brandia o Seu flagelo sobre o mundo - que O rejeitara para mergulhar na ignomínia.

Ao coro de vozes que suplicavam se fizesse penitência e regressasse o papa a Roma, sede oficial da Santa Sé - o que aos olhos da maioria significava condição indispensável para um renascimrnto cristão -, veio juntar-se, vindo do extremo norte do país, uma voz vibrante de mulher.

Em 1350, ano do jutileu, uma viúva, conhecida posteriormente sob o nome de Santa Brígida da Suécia, veio a Roma, acompanhada de alguns esforçados padres suecos e de um punhado de parentes e amigos. Santa Brígida, que era vidente, ordenou ao Papa abandonar Avinhão e ameaçou-o com a cólera divina, caso não lhe atendesse às ardentes objurgações.

NOTAS

[*] Arcebispado de Vaucluse. (N. do T).

CAPÍTULO 11

Não cessava de aumentar o número de homens e mulheres - religiosos e leigos - que procuravam os conselhos e a orientação de Catarina para as suas consciências conturbadas. Esta não tinha outra autoridade senão o seu amor por Deus e a sua dedicação absoluta ao estabelecimento de Seu reinado neste mundo. Daí, entre outras consequências, um considerável aumento no volume da sua correspondência.

Não sabendo escrever, era preciso que ditasse as cartas. A princípio, a ajuda de Alessia Saracini e Francesca Gori bastou para assegurar o trabalho. Em pouco, porém, viu-se obrigada a recorrer a diversos secretários, os quais sempre recrutava com fidelidade entre os seus discípulos. Todos esses secretários confirmaram ser ela capaz de ditar duas ou três cartas simultaneamente, sem perder por um instante o fio das suas ideias.

Aos poucos a seráfica virgem sienense foi se vendo mais e mais envolvida na política italiana e europeia. A separação, aliás arbitrária, entre religião e política não existia para os povos medievais. Por primária que fosse a sua capacidade de raciocínio, percebiam perfeitamente que os problemas sociais, quer se trate de bom ou de mau governo, de prosperidade ou miséria do povo, são, em última instância, problemas religiosos. A questão fundamental é a concepção que nós fazemos do homem, e das necessidades essenciais cuja satisfação lhe permitirá alcançar, além disso, a paz, a justiça e certas condições favoráveis à vida em comum com os seus semelhantes.

Para Catarina a resposta era uma só: o homem nada vale por si mesmo, nada possui de seu. Só existe pelo Criador, de quem recebeu tudo o que tem. Unido a esse Criador, que é o Amor infinito, a Verdade eterna e a Sabedoria inata, esse homem participa dos atributos divinos - dentro dos limites humanos, naturalmente. Se a criatura ama a Deus será também capaz de amar o próximo, de conquistar a prudência, a equidade e a integridade moral. Se Deus representa a nossa salvação eterna, os filhos de Deus serão uma fonte de bênçãos para os seus semelhantes.

O amor de si mesmo, isto é, de algo que nada significa por si, conduz ao nada; é a busca de um objectivo sempre fugidio, porque inexistente. Um amor exclusivamente egoísta como esse nada representa de real; a verdade está fora do seu alcance, a sua prudência é loucura, a sua justiça é desequilíbrio; como arremate, os erros e malogros o conduzirão ao inferno - que é decepção e esterilidade. "Se o Eterno não fixa os alicerces da casa, em vão labutarão os pedreiros." Catarina sabia o quanto são verdadeiras essas palavras.

O ano de 1370, o "*Annus Mirabilis*", como dizia Catarina, fizera dela uma criatura diferente do que fora até então, muito embora aparentemente nenhuma modificação se houvesse processado na sua existência. As visões e os êxtases representavam para ela o pão quotidiano e o seu corpo esgotava-se, não obstante pudesse dar prova de uma extraordinária vitalidade cada vez que o amor por Cristo ou pelos seus semelhantes a induzia a empreender qualquer tarefa. Apenas de raro em raro saía dessa condição singular, durante a qual não se alimentava. Nessas oportunidades podia absorver insignificantes quantidades de alimentos, como sejam, frutas, legumes - dos quais rejeitava as partes sólidas - e um pouco de água.

O rebanho de Catarina não cessava de crescer. Siena constatara, com surpresa, que um após outro dos seus cidadãos, notórios pelas suas violências, deixavam-se aprisionar e reconduzir ao redil pela humilde irmã da penitência. Outro facto ainda mais notável ocorria, porém. Um número elevado de jovens nobres, seduzidos pelos prazeres intelectuais e pelos requintes da sensualidade, tornavam-se discípulos de Catarina e dela se acercavam diariamente. Um desses rapazes, por exemplo - Neri di Landoccio dei Pagliaresi -, amava a poesia e não era mau poeta; toda a cidade recitava e cantava as suas composições. Nervoso e sensível por natureza, era sujeito a crises de depressão. Quando estava cansado de viver e receoso da sua salvação, agarrava-se à sua *mamma*, de quem nenhuma adversidade enfraquecia a energia sobrenatural. No coração de Catarina, como no de Cristo, havia lugar para todos os seus filhos espirituais. Quiçá não os amasse a todos igualmente, mas pelo menos procedia de maneira a não despertar ciúmes entre eles. Amava-os, entretanto, a cada um de modo particular, o que lhe permitia personificar, para cada um dos seus filhos e filhas, exactamente a pessoa de quem precisavam. O *leit motiv* das suas

cartas a Neri de Landoccio é sempre o mesmo: "Tenha firme coragem." Aconselha-o ainda a examinar com seriedade o mundo e a compenetrar-se da mediocridade dos dons que ele nos concede, abrindo em seguida o coração ao amor de Deus. Pois o amor de Deus por nós deve ser capaz de satisfazer todos os nossos desejos, mesmo os mais profundos e os mais invioláveis.

O precioso sangue de Jesus Cristo é o único medicamento capaz de curar a nossa alma, essa alma que Catarina compara a uma folha que o menor sopro de vento basta para agitar.

Neri servia de secretário a Catarina, e assim sendo via-a constantemente. Levou-lhe muitos dos seus antigos camaradas, alguns dos quais se fizeram seus discípulos. Um destes, Francesco di Vanni Malavolti, era moço, rico, ávido de distrações e de prazeres. A sua família casara-o com uma jovem e encantadora moça de origem nobre, porém ele se revelara mau esposo, entregando-se à conquista das moças e das jovens senhoras da sociedade. Aceitando acompanhar Neri à presença de Catarina, jurou-lhe que se esta lhe sugerisse confessar-se, responder-lhe-ia de maneira a fazê-la calar-se. Apenas, porém, se viu frente à jovem mantelata, mal encontrou o olhar luminoso de Catarina e ouviu as primeiras palavras de sua voz suave e cativante, pôs-se a tremer. Defrontava-se com uma força até então unsuspeitada. De natureza impulsiva, colocou-se imediatamente entre as mãos de Catarina e pediu-lhe que o recebesse como filho.

Embora fosse sincero o seu propósito de converter-se, não era fácil a Francesco romper bruscamente com os inveterados maus hábitos. Pouco tempo depois de recebido como discípulo de Catarina, apresentou-se diante dela e foi acolhido com esta pergunta: "Meu filho, de quando data a tua última confissão?" - "De sábado passado - replicou secamente Francesco - e amanhã, sábado, confessar-me-ei novamente." Ao que a "mãe" retrucou: "Acaso não sabes que sigo os meus filhos para onde quer que eles vão? Não podes fazer ou dizer o que quer que seja sem que eu o saiba imediatamente." Repetiu-lhe com minúcias os pecados que cometera e as circunstâncias que os acompanharam. "Corre a livrar-te de tanta baixeza" - acrescentou.

Não foi essa a última queda de Francesco Malavolti. Cedia sempre à tentação de recair nos velhos erros, principalmente quando Catarina se ausentava. Esta escreveu-lhe suplicando que voltasse para o seu lado. "Eu, tua pobre mãe, não faço senão errar à tua procura. Queria poder carregar-te sobre os meus ombros doloridos e trazer-te de volta a casa. Tu te estás rebaixando, vives desgarrado, a tua pobre alma está prestes a morrer de fome... Acorre em consolo da minha e cessa de mostrar-te a esse ponto cruel para contigo mesmo e para com tua salvação... Meu caro filho - bem posso chamar-te filho das minhas entranhas, pois muitas lágrimas me custaste -, causaste-me grandes decepções e muita tristeza."

Francesco voltou, feliz por poder retomar o seu lugar aos pés de sua "mãe". Não tardou, contudo, a extraviar-se novamente, após o que a maioria dos amigos de Catarina dele se afastou alegando não mais poder confiar nas suas palavras. Catarina limitava-se a sorrir; dizia-se segura de que o seu pássaro selvagem acabaria por se prender definitivamente ao ninho. Contudo, foi só depois de vê-la morta - e de ter ele próprio perdido mulher e filhos e entrado para a ordem dos beneditinos -, que Francesco reconheceu verdadeiramente com quanto denodo a sua bem-amada "mãe" lutara pelo bem da sua alma. Redigiu toda a história de sua conversão, a ser incluída no acto de canonização da santa. Só agora compreendia ter sido o mais querido dos seus filhos; e contudo sabia que ela se dedicara igualmente a muitos outros. Como explicar essa contradição? É o segredo de quantos aceitam transformar o seu coração para fazê-lo semelhante ao Coração Sagrado de Jesus.

Não eram só os jovens libertinos e os pecadores contumazes a sofrerem a influência da personalidade enérgica de Catarina. Messer Matteo di Canni Fazi era uma personagem de outro tipo, burguês de idade madura, que se apresentou em companhia de outro honrado cidadão, também avançado em anos. Vinham movidos pela curiosidade, mas o espectáculo da jovem imersa em oração, imóvel qual uma estátua, produziu neles tão forte impressão que se tornaram para sempre seus discípulos e amigos fiéis.

Messer Matteo que, com as suas maneiras discretas e amáveis, fora muito apegado aos bens deste mundo, distribuiu tudo o que possuía entre obras de caridade e escolheu a vida penosa de servo dos pobres e dos

doentes, aceitando o cargo de director do hospital da Casa della Misericordia, o segundo hospital de Siena em importância.

Outro burguês de idade madura, Cristofano di Gano Guidini, tabelião de intensa actividade, aderiu à "família" de Catarina e tornou-se um dos seus secretários. Também Andrea di Vanni, o pintor que esboçara a imagem de Catarina aos vinte anos, sobre uma das pilastras da igreja dos dominicanos, foi incluído no grupo da virgem seráfica.

Outro cidadão piedoso e honrado, também notário, Messer Michele di Ser Monaldo, prestava serviço às religiosas do mosteiro de San Giovanni Baptista de Siená, onde tinha internadas duas filhas. Ao fim de algum tempo, porém, a mais jovem, com a idade de nove anos, foi presa de ataques nervosos de natureza estranha. Embora ignorando entre outras matérias o latim, durante essas crises falava-o correntemente e discorria sobre temas científicos com a autoridade de um técnico. Ademais, sofria de espasmos; e as freiras não duvidaram tratar-se de um caso de possessão pelo demónio.

O estado da menina não fazendo senão piorar lançou a confusão no mosteiro, e as freiras, não ousando mais conservá-la, obrigaram o pai a levá-la de volta. Em vão os pais conduziram a menina a todas as igrejas de Siena, onde eram encontrados os túmulos de santos milagrosos ou de relíquias sagradas.

Supõe Raimundo que os santos quereriam permitir a Catarina operar a cura, e que unicamente por esta razão não vinham em auxílio de Lorenzina. O casal Michele trouxe então a filha à presença de Catarina, conjurando-a a interceder por ela. Catarina, porém, escusou-se: "Infelizmente, sou eu mesma diariamente atormentada pelos maus espíritos, e assim sendo não posso combater os demónios dos outros." Para escapar aos desesperados pais, chegou ao ponto de esboçar a fuga por uma porta traseira.

Asseguram-nos os seus biógrafos que assim agiu por modéstia. Pode ocorrer, todavia, que estivesse realmente assediada pelos maus espíritos a ponto de evitar qualquer possibilidade de contacto com os de Lorenzina. Mais tarde, aconteceu-lhe demonstrar igual repugnância em ocupar-se de uma mulher possuída - embora acabasse por sobrepujar esse terror que lhe

causavam os demónios dos outros e se tornasse popular pelas suas faculdades de exorcista.

Messer Michele e sua mulher não perderam totalmente as esperanças. Nada podia abalar a confiança que depositavam em Catarina; sabendo que obedecia invariavelmente ao seu confessor, levaram Lorenzina à presença de Fra Tommaso della Fonte. O monge compadeceu-se deles e acompanhou a menina até junto da sua penitente, a quem ordenou que se deitasse naquela noite em sua companhia. Obediente, Catarina acolheu Lorenzina, fazendo-a ajoelhar-se a seu lado enquanto se entregava ela mesma à oração. Durante toda a noite lutou contra o demónio. Pela madrugada, Satã largou a sua presa e Lorenzina adormeceu, aparentemente liberta do jugo satânico.

Apenas rompeu o dia, Alessia correu a anunciar a boa nova a Fra Tommaso, o qual se apressou a procurar Catarina, acompanhado dos pais de Lorenzina. Contudo, às efusões de gratidão e de alegria de Messer Michele e de sua esposa, Catarina ressaltou com gravidade a necessidade de permanecer a menina em sua companhia por alguns dias mais. Mostrou-lhe então como rezar fervorosamente e ensinou-lhe todos os exercícios de piedade de molde a fortalecer-lhe a saúde física. Um dia, obrigada a ausentar-se por algumas horas, recomendou às amigas que não deixassem a menina a sós por um minuto que fosse.

Catarina partiu, mas subitamente ei-la que confia à religiosa que a acompanha: "É preciso apressar-nos em voltar, pois pressinto que esse lobo do inferno voltou a atormentar o nosso cordeirinho." Com efeito, a primeira coisa que viram ao chegar foi a transformação operada na menina, que se retorcia presa de cãibras. Indignada, Catarina imediatamente ordenou ao demónio que abandonasse a sua presa. "Dragão horrível, - gritou-lhe - como ousas voltar para torturar esta jovem inocente? Acredito que pelo poder de Jesus Cristo serás expulso desta vez de maneira a nunca mais voltar." O espírito maligno ameaçou-a: "Se eu sair desta criança, é em ti que entrarei." Ao que Catarina ripostou: "Isso farás se tal for a vontade do Senhor, pois que sem a Sua permissão não tens nenhum poder."

A menina acalmou-se, embora o seu pescoço inflamado denotasse os esforços dispendidos durante a crise. Catarina fez sobre ela o sinal da cruz e a inflamação desapareceu. Desta vez, tudo indicava estivesse Lorenzina

definitivamente curada. Passado certo tempo, os pais levaram-na de volta ao mosteiro, e, chegada a idade exigida, tornou-se uma religiosa exemplar, em quem jamais transpareceu o menor sinal de enfermidade física ou moral. Tanto Raimundo como Fra Tommaso Caffarini conheciam bem Messer Michele e sua esposa, de quem recolheram a narrativa acima.

Os ecos da santidade de Catarina e da sua vida extraordinária espalharam-se nas cercanias de Siena e mais além ainda. Por seu lado, as más línguas puderam dar livre curso às suas intrigas sobre a filha do tintureiro de Fontebranda.

No seu convento de Lecetto, situado à borda de pequeno lago, numa bela floresta de carvalhos, ao norte de Siena, vivia o eremita agostiniano Fra Giovanni Tantucci. Preocupava-o bastante pensar que uma jovem sem instrução pudesse seduzir os simples e os ignorantes ao falar-lhes das suas pretensas visões e ao interpretar arbitrariamente as verdades da fé. Esse monge agostiniano, que era um sábio doutor em teologia e um pregador afamado, comentou demoradamente a situação com um dos seus amigos, igualmente doutor em teologia, o franciscano Fra Giovanni da Volterra. Os dois sábios concordaram em procurar Catarina e desmascarar essa perigosa fanática que, além de tudo, era certamente herética, embora possivelmente sem o saber.

Encontraram-na rodeada de grande número de amigos. Entre estes estavam Francesco Malavolti - que conta a história -, Fra Tommaso - na ocasião ainda confessor de Catarina -, Matteo Tolomei, Neri e alguns outros discípulos, além de Alessia, Cecca e algumas irmãs de penitência.

Os dois doutores lançaram-se sobre a moça "como leões furiosos", bombardeando-a de questões teológicas as mais subtis e mais difíceis que puderam imaginar. As suas respostas claras e inteligentes confundiram-nos, porém, a tal ponto, que pensavam em retirar-se quando Catarina tomou a ofensiva. Recordou-lhes o voto de pobreza que um dia haviam feito (a ordem dos eremitas agostinianos é também ordem mendicante). Como tinham cumprido a sua promessa? Levavam uma vida que melhor conviria a cardeais, em espaçosas celas providas de bibliotecas, de leitos e poltronas confortáveis. "Como ousais pretender saber alguma coisa sobre o reino de

Deus? Rejeitais o miolo e vos satisfazeis em morder a casca vazia. Pelo amor de Jesus, renunciad a essa espécie de vida!"

O sábio franciscano apresentou a Catarina a chave da sua cela, pedindo-lhe o favor de fazê-la esvaziar de todo o supérfluo e distribuir esse excedente entre os pobres. O mesmo fez Fra Giovanni Tantucci, o qual, a partir de então, tornou-se um dos mais íntimos amigos de Catarina, seguindo-a a Avinhão e a Roma. Quando o papa exigiu que Catarina se fizesse sempre acompanhar de três sacerdotes, capazes de confessar os pecadores por ela convertidos e de administrar-lhes a comunhão, Fra Giovanni Tantucci foi um deles.

Em sua companhia visitou Catarina o eremitério de Lecetto e fez conhecimento com os monges que ali habitavam. Entre esses monges encontrava-se o inglês William Fleete. De humor melancólico, buscava, acima de tudo, na religião, a sua própria satisfação espiritual. Tornou-se fervoroso admirador de Catarina, entrou em correspondência com ela e, após a morte da santa, divulgou o seu nome e a sua obra em Inglaterra. Todavia, recusou juntar-se ao grupo de familiares de uma religiosa que associava a vida contemplativa à vida activa. Tinha demasiado amor à solidão da bela floresta de carvalhos, onde passara horas maravilhosas imerso em oração e meditação.

Catarina Benincasa associava a vida contemplativa a uma intensa actividade física. Dessa actividade terrena, que seria exaustiva para uma criatura robusta, não descansava senão nos momentos em que a sua alma, por assim dizer, escapava do corpo frágil para refugiar-se nos braços do Esposo celestial. A sua força espiritual, a que bem poucos resistiram, e a força física de viver uma vida inteiramente despojada dos bens materiais, provinham das palavras que Ele lhe murmurava à alma, das Suas mãos que a sustentavam, da fonte de vida que emanava do Seu lado traspassado. Os amigos que a assistiam nesses transes viam-na ser como que suspensa do solo onde estava ajoelhada. Parecia planar sobre a terra; dir-se-ia que a sua alma, lançando-se para o céu, levava consigo o corpo em lugar de ser por ele retido nos domínios da matéria.

Raimundo de Capua, que tivera por sua vez experiências místicas, se bem que raras e aparentemente sem relação com as da sua penitente

Catarina, procura na sua biografia explicar com todo o interesse o que podia compreender dessa estranha experiência. Quando a alma é transportada aos Céus para ali gozar de visões puramente intelectuais, ela deixa de depender do corpo, e em seu desejo de identificar-se com a visão entrevista, isto é, com Deus, aspira a separar-se integralmente desse corpo. Se Deus ali não mantivesse milagrosamente a vida, esse corpo pereceria. Quando retorna às esferas inferiores, a alma experimenta como que uma humilhação. Dir-se-ia que, consciente da Perfeição divina e da sua própria imperfeição, vacila com as asas abertas entre dois abismos. Confiante e bem-aventurada, ela entreviu as plagas da vida eterna, porém enquanto permanece acorrentada à carne não há repouso possível para ela, nem no além nem nas praias do oceano deste mundo. Raimundo acredita ser esse o pensamento de São Paulo quando escreve aos coríntios: "Para que eu não me vanglorie pelas santas revelações que recebi, Deus enfiou-me um espinho na carne", e mais adiante: "A sua força se realiza na minha fraqueza"

Se Catarina não cessava de lamentar as próprias faltas é que conhecia intimamente a própria essência da Pureza perfeita, do perfeito Amor. Quando a vemos acusar-se, com veemência, de haver negligenciado a Deus, apenas por se ter deixado momentaneamente distrair pela passagem de um monge, ou ainda quando amargamente se censura a si mesma pela sua falta de franqueza ao aceitar por delicadeza o oferecimento de dois dominicanos a visitar em sua companhia um mosteiro quando a sua intenção era recusar - esses escrúpulos de consciência se nos podem afigurar exagerados. Somos levados mesmo a duvidar da sua total sinceridade, ao ouvi-la qualifica-se a si mesma de pecadora maior que as demais. O próprio Raimundo de Capua confessa ter sido assaltado por essa dúvida. Entretanto, acabou por verificar que as medidas de que se servia Catarina para calcular a perfeição e a imperfeição eram diferentes do comum. Só Deus é perfeito; tudo que não é Deus é precário - eis o que lhe fora permitido deduzir das suas visões. Assim sendo, era perfeitamente sincera quando lançava sobre os seus próprios pecados a responsabilidade da situação angustiosa em que se encontravam a Igreja e o mundo inteiro. Sem dúvida não ignorava que outros milhares de almas igualmente culpadas teriam parte nessa responsabilidade. Não lhe cabia, porém, a tarefa de julgá-las; bastava que se condenasse a si mesma. Esta a verdadeira união da comunidade dos santos. Assim como os seus méritos se acumulam no tesouro comum da Igreja,

permitindo às almas pobres e enfermas compartilhar das suas riquezas, também os pecados dos fiéis concorrem para debilitar de forma insondável a Cristandade no seu conjunto.

CAPÍTULO 12

A hostilidade reinara entre o papado e Bernabo Visconti, tirano de Milão desde que assumira o poder, se bem que, eventualmente, entre os períodos de guerra declarada, houvessem os dois partidos concluído como que uma trégua, à espera de que se definisse a situação. Contudo, a tensão subsistia. Quando os legados de Inocêncio VI chegaram, em 1361, trazendo consigo a bula de excomunhão, Bernabo forçou-os a engolir os cordões de seda e o sinete de chumbo. Isso feito, Bernabo cobriu-os de injúrias tão pesadas que o arcebispo de Milão teve de chamar-lhe a atenção, coisa que aos prelados dos seus Estados agradava bem pouco. Todavia, quando era presa de um desses ataques de raiva furiosa, Bernabo não poupava ninguém, seja sacerdote ou leigo, homem ou mulher. Como lançou em rosto ao próprio arcebispo, considerava-se papa nos seus domínios; não somente papa, mas imperador e Deus, pois Deus nada podia fazer em Milão sem a sua autorização.

Os seus contemporâneos haviam perdido a faculdade de se emocionarem com os espectáculos que presenciavam diariamente e com o que ouviam contar sobre as violências, as injustiças e as vinganças dos grandes e pequenos tiranos. A crueldade de Bernabo, entretanto, possuía algo de satânico. Caçador inveterado, instalara os seus cinco mil cães de caça entre os seus súbditos, que oprimia, aliás, despudoradamente. Os próprios mosteiros existentes nos seus domínios foram obrigados a acolher parte dessas matilhas. Se acontecia morrer um animal, mandava açoitar o infeliz responsável, que às vezes sucumbia sob os golpes.

A fim de fazer respeitar os seus regulamentos com referência à caça, vasava os olhos daqueles que eram suspeitos de havê-los infringido, ou fazia-os torturar ou assassinar - fossem eles camponeses ou burgueses. Não temia a Deus nem aos homens; fiava-se no seu espírito infinitamente matreiro de político e no seu valor como chefe militar, convencido de conhecer todas as manhas e ardis da ciência militar. O seu irmão Galeazzo, tirano de Pavia, era igualmente depravado, se bem que menos inteligente; a mulher deste, Beatrice della Scala de Verone, muito mundana, carecia de moralidade tanto quanto o marido.

Quando Urbano V foi eleito papa, Bernabo transmitiu-lhe as suas felicitações por intermédio dos seus embaixadores. Era um simples hábito de cortesia seguido por todos os príncipes cristãos. Entretanto, o papa lembrou aos delegados que o seu chefe fora excomungado, não mais podendo ser recebido pela Igreja antes de arrepender-se dos seus pecados e decidir-se a reparar os actos de banditismo e as injustiças de que se tornara culpado perante a Santa Sé. Como Bernabo deixasse de levar em conta a repreensão do papa, este, na qualidade de Soberano dos Estados Pontifícios, declarou-lhe guerra e contra ele organizou uma coligação. O imperador da Alemanha, os reis da Hungria e da França e ainda a rainha Joana de Nápoles foram por ele convidados a participarem nessa aliança a um tempo defensiva e ofensiva.

Bernabo Visconti contava com o descontentamento latente entre os súbditos italianos do papa, em razão das actividades dos legados franceses enviados como governadores dos Estados do Santo Padre, em substituição a este último. Em diversos lugares transformara-se esse descontentamento em ódio declarado; e mais não seria preciso para sublevar as províncias dominadas por Roma, fazendo-as rejeitar o jugo tornado insuportável durante a retirada do papa para Avinhão. Em 1371, o novo delegado, Pierre d'Estaing, apoderara-se de Perugia. As cidades toscanas encravadas nas províncias dos Estados pontifícios temiam pelas suas liberdades. Visconti não era o que se poderia chamar um aliado cómodo; mas se a coligação encabeçada pelo Papa conseguisse inflingir-lhe alguma derrota séria, a situação da Toscana tornar-se-ia sobremodo difícil.

Não foi senão em 1372 que Catarina se dirigiu por carta ao cardeal legado Pierre d'Estaing, então residente em Bolonha. "Ao meu caríssimo e venerado Pai em Jesus Cristo, meu doce Salvador, dirijo esta carta, eu, Catarina, serva e escrava do servo de Deus, pelo Seu precioso sangue, no meu desejo de vos ver ligado a nós pelos laços de amor, assim como ligado estais pela natureza da vossa missão em Itália... Essa notícia representou enorme alegria para mim, e estou certa de que muito fareis pela glorificação de Deus e prosperidade da Igreja. Gostaria de vos ver ligado por esses laços de amor, pois bem sabeis que, sem amor, nada pode a graça realizar em vós ou no próximo."

Catarina prosseguiu insistindo com Pierre d'Estaing sobre o tema do amor, elo entre as almas e o seu Criador, entre Deus e os homens, esse amor que pregou na cruz o Deus encarnado. Só o amor é capaz de pacificar as disputas, unir aqueles que a inimizade separa, enriquecer os que são pobres em virtude, pois que só o amor pode dar impulso às demais virtudes. O amor termina a guerra e estabelece a paz, ele origina a paciência e a força de perseverar nas boas e santas acções. Sem jamais se irritar ou ter medo, ele não se deixa afastar de Deus e do próximo, nem pelo sofrimento nem pela injustiça, nem pelas zombarias ou pelas ofensas. Nem a impaciência nem os prazeres deste mundo pejado de falsidade têm força suficiente para abalá-lo.

Eis o que escreve ainda a jovem mantelata: "Insisto em que aceiteis esses laços e cultiveis esse amor, para poderdes ouvir a doce voz da Verdade que delimitou o vosso rumo, dando-vos a vida, o carácter, a disciplina, e ensinando-vos as doutrinas da Verdade." Concita-o a dedicar-se com todas as suas forças à extinção das infâmias e das desgraças decorrentes dos pecados de que o mundo está repleto e que ofendem o nome de Deus.

Termina esta carta, como todas as demais, pelas palavras: "Jesu Dolce, Jesu Amore."

Numa segunda missiva, aborda outro tema: a alma escrava do medo nada pode realizar de bom, seja qual for a situação em que se encontre, nas pequenas como nas grandes coisas. Catarina implora ao Cardeal que se deixe inspirar pelo Cordeiro imaculado, o qual não teme nem a maldade dos judeus, nem a do demónio, nem a vergonha, nem os escárnios ou as afrontas - Ele que não recuou ante as infâmias da cruz. "Nada procureis além da glória de Deus e da salvação das almas; não vos preocupeis senão em servir a Santa Igreja, esposa amada de Cristo. Esse Cristo, que é a própria Sabedoria do Pai, conhece aqueles que compartilham do sacrifício do Seu Sangue e aqueles que, por sua própria culpa, não tomam parte n'Ele. Por causa destes, sofre, já que o Seu Sangue foi derramado por todos. O seu desejo de ser autorizado a salvar todas as almas originou o sofrimento do Senhor, desde o nascimento até à morte. O facto de haver sacrificado a vida não suprimiu o desejo - apenas este deixou de representar uma cruz.

"Coragem! - recomenda Catarina. Procedei como homem, pois é lamentável o facto de nos vermos em luta contra Deus devido aos inumeráveis pecados que cometem grandes e pequenos deste mundo e a revolta contra a Sua santa Igreja. É triste o facto de nos estarmos armando uns contra os outros, enquanto como cristãos nos deveríamos estar preparando para combater os incrédulos e os falsos cristãos." E Catarina conclui por estas palavras a sua missiva ao cardeal: "Paz, paz, paz, meu Pai bem-amado. Lembrai-vos de vós mesmo e das demais criaturas, e aconselhai o Santo Padre a preocupar-se mais com a salvação das almas do que com a destruição das cidades. Pois que a Deus importam mais as almas do que as cidades."

Pierre d'Estaing foi um dos melhores legados pontifícios que veio a Itália; tomou a peito os conselhos daquela jovem por todos considerada santa, dotada pela graça de Deus de um poder todo especial. Após ter triunfado de Bernabo Visconti, encetou com estas negociações de paz e conquistou para a Santa Sé a casa deste, reconhecendo outrossim a sua superioridade sobre Ferrara que, estando sob o domínio do papa, devia a este um tributo anual.

A paz com o milanês foi, porém, de pouca duração, e em 1374 o papa chamava de volta o cardeal d'Estaing. Guillaume de Noellet, nomeado legado no lugar deste, em Bolonha, foi um sacerdote de bem menos valor.

Enquanto d'Estaing se encontrava ainda em Itália, vira-se este país forçado a aceitar um segundo representante da autoridade pontifícia, Gérard du Puy, vigário de Marmoutiers e sobrinho do papa Gregório XI.

Gérard du Puy conhecera Santa Brígida, e tudo indica desejasse conquistar igualmente a amizade da visionária sienense. De facto, a missiva por ela dirigida a esse prelado parece responder a certas frases que ele lhe teria escrito. Catarina lhe exprime o seu reconhecimento, agradecendo-lhe ter-se lembrado da criatura indigna e miserável que é, para em seguida passar imediatamente a responder às perguntas do núncio. "Com referência à vossa primeira questão, que diz respeito ao nosso muito amado Cristo sobre a Terra (refere-se ao Vigário de Cristo), acredito que agiria bem aos olhos de Deus se tratasse de corrigir dois pontos que enchem de justa cólera a esposa de Cristo. Em primeiro lugar, a sua afeição e solícitude exageradas pela própria família - esse abuso deve cessar imediatamente e em toda parte

-, e a seguir a sua exagerada brandura que o torna demasiado indulgente e é causa de corrupção para os membros da Igreja, aos quais nunca se fazem os merecidos reparos. Três pecados repugnam a Nosso Senhor sobre todos os demais: a cupidez, a luxúria e o orgulho. Tais pecados abundam na Igreja de Cristo; prelados há que não buscam senão os prazeres, a fama e as riquezas. Assistem, sem se perturbarem, aos demónios do inferno arrastarem consigo as almas confiadas à sua guarda; não passam eles próprios de lobos vorazes que calcam aos pés a graça divina. Cumpre tratá-los com severidade implacável. Pois, em tais casos, a caridade exagerada é a pior das crueldades. Para reparar esses males, é preciso que a justiça ande de par com a misericórdia."

Catarina, entretanto, continua esperançosa. A esposa de Cristo conservará a sua beleza, mesmo se, liberta dos abusos que a rebaixam, se tornar a presa de perseguições. Quanto à própria Catarina, "vossa pobre filha", como se chama a si mesma, está pronta a tomar nos braços o fardo dos pecados do mundo. "Juntos queimaremos os seus e os meus pecados na fogueira do amor adorável que os consumirá." Outrossim aconselha a Gérard du Puy a arrepende-se. Suplica-lhe não se dedicar exclusivamente à prosperidade temporal da Igreja (a qual não deixa de ter a sua importância), pois acima de tudo se trata de expulsar do redil esses lobos, demónios sob aparências humanas, que não cuidam senão dos seus prazeres escusos e de sua sede de criminoso ostentação. Para concluir, suplica ao prelado que lhe perdoe a audácia e pede-lhe que interceda por ela.

Entretanto, Gérard du Puy não alterou os seus hábitos, o que continuou a fomentar o descontentamento entre os italianos. Representava ele exemplo deplorável daquele nepotismo de Gregório XI, que Catarina com tanto franqueza estigmatizara. O capacete militar lhe teria assentado melhor que a mitra; porém, graças à protecção do tio, foi a Igreja a lhe oferecer maiores possibilidades de carreira. Foi ele, inegavelmente, o responsável pela guerra que um pouco mais tarde se desencadeou entre Florença e a Santa Sé. Em 1375 era nomeado cardeal. Em 1377, por ocasião do cisma, tomou partido por Roberto de Génova, contra o verdadeiro papa, e morreu cismático.

No correr do inverno de 1373-1374, novamente se declarou a hostilidade entre o papa e os Visconti. Estes entregaram-se, contra o arcebispado de Milão, a uma violação do direito a tal ponto grosseira que forçou a Igreja a intervir. Por essa época, a influência de Catarina em tudo o que dizia respeito à religião e à política estava suficientemente divulgada para que Bernabo Visconti, enviando um mensageiro a Siena no intuito de conquistar para a sua causa as boas graças da República, lhe ordenasse igualmente aproximar-se da filha do tintureiro, e, se possível, conseguir-lhe também o apoio. Catarina respondeu-lhe por meio de uma carta que ditou a Neri di Landoccio.

Dirige-se ao tirano excomungado tratando-o de reverendo pai e suplicando-lhe arrepender-se por haver compartilhado da efusão do Sangue do Cristo. Haverá coração suficientemente empedernido para não se deixar comover pela bondade que lhe demonstra o Senhor?

"Sobre o tema do amor, lembrai-vos de que foi Ele a amar-nos primeiro. Sim, porque Deus ama a beleza da Sua criação, onde Se vê retratado. Por um gesto do Seu amor infinito a criou, a fim de lhe dar a vida eterna e fazê-la gozar da inefável bcatitude que está n'Ele. Toda a força é sem valor se não é dona da sua própria alma. Tão inexpugnável é essa fortaleza, e dentro dela sentimo-nos tão fortes, que nem homens nem demónios poderão vencer a nossa resistênciã se não lhes cedemos nós mesmos."

É Jesus Cristo, cordeiro sem mácula, quem confere à nossa alma esse poder. Catarina, com todo o seu poder de persuasão, recorda ao tirano o sacrifício cruento de nosso Salvador sobre a cruz, pela salvação dos homens. Sendo a Igreja a única dispenseira desse Sangue, só um gesto de loucura explica a atitude de separar-se do Vigário de Cristo ou contra ele se revoltar. "Eis por que suplico-vos não mais vos rebeleis contra aquele que é vosso superior. Não deis ouvidos ao que vos murmura o demónio; não vos julgueis no dever de intervir contra os maus pastores que se encontram no seio da Igreja. Nosso Senhor não o quer assim. Só Ele tem o direito de julgar os Seus servos indignos e, da nossa parte, a eles nos cumpre recorrer para receber os sacramentos cuja administração Deus confiou à Igreja em vista da nossa salvação."

Catarina estava disposta, de corpo e alma, a padecer tortura e morte, se Deus Se dignasse aceitar-lhe o sacrifício, visando a reforma da Igreja. Com a mesma firmeza de Santa Brígida (e de todos os santos) acreditava não haver salvação fora da Igreja para os que dela se separavam voluntariamente. O desejo que a animava de ver a esposa de Cristo recuperar a sua beleza primitiva e purificar-se de todos os servos indignos que a conspurcavam e rebaixavam, tornava-se paulatinamente a essência mesma do combate que tratava visando a união perfeita em Jesus Cristo.

A sua epístola a Bernabo Visconti conclui por uma exortação apaixonada no sentido de que atendesse ao apelo do Santo Padre, que concitava a Cristandade a erguer o estandarte da cruzada contra os infiéis. Gregório XI convocara os príncipes cristãos para uma guerra santa contra o Islão, que conquistara todos os países outrora cristianizados da Ásia Menor, da África e mesmo da zona sul-oriental da Europa. Os infiéis haviam chegado ao Bósforo e ameaçavam Bisâncio. Parecia tratar-se de uma questão de anos para que a Constantinopla dos patriarcas compartilhasse do destino das cidades natais de São Paulo, Santo Atanásio e Santo Agostinho, e para que o Crescente, que por séculos afora se levantara sobre o Santo Sepulcro e sobre o presépio de Jesus Cristo, avançasse mais adiante em solo cristão.

Pois Catarina via nos muçulmanos simplesmente os inimigos da cruz, onde quer que se encontrassem eram os cristãos tratados como escravos, material e espiritualmente. Brígida da Suécia indignara-se ante a remessa de soldados brutais e desprovidos de escrúpulos para a defesa do Santo Sepulcro. Afinal de contas, porém, ela fora esposa e mãe e a experiência pessoal levava-a a tolerar certas situações que a virgem sienense preferia enfrentar com espírito combativo. Mais do que Santa Brígida, Catarina estava a par das devastações que causavam os piratas nas costas de Itália e na orla mediterrânea. Conhecia a situação dos prisioneiros cristãos entre os muçulmanos. Parecia-lhe que se um desses destemidos mercenários orientasse a sua actividade sob o signo da cruz, estaria dando porventura um passo à frente no caminho da sua conversão. Enquanto as labaredas da guerra se alastravam por áreas cada vez mais extensas da sua amada província de Toscana, e de toda a Itália, ela seguia esse simples raciocínio: todos estes homens - príncipes, *condottieri*, soldados - parecem comprazer-

se no combate em si; por que não se voltarem contra a impiedade e contra os carrascos dos cristãos, ao invés de guerrearem contra os seus irmãos em Cristo?

Neste sentido redigiu Catarina uma carta a Beatrice della Scala, a orgulhosa esposa de Bernabo. Nela a virgem seráfica refere-se uma vez mais à irrealdade das coisas deste mundo, que terminam por aniquilar no homem a própria alma. Como são felizes os que amam as verdadeiras realidades, a saber, Deus e o Sangue de Cristo!

Chegou a pensar em dirigir-se pessoalmente a Milão, no intuito de salvar as almas dos dois sinistros esposos. Tal viagem nunca se realizou.

Na primavera de 1374, Catarina foi chamada a Florença, onde, no princípio do verão, teria lugar o capítulo geral da ordem dos dominicanos. Aos ouvidos das altas autoridades da ordem haviam chegado os ecos da fama da mantelata, e esses ecos eram contraditórios.

Seria uma santa ou uma simuladora hipócrita? Era o que o prior da ordem, Fra Elias de Tolosa, decidira verificar pessoalmente.

CAPÍTULO 13

Catarina e os seus companheiros de viagem, entre os quais se encontravam algumas mantelatas, colegas suas, atravessaram países devastados pela guerra. A linhagem dos Salimbeni lutava contra os seus próprios concidadãos. Os sienenses haviam capturado e executado um dos membros do clã, o conhecido cavaleiro de indústria barão Andrea di Niccolo Salimbeni, juntamente com seis outros componentes do bando. Para se vingarem da justiça, que conseguira deitar a mão a um dos seus, os parentes pegaram em armas e empreenderam devastar os arredores de Siena. Simultaneamente, anunciava-se a terrível epidemia de peste bubónica. Se bem que a mortandade não devesse atingir o seu ponto culminante senão pelo fim do verão, em Florença já o mal grassava em cheio quando Catarina e seu grupo chegaram à cidade, por volta de 20 de maio.

Perante a reunião do capítulo geral, Catarina deve ter podido exprimir-se livremente, embora poucos ecos nos tenham chegado dessas discussões. Entretanto, firmava novas relações na cidade, entre os quais o rico e poderoso Niccolo Soderini e o alfaiate Francesco Pippino e sua esposa, Madonna Agnese, com os quais, de então em diante, passou a entreter correspondência seguida. O mais importante acontecimento dessa primeira estada foi, contudo, o encontro com Raimundo de Capua. Segundo as pesquisas mais recentes, parece provado ter sido em Florença que pela primeira vez se encontraram, embora naturalmente Raimundo já tivesse ouvido numerosas referências a Catarina. Se de início já se mostrava céptico sobre o que se contava a respeito dela, esse primeiro contacto não foi absolutamente de molde a modificar-lhe a opinião. Embora não pusesse em dúvida a sinceridade da moça, não concebia como podia uma mulher jovem e ignorante estabelecer a distinção entre as visões autênticas, as miragens da sua própria imaginação e os sortilégios demoníacos.

Catarina aproximou-se imediatamente de Raimundo, persuadida de ter encontrado finalmente o confessor que lhe prometera a Virgem. Devia ele instalar-se em Siena, onde, no convento das dominicanas, exerceria a função de leitor. O fiel Tommaso della Fonte renunciou ao posto de guia

espiritual de Catarina, e ao retirar-se transmitiu ao outro os quatro volumes do diário que desde 1358 mantinha acerca da vida de Catarina. O mais idoso dos dois dominicanos era, incontestavelmente, mais indicado para se ocupar de um caso tão excepcional quanto o da virgem seráfica. Compreendeu, por exemplo, a necessidade que tinha Catarina de comungar com mais frequência, melhor do que Fra Tommaso, que não ousara autorizar a jovem a tanto.

Por outro lado, a possibilidade de consultar um homem da envergadura de Fra Raimundo era também significativa para a missão de Catarina entre aqueles e aquelas que tinham entre as mãos o destino do povo e do país, se bem que, a esse respeito, Catarina, obediente às suas inspirações, decidisse por si o que devia fazer e informasse Raimundo sobre o que esperava dele.

Raimundo della Vigne pertencia a uma das famílias tradicionais do reino de Nápoles. Nasceu em Cápua, por volta de 1330, o que faz dele um homem já amadurecido na época em que Catarina o conheceu.

Franco, puro e piedoso desde a infância, distinguira-se sempre por um amor particular a Jesus Cristo. Muito jovem ainda, entrou para a ordem dos dominicanos, onde foi sempre um modelo para os companheiros, vendo-se encarregado pelos superiores de tarefas de responsabilidade. Adquirira um profundo conhecimento de teologia, e todos lhe louvavam a vida sem mácula e a intensa actividade espiritual. Em 1363 era nomeado capelão dos dominicanos de Montepulciano. Aí redigiu uma vida de Santa Inês, religiosa daquele convento falecida em 1307, cujos milagres, operados em vida, a celebrizaram depois de morta. O seu corpo imputrescível repousava na capela conventual. De Montepulciano, Raimundo foi chamado a Roma na qualidade de capelão do convento de mulheres situado próximo a Santa Maria Sopra Minerva. Ao cabo de pouco tempo, pediu para ser dispensado das suas funções, pois ambicionava dedicar-se integralmente à direcção espiritual dos penitentes. Em 1374 era enviado ao mosteiro das dominicanas de Siena, no cargo de leitor. Sendo da praxe para as irmãs da penitência colocarem-se sob a orientação dos frades, Raimundo tornou-se o confessor de Catarina. O seu génio amável, apenas alterado por certa timidez que o tornava algo hesitante, transparece em cada linha do seu livro sobre a mulher que amou a um tempo como uma mãe e como uma filha em Jesus

Cristo, e que venerava como esposa do seu Mestre Bem-Amado. Conscencioso ao extremo, esse guia espiritual - culto e experiente - não deixou de submeter à crítica mais severa todo o material que foi capaz de reunir, firmemente decidido a tratar o assunto de uma maneira digna da sua heroína. Isso lhe permitiu transmitir às gerações seguintes uma descrição das mais tocantes da vida de uma mulher que a natureza dotou de qualidades brilhantes, e que desenvolveu essas qualidades de modo excepcional, sob a influência da Graça santificante.

Os laços que uniam Catarina e Raimundo devem ter sido fortalecidos ao extremo pela incansável vocação de sacrifício que caracterizou a ambos, apenas de volta a Siena. Chegavam a uma cidade devastada pela peste. Em companhia de Catarina vinha o seu irmão Bartolommeo, ou porque houvesse renunciado a ser cidadão florentino (os negócios não lhe haviam corrido muito bem), ou, simplesmente, movido pelo desejo de rever a sua velha mãe e alguns de seus próprios filhos, que entregara aos cuidados de Lapa.

Apenas de volta à sua cidade natal, Bartolommeo sucumbia vítima da peste. A pobre Lapa perdeu também outra filha, Lisa, provavelmente mais velha que Catarina, que sofria, ao que parece, de alguma enfermidade do corpo ou do espírito. Não era casada e não a vemos intervir em nenhum ponto da história da sua irmã. Oito netos de Lapa sucumbiram igualmente no flagelo. Catarina vestiu os pequenos cadáveres, enquanto suspirava resignadamente. "Estas crianças, pelo menos, não as perderei." Tinha, sem dúvida alguma, boas razões para crer que a situação não era das melhores para os seus irmãos. De facto, por essa época, morria Stefano, em Roma. O insucesso em Florença parece ter azedado o carácter de Benincasa, segundo deixam entrever claramente as cartas que dirige então à irmã.

A peste causou tremenda devastação em Siena, parecendo ter dizimado cerca de um terço da população. Como costuma suceder nas épocas de provação, padres e monges revelaram-se então sob o seu aspecto mais nobre. Mesmo aqueles que até ali haviam vivido na indiferença, em meio aos prazeres do mundo, enquanto gozavam de uma existência pacífica e confortável, muitos se recordaram, então, da sua santa responsabilidade e passaram a arriscar a vida no trato dos enfermos, na administração do

viático aos moribundos, no sepultamento dos mortos em meio a cenas de terror e desolação.

Infatigável, Catarina corria de um hospital para outro, entrava nas casas onde havia doentes, para cuidar deles, rezar por eles, encorajá-los, lavar e vestir os mortos. Noite e dia vivia entre as vítimas da peste, munida de um pequeno frasco de perfume, destinado a protegê-la contra as emanções do ar empestado, e de uma lanterna.

Os dominicanos trabalhavam valentemente, até ao limite da exaustão. Raimundo passava os dias a percorrer de um em um os leitos mortuários. Quando eventualmente era forçado a deter-se para repousar, procurava o hospital da Misericórdia, cujo reitor, Messer Matteo Cenni Fazi, era um dos seus bons amigos.

Ali encontrava sempre algum descanso, embora estivesse sempre a postos quando Messer Matteo vinha procurá-lo para atender a algum infeliz hospitalizado que carecia de assistência sacerdotal. Certa manhã, passando pelo hospital, após a missa conventual, encontrou alguns dos frades transportando o próprio Messer Matteo, que parecia a ponto de expirar. Raimundo cuidou que o doente fosse internado e ouviu-o em confissão. E entretanto, o seu coração se confrangia ao assistir ao sofrimento do amigo, que os médicos davam por perdido. Acabrunhado, tomou o rumo do seu trabalho suplicando a Deus salvasse a vida de um homem tão necessário aos seus semelhantes. Logo que pôde, voltou à Casa della Misericórdia, cruzando com Catarina que dali saía.

A expressão da fisionomia da jovem não se alterava; continuava alegre e tranquila, e, em seu desespero, Raimundo dirigiu-lhe severas recriminações: "Minhã mãe, acaso quereis ver morrer este homem a quem ambos tanto queremos, vós que em outras circunstâncias praticais tanto o bem?" Catarina meneou a cabeça. "Que estais dizendo? Acaso pretendeis que, à semelhança de Deus, possa eu salvar da morte uma criatura mortal?" Raimundo continuava amargo: "Guardai essas falas para quem vos quiser crer, mas não as tenteis impingir a quem como eu conhece os vossos segredos. Sei perfeitamente que tudo podeis obter de Deus, se do fundo do coração o suplicardes." Catarina sorriu. "Pois bem, alegrai-vos então; Messer Matteo não morrerá desta vez."

Raimundo entrou no quarto do amigo e encontrou-o sentado no leito, tomando uma reforçada refeição constante de legumes e cebolas cruas. Soube então que Catarina estivera em visita ao doente. Ainda do corredor, exclamara alegremente: "Levantai-vos, Messer Matteo, não há tempo para vos espreguiçardes no leito." Instantâneamente Messer Matteo sentira-se livre das dores e da febre. Ergueu-se no leito, mas no mesmo instante Catarina voltou-se e desapareceu, evitando as demonstrações de surpresa e de agradecimento. Após se ter alimentado, Messer Matteo pôs-se de pé cheio de animação e retomou as suas actividades filantrópicas no hospital.

Messer Matteo já tivera ocasião de ver Catarina como que por milagre devolver a vida e a saúde a criaturas aparentemente a ponto de expirar. Para Raimundo, porém, o verão da peste foi a primeira ocasião que teve de testemunhar o estranho poder de Catarina. Havia na cidade um velho eremita conhecido simplesmente como Fra Santo. Quando o soube contagiado, Catarina fê-lo transportar da sua ermida, situada fora da cidade, para a Casa della Misericórdia. O pobre homem estava desolado, muito embora Catarina não cessasse de repetir-lhe: "Nada temas, não é chegada ainda a tua vez." Porém o estado de Fra Santo não fazia senão piorar, e Catarina recomendou aos amigos orações em seu favor, enquanto continuava a murmurar ao ouvido do moribundo: "Não morrerás ainda." A agonia prolongava-se, até que Catarina segredou ao ouvido do doente, que já então perdera os sentidos: "Em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, ordeno-te que não morras." Foi como se a alma, que lutava para escapar ao corpo, imediatamente nele se reintegrasse; o santo homem sentou-se no leito e pediu alimento. Mais tarde, referia aos amigos o que Catarina lhe murmurara ao ouvido e acrescentava que à sua intimação em nome de Jesus devia a graça de estar vivo.

Dia e noite, o rolar das carroças lotadas de cadáveres de um negro azulado fazia estremecer o calçamento de Siena. A segunda epidemia de peste parecia mais devastadora que a primeira: ceifava vidas com a rapidez do raio. Quem se levantava de manhã aparentemente bem disposto, podia estar morto antes de findar o dia. Outrossim, a doença parecia agora mais contagiosa, dispensando até mesmo o contacto com o doente infectado: o micróbio parecia estar no ar. Avolumando-se o pânico, muitos padres e monges desanimavam da luta e refugiavam-se no campo. Raimundo e seus

companheiros viam-se obrigados a redobrar de esforços. Convicto de que o poder do Cristo sobreleva o do demônio e o da Graça supera o da natureza, não temia deixar-se ficar ao lado dos doentes, colocando a salvação das suas almas mais alto que a da própria vida.

Uma noite, ao tentar levantar-se para ler o breviário, após ter dormido durante algumas horas, sentiu uma dor aguda na virilha. Apalpando o local, percebeu uma tumefação - sinal infalível da peste bubônica.

Aterrorizado, deixou-se cair de novo sobre o leito, ansiando pela aurora - que lhe traria a possibilidade de procurar a sua *mamma*. Embora presa de um acesso de febre e de violentas pontadas na cabeça, procurou recitar o seu breviário. Pouco a pouco o dia despontou. Com a ajuda de um companheiro, arrastou-se até à casa de Catarina. Não a encontrando, deixou-se estender sobre um leito, já incapaz de mover-se, e instou com os presentes para que fosse à procura da sua amiga. Apenas chegada, esta pôs-se de joelhos, pousou a mão sobre a fronte do enfermo e começou a rezar silenciosamente. Raimundo fitava a mulher arrebatada em êxtase, e dizia consigo mesmo: "Ela conseguirá a cura, seja de meu corpo, seja de minha alma." Sentia-se, contudo, profundamente desanimado, principalmente por se achar presa dos terríveis vômitos que precedem o desenlace. Em lugar de morrer, porém, teve a impressão de que lhe arrancavam violentamente a doença do corpo. A dor atenuou-se e em breve desapareceu por completo. Antes mesmo que Catarina houvesse retomado consciência, sentia-se completamente restabelecido.

A pedido de Catarina, esperou que esta lhe preparasse e servisse uma refeição ligeira. Antes de deixá-lo ir-se, a moça ainda lhe falou com gravidade: "Ide trabalhar para a salvação das almas e dai graças ao Todo-Poderoso que vos salvou do perigo." E Raimundo voltou à sua labuta diária, louvando ao Senhor que concedera tamanho poder a uma virgem, filha de homens.

De muitos outros milagres obtidos por intercessão de Catarina seria ele ainda testemunha durante a fase da epidemia, e pelos anos que se seguiram. Entretanto, a epidemia começava a decrescer de intensidade, cedendo lugar à fome. Catarina empreendeu assar pão em casa de Alessia Saracini, que o distribuía entre os pobres. De uma vez, esta se opôs a aproveitar um

carregamento de farinha mofada e mal cheirosa, que a filha de Lapa por seu turno não quis perder. "É pecado desperdiçar os dons de Deus" - afirmou, e pôs-se a manipular a farinha estragada. Esta lhe rendeu cinco vezes a quantidade prevista, de um pão delicioso e perfumado. Segundo a própria Catarina confessou mais tarde, Nossa Senhora viera pessoalmente ajudá-la na sua tarefa. Os filhos espirituais de Catarina conservaram depois, a título de relíquia, pedaços desse pão milagroso.

Pelo fim do verão, Catarina, totalmente esgotada, adoeceu. Novamente pensou poder realizar o maior anseio de seu coração, qual fosse o de "morrer e desaparecer em Cristo Bem-Amado". Por ocasião da festa da Assunção, porém, a Mãe de Jesus tornou a aparecer-lhe e comunicou que Seu Filho precisava ainda do seu trabalho neste mundo. E a Virgem fez ver a Catarina, numa visão, as almas que devia salvar. A santa distinguiu-as com tanta nitidez que estava certa de poder reconhecê-las, caso se lhe deparassem na rua.

De Pisa, recebeu uma carta de Pier Gambacorti, que era praticamente o tirano dessa república. Por seu intermédio, as religiosas de Pisa solicitavam-lhe a visita. Respondendo a essa autoridade, Catarina previne-o, segundo o seu costume, contra os prazeres do mundo, e o amor pelas coisas ilusórias. Para exprimir o seu pensamento, serve-se de expressões pitorescas e sempre novas: "O homem encadeado à podridão do pecado é um prisioneiro acorrentado. As algemas que lhe unem as mãos da alma impedem-no de realizar as boas obras que Cristo manda. Os pés de sua alma estão agrilhoados de maneira a impedi-lo de orientar-se para as boas obras, fruto da graça." Acerca da viagem a Pisa, responde ser impraticável no momento. Não está em condições físicas de se movimentar e, a par disso, tal excursão despertaria comentários. Com a graça divina, porém, espera poder um dia atender ao convite sem dar margem a essas murmurações.

Aqueles cujo protesto temia no caso de sua viagem a Pisa eram os *Reformati* que tinham as rédeas do governo na sua cidade natal. As relações entre Siena e Pisa estavam tensas. Os cavaleiros da ordem de São João, de Pisa, haviam ocupado Talmone, perto de Siena, no mar Tirreno. Ademais, enquanto Pisa continuava fiel à causa do papa, o governo de Siena não decidira ainda sobre o partido a tomar. A presença de Catarina em Pisa viria

ainda fortalecer a oposição a Bernabo Visconti, que tramava a adesão da República ao seu partido.

Com a chegada do outono, Catarina partiu para uma peregrinação a Montepulciano, por influência provavelmente de Fra Raimundo que, fazendo parte da excursão, induzira-a a visitar o túmulo de Santa Inês. As férias e o turismo apresentavam-se na Idade Média sob essa única modalidade das peregrinações. A sua finalidade era evidentemente religiosa. Era mais fácil dedicar-se com energia redobrada à salvação da própria alma fora do ambiente familiar e da uniformidade da vida quotidiana. A brisa revigorante dos longínquos santuários varria a poeira depositada sobre a alma pela monotonia dos dias e fortalecia o peregrino, cujo fervor redobrava. Porém a viagem, a mudança de paisagens, o encontro de fisionomias novas, constituíam também um estímulo, tanto para o espírito como para o corpo. Catarina não tinha evidentemente outro intuito senão o de visitar o túmulo de Santa Inês, a virgem santa que pertencera à sua ordem e a quem dedicava afeição muito particular, rejubilando à ideia de encontrá-la um dia na eterna bem-aventurança. Foi, portanto, com alegria que acolheu a ideia de se afastar temporariamente de Siena, após ter conhecido ali o esgotamento físico derivado da doença e do excesso de trabalho.

O grupo de mantelatas chegou ao convento antes de Fra Raimundo, e imediatamente dirigiu-se em cortejo para a capela, em visita à santa. E as monjas, maravilhadas, viram a santa, do caixão onde jazia, erguer delicadamente o pé afim de permitir que Catarina, que se ajoelhara, o beijasse. Quando Raimundo chegou, no dia seguinte, encontrou o convento em alvoroço, devido ao milagre. Tendo sido investido de autoridade pelo provincial, convocou as religiosas para um capítulo, a fim de debater a questão. Todas haviam presenciado o movimento da santa, mas não concordavam quanto ao seu significado. Algumas duvidavam tratar-se de milagre; não se poderia tratar de uma ilusão de origem diabólica? Outras opinavam tratar-se de fenómeno natural; o cadáver tendo-se afundado ligeiramente à cabeceira, teria provocado o consequente soerguimento dos pés. Ao que Raimundo contestou com o facto de só um dos pés se ter movimentado, evidentemente por determinação divina, a fim de que ninguém pusesse em dúvida o milagre. E quando uma das freiras tentou

sustentar ter sido a intenção de Santa Inês totalmente diversa da que lhe atribuíam, Raimundo interrompeu-a em tom sumário: "Minha cara Irmã, não vos perguntamos sobre o que pretendeu fazer Santa Inês, pois bem sabemos que não sois nem sua confidente nem secretária. Apenas queremos saber se presenciastes o milagre do pé que se levantava." - "Sim, vi" - replicou a monja, vexada.

É com prazer manifesto que Raimundo refere o incidente, algo cómico para nós. As provas de recíproca veneração prestadas pelas duas virgens santas a quem tanto se afeiçoara encheram-lhe, naturalmente, de júbilo o coração.

Voltando a Montepulciano, alguns anos mais tarde, em companhia de duas sobrinhas, filhas de Lisa, que entravam para o noviciado, Catarina obteve de parte da santa novas demonstrações, as quais deixaram patente, para as testemunhas, que as duas virgens voltariam a rever-se na eternidade.

O que importava acima de tudo para Catarina era o facto de que Raimundo a autorizava a comungar com muito mais frequência do que o ousara o seu predecessor. Não o impressionaram as murmurações de algumas religiosas, para as quais o excessivo ardor de Catarina seria demonstração de pouca sinceridade, ou, quem sabe mesmo, de influência demoníaca. Tampouco se perturbou o sacerdote ante a atitude céptica de alguns monges, enquanto outros se zangavam francamente, alegando que os arrebatamentos de Catarina e as lágrimas que vertia durante a missa distraíam as almas simples dos bons cristãos, cuja atenção era desviada das suas próprias orações. Em contraposição, afirmava sentir com frequência tremer-lhe na mão a hóstia consagrada quando a apresentava a Catarina, como se Nosso Senhor, no sacramento, Se mostrasse, também Ele, impaciente de integrar-Se àquela que O amava com todas as forças da sua ardente natureza. Certa vez, teve mesmo a certeza de que uma fracção da hóstia consagrada abandonara inexplicavelmente o altar e fora entregue a Catarina sem o auxílio de qualquer intermediário.

Se Raimundo nunca chegou a duvidar da inteira responsabilidade de Catarina ao viver intensamente a sua fé, acontecia-lhe, entretanto, conjecturar se teria ela realmente presenciado as visões e revelações que descrevia. Não teriam sido, algumas delas pelo menos, simples produto da

sua imaginação? Durante a estada de ambos em Montepulciano, Raimundo sugeriu a Catarina que procurasse obter do seu Esposo celeste o perdão integral para todos os pecados do seu confessor; mais ainda, não se daria por satisfeito senão depois de ter recebido uma dessas bulas de indulgência que a cúria romana distribuía habitualmente. Catarina sorriu e perguntou-lhe que espécie de bula desejava. Falando com seriedade, o monge retrucou que, se pudesse experimentar um arrependimento dos seus pecados mais intenso que o que experimentara até então, consideraria tal arrependimento como equivalente a uma dessas bulas. Catarina inclinou a cabeça, e pouco depois se separavam.

No dia imediato, Raimundo, sentindo-se doente, teve de acamar-se, solicitando a companhia de outro monge para tratá-lo. Catarina, embora também adoentada e febril, apresentou-se para visitá-lo. Mesmo ante os mais vivos protestos do confessor, a santa moça instalou-se à sua cabeceira e, segundo o seu hábito, pôs-se a discorrer sobre a bondade de Deus e a ingratidão humana. Entretanto, Raimundo também se erguera do leito, algo contrafeito, e, por outro lado, encorajado pela visita da sua *mamma*.

Bruscamente, foi como que uma revelação: os seus pecados se lhe apresentaram sob uma luz crua, e compreendeu ter merecido do seu Juiz a condenação às penas eternas. Ao lado disso, divisou também a Misericórdia desse mesmo Juiz e o Amor que não apenas o resgatara e poupara da expiação mas, ainda, lhe revestira com as Suas próprias vestes a nudez, aquecera-o e o abrigara junto a Si. Por Sua graça, por Sua infinita bondade, a morte transmutara-se em vida, a dor em alegria, a vergonha em honra.

Raimundo desatou em soluços. Chorava como se tivesse o coração a ponto de partir-se, e, enquanto isso, a santa virgem, sentada em silêncio a seu lado, deixava-o verter todas as suas lágrimas. Subitamente, veio à lembrança de Raimundo a conversa da véspera, e um raio de luz se fez em seu espírito: "É esta a resposta. que te solicitei?" - "Aí tens a tua bula" - respondeu ela, pondo-se de pé. Pousou então levemente a mão sobre o ombro do monge e acrescentou, antes de sair: "Recorda-te dos benefícios de Deus."

Pouco depois, estando retida ao leito por uma febre violenta, foi a vez de Raimundo visitá-la. Quando a santa passou a referir-se com entusiasmo

às últimas revelações que tivera, Raimundo confessou humildemente a sua própria indignidade. Não obstante tivesse recebido por intermédio de Catarina aquela graça excepcional, não estava ainda de todo convencido. Reconhecia estar diante de um facto maravilhoso e extraordinário. Até que ponto, porém, seria ele verdadeiro? E com esses pensamentos perscrutava o rosto jovem e febril, próximo dele. Súbito, sobre esses traços femininos viu calcada a fisionomia de um homem dos seus trinta anos, de uma beleza majestosa, cabelos e barba crescidos. O Seu olhar severo fixava-se no monge, que se pôs a tremer, ergueu os braços e gritou: "Quem é este que me fixa desta maneira?" Ao que a voz de Catarina respondeu: "É Aquele Que É." A visão desapareceu; sobre o travesseiro grosseiro voltaram a delinear-se os traços de Catarina. Raimundo conclui a sua narrativa com estas palavras solenes: "Afirmo a veracidade deste facto diante da face de Deus, pois Ele, que é o Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, sabe que não estou mentindo."

Desse dia em diante, Raimundo não mais duvidou que Catarina houvesse sido designada para agir e falar na qualidade de mensageira de Cristo para os seus contemporâneos. Às orações e ao prestígio da jovem passou a atribuir com gratidão a compreensão nova e mais profunda que adquirira das coisas do espírito.

Se bem que os seus caminhos terrenos se separassem ao cabo de alguns anos, Raimundo de Capua viveu o restante dos seus dias inspirado por sua "mãe" e nunca se cansou de agradecer a Deus a bênção que fizera descer sobre a humanidade na pessoa da sua mensageira eleita, Catarina Benincasa.

CAPÍTULO 14

Ao que tudo indica, Catarina conquistou muito rapidamente a afeição das religiosas de Montepulciano, pois nas suas cartas não se cansa de mencionar a felicidade que lhe traz o convívio das irmãs contemplativas, no mosteiro cuja paz e silêncio só eram interrompidos pelo ofício divino e pelos cantos sacros. E esse repouso era sumamente benéfico para quem, como ela, vivia incessantemente requisitada pelas intrigas políticas e pelas paixões humanas.

Não tardou que o governo dos *Reformati* de Siena exigisse a sua presença na cidade. A julgar pela resposta que conhecemos dela, dir-se-ia que a opinião pública, sempre atenta aos seus movimentos, considerava essa estada numa cidade estranha algo como uma traição para com a pátria. Catarina defende-se contra essas insinuações. Em troca, declara aos governantes de Siena que os homens incumbidos da chefia de outros devem ser, antes de tudo, capazes de se governarem a si mesmos. Como pretender que um cego guie um cego, ou um cadáver a outro?, pergunta, e insiste: "A ciência política que adquiristes me parece insuficiente, pois vos leva a punir os inocentes e a libertar os culpados." Os seus conselhos giram sempre em torno de um mesmo ponto: "Rompei os grilhões do pecado, purificai-vos pela confissão, reconciliai-vos com Deus, e assim sereis verdadeiros chefes: pois quem pode pretender governar a outrem sem antes dominar-se a si mesmo, e fazer predominar a razão sobre os sentidos?" Cita nominalmente o caso de um pároco eminente, vítima de perseguição em seguida a uma queixa levantada pelo governo contra a indignidade do clero. Não era um disparate tal perseguição? Quanto ao seu regresso, alega ter ainda certas disposições a tomar em Montepulciano. E conclui queixando-se de que os seus correspondentes hajam prestado ouvidos a certas acusações... Na realidade, dedica-lhes sincera afeição, e roga à Justiça divina não nos punir segundo merece a nossa ingratidão, senão libertar-nos pela verdade. "Que cada um de nós cumpra a tarefa que lhe foi designada por Deus e não desperdice o seu talento, se quisermos evitar sermos punidos severamente. Cumpre trabalhar incessantemente, em todos os sectores, em benefício de todas as criaturas. Deus não faz excepção de local ou de indivíduo. Ele só vê o desejo sincero e o santo ardor que devem animar os nossos labores."

Pelo fim do ano de 1374, vemo-la de regresso a Siena, onde recebe a visita de Afonso de Vataterra, um espanhol que fora bispo de Jaen e estava agora entre os eremitas agostinianos. Confessor de Santa Brígida da Suécia, fora também um dos seus amigos mais íntimos. Vinha, então, de Avinhão, na qualidade de emissário papal, trazer a Catarina a bênção apostólica e concitá-la a não esmorecer nos seus planos e a interceder junto ao Senhor pela Santa Igreja e pelo seu chefe temporal, Gregório.

Um desses projectos consistia em convocar todos os príncipes cristãos para uma cruzada. Entretanto, dois anos haviam decorrido desde o primeiro chamado, e os potentados permaneciam absorvidos pelas suas rixas intestinas. Desvairados pela desconfiança recíproca, pela febre de aumentar o poder pessoal e diminuir o do vizinho - o inimigo em potencial -, não respondiam senão com desculpas e evasivas às tentativas do papa para fazê-los pegar em armas contra o inimigo comum, o Islão.

A ideia da cruzada tornou-se para Catarina objecto de preocupações que se tornaram o eixo de toda a sua vida. Esse movimento significava para ela a libertação dos cristãos oprimidos por chefes ímpios, a retomada dos lugares santos onde Cristo vivera e onde apóstolos e mártires haviam trabalhado e padecido torturas.

A qualquer momento, a avalanche de infiéis podia submergir os países onde os cristãos adoravam ainda livremente: que Catarina se comprazia em designar como a Verdade pura.

De mais a mais, uma cruzada poria fim à luta fratricida que Catarina sentia grassar por toda a parte em torno dela, se os senhores e os povos que eles governavam, renunciando às suas disposições belicosas, não se armassem com humildade para defender a causa de Deus em lugar de pegarem em armas para satisfazer apenas a sua sede de glórias pessoais. Quiçá também a alma do cruzado tirasse, individualmente, grande proveito de tal expedição. Desse momento em diante, estabeleceu-se uma corrente epistolar entre a humilde cela de Catarina e os soberanos dos países vizinhos, estadistas e guerreiros famosos.

A *populana* sienense dirigia-se aos poderosos deste mundo em termos de quem tem a convicção da própria autoridade, se bem que consciente de

não passar de um instrumento na mão de Nosso Senhor Jesus Cristo. Exorta-os, pelo seu próprio bem, a converterem-se sinceramente ao amor do Senhor e a prepararem-se dignamente para o sacro empreendimento. Catarina não crê nos esplendores deste mundo, que a seus olhos não passam de miragem - brilho fugidivo prestes a extinguir-se para sempre. Não obstante, os conceitos que emite sobre os assuntos terrenos são sagazes, e cheios de bom senso os conselhos que dá aos seus correspondentes. E precisamente por serem demasiado directos e sinceros para os que faziam da astúcia e da intriga o seu *modus vivendi*, esses conselhos não foram seguidos.

Por essa época, Catarina dirige-se pela primeira vez ao Papa Gregório XI pessoalmente, suplicando-lhe, pelo precioso Sangue de Cristo, a "consentir em entregar o nosso corpo a toda a espécie de torturas". Catarina aceita assim com o martírio ao papa Gregório XI, cuja piedade e brandura instintivas eram prejudicadas por uma fraqueza natural e pelo demasiado afecto que nutria pela própria família e pela sua bela terra de França. Nunca tomou qualquer iniciativa para suprimir a corrupção no seio da Igreja e jamais teve um gesto capaz de impedir que se desgarrasse o rebanho confiado à sua guarda. O martírio, afirmava Catarina, é a única maneira de restituir à esposa de Cristo o esplendor da sua juventude. A mantelata não tardaria a demonstrar que tal afirmação emanava das raízes mais profundas do seu ser.

Aceitando passar uma temporada em Pisa, na primavera de 1375, movia-a ainda o desejo de servir a causa do papa. Bernabo Visconti sempre se interessara por uma aliança com as repúblicas toscanas de Pisa, Lucca, Siena, Florença e Arezzo. A lealdade dessas províncias para com o papa, na qualidade de chefe temporal dos Estados Pontifícios, estava em perigo, e pouco faltava para que a balança pendesse desfavoravelmente, tanto mais quanto os emissários franceses não davam trégua nas suas provocações aos italianos. Como todos os fiéis da Itália, Catarina não via outra solução para a situação caótica do país senão a volta do pontífice a Roma. Contudo, a santa não estava ainda preparada para empenhar-se na luta com toda a vitalidade da sua natureza ardente. Essa viagem iria revelar-lhe o caminho capaz de conduzi-la à decisão final. A estada em Pisa, a seu ver, viria fortalecer temporariamente a lealdade dos cidadãos para com o pontífice.

Acompanhavam-na Alessia, Lisa e numerosas mantelatas. Uma destas não era senão a sua própria mãe, Lapa. Fazia pouco esta aceitara envergar também o hábito negro das irmãs da penitência, passando com isso a participar da "família espiritual" da sua filha. Os "filhos" desta chamavam-na de "avó". É lamentável que os primeiros biógrafos de Catarina não prestassem à conversão de Lapa a importância que o facto merecia. Não é difícil representar-se a solidão da pobre criatura, tendo perdido diversos filhos e vendo a preferida dentre todas, Catarina, levar uma vida singular e até mesmo inquietante. Não admira que esse estado de espírito a levasse a querer participar da existência da filha, procurando compreender o ambiente que a cercava e com isso aproximando-se dela. Insistia em segui-la para onde ela fosse, desesperando-se de cada vez em que eram obrigadas a separar-se.

Do séquito de Catarina faziam parte ainda Fra Raimundo, Fra Bartolommeo de Dominici e Fra Tommaso della Fonte. À vista das numerosas conversões que a actividade missionária da moça ocasionava, o papa ordenara que dois sacerdotes a acompanhassem sempre, a fim de ouvir as confissões e dar absolvição aos penitentes.

A irmã de penitência sienense teve em Pisa a recepção que na Idade Média se dispensava habitualmente aos visitantes considerados como santos. O governador da cidade, o arcebispo e numerosas outras eminentes personagens vieram-lhe ao encontro. As multidões a aclamavam, como fazem sempre e por toda a parte aos seus heróis favoritos, quer se trate de generais vitoriosos, de chefes de partido exageradamente louvados, de astros famosos do futebol ou estrelas de cinema de fama universal.

Na Idade Média, entretanto, esses heróis predilectos eram, em sua maioria, constituídos pelos santos, inclusive aos olhos das criaturas mais afastadas da santidade e que nem ao menos cogitavam de se esforçarem nesse sentido. É notório que a santidade implica em heroísmo, um heroísmo de natureza particularmente rigorosa e extenuante.

Catarina e os seus companheiros de viagem foram hospedados por Gherardo Buonconti, personagem de relativa projecção no cenário político da cidade. Vizinha à casa ficava uma capela consagrada a Santa Cristina, onde Catarina assistia diariamente à missa.

Para ali lhe conduziam os enfermos, que partiam de volta curados por sua intercessão e firmes no propósito de confessar os seus pecados e obter para eles o perdão.

Outros visitantes vinham, em grande número, procurá-la. Foi em Pisa que Raimundo pela primeira vez a viu permitir que lhe beijassem a mão. Esse facto o desgostou, e disso fez ciente Catarina. Esta contestou-lhe que, tendo recebido o dom de penetrar as almas humanas, nenhuma atenção prestava à aparência exterior dos seus semelhantes ou às suas atitudes.

Durante a estada em Pisa, teve lugar o fenómeno impressionante da aparição dos estigmas. Raimundo refere-nos o acontecimento tal qual o presenciou.

No domingo de Laetare, celebrava a missa na capela de Santa Cristina. Tendo administrado a santa comunhão a Catarina, esta deixou-se ficar longo tempo prosternada, imóvel, o rosto contra o solo. Raimundo e o grupo fiel de seguidores esperavam pacientemente, na esperança de receber dos lábios da santa, quando despertada do seu êxtase, alguma mensagem recebida dos próprios lábios do seu Esposo celestial. Subitamente, pareceu-lhe que uma força estranha soerguia o corpo semiestirado. Catarina pôs-se de joelhos. Tinha os olhos semicerrados e a fisionomia irradiava uma felicidade sobrenatural. Estendeu as palmas abertas e permaneceu alguns momentos imóvel, após o que se deixou cair novamente por terra, como se mortalmente atingida. Uma vez retomado o conhecimento, chamou Raimundo e segredou-lhe: "Meu Pai, sabei que, pela graça de Nosso Senhor Jesus Cristo, trago agora os Seus estigmas no meu corpo."

O monge, a quem a atitude de Catarina permitira adivinhar o ocorrido, pediu-lhe, não obstante, relatasse como ohtivera esse dom da graça.

"Vi - disse ela - Nosso Senhor crucificado caminhar na minha direcção, dentro de uma claridade ofuscante. A minha alma, num esforço para ir mais depressa ao encontro do meu Criador, obrigou o corpo a levantar-se. Vi então três jorros de sangue brotarem das cinco chagas em direcção ao meu pobre corpo. Gritei: "Senhor, meu Salvador, não permiti que as chagas da minha carne sejam visíveis exteriormente. E, enquanto falava, os jorros de

sangue mudavam de côr, tornando-se em deslumbrantes raios de luz; e foi assim que me tocaram as mãos, os pés e o coração.

Atendendo à curiosidade de Raimundo, Catarina confessou que as chagas, e particularmente a do coração, eram a tal ponto dolorosas que temia não resistir a tamanho sofrimento se Deus não realizasse um novo milagre. Ao voltar para junto dos Buonconti teve de acamar-se, e durante uma semana foi incapaz de executar mn movimento. Parecia prestes a expirar.

Reunidos à sua cabeceira, Raimundo e os seus amigos choravam e se lamentavam, suplicando a Deus que não os deixasse na orfandade. Imploravam também a Catarina: "Nossa mãe, bem sabemos que só aspiras a reunires-te a Cristo, teu Esposo; mas, segura como estás da recompensa, compadece-te de nós, condenados a ficar desamparados no meio da procela. Nós te suplicamos para intercederes junto a Deus para que te deixe algum tempo ainda entre nós."

Catarina chorava. "Desejo de todo meu coração ver-vos, a todos, felizes pela eternidade - respondeu. - Entretanto, sei que Aquele que é o meu e o vosso Salvador conhece melhor do que eu as vossas reais necessidades. Seja feita a Sua vontade."

Essas palavras atemorizaram a quantos as ouviram, pois foram tomadas como uma despedida. As lágrimas e os rogos redobraram.

Decorreu uma semana, finda a qual os desolados discípulos se convenceram de que não perderiam ainda dessa vez a sua "mãe". No domingo da Paixão, estava ela suficientemente restabelecida para assistir à missa e comungar, na igreja de Santa Cristina. À pergunta de Raimundo sobre se sofria ainda as dores dos estigmas, respondeu afirmativamente. Contudo, as dores pareciam incutir-lhe novas forças e mantê-la de pé. Enquanto viveu, os etigmas permaneceram invisíveis, tal como ela o solicitara ao Mestre. Entretanto, tornaram-se nitidamente distintos depois de morta.

Foi também em Pisa que se produziu um novo milagre, a propósito de um tonel de vinho. Encontrando-se Catarina em estado de fraqueza

extrema, impossibilitada de engolir o que quer que fosse, Raimundo pensou em banhar-lhe os pulsos em determinada qualidade de vinho branco. Buonconti não o possuía, mas esperava encontrá-lo num vizinho, o qual, entretanto, lamentou ter o seu tonel havia muito tempo vazio. Para prová-lo, arrancou o tampão. E o vinho jorrou em tal abundância que todos os presentes ficaram inundados. Quando se espalharam na cidade os ecos desse estranho incidente, foi intensa a emoção produzida. Aborrecida com o facto, Catarina desejou que o manancial se esgotasse o mais depressa possível. E os que chegaram em seguida para buscar a sua parte voltaram decepcionados: tudo o que restava era uma espessa camada de borra.

A certa distância de Livorno, no porto de Pisa, encontra-se a ilha de Gorgona, onde, por essa época, se erguia uma cartuxa. O prior e os monges convidaram Catarina a visitá-los. Não podendo furtar-se ao convite, embarcou, em companhia do seu fiel grupo de amigos, para o que seria a sua primeira experiência marítima. Seria interessante saber o que pensou e sentiu Catarina no decurso da travessia, pois o mar parece ter desempenhado papel preponderante na sua imaginação. Com efeito, na descrição das suas aventuras espirituais, serviu-se não poucas vezes de comparações como o peixe na água, de objectos imersos ou vistos através da água.

Os viajantes foram recebidos no cais pelo prior e alguns dos seus monges. Catarina e as mulheres do seu séquito foram conduzidas a uma hospedaria da redondeza, enquanto os homens eram hospedados no mosteiro. Na manhã seguinte, toda a comunidade dos cartuxos veio saudar a visitante e o prior solicitou-lhe que os entretivesse com assuntos espirituais. Catarina procurou escusar-se, mas teve de acabar cedendo. Falou da tentação e da vitória sobre a tentação, "segundo o que lhe inspirou o Espírito Santo". O prior confiou depois a Raimundo: "Sou confessor de todos os meus filhos; se esta mulher os tivesse ouvido em confissão, não teria sabido falar com mais clareza e com uma noção mais segura das agruras da vida monástica. Cada um dos meus monges ouviu exactamente o que precisava ouvir. Estamos diante de uma vidente, inspirada pelo Espírito Santo." Antes de embarcar de volta, Catarina chamou de parte o prior. "O demónio tentará semear a discórdia neste mosteiro - disse-lhe. - Porém não temais; ele nada conseguirá."

Cedendo a instâncias do prior, Catarina deixou-lhe a sua capa. Dias mais tarde, quando um monge, acometido de súbito acesso de desespero, tentou suicidar-se, o superior fê-lo voltar à razão revestindo-o simplesmente com essa manta.

Mais tarde esse mesmo monge confiava aos companheiros: "Estou certo de que ela pede a Deus por mim. Estaria perdido sem a sua intercessão."

A estada de Catarina em Pisa estava longe de ser um período de férias. A despeito das visões que lhe revolucionavam até o mais íntimo do ser, e mau grado um intenso esgotamento físico, trabalhava com zelo infatigável. Lançou mão da sua influência junto a Piero Gambacorti e a seus conselheiros para fortalecer os laços entre Pisa e a Santa Sé. Escreveu à rainha da Hungria e à rainha Joana, de Nápoles, procurando ganhar a sua adesão ao projecto das cruzadas. Para não fazer excepção à regra, também em Pisa tentaram lançar-lhe a flecha de herética e mentirosa; e mais uma vez triunfou pela prudência e pelo bom senso.

Um poeta florentino escreveu-lhe tentando preveni-la contra o que lhe parecia um engodo demoníaco, a saber, a ilusão de viver sem alimentar-se. Catarina respondeu agradecendo-lhe humildemente o interesse demonstrado pela sua salvação. Ela mesma não cessava de temer as ciladas do demónio. Rogava ao missivista que pedisse a Deus que a fizesse semelhante às demais criaturas, muito embora essa estranha particularidade lhe parecesse representar uma provação enviada por Deus.

Nesse ínterim, produziu-se um acontecimento que abalou a Itália como se um raio a houvesse ferido. Na data de sete de junho, um mensageiro do cardeal de Noellet, legado papal, chegava a Pisa trazendo a notícia da trégua de um ano recentemente concluída em Bolonha entre o papa e Bernabo Visconti.

O mensageiro trazia na mão um ramo de oliveira. Os cidadãos de Pisa viram no gesto uma intenção derisória. A seus olhos, aquela trégua não representava senão o primeiro acto de conjuração contra a liberdade das repúblicas toscanas. As portas dessas pequenas repúblicas ficavam assim escancaradas tanto aos exércitos do papa quanto aos de Bernabo Visconti, pois os toscanos desconfiavam igualmente de um e de outro. Por seu lado, o

condottiere inglês Sir John Hawkwood, até então a soldo do papa contra os Visconti, ficava agora desocupado, e, em busca de uma nova presa de guerra com que pagar aos seus homens, voltar-se-ia fatalmente para as pequenas repúblicas da rica e fértil Toscana. De facto, não apresentavam já essas repúblicas um exemplo clássico das vantagens e desvantagens que apresenta sempre, e por toda parte, a democracia? A liberdade enriquecera os burgueses e permitia-lhes dedicar mais tempo ao cultivo do espírito. Alguns deles eram animados de um autêntico sentimento patriótico e tomavam a sério as suas responsabilidades para com seus concidadãos. Todavia, esses mesmos burgueses livres estavam empenhados em intermináveis querelas particulares bem como em lutas políticas. A hostilidade recíproca prendia-se tanto a uma vaidade pueril, ou a um egoísmo mesquinho, quanto a conflitos meramente políticos de opinião.

Constantemente se verificavam atritos entre homens que cinicamente buscavam o seu próprio proveito ou que se fiavam cegamente na sua própria iniciativa. Mudava-se de partido, seja por convicção, seja por cupidez. A liberdade vertera a sua cornucópia de abundância sobre a bela província toscana, cumulando-a dos seus dons, tanto benfeitos quanto nocivos.

Para tornar ainda mais sombrias as perspectivas do futuro, o emissário papal proibiu toda a exportação de trigo dos Estados pontifícios, ao mesmo tempo que solicitava dos florentinos um empréstimo de 60.000 florins para saldar a dívida contraída com Sir John Hawkwood. No caso de lhe ser recusado o empréstimo, declinava toda a responsabilidade quanto ao que pudesse empreender o *condottiere*.

Pouco desejosos de realizar o empréstimo, os florentinos; deliberaram contratar, por seu turno, Hawkwood e as suas tropas.

O *condottiere* aceitou deles todo o dinheiro que lhe quiseram dar e deliberou extorquir outro tanto das demais repúblicas toscanas.

Não era ainda a guerra aberta. Mas Florença, certa de ser a primeira vítima da provável opressão, entregou o poder aos gibelinos e preparou-se para a luta. Foi instituído um governo de oito conselheiros, o qual se designou "*gli Otti della Guerra*". Não era mais possível iludir-se quanto às

intenções políticas da cidade. Ao ser descoberta uma conjuração em Prato, uma das cidades da república - conjuração essa que teria por objectivo entregar Prato ao cardeal -, os conspiradores, entre os quais estava um padre, foram levados para Florença e massacrados por uma multidão furiosa, que entregou aos cães os corpos despedaçados. Pouca esperança restava de defender a paz, e os florentinos ansiavam por empenhar-se em luta pela liberdade da sua cidade. As hostilidades contra o legado do papa foram inauguradas pela conclusão de uma trégua de cinco anos com Bernabo Visconti.

Entretanto, Sir John Hawkwood aproximava-se de Pisa, estabelecia acampamento nas cercanias da cidade, com um grupo dos seus mercenários - vagabundos de diferentes nacionalidades, que voltavam as costas à sua pátria assim como a todo o sentimento de humanidade e de moral. De Pisa, onde se encontrava, Catarina enviou Fra Raimundo ao *condottiere*, portador de uma mensagem. "Em nome de Jesus Cristo Crucificado e da doce Virgem Maria" é como se dirige ao chefe dos bandoleiros, qualificando-os, a ele e aos seus subordinados, de "irmãos muito caros em Cristo". Exorta-os a reflectir sobre as penas e os tormentos que padeceriam, a serviço do demónio, e aconselha-os a se converterem e a se colocarem ao serviço da Cruz de Cristo.

"Em nome de Jesus Cristo eu vos suplico, - posto que tendes amor à luta, e dado que Deus e o nosso Santo Padre nos ordenam combater os infiéis -,que não vos empenheis em luta contra os cristãos, mas armai-vos contra os seus inimigos. Não é agir com crueldade atacar-nos uns aos outros, nós que pertencemos a Cristo e representamos um bloco uniforme, na qualidade de membros da Santa Igreja?" Confessa-se surpresa de ver a intenção de Hawkwood de atacar Pisa, tendo chegado ao seu conhecimento que jurara morrer pelo Cristo na santa cruzada. (É bem possível que tal juramento tenha sido realmente feito). Não seria esta a maneira adequada de obedecer à convocação divina de toda a Cristandade para a Terra Santa. Hawkwood e os seus comandados deveriam preparar-se para tanto, seguindo o caminho da virtude e nunca desmerecendo do seu título de cavaleiros.

Conclui recomendando Raimundo a Hawkwood, e assina da seguinte maneira a mensagem: "Catarina, a serva inútil".

O traço a nosso ver mais surpreendente dessa correspondência entre o chefe de um bando de mercenários e uma jovem sem outra autoridade que a sua reputação de santidade, é a acolhida que o *condottiere* dispensou a Fra Raimundo. Secundado por todos os seus lugar-tenentes, comprometeu-se a aderir à cruzada, logo que esta se pusesse a caminho; e selou a sua promessa pela comunhão. Ao que tudo indica, Catarina conseguiu, temporariamente ao menos, trazer uma trégua à cidade. Piero Gambacorti e seus conselheiros não levaram avante o projecto de rompimento com a Santa Sé, crime imperdoável aos olhos dos filhos devotados da Igreja. Declararam-se neutros - posição sempre espinhosa e precária.

Em setembro Catarina empreendeu a viagem de volta. Recebera de Siena inúmeras cartas, todas reclamando-a com impaciência e algumas revelando suspeitas, que sempre se empenhou em combater, de procedimento desleal para com a sua cidade natal. Essas suspeitas partiam inclusive dos seus amigos mais íntimos. Entre os que fizera em Pisa contava-se uma viúva de dezessete anos, que mais tarde seria proclamada santa - Clara Gambacorti, religiosa dominicana, filha de Piero.

Não foi longa a permanência de Catarina na sua cidade natal. O papa parecia seguro da lealdade de Siena. Pediu, porém, à santa que se dirigisse a Lucca a fim de procurar garantir a fidelidade dessa república, uma das menores, à causa pontifícia. Catarina tomou o caminho que passava por Pisa, e foi certamente durante essa estada em Lucca que endereçou uma longa mensagem ao Santo Padre.

Como faz sempre, começa por invocar o nome de Cristo e da Virgem Maria, e dirige-se ao pontífice tratando-o de pai querido e venerado em Jesus Cristo. Para si mesma escolheu o epíteto de serva e escrava do servo de Deus, recordando assim a firma tradicional dos papas: *servidor dos servidores de Deus*. Refere-se ao seu desejo ardente de ver Gregório XI dominar altaneiro, qual árvore fecunda, pejada de frutos porque plantada em solo fértil. Se, contudo, não estiver enraizada nessa terra fértil que é o conhecimento de si mesmo (isto é, a certeza de só existirmos n'Aquele Que É), a árvore tende a ressecar-se e a perecer, roída em suas raízes pelo verme

do egoísmo. Aquele que se ama a si mesmo alimenta a sua alma de um orgulho fatal, fonte e princípio de todo o mal entre os homens, quer dirigentes ou dirigidos. O homem presa de egoísmo olha com indiferença para as falhas dos seus subordinados, pois, criticando-os, receia granjear inimigos.

Em linguagem directa e desprovida de subterfúgios, Catarina faz ver ao papa que a ele incumbe, em última análise, a responsabilidade pelos tremendos abusos que ameaçam exaurir a vitalidade da Igreja. Se bem reconheça nele, pelo critério mundano, um homem de extrema distinção, dotado das mais apreciáveis qualidades, julga-o responsável pela vilania dos pastores e pela infidelidade dos monges, cuja vida desregrada incita ao cepticismo e à descrença. "Quando um cego conduz a outro, caem ambos no precipício; doente e médico correm juntos para o inferno. As considerações que se tomam por egoísmo, por afeição a parentes e amigos, ou por amor à paz terrena, são, na realidade, a pior das crueldades, pois a chaga que quando necessário deixa de ser tratada pelo ferro em brasa ou pelo bisturi, putrefaz-se e acaba ocasionando a morte. Ao doente pode agradar que lhe untem de bálsamo a ferida, mas isso não bastará para curá-lo. Amai a vosso próximo por amor a Jesus e para a glória e honra do Seu doce nome. Faço votos para que sejais um pastor honrado e fiel, pronto a sacrificar mil vidas, se as tivésseis, pela glória de Deus e salvação das Suas criaturas. Ó meu amado pai, que sois o Cristo na Terra, segui o exemplo do bem-aventurado São Gregório. O que ele realizou está ao vosso alcance, pois foi homem igual a vós, e Deus é sempre o mesmo. Falta-nos é coragem e zelo pela salvação do próximo."

#Para fazer nascer esse zelo em nós, que não passamos de troncos estéreis, cumpriria, porém, enxertar-nos sobre a árvore fecunda da cruz. O Cordeiro que pela nossa salvação foi levado ao sacrifício não teve ainda aplacado o Seu zelo em prol da nossa salvação. Esse zelo é, porventura, mais intenso do que o revelaram os Seus sofrimentos, pois estes não são infinitos como o é Seu amor."

Referindo-se aos filhos desnaturados que se rebelaram contra o pontífice, Catarina concita Gregório a zelar pelos interesses espirituais e a designar sábios pastores e conselheiros para a chefia de seus rebanhos, pois

da boa ou má liderança depende o comportamento dos subordinados. "Cumprí pois com santo ardor as boas resoluções que tomastes. Voltai a Roma e empreendi a santa cruzada. Coragem, Santo Padre: abaixo a negligência, erguei o santo estandarte da cruz e o seu perfume vos trará a paz... Perdoai a franqueza destas palavras: quando o coração transborda, a língua não atende... No que toca aos cidadãos de Lucca e de Pisa, enviai-lhes a mensagem paternal que vos inspire o Espírito Santo. Socorrei-os como melhor vos aprouver, e eles se sentirão seguros e vos serão fiéis." Passa então a referir como usou de toda a sua influência sobre a população daquelas duas repúblicas para impedi-las de concluírem uma aliança com os inimigos, revoltados contra o papa. Entretanto, essas populações não concebem que o pontífice deixe de acorrer em seu auxílio, enquanto por outro lado sofrem tão dura pressão dos adversários. Não obstante, nenhuma deliberação foi ainda tomada. E aconselha o papa a escrever imediatamente a Gambacorti.

Para concluir, refere-se à próxima promoção de cardeais e conjura Gregório XI a eleger os homens mais dignos; caso contrário, não poderá estranhar se vier a experimentar os efeitos do látigo divino. Pede-lhe ainda para designar como novo superior geral da ordem dos dominicanos um sacerdote devoto e virtuoso: "a ordem precisa dele".

Termina implorando humildemente ao pontífice a sua bênção e o perdão por tudo quanto ousou escrever. "Jesu Dolce, Jesu Amore."

Esta carta constitui um prólogo adequado para as que nos anos seguintes continuou a remeter ao papa Gregório XI. Recordando-lhe a sua condição de representante de Cristo neste mundo, fala-lhe do sublime amor de Deus e do amor de Cristo pelas criaturas. Dirigia-se a um homem simpático, apesar do seu egoísmo e da sua aparente frieza, entre prelados que se entregavam abertamente aos vícios mais brutais e mais degradantes.

Tendo conseguido que Gregório triunfasse do seu carinho exclusivista pela família e dos seus encantos pela bela região da Provença e seus concidadãos franceses, de tão amável convívio quando comparados aos italianos efusivos e insubmissos, Catarina se propõe combater a segunda grave falta do prelado: a sua irresolução frente às decisões a tomar. Concita-o com veemência a mostrar-se corajoso e viril. É inegável que Gregório XI

era mais desprezado dos bens deste mundo que a maioria dos potentados da sua época, e também menos vingativo que a maioria dos seus adversários. Catarina conclama-o, todavia, a lutar pelo bem espiritual da Igreja e não pela sua felicidade material; aconselha-o a fazer uso para com os seus inimigos daquela mansidão e cordialidade que manifestava em excesso aos amigos.

Para nos capacitarmos desse dom quase assustador que possuía Catarina de ler nas almas, é preciso comparar as cartas dirigidas a Gregório XI com as que mais tarde endereçou ao seu sucessor, Urbano VI. A vida pura e ascética deste pontífice foi perturbada pela sua falta de indulgência - defeito que, com o correr do tempo, se transformou numa sede quase patológica de vingança. Dirigindo-se a ele, Catarina emprega uma linguagem diferente. Suplica-lhe perdoar a todos os seus inimigos, inclusive aos cismáticos (que qualifica de demónios encarnados), se animados do firme propósito de se emendarem.

Escrevia sempre em toscano, sua língua materna. É impossível a uma tradução retransmitir uma ideia do seu estilo. Revela um domínio absoluto da harmonia musical do idioma italiano, seja ao suplicar, carinhosa e angustiadamente, pela salvação de uma alma, cujo destino lhe importa mais que o da sua própria, seja ao formular a altos dignitários ou a homens do povo, a leigos ou a monges, sábios conselhos sobre medidas importantes, sobre o destino de povos ou nações, ou, ainda, ao intervir nos temas quotidianos de particulares. Na alma de Catarina não há lugar senão para o amor a Cristo e a fé que n'Ele deposita. Essa mesma fé parece iluminar o interesse que revela por tudo que é humano. Da mesma forma que aquele que nada debaixo da água tudo vê através do elemento líquido, ela a tudo considera através da sua fé. Na nossa língua e em nossos dias, os termos que exprimem os sentimentos e a experiência religiosa perderam, inegavelmente, a sua característica, por força de um uso demorado. Na linguagem de Catarina, esses termos brilham como moedas de ouro recentemente cunhadas; se nos servirmos delea, não passam de moedas usadas ou semi-desvalorizadas.

Ao falar em "virtude", Catarina emprega o termo na sua plena acepção: esforço enérgico para atingir um ideal superior. Na nossa concepção actual,

a virtude guarda pouca relação com a procura do bem: concebemo-la antes como algo de maçante.

O apelo que constantemente subia ao coração de Catarina - "Jesu Dolce, Jesu Amore" - está ligado a associações de ideias sobremodo distintas das que nos ocorrem à leitura dessas palavras. "Doce Jesus, Amor de Jesus" são para nós expressões de puro amor profano. Na linguagem de Catarina e dos seus contemporâneos, todavia, essa doçura é ainda sinónimo de força, de perfeição e de tranquila determinação. Ninguém melhor que a virgem sienense sabia que a bondade pode também, às vezes, ser áspera e violenta. Para ela e para os seus contemporâneos, inclusive para a multidão daqueles que na vida quotidiana procuravam esquecer-lo, é patente que o termo *Amore* exprimia fundamentalmente a relação entre Deus e as almas. Por analogia, fala-se em amor entre as criaturas - pais e filhos, esposos, amantes, irmãos ou membros de uma família espiritual. Aqui não se trata senão de uma força, boa ou má, segundo se harmonize ou não com a vontade d'Aquele que é o Autor da vida.

Porventura mais difícil ainda para os homens dos nossos dias, principalmente se de país protestante, é compreender as relações de Catarina com dois pontífices, aos quais, ao mesmo tempo que atribui a apelação de "Cristo na Terra", ou de "imortal São Pedro sobre quem Cristo fundou a Sua Igreja", dita ordens e conselhos e chega a exprobar as fraquezas. Acontece-lhe mesmo dirigir-se ao Santo Padre como uma criança descontente se dirige ao pai, chamando babbo (que equivale a papá, na linguagem infantil dos italianos). Não via contradição entre o facto de Jesus designar um vigário junto aos Seus fiéis neste mundo e a sua exigência de venerarmos esse substituto, mesmo quando não está à altura do cargo ou é francamente indigno dele. Ninguém tem o direito de julgar o Sumo Pontífice enquanto ainda em vida. Outrossim, se o poder de eleger o representante de Cristo foi entregue a mãos humanas, é de esperar que a escolha seja não raro ditada por motivos ilegítimos; neste caso, o eleito representa um desastre para a Igreja de Deus. Porém o Senhor não cessa de velar sobre essa Igreja; e os escândalos constatados são às vezes exigidos por algumas razões sobrenaturais, eventualmente entrevistas ou adivinhadas pelos santos. Desgraçado, porém, daquele que é veículo de escândalo.

Em Lucca, Catarina foi acolhida com entusiasmo e venerada como santa. Entretanto, a política de um pequeno Estado ameaçado de todos os lados por inimigos poderosos não depende de factos dessa natureza. Amigos novos e dedicados vieram somar-se aos antigos. Entre estes, a hospedeira de Catarina, Mellina Balbani, parece ter experimentado pela sua hóspede uma amizade demasiado profana, segundo se depreende da carta em que Catarina a censura por queixar-se da sua ausência: "Não desejo a tua afeição, se esta não for fundada em Deus." Em Lucca, como em toda a parte por onde passava Catarina, sucederam-se os milagres. De uma vez, estando enferma, esperava a visita do padre que devia trazer-lhe a Eucaristia. Este apresentou-se acompanhado dos sacristães portadores dos círios e da sineta, segundo o cerimonial do costume. A hóstia, porém, não fora consagrada. O padre tencionava verificar por sua conta se realmente aquela mulher tinha a graça das visões sobrenaturais. Os presentes ajoelharam-se para adorar o Senhor no Santo Sacramento. Catarina não se moveu, e, tendo-lhe o sacerdote exprobadado o procedimento, disse-lhe com severidade: "Não se envergonha de apresentar-se aqui com este pedaço de pão ordinário, arriscando-se a arrastar à idolatria os que estão presentes?" Arrependido do seu estratagema culposo, o padre retirou-se, convicto já agora dos dons visionários de Catarina.

Mau grado os testemunhos de respeito e afeição prestados à santa, os cidadãos de Lucca já por essa época estariam decididos a abandonar a causa do papa para aliar-se a Florença e às demais repúblicas em revolta.

No outono de 1375, encontrando-se John Hawkwood e os seus mercenários novamente a soldo do legado pontifício, os florentinos deliberaram tomar a ofensiva. As suas tropas invadiram o Estado papal e lançaram uma proclamação às cidades vassalas do papa: Florença não buscava qualquer vantagem pessoal; aspirava apenas auxiliar os italianos a libertarem-se do jugo dos tiranos franceses que, em nome desse papa, pretendiam impor condições brutais e asoerbantantes por toda a parte onde firmavam o seu poder.

Em menos de um mês toda a Umbria estava sublevada. Città di Castello, Viterbo, Gubbio e Forli tomavam o partido de Florença. Em Perugia, um parente do cura de Marmoutiers tentara violar a esposa de um

burguês conceituado. Para salvar a sua honra, a senhora atirara-se pela janela, morrendo instantaneamente. Toda a cidade se levantou solidária na mesma indignação. Menos de dez dias decorreram antes que oitenta cidades desertassem da causa do pontífice.

No trajecto de volta, Catarina demorou-se em Pisa. Ali foi informada de que a sua cidade natal, que sempre fora governada pelos gibelinos, se aliara a Florença. Quando Fra Raimundo e outro monge a informaram de que também Viterbo, na Romanha, se insurgira contra o pontífice, Catarina não conteve as lágrimas. Entretanto, vendo a consternação dos seus amigos, confiou-lhes: "Ainda é cedo para nos lamentarmos; esses factos nada representam ao lado do que nos espera." "E que nos pode acontecer de pior?" - indagou Raimundo, aflito, recordando-se dos termos da profecia. - Será a fé de Cristo abertamente renegada?" Catarina replicou então que o clero não tardaria a seguir o exemplo do laicado na sua revolta contra o Santo Padre. "Quando o papa tentar verdadeiramente reformar os costumes do clero, - acrescentou - este se rebelará rompendo a unidade da Igreja de Cristo." Não se trataria mais de heresia, senão de cisma. E Catarina asseverou a Raimundo e ao seu amigo que eles assistiriam a esse cataclismo.

A despeito dos sombrios pressentimentos avisando-a do grande cisma a desencadear-se alguns anos mais tarde, Catarina dirige ao gonfaloneiro [*] e ao Conselho dos Veneráveis de Lucca uma longa missiva, onde emprega o melhor dos seus esforços para consolidar a sua fidelidade à causa da Igreja. A mensagem inaugura-se com o seu tema predilecto: a inteligência foi concedida ao homem para fazê-lo compreender que a sua existência depende da fidelidade ao seu Criador e do amor pela virtude.

"Sabeis Quem proferiu as palavras: 'Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida'? E ainda: 'Aquele que Me acompanha não caminha nas trevas, mas sim na luz'? A Igreja é Sua Esposa, os Seus filhos são aqueles que antes preferem morrer mil vezes a traí-l'O. Se me disserdes ser vossa opinião que a Igreja deve submeter-se, na impossibilidade em que se encontra de salvar-se a si mesma e aos seus filhos, responderei que estais enganados.

As aparências enganam, é certo; mas examinai detidamente os factos, e encontrareis um Poder que os inimigos da Igreja jamais sonharam possuir... Em Deus está a fortaleza, pois d'Ele emanam toda a força e toda a virtude. E

essa força Ele a compartilha com a Sua Esposa e com mais ninguém. Os inimigos da Igreja, os que contra ela se levantam, totalmente despidos de recursos, são como membros apodrecidos, desligados do corpo. Não vos associeis, portanto, a essa podridão."

Catarina suplica ao governo de Lucca que mantenha a sua lealdade, lembrando-se de que não está só. Pisa mantém-se firme a seu lado. "Lembra-vos de que, se um pai tem numerosos filhos mas só um lhe permanece fiel, a este caberá toda a herança."

O povo de Pisa conservava-se leal ao papa. Entretanto, a coligação contra os legados pontifícios reunia, na ocasião, a rainha de Nápoles, Bernabo Visconti e seu irmão. Florença, Siena, Arezzo e todas as cidades rebeldes da Umbria e da Romanha haviam aderido à revolta.

NOTAS

[*] Magistrado municipal de certas repúblicas italianas da Idade Média, particularmente de Florença e Siena. (N. do T).

CAPÍTULO 15

O Natal de 1375 encontrou Catarina de volta a Siena. E a 21 de dezembro, em Avinhão, o papa Gregório XI designava nove novos cardeais. Tomando conhecimento dos seus nomes, Catarina previu que as suas piores apreensões estavam prestes a se concretizarem. Entre os nove cardeais, sete eram franceses, sendo três da própria família do papa; o oitavo era italiano, o nono, espanhol. Este último, Pedro de Luna, seria mais tarde o antipapa Bento XIII.

Para o cargo de superior geral dos dominicanos, nenhuma nomeação foi feita. O então titular, Fra Elias de Tolosa, durante o grande cisma tomara o partido do antipapa. O desejo de Catarina - um "chefe sábio e virtuoso" para a sua ordem - não se realizaria. Ia longe a época em que, mocinha ainda, diante da casa paterna, beijava as pedras da rua onde pisavam os monges penitentes, vestidos de branco e negro. Cedo se convencera de que, no jardim de São Domingos como por toda parte, as ervas daninhas cresciam entre as espigas maduras e muitas árvores nunca chegavam a frutificar. Havia ali muito que limpar e podar. Entretanto, só depois da sua morte é que a ordem dos dominicanos sofreu a necessária reforma, promovida pelos seus filhos espirituais, o santo Raimundo de Capua e a bem-aventurada Clara Gambacorti, de Pisa.

Se bem que sempre chamada a interferir nos assuntos mais importantes da sua época, Catarina estava sempre pronta a socorrer com o máximo empenho as almas que lhe invocavam o auxílio. De uma feita, no começo do ano de 1376, um dos seus filhos espirituais levou-lhe um amigo, Stefano Maconi. Nem este nem a sua família demonstraram, até então, qualquer interesse pelos feitos da jovem *popolana*. Na época, porém, os Maconi estavam empenhados em disputa com outras duas famílias mais poderosas, os Rinaldini e os Tolomei. O amigo de Stefano di Corrado Maconi garantiria a este o bom êxito das negociações de paz, se entregues às mãos de Catarina. De facto, não operara ela já numerosas reconciliações entre adversários?

Assim descreve Stefano Maconi a acolhida de Catarina: "Estava longe de ser a jovem tímida e reservada que eu esperava encontrar. Recebeu-me como irmã carinhosa, cujo irmão regressa após longa jornada." O dom que a santa possuía de ler nas almas fizera-lhe perceber sem demora as belas qualidades do rapaz que, a despeito de sua leviandade e da sua sede de prazeres, fora preservado dos vícios grosseiros por sua pureza inata e rectidão moral. Stefano, por sua vez, sentiu-se subjogado pela atracção de Catarina e ouviu atentamente as ponderações que esta lhe fez em tom grave e premente. Logo depois prontificava-se a procurar um confessor e manifestava o seu desejo de tornar-se um bom cristão. Catarina referiu-se à hostilidade reinante entre a sua família e os Rinaldini e os Tolomei, afirmando que faria tudo que estivesse em seu poder para restabelecer a paz.

E realmente o conseguiu. Os Rinaldini e os Tolomei concordaram numa entrevista com Stefano e seu pai, Corrado, na igreja de São Cristóvão, no intuito de firmar um acordo. Entretanto, ao se apresentarem no local combinado, os Maconi não encontraram os adversários, cuja intenção era apenas infringir-lhes uma afronta. Catarina pôs-se de joelhos diante do altar-mor. "Se não querem ouvir-me, serão forçados a ouvir o Senhor todopoderoso." Ficou imóvel, mergulhada em êxtase. Momentos após, os Tolomei e os Rinaldini esgueiravam-se na igreja pelas portas laterais. A moça, ajoelhada aos pés do altar, surgiu-lhes aureolada de luz. Confiaram-lhe a orientação das negociações e a paz não tardou em ser firmada.

Stefano tornou-se o filho predilecto de sua *mamma*, que o chamava "seu benjamim". Passava ao lado dela o máximo de tempo possível, encarregava-se de parte de sua correspondência e vivia a elogiá-la para quem o quisesse ouvir, sem se preocupar com as brincadeiras dos antigos camaradas, que caçoavam da sua afeição imaterial por uma irmãzinha da penitência.

Certo dia, disse-lhe Catarina:

- Meu querido filho, tenho uma boa nova anunciar-te. O teu maior desejo será realizado.

- Mas, *mamma mia*, - respondeu Stefano, estupefacto - ignoro qual seja esse desejo máximo.

- Consulta o teu coração - retorquiu Catarina com um sorriso.

- Em verdade, cara *mamma*, não sei o que poderia desejar, além de estar sempre a teu lado.

- É precisamente o que te vai ser concedido.

Os acontecimentos se precipitavam. Catarina previa para breve uma viagem a Florença, onde tentaria promover a reconciliação entre essa república e o papa. Se sabia que essa viagem devia estender-se até a longínqua cidade de Avinhão, não podemos afirmar. Stefano Maconi era um dos que deviam acompanhá-la.

A 12 de março, Pisa e Lucca haviam aderido à liga florentina, embora impondo algumas reservas: não seriam forçadas a tomar parte activa na luta contra a Santa Sé. Os florentinos tentaram também separar Roma do papa, ou pelo menos fazer os romanos prometerem que não mais tentariam trazê-lo de volta à sua cidade. Os romanos recusaram. Gregório XI enviou então mensageiros a Florença, no intuito de restabelecer a paz. Entretanto, a indecisão e a falta de critério que sempre presidiram às acções desse homem levaram-no a expedir contra os florentinos uma bu1a, ao mesmo tempo que lhes ordenava a entrega de todos os membros do governo rebelde. Convocava-os para uma reunião em Avinhão, no fim de março. Uma das personagens requisitadas era Niccolo Soderini, que se fizera amigo de Catarina desde a primeira visita desta a Florença e participara do governo durante dois meses.

Catarina decidiu-se a enviar ao papa uma nova missiva, onde pleiteava com mais insistência que nunca a causa da paz. Ela, a filha humílima do seu santo e venerado pai em Cristo, ela, a serva e a escrava de Deus, dirige ao pontífice um apelo eloquente e fervoroso. Urge restabelecer a paz entre o papa e os seus filhos espirituais. Se reconhecesse a necessidade de conservar e reconquistar os bens temporais da Igreja, mais urgente lhe parece conservar o dom mais lato, o verdadeiro tesouro da Igreja, representado pelo Sangue de Cristo. Esse tesouro não foi oferecido para a

aquisição de bens terrestres, e sim para a salvação das almas. O dever do papa consiste acima de tudo em recolher todas as ovelhas, que são a riqueza da Igreja. Esta não poderá jamais empobrecer-se, pois o Sangue de Cristo não se esgotará jamais, porém terminará perdendo o fulgor do diadema que representam para ela as virtudes e a obediência dos seus filhos. Cumpre, portanto, que o Santo Padre empregue o máximo dos seus esforços se quer apresentar-se sem mácula diante de Deus e dos homens. O diadema de glória da Igreja deve ser recuperado pela mansidão e pelo amor; só uma verdadeira intenção pacífica por parte do pontífice o levará a recuperar os seus direitos temporais e espirituais.

"A minha alma, que está unida a Deus, anseia fervorosamente pela vossa salvação, pela reforma da Igreja e pela felicidade de toda a humanidade. Para se chegar a tanto, porém, Deus não parece revelar-nos outro meio senão a paz. Intimamente unida a Ele, nenhum outro recurso se me depara. A paz, a paz por amor a Cristo Crucificado. Não deixeis que a ignorância, a cegueira e a presunção dos vossos filhos interceptem os vossos passos."

Reitera as suas advertências: se o papa, no intuito de conquistar-lhes a amizade, se rebaixa a ponto de dar aos seus aliados os prelados e os pastores que estes reclamam, ao invés de enviar-lhes os melhores e os mais dignos, só fará multiplicar-se as devastações causadas pela guerra. "Pelo amor de Jesus e pela salvação da vossa própria alma, conceda-vos Deus o poder de impedir que isso se dê."

Nova mensagem é remetida a Avinhão, tendo desta vez como portador a Neri di Landoccio. Nela, implora ao papa que promova a paz, e insiste para que designe bons pastores e castigue os indignos, que devoram os rebanhos de Cristo, como se foram lobos.

Em outra missiva, defende a causa dos florentinos rebeldes: "Suplico-vos, em nome de Cristo Crucificado, que me concedais esta mercê: confundi a sua maldade com a vossa misericórdia."

A 20 de março, a liga antipapal ocupava Bolonha. Na semana seguinte, porém, as tropas do papa, sob o comando de Sir John Hawkwood, massacravam os homens e entregavam as mulheres aos soldados. O cardeal

Roberto de Génova, que seria mais tarde o antipapa Clemente, acompanhava o exército desses mercenários selvagens e ávidos de sangue.

Decorridos poucos dias, os emissários florentinos apresentaram-se ao papa, em Avinhão, e falando em nome da cidade declararam que os chefes políticos convocados por Gregório não podiam apresentar-se, visto estarem muitos deles, no momento, encarcerados. Outrossim, Florença não estava disposta a render-se incondicionalmente. O papa respondeu lançando o interdito sobre a cidade e excomungando os oito cabeças do movimento, juntamente com vinte e um dos principais cidadãos, entre os quais Soderini. Donato Barbadori, um dos emissários, após ouvir essa terrível sentença, ergueu os olhos para o crucifixo suspenso sobre o trono pontifício e exclamou: "Baixa o teu olhar sobre mim, Deus da minha salvação, e não me abandones, pois meu pai e minha mãe já o fizeram."

Na Idade Média, o interdito lançado sobre um país significava que os seus cidadãos eram proscritos para toda a Cristandade. Os adversários podiam valer-se dessa situação para arruinar os negócios das vítimas e fazer encarcerar os florentinos ou reduzi-los à escravidão, onde quer que os encontrassem.

"Por toda a parte viram-se, então, os florentinos perseguidos pelas autoridades; nos países onde tinham negócios os seus bens foram confiscados - refere Raimundo. - Para obter a reconciliação com o papa, teriam de recorrer a pessoas notoriamente influentes junto dele." Referia-se, naturalmente, a Catarina.

Esta não relutou em aceitar o encargo. Para preparar a sua missão, despachou, para Avinhão, Raimundo e dois padres pertencentes à sua família espiritual. Eram portadores de nova mensagem, no mesmo tom que as precedentes. Catarina exige reformas no seio da Igreja. Exorta o papa a regressar a Roma, a empreender a cruzada e a negociar a paz com os rebeldes. Para terminar, recomenda-lhe os discípulos encarregados de levar a mensagem. "São mensageiros de Cristo, tanto quanto meus" -escreve.

Na noite de 2 de abril, teve uma visão, que descreve em carta a Raimundo. Cristo apareceu-lhe e fê-la participar dos seus mistérios, a tal ponto que pareceu a Catarina ter a alma desligada do corpo. Uma alegria

indescritível invadia-a à medida que o seu espírito se iluminava à luz da revelação. Compreendeu ser necessário que a Igreja sofresse perseguições, às quais se seguiria uma nova juventude, um novo momento ascensional. Aquele que é a Verdade recordou-lhe as palavras do Evangelho: "É preciso que haja o escândalo", e ainda: "Ai daqueles que são causa de escândalo!" Para libertar Sua Esposa dos espinhos que lhe penetram na carne e são causa de sofrimento, o Senhor reuniu os pecadores e com eles confeccionou um látigo, tal como outrora o fizera com as cordas, para com ele fustigar os impuros, os ambiciosos, os avaros, os orgulhosos, os que negociam os dons do Espírito Santo. E como o desejo de conduzir todos os homens para a chaga aberta do Coração de Jesus não cessasse de abrasar o coração de Catarina, Cristo concedeu-lhe a visão antecipada das falanges que acorreriam ao Seu chamado. À testa da coluna caminhavam os Santos, entre os quais Catarina reconheceu o seu pai espiritual, São Domingos. A seguir, Cristo depôs a Sua cruz sobre os ombros da Sua Esposa, e colocou-lhe nas mãos um ramo de oliveira. "Ide e dizei-lhes: Trago-vos um grande motivo de alegria." Exultante, Catarina exclamou como Simeão: "Senhor, deixa partir em paz o teu servidor." Como pretender porém que lábios humanos traduzissem os mistérios de Deus? Catarina sente-se incapaz de fazê-lo. Contentar-se-á pois em buscar a glória de Deus, a salvação das almas e o renascimento da Santa Igreja. Com o auxflio do Espírito Santo, persistirá nessa tarefa até morrer. "Alegrai-vos pelas tribulações que suportais e amai-vos uns aos outros."

Pela Páscoa dirigiu-se aos florentinos oferecendo-se como mediadora entre eles e o papa. Aconselhados por Raimundo, aceitaram de bom grado a proposta. A 10 de maio, a santa, acompanhada por seus amigos, chegava pela segunda vez a Florença.

Os florentinos haviam-se inclinado ante a sentença do interdito. As missas deixaram de ser celebradas. Alguns padres haviam recebido poderes para administrar os sacramentos aos moribundos e baptizar os recém-nascidos, mas fora disso todos os serviços divinos foram suspensos. Entretanto, a população, posta à prova, experimentava um verdadeiro renascimento religioso. Procissões de penitentes percorriam as ruas, flagelando-se e entoando o *Miserere*. Alguns jovens da nobreza haviam

formado uma confraria dedicada às obras de caridade. Todos receberam Catarina como se ela representasse a sua última esperança.

Tantas demonstrações de piedade deram os florentinos que os seus concorrentes insinuaram tratar-se de um simulacro destinado a induzir o papa a cercar-lhes o perdão de todas as atenuantes. É bem verdade que as consequências materiais do interdito, desastrosas para uma república de negociantes, forçavam-nos a apressar ao máximo a conclusão de um acordo.

Antes do fim de maio, Catarina e os seus amigos empreendiam a longa jornada para Avinhão. Entre os que partiam estavam as fiéis companheiras da santa: Lisa, Alessia, bem como o seu "filho mais moço", Stefano Maconi, entre muitos outros membros da sua família espiritual. Os florentinos prometeram enviar depois dela os embaixadores encarregados das negociações, em nome da cidade, e segundo os conselhos da jovem Benincasa. A *Signoria* de Florença, o governo da mais orgulhosa das repúblicas italianas, outorgava assim, à jovem que era considerada como santa, plenos poderes para solucionar questões de importância vital para a grandeza e a prosperidade da cidade.

CAPÍTULO 16

Catarina chegou a Avinhão a dezoito de junho. Fez a última etapa da viagem num pequeno barco, subindo o Ródano. Entre a multidão que a esperava no cais encontravam-se Fra Raimundo, Fra Giovanni Tantucci e Neri Landoccio, o "filho querido" da santa. Entretanto, nem Raimundo, que chegara antes dela, nem Stefano, que fizera a viagem em sua companhia, nos referem as impressões da jovem sienense ao pousar pela primeira vez os olhos sobre a cidade pontifícia, nas margens de um rio de França. Por detrás dos muros de Avinhão levantava-se uma das cidades mais bem fortificadas da sua época, que erguia para o céu as suas torres, os seus pináculos e campanários. Próximo da catedral de Nossa Senhora dos Montes, o castelo papal exibia o seu vulto imponente, palácio e fortaleza a um só tempo. Ainda hoje a velha construção permanece como um monumento de beleza e de esplendor, lembrança gigantesca do mais sombrio e mais nefasto período da longa história da Igreja Católica.

Todavia, os italianos contavam no seu próprio país com o seu quinhão de esplêndidos monumentos: o que para nós se conserva hoje como herança romântica de uma época de sinistras crueldades, de paixões guerreiras, mas também de impulso criador e amor à beleza jamais igualados na história da Europa, que representava para Catarina o cenário quotidiano da sua vida extraordinária, por um lado orientada para o mundo sobrenatural, e dedicada por outro a um rude labor no mundo dos humanos. Quiçá os seus belos olhos contemplassem com profunda emoção as grandiosas construções à margem do Ródano.

Na outra extremidade da célebre ponte de Avinhão levantava-se a torre de vigia do rei de França. Sim, Villeneuve-les-Avignon ficava em solo francês, e a França era considerada país inimigo desde que, por sua influência, retivera prisioneiro o papa neste belo recanto da Provença. Villeneuve abrigava também certo número de cardeais franceses.

Os italianos foram conduzidos ao local que o papa fizera preparar para alojá-los. Tratava-se do antigo palácio de um cardeal havia pouco falecido. Catarina encontrou ali um quarto modesto, conforme os seus gostos

ascéticos, bem como um oratório onde poderia recolher-se. Pois que, para a tarefa que a aguardava, careceria do apoio constante do Esposo celeste, que fizera a Sua Esposa percorrer o longo trajecto, da tinturaria de Fontcbranda até ao trono do vigário de Cristo na Terra. A fraca e humilde moça ia dirigir-se a esse vigário com a autoridade do próprio Cristo.

Dois dias após a sua chegada, Catarina era recebida em audiência pelo papa. Raimundo acompanhava-a como intérprete, pois a jovem só conhecia o seu dialeto toscano, enquanto os franceses falavam latim. Embora compreendesse latim o suficiente para ler o breviário, Catarina era incapaz de manter uma conversa nessa língua. O bom senso e o profundo conhecimento espiritual daquela jovem que lhe escrevera cartas tão corajosas impressionaram Gregório XI a ponto de, antes de concluída a entrevista, entregar em suas mãos a questão florentina. "Estai certa de que também eu desejo vivamente o fim desta triste contenda; todavia, considerai acima de tudo a dignidade da Igreja."

Entretanto, não chegavam os emissários do governo florentino, que deviam ter partido imediatamente após Catarina. A 26 de junho esta escrevia aos oito chefes revoltosos, exortando-os a fornecerem uma prova da sinceridade dos seus desejos de reconciliação. O tributo que recentemente haviam exigido do clero significava aos olhos de Catarina um recuo no caminho da pacificação. "Falei com o Santo Padre, que me ouviu com grande bondade - escreve. - Demonstrou desejar sinceramente a paz e estar disposto, como bom pai, a perdoar as ofensas dos filhos. Entretanto, é preciso que esses filhos se humilhem para serem merecedores desse perdão. Não posso exprimir o quanto me senti feliz quando declarou que, de acordo com a exposição que lhe fiz dos factos, está pronto a fazer justiça aos seus filhos."

Contudo, os representantes florentinos, sem os quais nada pode ser resolvido, continuavam a brilhar pela ausência.

Em conversa com Catarina, Gregório XI confia-lhe: "Os florentinos zombam de ti e de mim. Ou não enviarão qualquer emissário ou, se estes se apresentarem, não virão munidos dos poderes necessários." Tinha razão o pontífice. Desde sete de julho a cidade tinha novo governo, cujas intenções

estavam longe de serem pacíficas. Os três emissários que enviou a Avinhão tinham por intuito apenas mascarar-lhe as verdadeiras intenções.

Nesse ínterim, Gregório XI rendera-se à evidência quanto ao poder exercido por Catarina sobre as almas humanas. Convencera-se de estar diante de uma eleita do Senhor. Comentando abertamente com o papa os abusos de que se tornara culpado o clero, e que eram causa de tantos infortúnios para a Igreja, condenava também o luxo da corte pontifícia. Ali, onde deveriam exhibir-se todas as virtudes celestes, ela sentia o cheiro da podridão do inferno. Gregório intencionou-a: "Como podes conhecer a esse ponto o que aqui se passa, se chegaste há tão pouco tempo?"

A atitude de Catarina frente ao vigário de Jesus Cristo fora até então a mais profunda humildade. Bruscamente endireitou-se e, fitando bem nos olhos o seu interlocutor, dirigiu-se a ele como um príncipe a outro: "Pela glória de Deus todo-poderoso, - disse - ousou afirmar que, quando ainda em minha cidade natal, sentia já a fetidez dos pecados que se exibem na corte pontifícia, mais do que o percebem aqueles que os cometeram ou persistem em cometê-los."

Os rumores que corriam a respeito da santa sienense excitavam naturalmente curiosidade na corte de Avinhão. As mulheres, que formavam grande percentagem dessa corte - se bem que não fosse ali o seu lugar -, compartilhavam dessa curiosidade. Eram as irmãs, sobrinhas, parentes afastadas e concubinas dos cardeais. Algumas acreditavam sinceramente na missão de Catarina e ouviam os seus conselhos, destinados a fazer delas melhores cristãs. Outras não escondiam que temiam a sua influência. A outras ainda tudo aquilo era indiferente. Algumas achavam a aventura palpitante. Todas, porém, acorriam em massa ao oratório de Catarina e maravilhavam-se ante os seus arrebatamentos. A duquesa de Valentinois, irmã do papa, a tal ponto se impressionou com o espectáculo, que desde então nunca mais deixou de concentrar-se integralmente nas suas orações. A jovem Alys de Turenne, que desposara um sobrinho do papa, lembrou-se de enfiar uma agulha no pé da santa, a fim de comprovar a sua insensibilidade quando em êxtase. Recobrando o conhecimento, Catarina sofreu terrivelmente em consequência do ferimento, que durante alguns dias a impediu de caminhar.

À semelhança do que acontecia com muitos outros santos, Catarina recebera o dom de perceber os eflúvios da alma em estado de pecado mortal, semelhantes aos da matéria putrefacta. A uma nobre dama que se apresentou em visita, aparentando respeito e devoção extraordinária, Catarina evitou todo tempo fitar, voltando a cabeça de cada vez que a visita se aproximava. A Raimundo, que lhe censurava a impolidez, retrucou: "Se pudésseis sentir o mau cheiro de seus pecados, faríeis como eu."

Três dos mais eruditos prelados da corte apresentaram-se diante de Catarina, a fim de examinar e confundir essa criatura ignorante, cuja influência sobre o papa se afigurava perigosa para os interesses franceses. Em primeiro lugar, submeteram-na a um dos interrogatórios mais arrogantes acerca da missão florentina. Era verdade que fora enviada pelo Governo de Florença, como pretendia? Não contariam eles com um homem capaz de lidar com assuntos daquela envergadura, para serem obrigados a dirigir-se a uma moça da sua insignificância?

Com paciência e polidez, Catarina explicou os motivos por que fora escolhida e, embora a contragosto, os prelados sofreram-lhe a ascendência. Não renunciaram contudo ao seu intento e passaram a interrogá-la sobre o seu modo de vida, sobre as suas visões e os seus jejuns. Como poderia ela garantir não ser vítima de embustes do diabo?

A discussão acabou por estender-se aos mais difíceis problemas de teologia. Fra Giovanni Tantucci, que assistia à cena e que por sua vez conquistara o título de doutor em teologia, tentou tomar parte no debate, no que foi obstado pelos visitantes: "Deixai-a responder, ela o fará bem melhor que vós..." A entrevista prolongou-se das nove da manhã até ao cair da noite e, ao se despedirem, os sábios estavam convictos de que a "jovem insignificante" sabia mais que eles próprios, ou que qualquer outro entendido dos assuntos da alma.

Tratando-se de homens honrados, além de verdadeiros eruditos, apresentaram-se incontinenti ao papa a fim de lhe fazerem um relato fiel.

Catarina conquistou ainda outros amigos entre os membros da cúria. Um destes, o vice-chanceler Bartolommeo Prignani, arcebispo de Acerenza, era um prelado virtuoso e honesto. Animava-o um zelo ardente pela

supressão do luxo e da corrupção no seio da Igreja. Este homem extraordinário ocupava um cargo subalterno. Entretanto, quando sucedeu a Gregório XI, tornando-se o papa Urbano VI, a sua inflexibilidade e o seu espírito vingativo prejudicaram a principio seriamente os esforços sinceros que realizou em vista da reforma da Igreja.

Enquanto a deputação florentina continuava a brilhar pela sua ausência, o papa recebia seguidamente a Catarina, fornecendo assim ocasião a esta de debater o assunto que de mais perto a interessava: o regresso do Santo Padre a Roma e a convocação de toda a Cristandade para a cruzada. Gregório XI mencionava ocasionalmente o desejo de voltar à cidade de São Pedro, e os que o cercavam viam-no a contragosto imbuir-se cada vez mais da certeza de que o Espírito Santo lhe falava pela boca de Catarina. Ao lado das suas funções de chefe supremo da Igreja, era também bispo de Roma, e a corte recordava que, pouco tempo antes, ao censurar a um bispo o ter-se afastado da sua diocese, recebera uma resposta que muito o perturbara: "E vós, Santo Padre, por que não regressais para junto da vossa tão bela e tão rica esposa?"

Com a faculdade que tinha de ler nas almas, Catarina sabia muito mais a esse respeito. Certa vez em que o papa, agora de um nervosismo extremo, lhe pediu a sua opinião sobre o assunto, replicou humildemente não ter conselhos a dar ao vigário de Cristo. Este insistiu, impaciente, e pediu-lhe que lhe indicasse a vontade de Deus. Catarina retrucou: "Quem melhor que Vossa Santidade conheceria a vontade de Deus? Acaso não estais comprometido por vosso próprio juramento?" Profundamente atingido, Gregório não ousava fitar a santa Realmente, enquanto ainda cardeal, comprometera-se a voltar a Roma se algum dia fosse eleito papa. Jamais mencionara esse voto a ninguém. A partir de então, sentiu que teria de deixar Avinhão, conquanto não ignorasse os obstáculos que seria preciso superar antes de cumprir essa resolução. O seu temperamento indeciso colocava-o em verdadeira tortura: temia ferir os sentimentos dos seus parentes e amigos.

Catarina, que fora induzida a fazer uma curta visita à duquesa de Anjou no seu castelo de Villeneuve-les-Avignon, escreveu de lá ao papa exortando-o a não dar ouvidos aos cardeais que procuravam impedi-lo de

retomar o caminho de Roma. "Suplico a Vossa Santidade, em nome de Jesus Crucificado, que se digne agir com presteza. Quanto mais vos apressardes menos sofrereis, menores serão as dificuldades e os percalços... Se Deus está convosco, quem vos ousará enfrentar?"

Finalmente chegaram a Avinhão os embaixadores florentinos. Assistida por Raimundo, declarou-lhes Catarina que fora encarregada pelo papa de negociar com eles as condições de paz. Responderam-lhe grosseiramente que não haviam sido investidos de plenos poderes para lidar com mulheres. Estavam ali para se entrevistarem com o papa e não com ela.

Ainda assim, Catarina procurou interceder em seu favor. O papa designou dois cardeais franceses para com eles negociar a paz. Porém, a despeito das funestas consequências que o interdito acarretava para o comércio da república, os florentinos não se apresentavam com boas intenções. As negociações fracassaram, e em setembro os emissários recebiam ordens para deixar Avinhão. De volta a Florença, apresentaram da sua missão uma versão absolutamente deturpada, de acordo com a qual a *Sígnoria* de Florença decidiu prosseguir na luta com vistas no aniquilamento do poder temporal da Igreja. Procurou, outrossim, fortalecer a liga antipapal, aliando-se a Veneza e a Génova.

Não restava a Catarina senão induzir o papa a regressar a Roma e a organizar a cruzada. O duque de Anjou, que ela conquistara à sua causa, prometera-lhe ser um dos chefes da expedição. Do seu próprio castelo de Villeneuve-les-Avignon, o duque escrevera a seu irmão, o rei Carlos, de França, concitando-o a juntar-se aos futuros combatentes.

Os cardeais franceses recorreram a uma derradeira tentativa para fazer voltar atrás o pontífice sobre a sua decisão. Endereçaram-lhe uma carta na qual o preveniam contra a moça que, além de tudo mais, era também uma visionária! O regresso a Roma, afirmavam, equivaleria para ele a uma condenação à morte. O papa exibiu a missiva a Catarina, que a qualificou como sendo obra de algum demónio que assumira aparências humanas. Acerca do perigo que correria o papa de ser envenenado em Roma, acrescentou maliciosamente: "Por toda parte se pode comprar veneno, e em Avinhão haverá certamente tanto quanto em Roma."

Alguns dias após a partida de Catarina para Itália, Gregório XI deixava Avinhão para sempre. Estava-se a 13 de setembro. Todos os cardeais, à exceção de seis, o seguiram. Atendendo aos apelos de Catarina, embarcara intempestivamente. Os cardeais franceses que o acompanhavam choravam abertamente, e a família que ele abandonava lamentava-se, inconsolável. O seu velho pai, o conde Guilherme de Beaufort, ajoelhou-se na porta do palácio, em desespero. O papa Gregório XI passou por ele em silêncio.

A 2 de outubro embarcou a comitiva no navio que devia conduzi-los de Marselha a Génova. Choravam todos, mas sabiam que era impossível retroceder.

A palavra de Jesus, dirigida a Catarina havia muitos anos atrás, quando lhe prometera que escolheria humildes donzelas como intercessoras junto aos orgulhosos e aos poderosos deste mundo, cumpria-se assim de maneira a fazer da vida de Catarina de Siena um acontecimento singular na História.

CAPÍTULO 17

Ao que parece, Catarina e os seus companheiros fizeram a pé a maior parte da jornada de volta. De cada vez que chegava a uma cidade onde devia pernoitar, o povo aglomerava-se para avistar a humilde irmã da penitência que induzira o papa a abandonar o seu cativo de Babilónia. Em Tolosa, segundo nos refere Raimundo, a pequena comitiva foi literalmente assaltada pela multidão, formada não apenas por curiosos, senão também por criaturas que esperavam de Catarina algum socorro. Uma jovem mãe irrompeu no quarto que a virgem sienense ocupava na hospedaria, para colocar-lhe sobre os joelhos o seu bebé agonizante. A criança recuperou imediatamente a saúde.

Entretanto, ao pisar novamente a terra italiana, aquela santa alegria de que tanto falavam os seus amigos parecia atingir as raias do deslumbramento - muito justificável, aliás. Soltava exclamações de alegria à visão do solo coberto de flores rubras, ou de um simples formigueiro pululante. Toda a obra do Criador parecia-lhe igualmente digna de admiração. "Estas minúsculas formigas foram concebidas pelo Seu pensamento, tanto quanto eu mesma - reflectia. - A criação dos anjos deu-lhe trabalho igual à dos insectos ou das flores nos galhos." Conquanto desejasse ardentemente a salvação de todas as almas do universo, nem por isso deixava de dedicar uma paixão ardente e sadia à sua cidade, bem como a todo o território habitado pelo seu povo italiano.

Ao norte de Génova atravessou uma cidadezinha, denominada Varazze, quase totalmente devastada pela peste. Fora berço de Jacques de Voragine, autor da *Legenda Dourada*, obra predilecta da Idade Média. Catarina aconselhou ao reduzido grupo de sobreviventes construir uma capela em honra do santo, para se verem livres do flagelo. Assim fizeram, e desde então Varazze resistiu incólume a todas as epidemias.

Atingidos um após outro por diferentes enfermidades, os viajantes foram forçados a deterem-se por algum tempo em Génova. Ali receberam principesca hospedagem no palácio de Madonna Orietta Scotti, que fez chamar para eles os melhores médicos da cidade. Mas Neri de Landoccio

estava gravemente enfermo, com febre elevada e dores intensas, a tal ponto violentas que não lhe permitiam deitar-se ou sentar-se. Arrastava-se sobre as mãos e os joelhos, como se isso pudesse libertá-lo dos seus sofrimentos.

Stefano Maconi e Neri haviam-se ligado por forte amizade, o que vem demonstrar que nenhuma forma egoísta de ciúmes subsistia entre os que amavam verdadeiramente Catarina. Profundamente atormentado, Stefano implorou à sua *mamma* que não permitisse que Neri morresse tão distante do seu lar e fosse enterrado em solo estranho. Catarina porém parecia ter abandonado completamente o seu fiel amigo às mãos dos médicos - que, por seu lado, não davam qualquer esperança de cura.

Ante a insistência de Stefano, contudo, prometeu que rezaria por Neri na sua comunhão seguinte. De facto, na manhã seguinte, ao despertar do êxtase, confiou a Stefano que Deus lhe prometera a cura de Neri. No outro dia, cabendo a Stefano a vez de acamar-se com temperatura elevada e fortes dores de cabeça, Catarina ordenou simplesmente à febre que desaparecesse. E assim se deu.

Por uma carta de Catarina à mãe, ficámos sabendo que Fra Giovanni Tantucci e Fra Bartolommeo de Dominici adoeceram igualmente. Madonna Lapa desejava ardentemente o regresso da filha, afastada dela havia quatro meses e vivendo em país estranho e inimigo. Só Deus conhecia os perigos tremendos e imprevisíveis a que estivera exposta. A velha mãe, quase louca de desespero, encontrou quem escrevesse à filha em seu nome. A resposta desta última é tocante; transborda de carinho e de respeito filial. Podemos, entretanto, conjecturar se a pobre Lapa se sentiu realmente reconfortada por essa carta a ponto de se achar na obrigação de fingir ao recebê-la.

Das cartas de Catarina à mãe, quatro nos chegaram às mãos; todas insistem sobre a virtude da paciência, que Catarina apresenta como sendo a medula central da piedade, e para a qual a sua impetuosa progenitora carecia evidentemente de disposições naturais. Nessa carta de Génova, Catarina saúda a sua querida mãe em Jesus Cristo e confia-lhe como aspira encontrar nela a verdadeira mãe, não apenas do seu corpo mas inclusive da sua alma.

"Estou certa de que, se amásseis a minha alma mais que o meu corpo, todo o carinho excessivo desapareceria de vosso coração, e a minha ausência material não vos provocaria tanto sofrimento. Com os olhos voltados para a maior glória de Deus, encontraríeis o conforto necessário e a força para suportar o sofrimento de que sou causa, tendo em mente que procuro acima de tudo a graça e a possibilidade de fortalecer a minha alma trabalhando para maior glória do Senhor."

Recorda a Madonna Lapa a figura de Maria, Mãe de Jesus, que, pela glória de Deus e salvação das almas, entregou o Seu Filho muito amado à morte na cruz. "Bem sei, - acrescenta - que é do vosso agrado que eu obedeça à vontade divina. Ora, foi Ele a determinar a minha partida; o meu afastamento não de todo improfícuo é um imperativo de obediência aos planos insondáveis da Providência. A demora verificada nos planos deveu-se não à vontade dos homens senão a determinação divina. Quem pretender o oposto estará mentindo. Lembrai-vos de como vos sacrificastes por um mero proveito temporal, quando permitistes que vossos filhos vos abandonassem em busca de riquezas terrenas. Ora, desde que se trata da conquista de bens sobrenaturais, o vosso sofrimento chega a ponto de receardes morrer se não vos respondo imediatamente."

Para Lapa, porém, o envólucro carnal com que revestiu a filha continua mais precioso que a alma que lhe foi presenteada por Deus. Entretanto, além do conforto da religião, Catarina já pôde oferecer à velha mãe a garantia consoladora do seu breve regresso. Os viajantes acham-se a caminho de Siena, onde havia muito já teriam chegado, não fora o mau estado de saúde de todos.

A mãe de Stefano Maconi esperava o filho com impaciência igual à que Lapa nutria pelo regresso da filha. E a esposa de Corrado Maconi não estava habituada, como Lapa, a ver os filhos seguirem os seus caminhos particulares, longe da pátria e do calor do afecto familiar.

Catarina responde a uma carta da mãe de Stefano, chamando "minha filha" a quem teria podido ser sua mãe. Dela exige nada menos do que triunfar desse amor instintivo de mãe que quer possuir os filhos com exclusividade. "Tanto a vossos filhos como às demais criaturas, não tendes o direito de amar senão por amor Àquele que os criou, e não por egoísmo

ou por amor a eles mesmos. Não ofendais a Deus por causa deles... É próprio da mãe que ama os filhos à maneira errônea do mundo declarar: 'Não me oponho a que meus filhos sirvam a Deus, se ao mesmo tempo servirem também o mundo.' Temos aí a criatura a pretender ditar normas ao Espírito Santo." Procura também consolá-la e promete que até ao último momento fará por Stefano tudo quanto está em seu poder: "Vós, sua mãe, o haveis trazido ao mundo, e eu o introduzirei no mundo espiritual, juntamente connosco, e com toda a vossa família, através das minhas orações incessantes, das minhas lágrimas e do meu desejo ardente de assegurar a salvação de todos."

É provável que as duas mães concordassem em achar estas missivas absolutamente conformes com a verdade. Uma coisa porém é reconhecer a verdade, e outra viver de conformidade com ela, principalmente quando se afigura dura e cruel a nossos olhos. Apesar da sua idade avançada, Lapa acompanhou a filha quando da última visita de Catarina a Roma, sendo agradável saber-se que ambas não estiveram separadas durante os últimos tempos da vida da santa. Quanto a Stefano Maconi, porém, antes de poder reunir-se aos que se haviam congregado em torno do leito de morte de Catarina, teve de superar inúmeras dificuldades, criadas por sua mãe, que não queria deixá-lo sair de Siena.

Apesar de cientes da ameaça de contágio que os esperava, nem por isso os genoveses deixavam de afluír ao Palazzo Scotti, para verem Catarina. Esta adquirira já celebridade bastante para impedir toda e qualquer veleidade de uma vida calma e isolada. O seu corpo esgotado e a sua alma, que só nos momentos de êxtase gozava agora da companhia do Bem-Amado, não conheciam mais um minuto de repouso. Os visitantes acotovavam-se em torno dela, desejosos de expor-lhe os seus problemas e as suas aflições. Frequentemente apresentavam-se apenas para satisfazer a curiosidade ou simplesmente para poder contar aos outros: "Também eu vi a maravilha de que todos falam." A doença prostrou sucessivamente todos os secretários de Catarina, e no entanto uma torrente de cartas nunca cessou de derramar-se em torno dela, cartas repletas de conselhos, de incentivos, de normas espirituais, ou ainda respostas a toda a espécie de mensagens. A mulher que outrora aspirara apenas à vida solitária era, agora, requisitada pelos problemas contemporâneos, mais que qualquer princesa reinante.

Docilmente ela permitia que lhe carregassem sobre os frágeis ombros os fardos que sabia lhe serem impostos pelo Esposo celestial. Nunca deixou de considerar-se a si mesma como Sua indigna esposa e serva pecadora, secretamente marcada pelo egoísmo, a seus olhos fonte de toda a miséria do mundo. Tudo quanto executara até então na Terra fora obra de Deus, se bem que servindo-Se de instrumento tão miserável. Pois jamais admitiria ter realizado grandes coisas por si, ela que se considerava mísero instrumento nas mãos de Deus.

Certa noite, muito tarde, um homem vestido como simples sacerdote apresentou-se no Palazzo Scotti e pediu para ser levado à presença de Catarina Benincasa. Ao divisá-lo, Catarina caiu aos pés do Vigário de Cristo. Era, com efeito o papa, que a fez levantar-se e com ela se entreteve até uma hora muito avançada. Ao retirar-se, Gregório declarou sentir-se "fortalecido e edificado".

Aportara a Génova após uma travessia tempestuosa desde Marselha. A viagem fora penosa e durara dezasseis dias.

Em Génova, más notícias aguardavam o papa. Falava-se numa revolta em Roma. Os exércitos florentinos haviam derrotado as tropas pontifícias em sucessivos encontros. O doge de Génova recusara-se a fazer parte da coligação, comprometendo-se, porém, a observar uma neutralidade amistosa. Os cardeais franceses esforçaram-se ao máximo para convencer o papa da necessidade de voltar a Avinhão. A tempestade que os assaltara durante a travessia afigurava-se-lhes um aviso divino. Outrossim, exageraram tanto quanto foi possível os rumores desagradáveis que acabavam de chegar aos ouvidos do Santo Padre.

Gregório XI reuniu um consistório. Estava a pique de ceder, mas sabia da presença de Catarina na cidade e a sua consciência não lhe permitia assumir um compromisso definitivo sem antes a consultar. Para evitar qualquer escândalo, deliberou vestir-se como um simples padre e, sem testemunhas, procurar Catarina, deixando que esta deliberasse sobre o seu destino e o destino da Igreja pelos anos por virem.

A 29 de outubro voltava a embarcar, rumo a Livorno, e a 5 de dezembro aportava em Corneto, no Estado pontifício. Resolveu passar ali o advento, e

festejar em Corneto o seu primeiro Natal em território pontifício.

CAPÍTULO 18

Por sua vez, Catarina tomava em Génova o barco que devia conduzi-la a Livorno, o porto de Pisa. Também ela esteve prestes a naufragar na travessia, toda ela efectuada com tempestade e mar encapelado. Os companheiros e o próprio piloto mostravam-se inquietos, mas a moça permanecia calma. "Que receais? - dizia aos amigos. - Acaso julgais que podereis salvar-vos sozinhos?": g dirigindo-se ao piloto: "Toma o leme invocando o nome do Senhor e veleja com o vento que nos envia o Céu." Na manhã seguinte entravam, sãos e salvos, no porto, ao som do *Te Deum* entoado por monges e sacerdotes.

Em Pisa, Catarina teve que demorar-se algumas semanas ainda. Durante a sua estada em Livorno, o papa recebera Piero Gambacorti, assim como os emissários de Lucca que tentavam negociar a paz com Florença e a coligação. Porém as notícias chegadas da frente de combate e a oposição sistemática dos membros da coligação haviam afectado em demasia o papa Gregório XI; havia poucas probabilidades de serem coroadas de êxito as negociações de paz.

Em Pisa, Madonna Lapa e Fra Tommaso della Fonte vieram ao encontro de Catarina. Ouvindo dizer que a filha se encontrava a caminho de casa, a velha Lapa mostrara-se disposta a afrontar todos os perigos e a empreender a longa jornada a fim de mais depressa rever aquela cuja ausência tanto lhe pesara.

Em princípios do ano de 1377, regressa a santa ao seu lar em Siena. Stefano Maconi tomara-lhe a dianteira, encarregado, entre outras coisas, da instalação de um *vidotto*, pequena peça destinada a servir de capela a Catarina. Durante a sua permanência em Avinhão, esta obtivera do papa autorização para fazer celebrar missa sobre um altar portátil, que transportava consigo. Os três sacerdotes encarregados de acompanhá-la por toda a parte eram agora Fra Raimundo, Fra Bartolommeo de Dominici e Don Giovanni Tantucci.

A noção de que Siena se aliara aos adversários do papa terá, certamente, lançado uma sombra sobre a alegria experimentada por Catarina ao rever os velhos amigos e o ambiente doméstico. Nem todos, porém, estavam presentes. Durante a ausência de sua *mamma*, Francesco Malavolti deixara-se novamente arrastar para a senda do pecarolo. Catarina escreveu-lhe, suplicando-lhe carinhosamente que pensasse na sua verdadeira felicidade. Uma vez mais a ovelha transviada voltou ao redil. Não era, contudo, a primeira, nem seria a última vez que esse pecador se desviava do caminho certo, para depois se arrepende e voltar atrás. Só depois da morte daquela que amara como a uma mãe Francesco Malavolti teve, enfim, a coragem de conservar-se fiel à sua memória e de seguir o caminho que um dia o conduziria junto da sua bem-amada, no país onde não há mais separação.

No dia 13 de janeiro de 1377, o papa Gregório XI, cavalgando uma mula branca, entrava, de volta, em Roma. Os romanos, que haviam permanecido fiéis ao Vigário de Cristo, apesar dos esforços dos seus inimigos e das provocações que haviam sofrido por parte dos seus indignos substitutos, estavam exultantes. Flores e confetes aos montes foram lançados sobre o legítimo senhor da cidade, ao encaminhar-se este para os seus domínios. Durante toda a noite o povo dançou, nas ruas iluminadas por milhares de tochas e lâmpadas. Os próprios cardeais franceses, componentes do cortejo pontifício, deixaram-se emocionar pelo espectáculo.

Entretanto a guerra continuava, e de toda a parte da Itália chegavam notícias de cidades tomadas de assalto e pilhadas, onde se desenrolavam cenas de orgia, assassinatos e toda a espécie de atrocidades. No início da primavera, Catarina encontrava-se no novo mosteiro de Santa Maria degli Angeli, fundado por ela no velho castelo de Belcaro - doação de Neri di Servanni. De lá escreveu novamente ao papa, desta vez para Roma. Compara-o a um carcereiro, porque depositário das chaves da Igreja e administrador do Sangue de Cristo, e a seguir a uma mãe, porque encarregado de saciar a todos os filhos da Santa Igreja com o leite do amor divino. Eis por que invoca a paz. "A palavra do Deus pacífico e misericordioso não pode ser obstada pela nossa ingratidão; portanto, pelo amor de Jesus Cristo, segui-lhe cuidadosamente as pegadas." A sua opinião é que o diabo reina sobre o mundo, não por sua própria autoridade, pois é

destituído de poder, e sim devido à nossa própria complacência. Deixar-se contaminar pelos padres e monges corruptos e pelas guerras entre cristãos equivale a enfrentar a Deus. "Purificai, pois, a Igreja, restabelecei a paz, cuidai dos bens espirituais, e não dos temporais" - insiste Catarina. Deus sabe por quantas vezes já o repetiu. Deseja ardentemente rever o Santo Padre, porém está impedida de fazê-lo por motivos que interessam à Igreja. "Paz, paz, por amor a Cristo Crucificado. Basta de guerra. Eis o único remédio para todos os males."

De Belcaro remete, na quinta-feira santa, outra missiva, dirigida a todos os prisioneiros de Siena. A serva e escrava dos servos de Deus fala a seus filhos bem-amados no doce Senhor Jesus, dos nossos pecados contra Deus, e não das suas faltas mais ou menos graves contra a sociedade. A seus olhos não lhes cabe senão reconciliar-se com o seu Criador, necessidade que é também dela, e do papa, e dos outros grandes da Terra, aos quais já se dirigiu, ou pretende dirigir-se, de futuro. Não se cansa de exortá-los: "Convertei-vos, convertei-vos!"

A sua mensagem aos prisioneiros parece, contudo, inspirar-se primordialmente na preocupação pela sua salvação. Está vasada em termos cada vez mais insistentes, mais inflamados. "O pecado foi causa da morte de Cristo. O Filho de Deus não carecia de tomar o caminho da cruz, pois que não tinha pecado e possuía a Vida Eterna; mas nós, miseráveis, perdemos essa Vida Eterna em razão dos nossos pecados. Desde então, estava desencadeada a guerra entre nós e Deus. A revolta contra o seu Criador debilitara a criatura, já então incapaz de absorver a amarga poção indispensável à sua cura. Foi preciso que Deus nos entregasse o Seu Filho, Seu Verbo, e que por Sua imensa misericórdia a natureza divina se encarnasse na nossa humana natureza. Cristo veio para sofrer, a fim de que pudéssemos ser salvos. Nosso Senhor foi o médico que nos curou dando-nos o Seu próprio Sangue."

Compara ainda Cristo a uma ama, a qual absorve o remédio que o recém-nascido, por pequenino e fraco, não poderia suportar, mas que vai absorver, por sua vez, no leite da ama. "Nós, pobres criancinhas de Deus, recebemos, no leite do amor divino, o amargo remédio que é o sofrimento de Cristo na cruz, único medicamento capaz de dar lenitivo à nossa

enfermidade mortal - o pecado." Compara ainda Cristo a um cavaleiro que parte por nós em combate. "Pois foi por nós que desceu do Céu, por nós que combateu e venceu o demónio. Por capacete tem uma coroa de espinhos, por couraça, a carne flagelada; os cravos das mãos e dos pés são os Seus guantes e as Suas esporas. Cumpre-nos seguir o nosso cavaleiro e armar-nos de coragem nos infortúnios e nas atribulações. Banhai-vos no Sangue de Cristo, e tereis paciência para suportar a vossa miséria, pois a lembrança desse Sangue suaviza todas as amarguras e alivia todos os fardos."

A sociedade medieval, à semelhança de todas as demais, tinha a intenção de proteger-se contra os criminosos. As punições inflingidas a estes eram frequentemente brutais e desumanas. Não existia a pena de encarceramento por um período determinado. O homem lançado à prisão ali permanecia à espera do julgamento. Podia ser condenado a pagar uma multa ou a custear as despesas do processo, ou ainda ser posto fora da lei, enviado ao exílio, ou submetido a punições corporais - como sejam: a flagelação, a tortura e a morte. Se bem que quase sempre o povo apoiasse essa crueldade legal, salário obrigatório das más acções, desejava simultâneamente o arrependimento do culpado, que o furia escapar às penas eternas. Acontecia, de outras vezes, que as vítimas, acasteladas no seu rancor, viam com uma alegria malsã os seus inimigos recusarem o consolo da Igreja e encaminharem-se para a morte revoltados contra Deus e contra as criaturas. Não obstante, jamais era negado aos criminosos o auxílio espiritual. Todos os governos consideravam-se obrigados a deixar a padre e monges livre acesso à cela dos condenados e a permitir-lhes acompanhá-los até ao local do suplício.

No que diz respeito à sua dignidade, o conselho dos *Riformati* de Siena era tão susceptível quanto a maioria dos governos de origem popular. Em consequência, esse conselho condenara o jovem Niccolo di Toldo, de Perugia, a ser decapitado, por esse subproduto de uma velha raça de aristocratas ter-se pronunciado com um desprezo impertinente acerca dos burgueses que manobravam as rédeas do governo. Tommaso Caffarini tinha liberdade para visitar o jovem no cárcere, e procurar fazê-lo aceitar o seu amargo destino. Desde o início Niccolo se recusou a conformar-se. Estava meio louco de ódio e de desespero, contra a severidade insensata daqueles miseráveis *Riformati* que pretendiam tirar-lhe a vida por uma bagatela. Não,

absolutamente não se confessaria. Aliás, nunca mais comungara na sua vida desde que, ainda pequeno, recebera, pela primeira e última vez, as santas Espécies. Não se submeteria à vontade de Deus, pois que esta pretendia roubar-lhe a vida em plena mocidade.

Catarina foi visitá-lo Em carta a Fra Raimundo, então em Roma, refere-se ao facto, o mais conhecido e o mais incompreendido de todos os episódios de toda a sua vida singular Uma mulher ainda jovem, excepcionalmente atraente, consegue dominar um jovem exaltado, presa de desespero e revoltado contra o seu cruel destino e contra todos os poderes do Céu e da Terra que lhe deram causa. Entretanto, Catarina já fizera o mesmo em tantos casos idênticos O que fez por Niccolo ela o teria feito por qualquer outra alma cujo destino eterno ia ser jogado na balança que oscila entre o céu e o inferno.

Inconscientemente ou não, di Toldo foi talvez influenciado pelo facto de que aquela que o visitava era a mesma donzela cuja alma pura e luminosa conseguira, por sua influência exclusiva, trazer de volta o papa de Avinhão a Roma. Ou, quiçá, se deixasse impressionar pela auréola de santidade da jovem, a um tempo irmã e mãe de todos quantos padeciam neste mundo. Da história dessa conversão só conhecemos o relato de Catarina, que no facto vê apenas o mistério da Graça e a força purificante do Sangue de Cristo. A sua carta a Raimundo é um hino de louvor à glória do Coração do Filho de Deus.

"Ó Coração, vaso que transborda, que embriaga, que cumula todos os desejos do amor! Tu distribuis as alegrias, tu esclareces a razão, tu cumulas o espírito, que escravizas de forma a impossibilitá-lo de pensar, compreender e amar a nada mais além de Ti, Jesus misericordioso. Ó Sangue, ó fogueira de amor infinito! Quanto me alegraria, Raimundo, ver-vos n'Ele mergulhado para todo o sempre! É meu desejo que imiteis Aquele que toma a água com uma taça para lançá-la sobre os demais. Sim, derramai a água do santo desejo sobre a cabeça dos vossos irmãos que são, como nós, membros do corpo do Cristo, e atentai para as armadilhas do demónio, pois sei que ele pretende vos impedir de agir."

Já em diversas ocasiões, Catarina procurara prevenir Raimundo contra um certo traço de fraqueza da sua natureza. O relato de sua visita a Niccolo

destina-se a reavivar a coragem do monge em todas as circunstâncias, por mais temíveis que sejam, e a sua resistência, caso tenha de ver correr o sangue - seu ou de outrem -, o sangue derramado por amor. "Sei agora que nunca mais poderei recuar ou descansar. Amparei nas mãos uma cabeça, e a sensação de felicidade foi tamanha que o coração não pode concebê-la, nem os lábios exprimi-la, os olhos não podem vê-la e nem os ouvidos escutá-la. Em verdade, Deus me revelou segredos que ultrapassam a tudo quanto até hoje me sucedeu. Seria longo demais tentar descrevê-lo. Fui visitá-lo (*o condenado*), como já o sabeis, e a minha presença fortaleceu-lhe o ânimo a ponto de ter podido confessar-se dentro da necessária disposição de espírito. Pediu-me pelo amor de Deus para estar a seu lado no dia da execução, o que lhe prometi. Pela madrugada, antes do primeiro chamado do sino, entrei na sua cela, o que representou grande conforto para ele. Acompanhei-o à missa, e vi-o receber a sagrada comunhão, de que por tanto tempo se abstivera. A sua vontade submetera-se integralmente à Santa Vontade Divina; um único receio perdurava nele, qual fosse o de fraquejar no momento supremo. Contudo, a infinita misericórdia de Deus inflamara-o de um amor tão intenso, de tão desmesurada nostalgia do Céu, que não se podia saciar da presença do Senhor. 'Ficai ao meu lado, pediu-me, não me abandoneis, e terei a firmeza necessária para morrer feliz.'

E apoiou a cabeça contra o meu peito. O meu coração transbordava de alegria, e pareceu-me que o perfume do seu sangue se misturava ao meu, que eu aspirava ardentemente derramar pelo meu Esposo Bem-Amado. Tal desejo não cessava de avolumar-se em mim, e quando percebi que o jovem tinha medo, disse-lhe: 'Coragem, irmão querido! Breve celebraremos as núpcias eternas. Ali comparecerás banhado no Sangue do Filho de Deus, tendo o doce nome de Jesus para sempre gravado no teu espírito, e me encontrarás à tua espera no local do suplício.' Depois disso, o seu coração deixou de experimentar qualquer receio. A sua tristeza tornou-se alegria e, na felicidade que o inundava, exclamou: 'De onde me vem tão grande graça? A alegria que me invade a alma promete acompanhar-me ao sagrado local do juízo.' E acrescentou: 'Sim, partirei feliz e cheio de coragem, e sinto que poderei esperar mil anos, com a esperança de lá vos tornar a encontrar.' E prosseguiu nesse tom edificante, que me levou a louvar a enorme misericórdia de Deus."

Catarina esperava-o no local do suplício, sem deixar de rezar um só momento. Pousou a própria cabeça sobre o cepo, "mas não conseguiu o que desejava". Suplicou à Virgem que concedesse ao desgraçado a necessária paz de espírito nos seus últimos momentos. E orou para que lhe fosse concedido vê-lo atingir a pátria celestial - objectivo final da sua vida. Transportada pela felicidade desses colóquios inefáveis, não percebeu que em torno dela a multidão não cessara de engrossar.

Niccolo chegou, pacífico como um cordeiro; e ao deparar com Catarina sorriu, pedindo-lhe que o abençoasse. Esta segredou-lhe: "Irmão muito querido, celebremos as núpcias eternas, alegremo-nos na vida que não terá mais fim." Descobriu-lhe ela mesma o pescoço, e quando, por sua vez, ele deitou a cabeça sobre o cepo, ajoelhou-se a seu lado. Ele teve apenas tempo de murmurar: "Jesus, Catarina" - e a sua cabeça rolou entre as mãos da moça.

"Neste instante - refere esta - fixei o olhar sobre a Bondade Divina e declarei: 'Eu quero.' Imediatamente divisei, tão nitidamente como se vê a luz do astro solar, Aquele que é a um só tempo Homem e Deus. Ali estava para receber o sangue. E neste sangue brilhava a chama do santo desejo que a graça despertara na alma, chama que foi absorvida pelo fogo da misericórdia divina." Catarina via, assim, Niccolo como que aspirado nesse tesouro da misericórdia, que é o próprio Coração transpassado no peito do Cristo. Assim ficou patente esta grande verdade: Cristo recebia uma alma por pura misericórdia, e não em consequência de algum mérito da sua parte. E enquanto a alma de Niccolo penetrava no mistério da Santíssima Trindade, voltou-se e fitou Catarina em derradeiro sinal de gratidão, "como faz a esposa ao chegar ao limiar da porta do esposo, ao saudar com um gesto de cabeça os que a acompanharam até ali".

Catarina permanecia imóvel. Uma paz infinita invadia-lhe a alma; não aspirava senão seguir para junto do Esposo celestial o jovem que acabava de morrer. "Não é motivo para admiração" - escreve - que seja o meu único desejo o de aniquilar-me no fogo e no Sangue da chaga de Cristo. Doravante, meus caros filhos, não contemporeizemos mais, pois é este Sangue divino que nos faz viver."

CAPÍTULO 19

Em 1371, Catarina e a sua "família" passaram o verão no campo, ao sul de Siena. Desta vez, parece que resolvera distribuir por diferentes lugares grupos isolados dos seus filhos espirituais para trabalharem, pela penitência e pela oração, na estabilização da paz entre os homens, de um lado e, de outro, entre estes e o seu Criador, finalidade suprema de toda a sua vida.

A sua mãe e a sua velha amiga Cecca foram enviadas para nova estada em Montepulciano, em cujo mosteiro de Santa Inês Madonna Lapa tinha uma neta e Cecca uma filha. Pelo fim do verão, a própria Catarina dirigia-se para Rocca di Tintenano, o castelo dos Salimbeni, o qual se erguia sobre uma montanha abrupta sobre o Rio Orcia. Em sua companhia seguiam Raimundo, Tommaso della Fonte, o eremita Fra Santo, Lisa e alguns outros amigos.

A castelã, condessa Bianchini, viúva, chamara Catarina na esperança de vê-la pôr fim a uma disputa entre seus dois nobres parentes, Agnolino e Cione, chefes de dois ramos da família dos Salimbeni. Catarina dirigiu-se a ambos em carta, visitou Cione no seu castelo e conseguiu reconciliar os dois fidalgos. Durante a sua estada no vale de Orcia, conseguiu também um acordo entre o pároco de Santo Antimo e o seu velho inimigo, o decano da catedral de Montalcino.

Pouco depois, Raimundo partia para Roma, portador de uma mensagem de Catarina ao papa. Foi, portanto, pelo relato de Fra Santo que teve conhecimento de como Catarina expulsara o demónio do corpo de uma das aias da Madonna Bianchini. Os amigos de Catarina haviam prevenido a castelã de como repugnava a esta lidar com os possessos, em vista da sua extrema humildade. Aconselharam-na a trazer sub-repticiamente a infeliz à presença de Catarina, de forma que o coração magnânimo desta não deixaria de ser tocado. Entretanto, ao ser trazida a mulher à sua presença, Catarina, que se aprontava para sair para uma de suas rondas de beneficência, voltando-se para a nobre dama exclamou: "Deus vos perdoe, nobre senhora, pelo que acabais de fazer! Acaso ignorais a que ponto sou eu mesma atormentada pelos demónios? Por que trazer-me outras vítimas, se

sou eu mesma presa dos seus assaltos?" Não obstante, aproximou-se da possessa e falou, dirigindo-se ao espírito impuro: "A fim de que não representes empecilho à boa campanha que por toda parte está em curso, ordeno-te que pouses a cabeça desta mulher sobre o peito deste monge e, nessa posição, aguardes o meu regresso." A possuída do demónio foi docilmente reclinar a cabeça sobre o peito de Fra Santo. Entretanto, pela boca da mulher, o mau espírito amaldiçoava o frade que o impedia de sair do aposento, apesar de estarem as portas escancaradas. Inventou então distrair o auditório, muito interessado, enumerando os diversos locais por onde passava Catarina, no seu trajeto de ida e de volta ao castelo. Não conseguia contudo fazer erguer a cabeça da infeliz, como que pregada ao peito do eremita. Catarina, ao voltar, ordenou ao espírito retirar-se definitivamente do corpo da moça, o que efectivamente se deu. Mais de trinta pessoas, presentes à cena, dela prestaram depoimento a Fra Raimundo.

Uma vez iniciada a luta contra os demónios, Catarina nela perseverou bravamente durante todo o tempo da sua estada em Rocca, pois não cessavam de trazer à sua presença loucos e possessos. Alguns chegavam acorrentados, e em seus acessos tornavam-se tão furiosos e intratáveis que seis ou oito homens não bastavam, às vezes, para contê-los. A santa tinha o hábito de sentar-se sobre a relva, no jardim fronteiro ao castelo. Costumava dizer aos guardas: "Por que acorrentastes este infeliz? Em nome do Cristo, soltai-o." Mesmo os mais agitados acalmavam-se então instantaneamente, e quando Catarina lhes tomava a cabeça entre os braços, orando por eles e chorando de compaixão, viam-se imediatamente curados. E não eram só os espíritos malignos a fugir; também os piolhos que formigavam no corpo dos infelizes faziam o mesmo, para grande susto dos presentes - que não escondiam a sua repugnância. Catarina ria-se: "Não temais, - dizia - esses insectos não vos atacarão." E assim sucedia.

Os Salimbeni nunca haviam tido reputação de pacíficos, e estavam frequentemente em luta declarada contra a república de Siena. A longa permanência de Catarina entre eles despertou, pois, as suspeitas do governo sienense, cujos membros estavam perfeitamente cientes de que Catarina lhes desaprovava a política. Ao lhe chegar às mãos o protesto, Catarina

redigiu uma mensagem indignada aos Defensores e ao Comandante do Povo da Cidade.

Ainda uma vez recorda-lhes que aquele que pretende governar a outrem deve ser capaz, antes de tudo, de se governar a si mesmo. Como pretender que um cego conduza outro cego, ou um morto enterre outro morto? "Sim, meus caros Senhores, aquele que não quer enxergar, e cuja inteligência é obscurecida pelo pecado, não pode conhecer a Deus, e tampouco saberá discernir e julgar as faltas de seus subordinados. Ou, se as corrige, é lançando mão das trevas e das imperfeições que abriga em si."

Catarina volta a acusar esses nobres senhores de punirem constantemente os inocentes e deixarem impunes criminosos que teriam merecido mil vezes a morte. Ao mesmo tempo que se queixam dos maus sacerdotes e dos monges, seguem-lhes o exemplo, perseguindo os justos e honrados servidores de Deus.

A propósito do seu regresso e dos seus filhos pela Graça divina, soube que espalhavam toda a sorte de acusações e de insinuações malévolas. Que pensar disso?

"Se cuidásseis de vosso próprio bem, como o fazemos nós, afastaríeis, vós e os demais cidadãos de Siena, essas suspeitas sem outro fundamento senão a parcialidade. Os participantes da nossa pequena confraria não buscamos senão o vosso bem-estar espiritual e temporal, e entre suspiros e lágrimas erguemos a Deus os nossos fervorosos apelos no sentido de que a justiça divina não faça recair sobre nós as punições a que fazemos jus por nossa imperfeição. A pouca virtude que existe em mim não me permite agir senão imperfeitamente. Aqueles que são perfeitos, e a nada mais aspiram além da glória de Deus e a salvação das almas, realizam boas obras; porém a ingratidão e a ignorância dos meus concidadãos não me impedirão de esforçar-me até à minha morte pela sua salvação... Posso ver como está furioso o demónio ante as perdas que lhe custou e custará esta jornada que empreendi com a graça de Deus. Aqui me encontro para conquistar almas e arrancá-las das mãos do príncipe das trevas; nesse intuito eu ofereceria mil vidas, se as tivesse. Vou para onde me conduz o Espírito Santo, e por Suas inspirações me oriento."

No mesmo tom dirige-se a um importante burguês de Siena: "Quer isto agrade ou não ao demônio, dedicarei a minha vida à glória de Deus e à salvação das almas; desejo colaborar para a prosperidade do mundo, e sobretudo para a da minha cidade. Os sicnenses deveriam envergonhar-se de acreditar que procuramos os Salimbeni com o intuito de conspirar."

Madonna Lapa, entretanto, voltava a impacientar-se, e Catarina teve de escrever-lhe procurando acalmá-la, aconselhando-a, ao mesmo tempo, a imitar Maria, modelo insigne de Mãe despida de egoísmo. "Bem sabes, mãe querida, que a tua ingrata filha está neste mundo para fazer a vontade do seu Criador. Sei que estás feliz por ver que obedezco à Suas ordens."

Provas de maior impaciência ainda dava a mãe de Fra Matteo Tolomei, então monge dominicano. Fora ela mesma, dois anos antes, a procurar Catarina para suplicar-lhe que lhe salvasse o filho indigno e as filhas de hábitos mundanos. Dirigia agora a Matteo uma carta em tom colérico, ordenando-lhe deixar imediatamente a propriedade dos Salimbeni, inimigos declarados da família Tolomei. Se se recusasse a obedecer, a mãe o ameaçava com a sua maldição.

Em carta dirigida a Madonna Rabe, Catarina começa por colocar fora de dúvida a experiência religiosa da senhora. Refere-se à "escala de perfeição" que é o próprio Jesus, e reserva para o final a admoestação que julgava cabível no caso: o amor carnal pelos filhos desorientara-a a ponto de exigir que o filho traísse os seus deveres de estado a fim de voltar mais depressa para o seu lado.

É Tommaso Caffarini quem nos refere que, durante a sua estada em Rocca di Tentenanno, Catarina apercebeu-se subitamente de que sabia escrever. Quis o acaso que encontrasse um frasco de tinta vermelha, habitualmente usada para o desenho de iniciais. Havia muitos anos atrás aprendera a ler, e a seus secretários ditara já centenas de cartas; não é de estranhar, portanto, que desejasse um dia escrever por si mesma. Em carta a Raimundo, ora em Roma, confessa ter recebido esse dom durante um dos seus períodos de êxtase, quando atravessava uma fase de dura provação. O padre Hurtaud, dominicano francês de vasta cultura, autor do "Diálogo", manifesta dúvidas acerca desse facto, alegando não se ter conservado missiva alguma redigida pela mão da santa. A própria carta a Raimundo

parece-lhe ter sido alterada por copistas. De qualquer maneira, a questão fica em aberto. Não parece impossível que Catarina tenha descoberto um dia ser capaz também ela de fazer o que os outros faziam constantemente sob os seus olhos; e tampouco é inverosímil que haja recebido essa Graça como dom particular de Deus. Segundo Caffarini, as primeiras palavras traçadas por Catarina com a tinta vermelha teriam sido versos, sob a forma de orações endereçadas a cada uma das três pessoas da Santíssima Trindade. Suplicava-Lhes lhe acendessem na alma a chama do amor sagrado, preservassem-na dos maus pensamentos e lhe apoiassem os passos. Tradução alguma saberia restituir, de longe que fosse, o sabor desse pequeno poema em dialeto toscano.

Catarina sentia-se grandemente necessitada do socorro divino. O papa Gregório XI estava agora sob a completa dependência da jovem sienense, cuja coragem e autoridade ultrapassavam de tão longe a sua própria, e mostrava-se assás descontente ao vê-la perder tantos meses no vale de Orcia, quando lhe seria muito mais útil em Florença.

Em outubro de 1377, os florentinos haviam conquistado uma importante vitória sobre o exército de mercenários do papa. Quando os seus embaixadores se revelaram novamente incapazes de negociar a paz em condições aceitáveis para a república, os florentinos deliberaram desprezar os termos do interdito. Passou-se a celebrar missa publicamente em todas as igrejas de Florença, cujos habitantes se mostravam cada vez mais ressentidos contra o papa.

A situação deste último era desesperadora. As suas posses temporais achavam-se reduzidas a Roma e a alguns farrapos de território vizinhos. Outrossim, devia enfrentar incriveis dificuldades económicas, para cuja solução tentou inclusive obter da rainha de Nápoles, entre outros, um empréstimo em espécie. A obstinação, que caminha quase sempre aliada à indecisão e à pusilanimidade, levou-o a recusar toda e qualquer possibilidade de paz com os florentinos, embora em condições honrosas para as duas facções. Teve mesmo suficiente falta de senso para nomear árbitro da projetada conferência de paz esse mesmo Bernabo Visconti, cuja tirania e cujas intrigas estavam na origem de todos esses desastres.

Catarina escreveu ao Santo Padre, suplicando-lhe humildemente que perdoasse a falta que involuntariamente cometera. A mensagem foi levada a Roma por Fra Raimundo, já então reintegrado nas suas primitivas funções de prior do mosteiro de Santa Maria Sopra Minerva. Apenas uma vez mais devia Catarina encontrar em vida aquele que fora o melhor dos seus amigos e o mais dedicado dos seus filhos, numa breve estada em Roma, poucos anos mais tarde. Raimundo fora seu confessor durante três anos, e a sua confiança recíproca fora uma fonte de riqueza para esses irmãos espirituais, que generosamente comunicavam-se as suas experiências místicas. Sem dúvida alguma, foi ele, dos amigos de Catarina, o que melhor compreendeu a estranha jovem e a vida intensa que levava, "planando sobre duas asas por sobre o abismo que separa o tempo da eternidade" (para empregar uma expressão da própria Catarina). Embora tendo tocado as duas margens, não lhe foi permitido deter-se numa ou noutra. Raimundo esforçara-se o mais lealmente possível para atender a todas as exigências daquela alma excepcional. Permitiu-lhe saciar a fome terrestre que nutria pelo alimento supraterrâneo dos sacramentos. Deixou-a seguir as suas próprias inspirações, sempre que se convencia lhe ter sido comunicada pela graça uma visão mais completa dos caminhos traçados pelo seu Esposo celestial. Catarina dedicava profunda afeição a todos quantos designava como seus filhos e filhas, fossem eles rapazes ou moças, ou pessoas muito mais idosas que ela. Todos esperavam da sua *mamma* orientação e consolo, e dela dependiam completamente. Porém Raimundo fora o único capaz de dar-lhe aquela sensação de segurança e de conforto necessária ao trato entre humanos.

Catarina atingira agora os trinta anos. O frescor delicioso e o ar robusto da filha do tintureiro se haviam desvanecido por completo. O seu corpo não era mais que um frágil envólucro transparente, que a alma ardente iluminava interiormente. E, conquanto se tratasse de uma enferma, capaz de uma energia inaudita apenas quando encarregada de determinada missão pelo Senhor, aconteceu-lhe, no decurso da visita a Rocca di Tentenanno, despertar uma paixão amorosa num jovem monge, que contava entre os seus discípulos. Vendo frustrado o seu desejo diante do afecto espiritual com que era retribuído, o jovem perdeu a razão. Certa vez, na rua, tentou assassiná-la. Foi desarmado. Fugiu, abandonou o hábito e refugiou-se no castelo familiar, onde se entregou totalmente ao desespero.

Aparentemente são de sua autoria duas cartas escritas a Neri di Landoccio por alguém que não as assinava "por não saber que nome tenho". O missivista não demonstra duvidar da religião ou desprezá-la, porém revela ter perdido o gosto por aquilo que outrora lhe enchia de felicidade a alma. Desconhece a paz, e nenhuma luz lhe acena do alto. "Fui escorraçado da mesa do festim, - escreveu - porque me vesti de trevas... Que Deus te conceda a Sua Graça e o dom de perseverar, e te dê uma morte feliz."

Esse monge apóstata terminou por enforcar-se num bosque. Quais teriam sido os sentimentos de Catarina por esse filho, de cuja perda fora a causadora involuntária? Nunca o revelou. Algumas linhas de uma carta dirigida a Neri referem-se possivelmente ao suicida: "Não temas, Deus não deseja te suceda o mesmo que ao outro." Neri dei Pagliaresi era de natureza melancólica, e se o seu infeliz correspondente era o suicida, tudo indica tenham sido bons amigos.

CAPÍTULO 20

Antes de partir para Roma, Raimundo recebera a visita de Niccolo Soderini, de Florença, velho amigo e correspondente de Catarina. Messer Niccolo mostrava-se bastante otimista; segundo ele, os florentinos desejavam sinceramente a paz, e a influência de um punhado de belicistas seria facilmente anulada se todos os homens de boa vontade, sem considerações das suas divergências de opinião, se unissem para expulsá-los do país. Nesse sentido, o melhor partido a tomar seria entregar ao partido guelfo o comando da acção contra os responsáveis pela guerra.

Certa manhã, após haver pregado na missa solene, Raimundo de Capua foi chamado à presença do papa. Este confiou-lhe ter sido informado de que os florentinos estavam dispostos a concluir a paz com Roma, desde que Catarina se dispusesse a ser, mais uma vez, mediadora. Receoso de ver a sua *mamma* empreender viagem tão arriscada, Raimundo ofereceu-se a ir pessoalmente. "Não é só Catarina que está pronta a fazer tudo o que Vossa Santidade lhe ordenar, porém, como ela, nós todos, embora isso represente para nós o martírio." O pontífice não cedeu. "Não te quero mandar a ti; poderiam assassinar-te. Quanto a Catarina, não ousariam tocar-lhe pelo facto de ser mulher e de terem por ela grande respeito."

Na manhã seguinte, Raimundo voltava a comparecer à presença do papa a fim de receber as cartas credenciais para Catarina, encarregada da missão em Florença na qualidade de delegada do Santo Padre.

No mês de dezembro de 1377, ei-la portanto de volta a Florença. Em vista do interdito que pesava sobre a cidade, não havia nenhum sacerdote na sua comitiva. Apenas um pequeno grupo de amigos a acompanhava: a fiel Alessia, duas outras mantelatas, Stefano Maconi, Neri e Fra Santo, o velho eremita. Foram hospedados por Niccolo Soderini. Porém outro chefe guelfo, Piero Canigiani (também ele velho amigo de Catarina desde a sua primeira visita a Florença) fez uma colecta, entre os membros do seu partido, no intuito de erigir uma casa para Catarina.

Esta assistia com frequência às reuniões do partido. Amigos e inimigos estavam concordes num ponto: aquela mulher era notadamente competente em todas as questões concernentes à Igreja, além de extremamente culta e dotada de um excepcional bom senso. Quanto ao resto estavam em total desacordo. Os seus partidários aceitavam-na como uma santa, uma visionária favorecida pela graça do Senhor com revelações especiais. Os inimigos qualificavam-na de simuladora, de mulher sem escrúpulos, quiçá feiticeira.

Desde a mocidade habituara-se Catarina a esta campanha de oposição, de incompreensões, de maledicências. A princípio, na sua própria família, quando se recusara a casar, e, em seguida, entre as suas irmãs mantelatas, muitas das quais não viam com bons olhos os seus arroubos místicos e o seu amor exagerado pelos pobres e doentes. As más línguas comentavam também a sua amizade pelo irmão de São Domingos e insinuavam dúvidas quanto à sua virgindade. O ardor com que se empenhava pela conversão dos pecadores irritara aqueles que não tinham qualquer intenção de se converter. Parcia-lhes demasiada ousadia deter à força as criaturas que palmilhavam a estrada larga e confortável do inferno para empurrá-las pela espinhosa vereda que dá acesso ao céu.

Os bem intencionados limitavam-se a criticar as excursões da moça pelo país e mesmo fora dele, até à corte de Avinhão, à testa de uma caravana de padres e monges, de homens e mulheres de todas as idades e condições. Uma jovem consagrada ao Senhor, pensavam, devia ficar encerrada na sua cela rezando e praticando o bem em segredo e em silêncio. Outros, menos indulgentes e particularmente acerbos, admiravam-se por ver uma jovem filha de gente decente, mas plebeia, imiscuir-se em questões de governo e nas actividades do clero, e entrar sem pejo na arena onde frequentemente se resolviam pelas armas os intrincados interesses dos partidos e os assuntos do Estado. Que contestar a todos, senão que, a despeito das suas falas edificantes, da sua humildade, do seu amor por Cristo, a despeito de sua piedade e de todas as suas virtudes espirituais, era dotada de tanta energia quanto de firmeza, e não temia aconselhar aqueles que traziam entre as mãos o destino de povos e de países.

Teria agora ocasião de conhecer a fundo a ira de quantos se deixavam inflamar pelo fanatismo político e pelos antagonismos partidários. Entre os próprios guelfos, muitos se ressentiam da sua presença em Florença e nas assembleias políticas. Não se compenetravam que houvesse o papa concedido tal autoridade a uma mulher.

Canigiani foi alvo de zombarias dos seus correligionários, pela admiração que devotava a Catarina. Isso não o impediu de permitir ao seu filho mais jovem, Barduccio, unir-se ao grupo de fiéis seguidores da santa. Barduccio estava ainda na primeira juventude. Fraco de saúde, era dotado de uma excepcional pureza de alma. Veio a ser um dos secretários de Catarina, e, quando esta partiu de Florença, acompanhou-a para dela só se separar pela morte.

Os guelfos não deixavam de reconhecer o prestígio que lhes conferiam as suas relações com a santa. Porém dele se serviam sobretudo para saciar a sua sede de vingança contra os inimigos. Ao se disporem a condenar ao exílio os "responsáveis pela guerra", o pequeno punhado inicial de acusados multiplicara-se de modo assustador.

A despeito de tudo, Catarina alimentava esperanças. Os florentinos haviam voltado a submeter-se ao interdito, deixando de obrigar os sacerdotes a celebrar missas e ofícios sacrílegos, e nessa deliberação via a santa o primeiro sinal do desejo de reatar as relações com o pontífice. Escreveu então a todos os mosteiros onde contava com amizades, pedindo-lhes que intercedessem em favor da paz e para que a graça de Deus lhes fosse concedida.

Ao despontar o ano de 1378, instalava-se em Sarzana uma conferência. O papa fazia-se representar por três cardeais franceses, Florença por cinco embaixadores. Veneza, Nápoles e o reino de França mandaram igualmente os seus representantes; Bernabo Visconti, porém, veio em pessoa. Apenas inaugurada a conferência, correu a notícia da morte súbita do papa Gregório XI, a 27 de março. Imediatamente se interromperam as negociações, sem que se pudesse prever qualquer resultado para as mesmas.

Uma crónica florentina regista esse facto curioso: na noite de 27 de março, os guardas da Porta San Frediano ouviram bater, e uma voz gritar:

"Abri depressa ao mensageiro da paz." Entretanto, ao correrem a tranca, não avistaram ninguém. Não tardou que a notícia se espalhasse na cidade. "O ramo de oliveira apareceu, foi concluída a paz" - diziam. Alguns acreditavam que o mensageiro invisível fosse um anjo de Deus; outros afirmavam tratar-se da alma do finado pontífice, arrependido da sua inflexibilidade para com os florentinos. Não faltou muito, porém, para que a Cristandade constatasse que a morte do papa não viera trazer a paz ao mundo esgotado pela guerra. Muito pelo contrário.

A dezoito de abril, os cardeais reunidos em conclave elegeram papa Bartolommeo Prignano, arcebispo de Bari, o qual tomou o nome de Urbano VI. Catarina conhecera-o em Avinhão, quando ainda arcebispo de Acerenza. Naquela corte, onde os piores vícios do mundo - avareza, orgulho, luxúria, mentira - grassavam com desenvoltura, o velho napolitano erguia-se como um monumento de virtudes. Era já idoso, tendo nascido em 1318. Todavia, nas suas funções de vice-chanceler do papa, demonstrara possuir uma resistência de ferro para o trabalho, aliada a sólidas qualidades de administrador. Muito justamente, Catarina podia contar que ele se esforçaria por extirpar com mão firme todos os abusos que enfraqueciam a Igreja de Deus neste mundo, realizando as necessárias reformas. Já em relação ao seu espírito de tolerância, tão imperativo nas atuais circunstâncias, a santa parecia nutrir as suas dúvidas. Dirigindo-se a Catarina, assim se exprime o prior da cartuxa de Gorgona:

"Diz-se que o nosso Pontífice é um homem terrível, que assusta as pessoas com as suas palavras e actos. Parece ter em Deus uma confiança absoluta, razão pela qual não teme ninguém. Empenha-se visivelmente em aniquilar a simonia e o amor excessivo ao conforto que reinam na Igreja de Deus."

Referindo-se às perspectivas de paz, escreve o prior que o Santo Padre a todos afirma desejá-la, em se tratando de uma paz honrosa para a Igreja. Não exige dinheiro. Entretanto, se os florentinos almejam realmente a paz, cumpre que sejam inteiramente sinceros e evitem a dissimulação.

Isto significava que, para o novo pontífice, os valores espirituais teriam primazia sobre os temporais. Era precisamente o que Catarina sempre procurara obter de seu predecessor. Entretanto, se o actual papa não

demonstrava ambicionar bens terrenos, a sua concepção de valores espirituais não se ajustava exatamente à de Catarina. Exigiu dos florentinos uma confissão pública de culpabilidade e provas de humildade que, na sua maneira orgulhosa de pensar, julgava indispensável à honorabilidade da Igreja.

Catarina deixou-se ficar em Florença; decidira não abandonar a cidade antes de firmada a paz. Entretanto, o partido guelfo, dominante, não cessou de perseguir os seus inimigos públicos e particulares.

Em vão Salvestro de Medicis, ele próprio um dos chefes do partido e gonfaloneiro da *Giustizia*, suplicou aos companheiros que utilizassem a sua força com parcimónia e se abstivessem de violência e de injustiça. As constantes infrações à lei, de que se tornavam culpados os demais componentes do conselho, acabaram por tornar-se intoleráveis. E, a 22 de julho, Salvestro incitava os seus concidadãos à revolta. As corporações empunharam armas, brandiram os estandartes e levaram de roldão a multidão enfurecida. Era a guerra civil.

Sucedeu então o que sempre ocorre nas guerras civis: uma vez desencadeadas ns paixões das massas não mais distinguem os inocentes dos culpados.

Foram assaltadas e pilhadas propriedades de florentinos eminentes, quer formassem entre os chefes prepotentes ou houvessem combatido a tirania. Os palácios de Piero Canigiani e de um dos seus filhos foram pilhados e incendiados. Abriram-se as portas das prisões, assaltaram-se os conventos. Os cidadãos notoriamente partidários da paz só escaparam com vida recorrendo à fuga. Bandos de rebeldes atravessaram a Ponte Vecchio para atacar a moradia de Niccolo Soderini, e da feiticeira sienense que ele abrigara sob o seu tecto. "Se a pegamos, queimamo-la viva!" - bradavam.

Catarina encontrava-se no jardim situado atrás da casa, sobre uma colina de onde se avistava a cidade. Era uma noite de fogo e sangue. Parecia-lhe ver demónios esgueirarem-se por entre as nuvens iluminadas pelo clarão dos incêndios. A santa dirigiu uma prece Àquele cujo Sangue constitui o único paliativo para a sede sanguinária dos homens, e cujo amor ardente é o único fogo capaz de impedir à ferocidade dos homens atijar no

mundo os seus incêndios devastadores - esses mesmos incêndios que então avermelhavam os céus de Florença. E quando os rebeldes vindos para matá-la se precipitaram no jardim, brandindo espadas e cacetes e gritando: "Onde está a maldita criatura?", para eles se encaminhou. "Aqui estou - respondeu. - Façam comigo o que Deus vos permitir fazer, mas não molesteis os meus companheiros."

O chefe do bando, aturdido, fez menção de guardar novamente a espada na bainha; e quando Catarina se ajoelhou na sua frente, pôs-se ele a tremer, suplicando-lhe que se afastasse. A donzela insistia, porém: "Eis-me aqui, sempre aspirei sofrer por Deus e pela Sua Igreja; se fostes encarregados de executar-me, não receeis agir. Peço-vos apenas para não fazer mal aos meus amigos."

O homem deu-lhe as costas e fugiu, no que foi imitado pelo bando de desordeiros. Nem por isso contudo estava o perigo afastado. Dizia-se que a propriedade Soderini estava sob ameaça permanente. Raimundo, a quem o facto foi narrado por testemunha ocular, refere que Soderini atemorizou-se e aconselhou Catarina a abandonar a cidade. Esta recusou-se. Foi então que o alfaiate Francesco di Pippino e sua mulher, Madonna Agnese, dando mostras de grande coragem, ofereceram-se para abrigá-la, a ela e aos seus amigos. Catarina travara conhecimento com eles por ocasião da sua primeira estada em Florença, e desde então não deixara de corresponder-se com eles. Entretanto, seja por recear pela tranquilidade dos seus hospedeiros ou por qualquer outra razão, poucos dias depois saía da cidade, embora não do território florentino.

Encontrou um refúgio na solidão da mata, sob a forma de um pequeno eremitério habitado por alguns monges. Admite-se que fosse esta comunidade a de Vallombrosa, fundada por São João Gualberto, aquele mesmo que, tendo poupado a vida de um inimigo na sexta-feira santa, precipitou-se a seguir na igreja mais próxima e ali caiu aos pés do crucifixo, como que alucinado pela experiência do perdão que concedia pela primeira vez. E, da sua cruz, o Salvador inclinara-se para abraçá-lo.

A fuga não se coordenava com a natureza de Catarina, e não tardou que regressasse à cidade. Tampouco cuidou de esconder a sua presença em Florença, onde as paixões não haviam ainda esfriado.

Pouco depois do episódio no jardim do Palazzo Soderini, escrevia a Raimundo uma longa carta, mencionando os seus desejos de dar a vida por Cristo e pela Sua Igreja. "Não olhemos para trás, para os obstáculos e perseguições que ainda teremos de enfrentar, mas esperemos firmemente, à luz de nossa santa fé, que a coragem e a perseverança nos ajudarão a atravessar a procela. Sabei que hoje se inaugura para mim uma nova vida; as minhas faltas passadas não mais poderão roubar-me a alegria que sentiria em dar a vida por Jesus Crucificado... Consumia-me o desejo de sofrer pela glória de Deus e pela salvação das almas, pela reforma e prosperidade da Santa Igreja. O meu coração ameaçava romper-se - tal a intensidade do desejo que me animava de entregar a minha vida. Esse ímpeto era a um tempo suave e doloroso; suave porque me encontrava unida à verdade, doloroso porque a constatação da ofensa feita a Deus confrangia-me o coração. Via um exército de demónios obscurecer o céu e toldar o julgamento dos homens, pois era como se Deus lhes permitisse fazer justiça por suas próprias mãos e dar vassão aos seus desejos de vingança. Receei ver desencadear-se uma desgraça, que representaria empecilho para a consecução da paz."

Sem dúvida, muito mais valia que não fosse satisfeita a sua aspiração ao martírio. Catarina bem o sabia, o que não impede deixasse transparecer uma sombra de decepção na carta em que descreve a sua afoitza em enfrentar aqueles que, armados de espadas e punhais, ameaçavam roubar-lhe a vida. Tal missiva figura entre as mais expressivas de quantas redigiu. Por ela se depreende que nunca lhe foi concedida a paz de espírito. Quando recebia na hóstia o Esposo celeste, via-se como que transportada numa visão extática e numa felicidade sobrenatural. Logo a seguir, porém, sentia-se empurrada de volta para o mundo, esse caldeirão de bruxa que transborda do sangue de todas as feridas causadas pelas paixões e pelas desgraças dos homens. A despeito da sua confiança integral em Jesus Cristo, mau grado o desprendimento e a segurança com que executava as tarefas de que a encarregava o Esposo, a inteligência lúcida da virgem compreendia perfeitamente que, na voragem da política mundial em que fora lançada, os interesses vitais dos partidos, que se esforçava por conciliar, eram na realidade irreconciliáveis, pelo menos por critérios humanos.

Termina encarregando Raimundo de uma mensagem para o papa. "Peço-te apenas para instar junto ao Cristo terreno para que não retarde a paz em consequência destes acontecimentos. Concita-o a apressar-se em concluir essa paz, a fim de estar livre ele mesmo para dedicar-se aos importantes projectos que tem em mente para a glória de Deus e a reforma da Igreja. Pois os recentes acontecimentos em nada alteraram a vida da cidade, presentemente tranquila. Ele que se apresse, por piedade. É a única maneira de pôr termo às inumeráveis ofensas feitas a Deus. Aconselha-o a usar de misericórdia e de compaixão para com as almas ora mergulhadas nas trevas. Diz-lhe para me libertar desta prisão, pois enquanto não for concluída a paz julgo impraticável sair daqui; e a nada mais aspiro senão partir, provar o sangue dos bem-aventurados mártires, rever Sua Santidade, rever-te a ti e contar-te as maravilhas que Deus operou durante estes dias para rejubilar-nos a alma, embriagar-nos o coração e aumentar em nós a esperança, à luz sagrada da nossa fé. Termino. Fica na santa e doce alegria do Senhor. Dolce Jesu, Jesu Amore."

Também de Florença foi redigida a primeira mensagem de Catarina a Urbano VI. Inaugurando as suas considerações da maneira habitual, atinge aos poucos um grau de eloquência extraordinário, mesmo para ela. Exalta o dom do amor, do amor perfeito pelo bom Pastor - que alegremente sacrifica a vida pelas suas ovelhas sem se deixar deter pelo egoísmo. Compara a justiça unida à Caridade a uma pérola valiosa. A justiça sem a Caridade não seria mais que trevas, crueldade e injustiça. Porém a caridade dissociada da justiça equivaleria ao unguento passado sobre a ferida que deveria ser cauterizada: longe de curá-la, apenas diminui temporariamente a dor. Um soberano não pode desanimar, nem mesmo quando vê os súbditos resistirem tenazmente aos seus esforços para fazê-los progredir. A culpa dos insubordinados não lhe diminui a virtude, se, inspirado de um amor puro e sincero, procura reintegrá-los no bom caminho. Não procura a amizade do próximo com vistas ao seu próprio bem, senão para a glória de Deus. Aspira prestar àquele os serviços que não pode prestar directamente a Deus, pois sente e sabe que Aquele que nos governa não precisa de nós. Eis por que se devota com fervor exclusivo a ser útil ao próximo, e acima de tudo aos súbditos que lhe foram confiados.

Catarina refere-se com franqueza absoluta aos abusos que enxameiam a Igreja e aos pecados cometidos pelos servos indignos de Deus; estes, para criarem os seus bastardos, não hesitam em vender o Sangue de Cristo, comportam-se como carroceiros e lançam os dados com as suas mãos consagradas. A simonia, a usura, e uma multidão de outros pecados não escapam à sua enumeração. "Pai, empregai os recursos necessários para combater esses males e dai algum consolo aos servos de Deus que morrem de aflição ante o espectáculo e que não podem morrer verdadeiramente na carne."

Para levar a cabo a reforma com que há tanto tempo vem sonhando, aconselha o papa a cercar-se de auxiliares virtuosos, não temerosos do martírio e da morte. Para tanto, não deve levar em conta a sua linhagem, senão apenas as aptidões próprias a fazerem de um homem o pastor de um rebanho. Concita-o a formar um colégio de cardeais de espírito elevado e carácter firme, capazes de colaborar com os esforços do pontífice em prol da salvação da Igreja. Provavelmente teria ela conhecimento de que o pontífice iniciara já as reformas mais urgentes, com tanto de energia quanto de falta de tacto.

Intercede em favor dos florentinos. "Eu vos conjuro e imploro à vossa piedade, tende misericórdia, por amor a Cristo Crucificado, das ovelhas que não se encontram no aprisco, estou segura, em vista dos meus próprios pecados. Por amor ao Sangue do qual sois o depositário, não hesiteis em acolhê-los em espírito de bondade e de misericórdia. Praza aos céus triunfe Vossa Santidade da sua resistência, e através do perdão os reconquiste. Embora não usem para convosco da humildade desejada, digne-se Vossa Santidade escusar-lhes a violência e as fraquezas, e não exigir de enfermos o que não estão em condição de cumprir. Atentai piedosamente para as almas em vias de se perderem, e não leveis em consideração as cenas calamitosas que tiveram lugar nesta nossa cidade... Quis a misericórdia divina que tamanha desgraça não tivesse consequências mais desastrosas. Agora que os vossos súbditos se acalmaram, e vos suplicam conceder-lhes o bálsamo da vossa misericórdia, deixai de lado, Santo Padre, o facto de não vos terem dirigido os seus rogos da maneira mais apropriada ou de não terem dado mostras dessa contrição de alma que a consciência das suas faltas deveria provocar, e que Vossa Santidade reclama. Eu vos imploro,

não os rejeiteis: esses vossos filhos serão de futuro os melhores entre todos."

Pede também que seja erguida a bandeira da cruzada, logo em seguida à conclusão da paz. "Bem, vedes que esses infiéis não cessam de vos provocar." Efectivamente, a ameaça dos turcos revelara-se intolerável para os países mediterrâneos. Não satisfeitos em atacar a navegação de França e da Itália, os piratas infiéis faziam também constantes incursões às ilhas e costas desses dois países, já debilitados por guerras perpétuas.

A primeira mensagem dirigida por Catarina a Urbano VI conclui por um apelo à sua misericórdia. Suplica ao papa, levando em conta a sua afeição filial e o seu abatimento, perdoar-lhe a audácia de a ele se dirigir e oferecer conselhos. Um certo Fra Bartolommeo (talvez Bartolommeo de Dominici) incorrera na ira do papa por ter manifestado o seu pensamento em termos algo desabridos. Encarregada de justificá-lo, Catarina implora ao papa faça recair sobre ela o seu ressentimento, se julga dever exigir penitência e punição. "Acredito que sejam os meus pecados a causa da sua indisciplina, razão pela qual devo ser punida em lugar dele." Não importa qual dos seus filhos houvesse incorrido na cólera do irascível ancião: Catarina, como mãe carinhosa, estava sempre pronta a excusá-lo e a assumir uma culpa que inegavelmente cabia tanto ao ofendido quanto ao ofensor.

No domingo 18 de julho dava entrada em Florença um mensageiro papal trazendo na mão um ramo de oliveira. Ao espalhar-se na cidade a notícia de que a paz fora enfim concluída, os florentinos prorromperam em manifestações de alegria. Ao som álcacre dos carrilhões do Palazzo Vecchio, Catarina escrevia a seus filhos para anunciar-lhes o feliz evento. Na carta incluía uma folha do ramo de oliveira consagrado.

Fora contudo demasiado optimista ao afirmar ao papa estarem os florentinos definitivamente pacificados. Dois dias apenas após a conclusão da paz, nova revolta explodia. Desta vez era a população obreira, desprovida de estatutos e direitos políticos - *popoli minuti* - a sublevar-se, percorrendo a cidade para incendiá-la e saqueá-la. A anarquia durou três dias, após o que foi o movimento contido com mão de ferro.

Finalmente foi firmado o acordo de 28 de julho. Urbano VI exigiu aproximadamente um terço do que pedira o papa Gregório XI, em matéria de indenização financeira. A par disso, os florentinos tiveram de prometer anular todas as leis hostis à Igreja e de comprometer-se a restaurar as igrejas e os conventos pilhados. O interdito foi suspenso, e realizou-se a previsão de Catarina: os florentinos, reconciliados com o papa, tornaram-se os mais leais de todos os seus súbditos. Quando, pouco tempo depois, se abatia-se sobre a Igreja a catástrofe, permaneceram fielmente ao lado do papa Urbano VI.

Dias mais tarde Catarina deixava Florença para voltar a Siena. A notícia da paz não atingira ainda esta cidade. A santa concluía auspiciosamente uma das suas missões mais espinhosas.

Entretanto, percebe-se uma nota de tristeza na mensagem de adeus que endereçou de Siena aos conselheiros e ao gonfaloneiro. Confia-lhes ter desejado comemorar em sua companhia aquela santa paz pela qual estivera prestes a dar a própria vida. Porém o demónio suscitava contra ela muitos ódios, e não desejava ser causa de novos pecados. Preferira assim distanciar-se.

A Florença que deixava para trás transformara-se numa nova cidade. Daqueles que poderiam ter sido os seus melhores conselheiros, muitos haviam partido - para o exílio ou para a morte. Contavam-se entre eles amigos e inimigos de Catarina. Esta não podia deixar de temer pelo futuro. Previa as piores consequências, para o dia em que o papa tentasse verdadeiramente a reforma da Igreja.

O pontífice residia em Tivoli, em companhia dos quatro cardeais italianos. Os cardeais franceses e os do Limousin, que havia meses representavam a oposição crescente contra o papa, haviam-se instalado em Anagni, e nada se podia esperar de bom dos seus conciliábulo1os.

CAPÍTULO 21

Era impossível negligenciar o facto: Bartolommeo Prignano fora eleito papa em circunstâncias a um tempo confusas e ignominiosas. Tendo percebido claramente a ameaça que pesava sobre o futuro, o papa Gregório XI deixara em seu testamento indicações precisas sobre a maneira de proceder à seguinte eleição pontifical. A simples maioria de votos seria bastante para garantir a validade do conclave, e bastaria ao recém-eleito receber, por ordem dos seis cardeais franceses, as chaves do castelo de Santo Ângelo, portal do recinto pontifício e de São Pedro. Contudo, o factor decisivo seria, em última análise, a atitude do povo romano, ou seja, das camadas populares da cidade eterna.

Os demais cidadãos de Itália qualificavam os romanos de descendência dos assassinos de São Pedro e São Paulo. Durante muitas gerações haviam eles sido abandonados pelo seu bispo, igualmente investido da autoridade de soberano temporal legítimo. Assim sendo, habituaram-se a ditar eles mesmos as suas leis, tanto os nobres, nas suas residências fortificadas no interior dos muros da cidade ou nas suas fortalezas situadas nas montanhas, quanto os operários do Transtevere e os burgueses estabelecidos nas ruas tortuosas entre o Forum deserto e o rio. A tentativa de Cola di Rienzo e do cardeal Albornoz para reintegrar a justiça na cidade não fora senão um *intermezzo* entre os governos exercidos na sua maioria por enviados do papa francês. O simples facto de serem franceses bastaria para torná-los detestados pelos romanos, se outras razões não lhes sobrassem para isso. A velha cidade imperial, tão frequentemente assolada por pilhagens e assaltos, despovoava-se aos poucos e caía em ruínas. Fora dos muros, o campo romano era devastado pela malária e pelas incursões de facínoras. A vida ali parecia estagnada: apenas alguns bandos de peregrinos, desejosos, apesar de tudo, de empreender uma romaria cheia de riscos a algum santuário em ruínas, seguiam as raras trilhas ainda existentes, lançando um olhar temeroso ao cavaleiro imóvel que, substituindo a lança pelo cajado de pastor, guardava um rebanho de búfalos brancos ou de porcos cinzentos.

O papa Urbano VI viera a Roma em 1367, porém, a despeito das severas admoestações de Santa Brígida, regressara a Avinhão sem ter

completado três anos de permanência na Itália. Dois meses mais tarde morria em solo francês, e os italianos falaram em envenenamento. Era voz corrente que também Gregório XI estivera prestes a abandonar Roma pela sua muito querida Avinhão, projecto cuja realização a morte viera impedir. O povo romano fizera o possível para influenciar na eleição do papa, alegando que, uma vez que este seria o bispo e o soberano temporal de Roma, os seus cidadãos tinham o direito de se manifestarem sobre a sua escolha. Um cardeal francês, ou provençal, a seu ver, abandonaria Roma e o túmulo dos Apóstolos à primeira oportunidade. Acima de tudo, os romanos não tinham intenção de suportar por mais tempo as afrontas de um estrangeiro.

Apenas quatro italianos figuravam entre os dezesseis cardeais reunidos em conclave naquele 7 de abril de 1378. Estava-se na quarta-feira da semana da Paixão. As turbas super-excitadas que se aglomeravam na Praça de São Pedro clamavam em altos brados: "Queremos um romano." Havia recebido o reforço de bandos de aspecto selvagem, montanheses da região, pastores ou bandidos, ou as duas coisas simultaneamente. Antes que houvesse tempo de se correr a porta da sala do conclave, uma parte dos energúmenos nela se precipitou, ameaçando liquidar todo o Sacro Colégio se este não escolhesse um cardeal romano.

O cardeal Orsini, ele próprio nobre romano, enfrentou a malta furiosa e ordenou que saíssem. Uma vez expurgado o Vaticano dos elementos indesejáveis, trancaram-se as portas e a assembleia pôde dar início às suas deliberações. Entretanto, da praça apinhada de povo não cessavam de elevar-se gritos e ameaças. Ouvia-se um clamor incansável: "Queremos um romano."

À noite a multidão invadiu a adega do Vaticano, e na manhã seguinte boa parte dos homens estava perigosamente embriagada. Quando os cardeais retomaram os seus lugares, após a missa, os sinos soavam o alarme. A revolta parecia ter-se estendido a toda a cidade. Os congressistas sentiram-se dominados pelo terror e deliberaram proceder incontinenti à eleição, antes que os rebeldes irrompessem na sala. O cardeal de Limoges tomou a palavra. "Senhores, se não é vontade de Deus que o nome de um membro do Sacro Colégio reúna os nossos sufrágios, cumpre-nos escolher

alguém de fora. O arcebispo de Bari parece-me o mais digno da nossa escolha. É um santo homem, bastante culto, e de idade madura. Voto por ele livre e espontâneamente." Quase todos os seus colegas aprovaram a sugestão, embora alguns com certa hesitação. Apenas o cardeal Orsini objectou que se poderiam levantar dúvidas quanto à legitimidade da eleição, uma vez que o conclave não pudera deliberar com plena liberdade. Todavia a objecção foi refutada e Bartolommeo Prignani eleito papa por grande maioria.

Este, se não era romano, era, pelo menos, italiano. Despacharam-lhe um mensageiro com a notícia. Em seguida o Sacro Colégio timbrou em proceder a nova cerimónia para confirmar a nomeação do novo pontífice, desta vez na capela, para que mais tarde não se procurasse contestar a liberdade de uma escolha realizada após madura reflexão. O cardeal Orsini aproximou-se de uma janela, para anunciar à turba agitada: "Habemus Papam." Imediatamente as portas eram arrombadas, e uma malta de homens embriagados, armados de cacetes e pedras, irrompia na sala. Muitos prelados foram feridos, aos brados de que todos seriam massacrados se a escolha não houvesse recaído sobre um italiano.

A multidão enfurecida não ameaçava apenas a vida dos cardeais como a de todos - clérigos e servidores - membros das suas respectivas comitivas. Um vigário, voltando-se para o velho cardeal Tebaldeschi, nobre romano, suplicou-lhe que os salvasse a todos. E, a despeito dos protestos do honrado ancião, teve lugar então uma farsa ignominiosa. Vestiram o Cardeal Tebaldeschi com um manto vermelho, e sobre a cabeça colocaram-lhe uma mitra branca. após o que o ergueram sobre um altar. De nada lhe adiantara gritar: "Não sou eu o papa, e sim o arcebispo de Bari." A sua voz perdia-se no alarido geral. Entretanto, a multidão - que o reconhecera - declarava-se satisfeita.

À sua chegada ao Vaticano, Bartolommco Prignani encontrou os edifícios em grande parte devastados. Alguns cardeais tentaram inutilmente convencê-lo da conveniência de recusar a tiara. Fora eleito por maioria de sufrágios, tal como o decidira Gregório XI em seu testamento, mesmo que os cardeais o houvessem escolhido sob o domínio de um terror pânico. Ninguém cogitou, aliás, em discutir a validade da eleição. Alguns cardeais

havam abandonado às pressas o Vaticano, a fim de procurar refúgio em locais mais seguros. Seis deles abrigaram-se no castelo Santo Ângelo, onde Pierre de Got, irmão do cardeal de Limoges, residia na qualidade de comandante, à frente da sua guarnição - constituída na sua maioria por franceses. Estes apressaram-se em regressar ao Vaticano a fim de apresentar as suas homenagens ao novo pontífice. Os partidários mais fervorosos deste último eram, na ocasião, o cardeal Pedro de Luna e o cardeal Roberto de Génova; foram eles, pelo menos, a proclamar mais alto a sua fidelidade a Urbano VI.

No dia seguinte à eleição, esta era comunicada por escrito aos cardeais ainda residentes em Avinhão. Estes formularam, por carta, e dentro do prazo conveniente, os protestos da sua submissão e da sua homenagem. A 8 de maio, comunicava-se o acontecimento ao imperador da Alemanha e a todos os príncipes franceses.

Não tardou que aos olhos de todos se patenteasse a iminência de novo perigo. Os cardeais de Avinhão, apoiados pelos seus colegas provençais residentes na Itália, redigiram mensagem ao rei de França e a outros monarcas católicos, incitando-os a desconfiar das declarações formulada em nome do papa Urbano VI. No decorrer dos primeiros anos de verão, avolumou-se a oposição contra o severo reformador. Não passava, porém, por enquanto, de um movimento subterrâneo.

Urbano VI estava persuadido de que, se fora eleito, devia empenhar-se em arrancar as ervas daninhas do jardim da Esposa do Cristo e em seu lugar plantar flores graciosas e perfumadas (segundo uma das imagens prediletas de Catarina).

A esta tarefa dedicou-se com energia inquebrantável. Começou por mandar de volta às respectivas dioceses todos os bispos que flanavam em Roma, promulgou uma série de bulas e verberou as despesas exageradas e a vida mundana dos cardeais. O sermão que pronunciou sobre a palavra das Escrituras: "Eu sou o bom pastor" não foi senão um extenso e vigoroso libelo contra o mundanismo do alto clero. Urbano VI era brando e generoso para com os humildes, mas os nobres romanos - que se vangloriavam de ser os filhos dilectos do Santo Padre, embora filhos nem sempre

particularmente submissos - sentiram-se ofendidos ante o que lhes pareceu uma falta de consideração para com as suas pessoas.

Ora, não estava na natureza de Urbano VI prestar consideração a quem quer que fosse, e as suas deliberações justas e sensatas em si mesmas, nenhum efeito produziram, devido a que esse pontífice, demasiado intransigente nas suas atitudes, revelava falta de tacto e de compreensão no trato com os seus semelhantes.

Muitos daqueles a quem sa dirigia, homens fracos mas cheios de boa vontade, reconheciam que ele estava com a razão e que deviam prestar-lhe o seu concurso. Mudavam porém de atitude quando o Santo Padre os conjurava, em tom rude e rancoroso, a mudar de vida imediatamente e a abandonar os seus pequenos hábitos confortáveis para viverem num estado de renúncia mais apropriado a ascetas de vocação.

Todos estavam concordes em que era tempo de proceder a uma reforma na Igreja. Da maneira porém como se anunciava essa reforma, os temores se justificavam. Que linguagem empregava o novo papa, quando encolerizado? "Calem-se" - dizia aos cardeais e taxava de "louco" (*pazzo*) o cardeal Orsini ou de "bandido" (*ribaldo*) ao cardeal de Génova. O seus eleitores começavam a arrepender-se amargamente dos sufrágios dados.

No auge do verão, Urbano VI veio instalar-se em Tivoli, acompanhado pelos quatro cardeais italianos. Os da oposição, em número de treze, saíram igualmente de Roma e reuniram-se em Anagni. Percebendo o perigo, o papa enviou os cardeais Orsini, Brossano e Corsini a fim de parlamentarem com os seus colegas. Só o velho e fiel cardeal Tebaldeschi permaneceu junto ao Santo Padre, cujos emissários voltaram de Anagni sem nada haverem conseguido.

No mês de agosto, os cardeais franceses e provençais endereçaram uma mensagem ao "bispo de Bari", contendo uma declaração sobre o que se passou no dia da votação. Diziam não terem escolhido o nome de Bartolommeo Prignani senão para se livrarem de uma morte certa. Eis por que lançavam contra ele uma sentença de banimento, a título de papa ilegítimo. Os dissidentes colocaram-se sob a protecção do conde Gaetano de Fondi, o qual, depois de ter sido oficial da Guarda de Honra do papa em

Anagni e em Campania, na zona do Estado pontifício vizinha a Nápoles, fora despojado dessa dignidade pelo pontífice reinante, que a conferira a outro. Considerava-se com isso profundamente lesado. Pouco depois desses acontecimentos, partia para Fondi, situada a maior distância de Roma e mais perto de Nápoles, onde a rainha Joana tinha também contas a ajustar com o seu antigo súbdito, outrora seu confessor, quando ela era ainda uma jovem de dezanove anos, relativamente inocente. Os conspiradores esperavam conquistá-la à sua causa.

Por essa mesma época, Catarina acabava de encerrar satisfatoriamente a sua missão em Florença e retomava com a sua comitiva o caminho de Siena. Os dias mais quentes do verão passou-os ela numa propriedade, a certa distância da cidade, pertencente à sua querida amiga Lisa Colombini. Ali, para grande desgosto seu, foi informada das trágicas ocorrências de Roma, relatadas por cartas dos amigos que lá deixara, entre os quais Raimundo. As notícias despertaram-lhe na alma um penoso sentimento de culpa. Tendo sido objecto, da parte do Senhor, de graças tão extraordinárias, parecia-lhe que se devia ter esforçado mais, orando com mais fervor, praticando melhor a renúncia, falando com eloquência mais persuasiva, redigindo mais cartas. Ao convencer-se de sua própria insuficiência, caiu numa prostração que degenerou em autêntica enfermidade.

Certa manhã, dirigia-se para a pequenina igreja da aldeia - mas a tal ponto deprimida que não ousava aproximar-se do santo sacramento. Teve então uma visão que a encheu de coragem e de ardor. Voltou a sentir-se como que impregnada do amor purificador de Cristo.

A sua energia incomum pareceu ter sofrido novo impulso. Apenas de volta a Siena, pôs a trabalhar três secretários simultaneamente. Estes escreviam em seu nome às religiosas e monges que costumavam aconselhar-se com ela nos assuntos espirituais; escreviam ainda aos amigos deixados nas cidades por onde passara e aos governantes de Itália e do estrangeiro. Punha em jogo toda a sua habilidade para convencê-los de que Urbano VI era verdadeiramente o pontífice legítimo, e como tal credor da fidelidade de todos os cristãos. Pois o cisma parecia inevitável.

Foi só em setembro que os cardeais italianos se dirigiram a Fondi, já então só em número de três - tendo morrido o velho Tebaldeschi. Corriam

rumores de que o papa Urbano VI pretendia criar um número elevado de novos cardeais, e tudo indicava que os escolheria à sua semelhança, orgulhosos e inflexíveis. Não havia tempo a perder, pois, se se queria anular a funesta eleição de abril. O rei de França enviou aos cardeais uma mensagem, encorajando-os a elegerem um papa francês. Foi o que fizeram os dissidentes, elegendo, a 20 de setembro, como papa, Roberto de Génova, com um voto contra, enquanto os três cardeais italianos se abstinham de votar. Recebeu o nome de Clemente VII. (Posteriormente, quando Juliano de Medicis tomou também o nome de Clemente, ficou sendo o sétimo do nome, não se levando em conta esse cismático de Avinhão). O antipapa era irmão do príncipe reinante em Génova, e também aparentado à casa real de França e a outras famílias nobres. Esta convicção pesara evidentemente na sua carreira eclesiástica, porquanto, muito jovem ainda, fora nomeado cardeal. Enquanto prelado em França, gozou de reputação sem mácula. Não se via nada de repreensível em que levasse uma vida faustosa. Era um belo homem, muito simpático e apreciado pelos seus concidadãos.

Aos olhos dos italianos, era apenas o "carniceiro de Cesena", porque deixara de protestar contra as tremendas represálias de que lançaram mão os soldados mercenários a soldo de Gregório XI contra as cidades rebeldes da Romanha e da Umbria.

Dois dias antes dessa eleição, Catarina endereçava a Urbano VI uma mensagem de conforto e incentivo. Procura incutir-lhe coragem, acenando-lhe com a Eterna Verdade que nos amou antes mesmo de havermos sido criados. A alma liberta do egoísmo reconhece essa Verdade e compreende que Deus só pode desejar o seu bem. Essa alma aceita com submissão as provações, as calúnias, as zombarias, a injustiça, as ofensas e a derrota; tudo suporta com paciência, pois não aspira senão à glória de Deus pela salvação das almas. Uma ligeira variante à sua fórmula habitual "a glória de Deus e a salvação das almas". A alma a que alude é paciente, embora não indiferente quando ofende o seu Criador. Pela paciência despoja-se do seu egoísmo e se reveste do amor divino. A luz da Verdade Eterna - prossegue - entregará às nossas mãos uma espada de dois gumes, o ódio e o amor: ódio ao pecado e amor pela virtude, pois que esta é o laço a unir-nos a Deus e ao amor do próximo. "Esta, Santo Padre, a arma que vos concito a empunhar. É chegado o momento de retirá-la da sua bainha e de abominar o pecado

que está em vós, em vossos filhos e na Santa Igreja. Digo em vós porque ninguém pode julgar-se isento de toda a mácula, e a verdadeira justiça começa por castigar-se a si mesmo." Exorta o papa a prosseguir as suas reformas e confia-lhe o quanto sofre diante da situação actual do mundo. "Quando me detenho a examinar os ambientes onde só deveria predominar o som da palavra de Cristo, verifico com horror que diante de vós, que sois o Cristo na Terra, se estende um inferno de infâmias. Tudo está contaminado pelo egoísmo, e é esse mesmo egoísmo que leva os vossos filhos a rebelarem-se contra vós e a recusarem apoiar Vossa Santidade, que consente em viver no meio de tamanha miséria."

Catarina prossegue concitando o pontífice a cercar-se de servos de Deus capazes de lhe darem conselhos sinceros e adequados, sem se entregarem às suas paixões ou às vozes desonestas dos seus interesses. "Preferiria nada acrescentar e marchar eu mesma para o campo de batalha a fim de, a vosso lado, lutar até à morte pela verdade, pela glória e pelo amor a Deus e pela reforma da Santa Igreja."

Catarina previra o cisma. Quando lhe chegou a notícia do mesmo, deve ter pressentido que o seu desejo de tomar parte na luta ia ser atendido, e que através dele chegaria ao objectivo supremo da sua vida: a união perfeita com o Esposo Celestial, à qual havia tanto vinha aspirando. Restava-lhe, porém, muito ainda a fazer neste mundo. Outrossim, como a hora da partida se aproximava, cumpria-lhe ditar o seu testamento e transmitir as suas últimas vontades aos seus filhos espirituais.

CAPÍTULO 22

Catarina recolheu-se no eremitério de Fra Santo, situado fora das portas de Siena, para ali passar alguns dias. Aos seus secretários ordenou que transcrevessem tudo quanto dizia no decorrer de seus êxtases, então mais frequentes do que nunca. O seu corpo, enquanto arrebatado para as paragens do Além, ficava imóvel e como que insensível. Nada via nem ouvia, porém eventualmente as palavras lhe afluíam aos lábios e acontecia-lhe, mesmo, ditar cartas. Agora, sentia que o tesouro de conhecimentos derramados na sua alma, enquanto ausente do mundo e se entretinha com o seu Senhor, devia encontrar uma expressão nova e mais explícita - pois era desejo do Mestre que o deixasse em herança aos seus discípulos.

Raimundo não ignorava o que representava para Catarina a redação do "Diálogo", pois faz começar o terceiro tomo da sua obra sobre a visionária - precisamente aquele que contém a narrativa de sua morte - pela descrição de como nasceu a ideia do "Diálogo".

Como dístico para essa parte da sua obra selecionou as palavras do "Cântico dos Cânticos": "Quem é esta que surge do deserto, transbordante de alegria, apoiada em Seu Bem-Amado?"

Em longa missiva dirigida ao seu fiel confessor, então em Roma, Catarina descreve a origem do "Diálogo" e esboça os seus traços principais. Era a festa de São Francisco, ou seja, o dia 4 de outubro, e Catarina sentia-se profundamente deprimida à lembrança da calamitosa situação da Igreja e de certas expressões de Raimundo acerca da angústia em que se debatia. "Supliquei a uma serva do Senhor que oferecesse a Deus o seu suor e as suas lágrimas nas intenções da Esposa de Cristo e nas do seu pai espiritual, tão falho de energia", conclui.

Por serva de Deus, designava-se a si mesma. No sábado seguinte, festa de Santa Maria, assistia à missa no seu lugar habitual. Sem nenhuma indulgência para consigo própria, procedia ao exame de consciência e humilhava-se ao constatar as próprias imperfeições; simultaneamente,

porém, era arrebatada para fora de si mesma pelo ardente desejo da sua alma.

Enquanto o seu olhar se fixava sobre a Eterna Verdade, e oferecia-se a si mesma e a seu pai espiritual (Raimundo) pela Igreja, dirigiu-se a Deus, suplicando que lhe concedesse quatro graças. Com tal insistência rogou pela Santa Igreja que Deus consentiu em Se deixar tocar pelas suas lágrimas, e falou-lhe: "Minha querida filha, vê como o seu rosto (da Igreja) está marcado pelos vossos pecados e pelo vosso egoísmo! Vê como o sulcaram o orgulho e a cupidez de quantos se amamentaram em seu seio. Verte, porém, neste seio as tuas lágrimas e o teu suor, e abebera-te na fonte do Meu divino amor. Seca as tuas lágrimas, e eu te prometo que a sua beleza não lhe será restituída pela espada, pela violência ou pela guerra, e sim pela paz, pelas preces humildes e perseverantes dos Meus servos, e também pelo seu suor e pelo seu desejo ardente. Eis como atenderei aos teus rogos na dor e jamais permitirei te abandone a Minha Providência."

Se bem que esta oração pela Igreja de Cristo englobasse, sob certo aspecto, todo o mundo criado, a santa dirigiu ainda a Deus outras preces isoladas. O Senhor fez-lhe ver, então, com que amor criara o homem, e Catarina percebeu que ninguém pode escapar-Lhe, a despeito do número de quantos O perseguem e O ofendem pelos seus pecados vergonhosos. "Abre os olhos da tua inteligência e examina a Minha mão." E ela viu que o mundo inteiro cabia no interior da mão de Deus. E Ele prosseguiu: "Quero que saibas que ninguém pode fugir de Mim. Todas as criaturas Me pertencem, pela justiça e pela misericórdia; e por terem nascido de Mim amo-os com amor infinito. Usarei de misericórdia para com eles, e dos Meus servidores farei Meus instrumentos."

No "Diálogo", Catarina ora primeiramente por si mesma. Como pretender-se capaz de realizar alguma coisa pela Igreja, e pelo próximo, se não receber a graça de Deus? Assim como, segundo refere o Antigo Testamento, o fogo descia do Céu e consumia a vítima sacrificada sobre o altar, digne-se a Eterna Verdade enviar o fogo de Sua misericórdia, sob a forma do Espírito Santo, que consumirá o sacrifício ofertado por Catarina, seu anseio e sua nostálgica aspiração. Nada podemos executar de perfeito por nós mesmos. E Catarina faz suas as palavras de São Paulo: "Ainda que

eu falasse a linguagem dos anjos, que entregasse aos pobres tudo o que é meu, se entregasse o meu corpo às chamas, se pudesse conhecer o futuro - tudo isso nada representaria, se eu não tivesse também a caridade." Aos olhos de Catarina, tais palavras significam que todos os nossos actos serão insuficientes para expiar as nossas faltas e para alcançar a graça, se não os fizermos acompanhar pelo poder do amor, desse amor divino que Deus nos concede sem exigir compensação.

Catarina chamava à sua obra simplesmente "livro" ou "meu livro". Foi Raimundo a conferir-lhe o título de "Diálogo". A primeira tradução para o latim, executada por Gano Guidini e Stefano Maconi, fora intitulada pelos tradutores como *Livro da Ciência Divina*. Desde então, numerosas transcrições e edições impressas têm sido publicadas em diversos idiomas, sob denominações variadas. Tinha toda a razão o padre Hurtaud ao propor conferir à sua tradução francesa o título de *Livro da Misericórdia*. Realmente, a ideia-mestra que transparece, sob o variado caudal de ideias, nesses colóquios entre o Pai celestial e aquela a quem designa como Sua filha muito cara, é a da Fé na misericórdia do Senhor. Com o coração dilacerado de piedade, Catarina implora a misericórdia divina para este mundo assolado pelo pecado, para os cristãos, para os pagãos e para os incrédulos. Ao final, o Pai Celeste resume em algumas frases tudo quanto foi dito à Sua filha, e acrescenta: "Prometi que usaria de misericórdia para com o mundo, para que vejas que sou, principalmente, Misericórdia." Deus é uno na sua essência, porém a Ele devemos referir-nos segundo os diferentes aspectos sob os quais Se nos revelou. Esta é a razão por que se refere S. Tomás a uma das propriedades de Deus que não é nem o amor, nem a caridade, nem a justiça, nem a providência, mas Lhe completa a perfeição. Ela é a fonte de tudo quanto Ele faz pelas criaturas, às quais concedeu o dom do raciocínio e da razão. Essa qualidade é a Sua misericórdia.

No "Diálogo", o Senhor repete a Catarina tudo quanto já teve ocasião de ensinar-lhe acerca do conhecimento de Deus, do seu próprio eu e do caminho da perfeição. "De nada Me valem os teus serviços - confia-lhe. - É servindo ao teu próximo que Me serves." A alma que conhece a beatitude de unir-se ao Senhor pelo amor, a alma que atingiu o ponto de amar-se a si mesma através de Deus, dilata-se ao ponto de abranger o mundo no seu

amor. Tendo conquistado a virtude que a vida da graça lhe confere, empenha-se com zelo ardente pelo bem do seu próximo. Tal virtude é, porém, eminentemente interior. Os actos visíveis, o trabalho físico, os exercícios de penitência e a renúncia não passam de instrumentos dessa virtude, aos quais Deus, a rigor, pouco valor atribui. Pelo contrário, podem eles representar, inclusive, um obstáculo ao aperfeiçoamento da alma, nos casos em que esta, por exemplo, se afeiçoa a essas práticas por si mesmas. A penitência deve ser praticada por amor, em espírito de humildade e paciência. E o bom senso deve presidir a todas as nossas acções, entendendo-se por isso uma compreensão honesta da vontade de Deus e do seu próprio ser.

Conhecer-se a si mesma, para uma alma, significa compreender, entre outras coisas, a importância conferida ao homem quando, sem qualquer mérito pessoal, foi criado à imagem de Deus. No espelho da Bondade de Deus a alma vê, reflectidas, as máculas e deformidades que lhe valem o seu apego aos objectos indesejáveis. Ao contemplar-se nesse espelho, Catarina julgava as suas faltas suficientemente graves para haverem causado toda essa desgraça do mundo e da Igreja, e que tantas lágrimas lhe custaram. Eis por que implorava a Deus que fizesse recair a vingança sobre a sua cabeça e poupasse o seu povo. "Não Te deixarei antes de ter recebido uma prova da Tua misericórdia para com eles. De que me serviria ter assegurada a minha salvação, se o Teu povo agoniza e as trevas envolvem a Tua esposa - e tudo isso por culpa minha?"

Intercedia pela Santa Igreja e por todos os homens, apelando para o amor infinito que inspirou Deus a entregar o Seu Verbo, o Seu Filho único, para mediador entre Ele e nós.

"Ó abismo de misericórdia... Nós somos a Tua imagem e Tu Te fizeste imagem nossa unindo-Te ao homem e envolvendo a Tua divindade eterna nas trevas da carne corrompida de Adão."

Catarina sentiu o coração transbordante de santa alegria ao constatar que recebera o dom de uma compreensão nova e mais profunda do amor redentor de Cristo Crucificado. Orou novamente pelo mundo, capaz de ser ainda resgatado se a Igreja recuperasse a sua beleza exterior, símbolo do seu

esplendor interior e eterno. Ante essa atracção irresistível, todos os homens, cristãos e pagãos, se converteriam.

Entretanto, ao desobedecer a Deus, Adão destruiu a estrada principal que conduzia o homem, em estado de inocência, da Terra até ao Céu. Entre os dois reinos cavou-se um abismo, onde rugem uma torrente de águas sombrias e tumultuosas. Formam essa torrente todas as coisas irreais e passageiras que são alvo da cupidez desenfreada dos humanos. Não podemos viver sem aspirar a algo; de facto, a alma em si mesma não é senão desejo - desejo sagrado ou desejo profano. Ao rebelar-se contra Deus, revoltava-se o homem automaticamente contra si mesmo; a carne enfrentava o espírito, e lançava a criatura naquele sombrio caudal de águas turvas, que outra coisa não é senão o pecado. Sendo as suas águas desprovidas de toda a consistência, ninguém pode nelas mergulhar sem afogar-se. São as alegrias e as honrarias deste mundo, que fogem perenemente como que levadas pelas águas; o homem acredita ver fugirem-lhe os bens aos quais está preso, mas na realidade é ele mesmo a ser carregado pela torrente em direcção ao término da sua vida. Quer parar, agarrar-se à sua existência e a tudo quanto lhe é caro, para impedir que os seus tesouros lhe sejam arrebatados das mãos. Qual um cego, agarra-se a tudo o que lhe passa ao alcance sem distinguir entre valores e irrealidades. Eis que a morte interfere para separá-lo de tudo quanto amou; ou, eventualmente, a Providência intervém para, antes de ele morrer, despojá-lo desses bens terrenos que lhe são tão caros.

Por haverem buscado o ilusório, transviaram-se os mortais pelos atalhos da mentira; pois o demónio, de quem são filhos, é igualmente o pai da mentira. Assim são conduzidos até às portas da perdição eterna.

Entregando ao mundo o Seu Filho, Deus veio lançar uma ponte sobre esse abismo. Pois Ele nos criou sem que em nada interferíssemos no Seu acto criador, e exige que cooperemos para a nossa salvação. Cada um de nós recebeu um pequeno campo a cultivar - um vinhedo, segundo a imagem particular de Catarina -, mas a maneira por que cuidamos do nosso influi preponderantemente na prosperidade do terreno vizinho. Catarina saberia, evidentemente por experiência, que um canto de terra invadido pelas ervas daninhas e pelos vermes contamina necessariamente o terreno contíguo. De

facto, todos os nossos pequenos vinhedos constituem parte da imensa vinha do Senhor, ou seja, da Santa Igreja, de cujo cultivo também a nós compete cuidar.

Catarina pedia a Deus que a iluminasse, pois só a graça que Ele nos pode dar é que nos permite trabalhar pela nossa salvação. E Deus concedeu-lhe a luz necessária, fazendo-a compreender como devemos receber e multiplicar as graças que Ele nos confere gratuitamente, por efeito exclusivo da Sua vontade. Revive aqui a antiga teoria dos místicos sobre a Via Purificativa - da purificação da alma, a Via Iluminativa - da descoberta das verdades eternas, e a Via Unitiva - da união com Deus pelo amor.

Catarina emprega seguidamente a imagem da ponte, à qual a alma teria acesso por três degraus. Esses degraus representam, às vezes, os três graus de intimidade com Cristo, os quais também se exprimem pelo gesto de beijar-Lhe os pés, de beijar-Lhe a chaga do lado ou de beijar-Lhe os lábios.

De outras vezes representam, esses três degraus, as três etapas de comunhão integral com o Senhor. A maioria das almas são levadas até a ponte pelo temor servil da punição divina, a qual constitui o primeiro estágio. O seguinte é a fidelidade do servidor, que segue o seu senhor por dedicação, mesmo sendo esse sentimento ainda imperfeito, pois o servidor tem os olhos voltados para o seu salário - no caso a salvação concedida por Deus ao servo fiel. Chega-se então ao último degrau, aquele em que a alma ama a Deus com amor filial. Ama-O agora pelo que Ele é e não pelo que pode dar.

Catarina compara ainda os três degraus a certos predicados da alma: memória, inteligência e vontade. Em interpretação toda pessoal da palavra bíblica declara que, ao se reunirem essas três qualidades da alma no desejo comum de união com Deus, Cristo cumpre a Sua promessa: "Onde dois ou três se reúnem em Meu nome, Eu estou no meio deles." Apresenta a memória sob a forma de uma urna contendo as impressões recolhidas pelos sentidos. Deixai-a vazia, e a urna se partirá ou ressoará com som oco quando tocada. Derramai nela o verdadeiro amor de Deus e, como se estivera cheia de água da fonte, suportará os choques sem fender-se e sem ressonância. Ninguém nesta vida está isento do sofrimento e das atribulações; e a procura de objectivos vãos expõe a alma a conflitos

violentos e a amargas decepções. Os que seguem o demónio serão por seu lado forçados a carregar a sua cruz, e não são poucos os que por ele sofrem o martírio. Ao coração unido a Deus, porém, o sofrimento é ameno, pois sabe que Deus no-lo envia por amor e para que dele aproveitemos em nosso próprio benefício. A alma não subsiste sem amor; e, tendo sido criada por amor, carece de um objecto para amar.

Nenhum posto ou qualificação terrena pode dispensar-nos de obedecer à lei do amor. Ninguém poderá alegar que as suas posses, as suas funções públicas, a sua vida conjugal ou a prole o impedem de procurar a comunhão com o Senhor. Todas as coisas visíveis e perceptíveis pelos sentidos foram criadas por Ele e são boas em si; somos nós que, amando essas coisas mais que ao Seu Criador, fazemos delas o instrumento da nossa perdição. O demónio não cessa de induzir-nos a ceder a esse falso amor, mas, consentindo em nos deixarmos seduzir, nos estamos condenando a nós mesmos. O poder do demónio cessa quando não cedemos voluntariamente às suas tentações.

Como o texto do "Diálogo" veio aos lábios de Catarina no decurso de uma série de visões, é natural que se traduza ele por uma colecção de pensamentos distintos, apresentados sob formas sempre renovadas. A sua alma se nos afigura agitada por ondas semelhantes às do mar. Essas ondas trazem constantemente à tona os mesmos problemas. A virgem seráfica retoma as comparações, os símbolos, as imagens predilectas das suas antigas visões ou dos seus sonhos, ou ainda atribui-lhes um sentido diferente. Tradução alguma saberia transmitir o encanto e a patética doçura que perpassam no sonoro dialeto toscano de Catarina e fazem da obra um marco do pensamento católico, uma obra-prima da literatura italiana.

Deus fala à Sua filha da temeridade de se julgar o próximo. Faz-lhe ver de que maneira é possível influir ao próximo a converter-se, e bem assim designar cada pecado sob o seu verdadeiro nome, deixando todavia a Deus o encargo de condenar os pecadores. Adverte Catarina de modo particular sobre os juízos formados sobre os maus sacerdotes e os monges indignos. Combater a Igreja baseando-se nas faltas dos seus maus servidores é incorrer em grave erro. Deus, que convocou os Seus sacerdotes a cumprirem a sua missão e que os revestiu de força e de dignidade, saberá

julgá-los oportunamente. Qualquer que seja a sua indignidade, são eles, não obstante, os ministros dos sacramentos que alimentam em nós a vida da graça. Entretanto, Cristo proclama também: "Os Meus ministros terão de ser homens de espírito altivo, e não soldados mercenários. Não se pode permitir que, com espírito de lucro, negociem a graça do Espírito Santo, que Sou Eu próprio."

É Deus ainda que no "Diálogo" Se manifesta sobre a depravação reinante na Igreja; e com tão brutal franqueza Se refere aos maus sacerdotes, que certas traduções francesas, publicadas na época em que o anticlericalismo grassava em França, achavam de suprimir do livro esses capítulos. A santa compara os bons sacerdotes e monges a outros tantos sóis, que aquecem e vivificam toda a Cristandade. Ai daqueles, porém, que praticam a simonia, que são orgulhosos, que lutam para conseguir maior autoridade sobre os homens. Estes dilapidam os tesouros da Igreja, destinados a servir as obras de caridade e à conservação dos prédios eclesiásticos, a fim de utilizá-los na satisfação de suas próprias fantasias, das das suas concubinas, dos seus filhos espúrios e das suas famílias, a quem dedicam amor exagerado. Ao invés de proverem ao sustento das ovelhas de Cristo, despojam-nas, para, no jogo ou na bebida, despenderem os seus lucros ilegítimos. O Senhor limita-Se, porém, a repetir as palavras enunciadas já nos Evangelhos pela Sua sabedoria: "Fazei como eles vos ensinam, continuai a respeitar a mensagem que anunciam, mas não lhes imiteis as acções."

Entretanto, o coração de Catarina ameaçava partir-se ao espectáculo de tanta abominação no seio da Igreja, e da miséria que dela decorria. Deus baixou sobre ela os olhos, e com ternura infinita falou-lhe: "Filha Minha, o teu consolo reside em glorificar o Meu Nome, e em oferecer as tuas preces incessantes como um incenso pelos desgraçados cujos crimes lhes valeram a condenação. Cristo Crucificado, Meu único Filho, será o teu refúgio... Em Seu coração transpassado encontrarás o amor que deves experimentar por Mim e pelo teu próximo... Sacia-te, pois, no festim da cruz e suporta a teu próximo com paciência, por amor. Tolera, outrossim, o sofrimento, a tortura - de onde quer que provenham. Desta forma alcançarás a graça e evitarás ser contaminada pela lepra dos nossos tempos."

A prece de Catarina é como que uma resposta a estas palavras.

"Deus eterno, os Teus servos imploram a Tua misericórdia. E precisamente por ser essa misericórdia de carácter divino, não poderás recusá-la aos que a suplicam para si. Estes batem à porta da Verdade, personificada no Teu único Filho, pois n'Ele reconheceram o Teu amor infinito pela humanidade. Se batem a essa porta animados de zelo ardente, não recusarás abri-la a estes que perseveram na oração. Dá-lhes passagem, Senhor. Abre os corações empedernidos das Tuas criaturas, não por causa daqueles que batem à porta, senão em vista da Tua bondade infinita e atendendo às súplicas dos Teus servos que rogam por eles. Que pedem eles? O Sangue da Verdade, que é também a chave da salvação. Reclamam esse Sangue, por meio do qual lavaste a mancha do pecado de Adão. Esse Sangue nos pertence, pois Tu nos permitiste banhar-nos n'Ele. Não podes, não queres recusá-lo aos que Te imploram por Ele... Pai Celestial, sei que a Ti tudo Te é possível. Conquanto nos tenhas criado sem que para isso tenhamos contribuído de forma alguma, não queres agora salvar-nos sem que prestemos o nosso concurso. Suplico-Te, transforma a vontade dessas criaturas, fá-las desejar o que não desejam, peço-o à Tua infinita misericórdia. Tu nos criaste do nada. Agora que existimos, tem piedade de nós. Restaura o objecto que moldaste à Tua imagem e semelhança. Reintegra-o na Tua graça, pela graça e pelo Sangue de Jesus Cristo, Teu Filho muito amado."

Tocado pelas suas preces, Deus consente em revelar-lhe que a Sua Providência é toda feita de misericórdia. Para descerrar-lhe os olhos da inteligência e fazê-la compreender essa verdade, o Senhor acede em confiar-lhe ter ouvido as suas preces através de uma alma que deixara este mundo. Esta alma terminara sendo salva em vista do amor que sempre devotara à Mãe de Jesus.

O trecho é obscuro, e a identificação dessa alma permaneceu no terreno das conjecturas. Tratar-se-ia, provavelmente, do suicida do ano anterior, no vale de Orcia, ou quiçá fosse outro.

Embora a política mundial houvesse passado a ser o campo de actividade de Catarina, ela continuava a ser a mesma Catarina de Fontebranda, que empenhava o máximo da sua energia espiritual e toda a

sua ardente personalidade na obra de salvação de duas megeras, Cecca e Andrea, para arrancar das garras do diabo a dois bandidos a caminho do suplício, ou para obter a salvação de Niccolo di Toldi, vítima da injustiça dos homens e rebelado contra a justiça de Deus.

Na bela oração final, Catarina exprime todo o seu reconhecimento pelos tesouros de que a Santíssima Trindade lhe cumulou o coração.

"Ó Trindade eterna, Tu és um oceano insondável. Quanto mais nele me atiro, mais Te encontro, e quanto mais Te encontro mais Te procuro. De Ti jamais se poderá dizer: 'Basta!'... Como o cervo que brama pela fonte de água viva, a minha alma aspira escapar da sombria prisão do corpo para contemplar a Tua verdade, pois, à luz com que me iluminaste o entendimento, percebi, senti a Tua profundidade infinita, ó Trindade eterna, juntamente com a beleza de toda a Tua criação... Trindade eterna, Tu és o Criador, eu sou a Tua criatura. Dissolvendo-me no sangue do Teu Filho, compreendi a que ponto amas a beleza da Tua Criação. Ó abismo insondável, ó divindade eterna, ó oceano ilimitado! Que me poderias dar de melhor que Tu mesma? Tu és o fogo que consome o egoísmo e derrete todos os gelos, a chama que ilumina todas as coisas, e a cuja luz me fizeste conhecer a Tua verdade..."

O livro encerra-se por uma explosão de fervoroso reconhecimento. Coube a Stefano Maconi, que transcreve a maioria das revelações feitas a Catarina (a outra parte tendo cabido a Neri di Landoccio e Barduccio Canigiani), anotar-lhe a conclusão, após o que, como era costume na época, acrescenta algumas linhas, pedindo ao leitor orar pelo autor da obra. A assinatura de Stefano é sempre a mesma: "Rogai ao Senhor pelo vosso indigno irmão."

O livro foi terminado a 13 de outubro; em quatro ou cinco dias estava copiado. A distribuição em parágrafos e capítulos foi entregue aos cuidados dos copistas e editores.

Enquanto Catarina viveu, a obra não teve divulgação senão entre os seus amigos e discípulos. Depois da morte da santa atingiu círculos mais extensos, tendo sido feitas cópias para as bibliotecas dos conventos, tanto da ordem de Catarina como das demais. O seu ensinamento foi considerado

como de inspiração do Espírito Santo, e não derivado das doutrinas de teólogos. Reconhecia-se assim em Catarina uma autoridade individual na ciência divina, corroborando dessa forma a opinião tradicional dos seus discípulos.

Refere Messer Cristofano di Gano Guidini que, tendo acabado de adquirir uma nova e bela cópia da versão latina do "Diálogo", revista por Stefano Maconi, recebeu a visita de certo cardeal francês da ordem de São Domingos. Acompanhava-o Raimundo de Capua, então superior geral da ordem.

O prelado conhecera Catarina em Avinhão, havia muitos anos atrás, e deixara-se impressionar vivamente pela personalidade excepcional da mantelata italiana. Por seu turno, as constantes referências de Raimundo só fizeram aumentar o seu entusiasmo pela visionária. Cristofano exibiu-lhe a cópia do "Diálogo", que o cardeal se pôs imediatamente a ler. Tamanha foi a impressão causada pela leitura, que suplicou ao nobre lhe fizesse presente da obra, cuja doutrina desejava pregar aos seus concidadãos, cismáticos ou não. Era preciso favorecer os católicos franceses com o alimento espiritual preparado por aquela que mais violentamente se lançara contra o antipapa de Avinhão. Embora a contragosto, Messer Cristofano teve de ceder o exemplar ao prelado. "Não o tive mais que uma noite em meu poder" - queixou-se. Entretanto, consolou-o a ideia de que possuía o original e dele poderia extrair quantas cópias quisesse.

CAPÍTULO 23

Encerrando definitivamente o período de sua vida em Siena, Catarina retomou o caminho de Roma. Desta vez escrevera com antecedência a Raimundo pedindo-lhe que conseguisse uma ordem escrita de Urbano VI para deixar a cidade. Pois já não eram os seus concidadãos os únicos a se desagradarem com as suas constantes excursões; entre as suas irmãs mantelatas, algumas se aborreciam igualmente com isso. Parecia-lhes que uma virgem consagrada a Deus deveria ficar encerrada em sua casa, praticando o bem em silêncio. Embora não alimentasse a esse respeito a menor sombra de remorso, pois que jamais se ausentara senão em obediência a Deus ou ao Seu vigário na Terra, Catarina não tinha o desejo de escandalizar voluntariamente o próximo. Tendo recebido a ordem escrita do papa, pôs-se a caminho.

A comitiva, assaz numerosa, compunha-se das suas fiéis amigas Lisa, Alessia e outras mais, além dos seus filhos muito queridos Neri di Landoccio, Barduccio Canigiani e o velho eremita Fra Santo, de havia muitos anos seu companheiro fiel. Entre os sacerdotes presentes contavam-se Fra Bartolomeo de Dominici e Fra Giovanni Tantucci de Leceto, da ordem dos agostinianos. Muitas outras pessoas haviam aderido ao séquito, e maior ainda, segundo Fra Raimundo, era o número das que não tinham podido acompanhá-lo. Muitos desses peregrinos haviam abandonado, para seguir a santa, as suas confortáveis residências, e, inclusive, aventuravam-se ao trajecto na mais absoluta pobreza, confiando na Providência para garantir-lhes a subsistência.

Madonna Lapa ficara instalada na mesma casa da Via Romano onde habitava desde a liquidação da velha moradia da Via dei Tintori. A filha prometera mandar buscá-la logo que encontrasse um pouso certo em Roma. Stefano Maconi tampouco deixou Siena, premido naturalmente por imposição materna. Em todo o caso, foi esta a causa que posteriormente o impediu de reunir-se a Catarina em Roma.

Os viajantes chegaram a Roma no primeiro domingo do Advento, 28 de novembro. Catarina entrava numa cidade em pé de guerra. Os romanos

sitiavam o castelo de Santo Ângelo, mantido ainda pela guarnição francesa para o antipapa Clemente, o que impedia Urbano VI de instalar-se no Vaticano. Habitava o pontífice próximo a Santa Maria de Transtevere. No campo adjacente, movimentavam-se as tropas.

O papa recebeu imediatamente Catarina. Sentia-se reconfortado com a sua presença, e pediu-lhe que dirigisse a palavra à assembleia dos cardeais, insistindo principalmente sobre o tema do cisma, que actualmente era facto consumado. Realmente, Catarina a eles se dirigiu, e fê-lo de maneira a emocionar a assistência. Durante longo espaço de tempo conjurou os ouvintes a darem uma demonstração de firmeza e coragem, enumerando as razões que lhe pareciam apoiar as suas exortações. Provou-lhes que a divina Providência velava sobre cada uma das Suas criaturas em particular, notadamente numa época que tantos sofrimentos vinha acarretando à Santa Igreja. "Eis por que - concluiu - não vos deveis deixar influenciar pelo cisma, senão prosseguir na luta, trabalhando por Deus sem temer os homens."

O pontífice pareceu ter ficado imensamente satisfeito com essa alocução, como o demonstram as palavras que dirigiu aos cardeais: "Observai, irmãos, o quanto a nossa falta de coragem nos deve tornar culpados aos olhos de Deus. Esta humilde donzela envergonha-nos a todos. E se assim a qualifico (*píccola donzella*), não o faço com o intuito depreciativo, senão por que o seu sexo é por natureza frágil. Observai, no entanto, como trememos enquanto ela continua, firme e tranquila, a nos incutir coragem por suas palavras. Como admitir que o vigário de Cristo possa ter medo, embora contra ele se levante o mundo inteiro? Cristo é mais forte que o mundo, e é impossível que Ele abandone a Sua Igreja." Com essas palavras o papa se encorajava a si mesmo e aos seus companheiros. Não se cansava de louvar a santa, e concedia, a ela e aos seus companheiros, uma bênção e o perdão dos seus pecados.

Dois dias mais tarde Urbano VI propunha a Catarina e a outra jovem do mesmo nome servirem-lhe de mensageiros junto à rainha Joana de Nápoles, que apoiava abertamente os cismáticos. Esta outra Catarina era a filha de Santa Brígida e viera a Roma para regularizar diversas questões referentes ao mosteiro de Vadstena, fundado por sua mãe. Santa Karin de Vadstena -

como a chamavam os seus compatriotas suecos - recusou-se, porém, terminantemente, a comparecer à presença da rainha Joana.

Da última vez que se avjstara com a princesa, Karin estava a caminho de Jerusalém com a sua mãe e dois irmãos. Tudo levava a crer que a astuta Joana atendera aos apelos de Brígida e pensava em reformar a sua vida. Contudo, por ocasião da audiência de despedida, Brígida e os seus dois filhos mais moços, Karin e o compenetrado Birger, acabavam de beijar os pés da rainha, segundo o hábito, quando o primogénito, Karl, adiantando-se atrevidamente, beijou a rainha na boca. O cavaleiro sueco, de uma beleza imponente, era a um tempo orgulho e castigo para a mãe, a qual se reconhecia culpada de uma excessiva indulgência para com o rapaz soberbo e leviano.

A rainha apaixonou-se imediatamente por ele. E, embora casada pela quarta vez, e ciente de que Karl tinha esposa na Suécia, nem por isso deixou de anunciar que pretendia desposá-lo. Brígida ficou aterrorizada. Importunou o céu com preces incessantes, que foram finalmente atendidas. O jovem Karl não tardou a adoecer e dias depois morria nos braços da sua mãe. Durante semanas a fio Brígida intercedeu pela alma do filho; ao cabo desse prazo, foi-lhe revelado que Karl deixara o purgatório por intercessão especial da Mãe de Deus. Apesar dos seus vícios, o jovem Karl testemunhara sempre profunda devoção à Virgem Maria.

Karin Ulfsdotter atingia, por essa época, a casa dos quarenta. A seu ver, a rainha Joana era capaz de todas as vilanias. Partindo para Nápoles, Catarina e ela arriscavam-se a cair em alguma emboscada. Raimundo era do mesmo parecer; considerava a rainha como mulher depravada por natureza e não lhe agradava a ideia de um encontro entre ela e sua *mamma*. Quanto a Catarina, zombava da pouca coragem dos seus amigos. "Se Inês, ou Margarida, ou Catarina de Alexandria houvessem sido timoratas, não teriam conquistado a palma do martírio. Acaso todas as virgens prudentes não têm um Noivo capaz de vigiá-las e protegê-las? A meu ver, tal resolução denota falta de fé, e não virtuosa previdência."

Urbano, entretanto, reudia-se às objeções de Karin e não levava avante o seu projecto.

Ainda de Siena, Catarina dirigia à rainha Joana uma exortação veemente em favor do pontífice legítimo, Urbano VI, ao qual deviam fidelidade todos os príncipes cristãos. De Roma, endereçava-lhe missiva mais ousada ainda, na qual a designava como "cara mãe em Cristo". Joana era então uma mulher de cinquenta e um anos, casada pela quarta vez. É a esta mulher que Catarina expõe o seu tema favorito: a oposição entre o egoísmo e o amor pelo Deus que Se revelou através de Cristo Crucificado. "De rainha passaste a serva e escrava do nada..." Desde que a rainha renegou o seio da sua mãe, a Santa Igreja, o povo chora a sua perda, tal como se estivera morta. Preferiu a ilusão à verdade, ouviu os conselhos de homens que nada mais são do que demónios encarnados. De facto, como pretenderão eles provar a veracidade das suas palavras quando afirmam à rainha que Urbano VI não é o pontífice legítimo? Mentira grosseira, inverossimilhança total.

E a quem escolheram como antipapa? Uma figura anódina, um criminoso - nenhum italiano esquecera ainda os massacres de Cesena -, em última análise um demónio, pois se compraz em obras satânicas. Se alguma dúvida persiste nela quanto à legitimidade da eleição de Urbano VI, Catarina concita-a a manter ao menos a neutralidade, até ao momento de inteirar-se da verdade. "Ai de mim, é com a mais profunda aflição que me dirijo a vós, pois de toda minha alma anseio pela vossa salvação. Se não vos retratardes desse e de muitos outros extravios, o Juiz Supremo saberá punir-vos de maneira a atemorizar definitivamente todos quantos ousam revoltar-se contra a Igreja. Não espereis que a Sua mão vos atinja; é perigoso querer fugir à justiça divina, e a hora de nossa morte nos é desconhecida."

A rainha nenhuma atenção deu a essas advertências, e ainda menos se incomodou com o papa. Em abril de 1380, poucos dias depois da morte de Catarina, era ela excomungada por Urbano VI. Os seus súbditos, que nunca lhe haviam apreciado o carácter autoritário, acreditaram-se por esse acto desobrigados de qualquer compromisso para com ela. Sendo o reino de Nápoles directamente subordinado à Santa Sé, Urbano VI confiou-o a Carlos de Durazzo, parente do primeiro marido de Joana. Este acreditava, ou fingia acreditar, que Joana envenenara o seu primeiro marido. Para vingá-lo, provocou, por sua vez, a morte da rainha, e isso de maneira bem pouco gloriosa: foi ela estrangulada no seu leito.

Catarina e os seus companheiros instalaram-se numa casa vizinha de Santa Maria Sopra Minerva. Tendo todos prestado voto de pobreza, viviam de esmolas. Entretanto, embora raramente contasse com menos de vinte e cinco hóspedes, Catarina acolhia jubilosamente todos quantos desejavam viver junto dela, por algum tempo ou definitivamente. Eram geralmente sienenses desejosos de se aproveitarem da influência da sua *popolana* sobre o papa, a fim de obter indulgências ou de conseguir uma audiência. Outros pretendiam visitar os antigos Santuários dos Apóstolos e dos mártires em companhia de alguém que sabiam entreter relações de natureza toda especial com o Senhor e com os Seus santos. Catarina confiava na Providência, e em sua casa jamais se sofreram privações. Sempre se conseguia o necessário para viver modestamente, segundo a preferência de todos.

Não obstante viver assim aventurosamente, Catarina queria ter ordem na sua pequena comunidade. A fim de permitir que todos tivessem liberdade para as suas peregrinações piedosas e para as visitas às igrejas de Roma, organizou o serviço de forma a que as mulheres se revezassem semanalmente no cuidado da limpeza e da cozinha. Acontecendo faltar o pão, o vinho ou a lenha, a encarregada devia prevenir Catarina, que tomava as necessárias providências. Uma vez, a encarregada da semana, Giovanna di Capo, esqueceu-se de avisar Catarina de que a provisão de pão estava por assim dizer esgotada. Foi só no momento de se sentarem à mesa que percebeu a sua omissão e teve de confessá-la, com grande acanhamento. Excepcionalmente Catarina pareceu prestes a zangar-se: "Por Deus, irmã, será possível que não nos reste mais pão?" "Pouco mais do que nada" - replicou Giovanna. "Pois bem, que a família se instale e comece a comer esse pouco que nos resta."

Tendo jejuado a manhã toda, a "família" tinha um apetite devorador. Ora, a pequena quantidade de pão - alimento básico dos italianos - bastou amplamente para todos. Comeram dele antes da sopa e durante a refeição, e quando os homens terminaram de comer e cederam o lugar às mulheres, havia-o ainda em quantidade. Ao final, foi feita uma distribuição aos pobres. Enquanto durou o repasto, Catarina permanecera no seu quarto, imersa em oração.

A 29 de novembro, o papa Urbano VI, em cerimônia solene, excomungava o cardeal Roberto de Génova, bem como um bom número de outros cardeais, prelados e monarcas ligados ao antipapa. Excomungou também os comandantes das tropas que esse antipapa reunia, na esperança de tomar Roma pela força. Os três cardeais italianos - Corsini, Orsini e Brossano - e o cardeal espanhol de Luna ainda não se haviam manifestado abertamente favoráveis a Clemente. É possível que a mensagem de Catarina aos três primeiros os tenha feito reflectir. Esta começa por declarar-se disposta a dar-lhes a apelação de Pais, se renunciarem eles às trevas em que vivem mergulhados, ameaçados de perigo mortal. Dirigindo-se aos cardeais, a irmã de penitência fala sem subterfúgios, consciência da sua autoridade, e ataca, assim, não sem violência, os dois homens a quem a Igreja conferiu a mais alta responsabilidade e a mais alta dignidade, e que por amor aos bens temporais se fizeram traidores.

Recorda-lhes ser de seu dever apresentarem modelos de vida pura e santa, ao passo que eles se rebaixam à categoria de mercenários ingratos e mentirosos - pois é falso que tenha sido o medo a decidir da eleição de Urbano VI.

Medo, sim, tiveram ao encenar a farsa da eleição do cardeal Tebaldeschi. "Perguntar-me-eis porventura: 'Por que não confiar em nós, que conhecemos melhor do que tu a verdade sobre essa eleição, a que estivemos presentes e da qual participámos?' Eu vos responderia que, tendo-vos visto faltar à verdade sob tantos outros aspectos, não tenho motivos para crer em vós quando afirmais não ser Urbano VI o pontífice legítimo."

Assim sendo, estariam tentando induzir em erro Catarina e todos os cristãos, e pelo gesto de Orsini em coroa-lo tornavam-se réus de heresia e de idolatria. "Como vos ter prestado a essa farsa, mesmo correndo perigo de morte? Contudo, não suportais uma simples admoestação ou uma palavra mais contundente. É esta susceptibilidade a causa da vossa revolta. Nós conhecemos a verdade. Enquanto não vos repreendera o Vigário de Cristo, era por vós reconhecido como o Cristo na Terra e todas as homenagens lhe eram prestadas. Entretanto, as vossas recentes atitudes vieram provar conclusivamente o verdadeiro fundo da vossa natureza." Em linguagem eloquente exorta-os a voltarem ao verdadeiro aprisco e promete orar por

eles. Finalmente lança mão de um argumento mais singelo. "No tocante à religião, somos todos iguais; mas, do ponto de vista humano, o Vigário de Cristo é italiano, como vós também o sois. Não deveis permitir que o amor pela pátria vos extravie a mente, como sucede aos nossos vizinhos do outro lado dos Alpes. Não julgueis que vos quero mal se as minhas palavras vos ofendem. É a preocupação pela vossa salvação que assim me induz a falar-vos. Se me permitira o Senhor, teria preferido dirigir-me a vós verbalmente, mas seja feita a Sua vontade! Mereceis antes uma punição do que conselhos."

Segundo o seu costume, excusa-se pela ousadia em dirigir-se a quem de tão longe a sobrepuja em sabedoria e posição. Conclui pedindo que a perdoem, em vista do seu zelo pela salvação das almas, porém as suas desculpas são extremamente lacônicas e sucintas dentro do texto desta missiva emocionante a três cardeais, traidores a Deus e à Santa Igreja.

Assim como fizera em relação ao seu predecessor, instara junto ao actual pontífice no sentido de cercar-se de auxiliares escolhidos entre os mais dignos, os mais honestos e os mais puros servidores de Deus, Urbano VI aceitou de bom grado a injunção, ou possivelmente achou que ela vinha de encontro aos seus próprios desejos. Com esse objectivo escreveu ao prior dos cartuxos de Gorgona pedindo missas e orações em todos os mosteiros da Toscana, por intenção do seu projecto. Ordenava também a esse monge comparecer em Roma dentro do prazo de um mês, para, junto com outros monges piedosos e santos, entreter-se com ele em problemas da actualidade. Às bulas do papa Catarina juntou cartas do seu próprio punho, dirigidas à maioria dos seus velhos amigos dos conventos dos arredores, entre os quais o prior de Gorgona.

Todos chegaram quase simultâneamente a Roma. Contudo, o solitário inglês de Leceto, William Fleete, recusou-se terminantemente a abandonar o seu refúgio silvestre, apesar da promessa feita por Catarina, a ele e ao seu amigo Fra Antonio de Nizza, de proporcionar-lhe, nas cercanias de Roma, a solidão que aparentemente não podiam dispensar. Fra Antonio decidiu-se a atender ao apelo do papa, mas, em carta que lhe dirige, Catarina manifesta-lhe o seu descontentamento em relação a Fra William. "A sua obstinação entristece-me, pois verifico que não se empenha com zelo suficiente na

obtenção da glória de Deus e do bem do próximo." Prossegue dizendo ter chegado ao seu conhecimento que dois servos de Deus (trata-se de Willíam e Antonio) tiveram uma revelação segundo a qual, se abandonassem a sua solidão, arriscar-se-iam a perder o ardor de sua fé e não mais poderiam associar-se integralmente às preces em favor da causa do pontífice legítimo. Contesta Catarina: "Pouca solidez tem a vossa fé se, por trocar de residência, correis o risco de perdê-la. A ouvir-vos falar, dir-se-ia que Deus empresta importância ao local em que vivemos, e que só no ermo tenhamos probabilidade de O encontrar nas épocas de provação."

O sábio teólogo de Oxford realizava contudo obra das mais oportunas, através das mensagens que redigia em apoio da causa do papa. A estas deveu-se, em grande parte, a fidelidade da Inglaterra ao papa, enquanto a Escócia sustentava Clemente.

Urbano nunca se afastou da sua posição de lealdade para com Catarina. Pesava os conselhos que esta lhe dava e nunca dava demonstrações de mau humor, como acontecia frequentemente com Gregório XI, quando se acreditava em situação difícil por haver seguido os conselhos da *popolana*. Esse ancião temperamental e obstinado parece nunca ter levado a mal o que lhe dizia ou escrevia a santa. Tudo faz crer que alimentasse um carinho todo paternal pela simples moça por quem se deixava conduzir, e a quem venerava como porta-voz do seu Mestre e Senhor. Gregório XI insistira em encarregar Catarina da perigosa missão junto aos seus inimigos florentinos, não acreditando que algo de mau lhe pudesse suceder. Já Urbano VI abandonou o seu projecto de enviá-la como mensageira, juntamente com a sua homónima sueca, logo que esta lhe expôs os perigos - muito menos sérios - a que a seu ver estariam expostas. Ademais, Urbano VI e Catarina estavam inteiramente de acordo no que dizia respeito às tarefas mais urgentes do momento, quais fossem a depuração da Igreja e o renascimento da fé em toda a Cristandade. Catarina não era cega para os defeitos do pontífice, como bem o provam as suas missivas. Porém não foi senão muitos anos depois da sua morte que Urbano VI, desgostoso com a traição dos partidários de Clemente, esgotado pela guerra, atacado também provavelmente pela esclerose comum à idade, se transformou na figura sinistra cuja desconfiança insensata e crueldade diabólica indignaram os mais convictos dos seus partidários.

A despeito de sua comprovada lealdade para com Catarina, não tardou em exigir dela o sacrifício máximo que ela poderia oferecer, do ponto de vista humano. Fora intensa a alegria de Catarina por reconquistar a antiga intimidade com Raimundo de Capua. Era aparentemente o predilecto, dentre os seus filhos espirituais, embora os amasse a todos, cada um com as suas particularidades especiais: o melancólico Neri, o efusivo Stefano, Barduccio, o de espírito angelical, o velho e fiel Fra Santo e o volúvel Francesco Malavolti. De todos eles, entretanto, era Raimundo o único discípulo capaz de entreter com ela um colóquio espiritual, o único que, tendo atingido a idade madura, lhe oferecia o conforto de um autêntico companheirismo de almas. Fazia poucas semanas que Catarina chegara a Roma, quando o papa Urbano VI deliberou enviar ao rei Carlos de França três embaixadores encarregados de o persuadir a romper com os cismáticos. (Acontece que Carlos V fora dos primeiros a encorajar os rebeldes). Entregou a Raimundo a chefia da embaixada.

O relato das despedidas entre este último e Catarina merece ser transcrito segundo as suas próprias expressões: "Ao ter conhecimento do projecto do pontífice, comuniquei-o a Catarina. Conquanto muito lhe custasse renunciar à minha presença, aconselhou-me imediatamente a obedecer à ordem de Sua Santidade e disse-me, entre outras coisas: 'Meu pai, convencei-vos de que este papa é o verdadeiro Vigário de Jesus Cristo, a despeito das calúnias que os cismáticos espalham a seu respeito. É meu desejo que tudo arrisqueis para defender a fé católica.' Esta confirmação de uma verdade que já me era familiar veio fortalecer a minha decisão de empenhar-me a fundo na defesa do pontífice legítimo. A lembrança das palavras de Catarina confortou-me nos perigos e provações a que me vi exposto. Decidido, pois, a seguir as suas injunções, curvei-me em obediência às ordens superiores."

"Prevendo o que estava por acontecer, Catarina desejava entreter-me, nos poucos dias que precediam a minha partida, com as revelações e os encorajamentos que Nosso Senhor lhe proporcionara. Falava de maneira a que nenhum dos que estavam presentes na sala podia distinguir-lhe as palavras. Ao fim da nossa última entrevista, que durou várias horas, falou-me: 'Parte agora para trabalhar pelo teu Deus, mas acredita que nesta vida não nos tornaremos a encontrar, que nunca mais teremos outro colóquio

como êste.' Este pressentimento realizou-se. Parti, deixando-a em Roma, e ao voltar soube que já deixara a Terra pelo Céu. Nunca, antes desses breves dias, me fora concedido ouvir por tão longo espaço de tempo as suas santas palavras."

"Provavelmente, foi o desejo de fazer-me compreender tratar-se do adeus definitivo que a levou a acompanhar-me ao cais, ao soar a hora da partida. Logo que o navio se afastou, pôs-se de joelhos e orou, traçando a seguir um sinal da cruz, como que para significar: Parte sem temor, filho meu, o sinal sagrado da cruz te protege; porém não hás de rever a tua mãe em vida."

Aproximava-se a festa de Natal, o primeiro que Catarina passaria em Roma. Como presente pela data, mandou ela ao papa cinco laranjas que ela mesma se encarregara de cristalizar e embrulhara numa folha de ouro. A laranja era então fruto raro em Itália; refere a tradição ter sido São Domingos a introduzi-la no país, plantando o primeiro pé no jardim do mosteiro de Santa Sabina. A oferenda fazia-se acompanhar de um bilhete ao Santo Padre: "Com a esperança de amenizar em vós o cruel sofrimento que vos devasta o coração. Possa a causa desse sofrimento desaparecer, para que nele subsista apenas a dor secreta que é fonte de enriquecimento e vitalidade para a alma. Essa dor, que se origina do próprio amor de Deus, não é senão o remorso das nossas própria culpas."

Explica a diferença existente entre a dor amargurada e a dor suave, e conclui transmitindo ao papa a receita das laranjas cristalizadas.

Sendo excelente cozinheira, não perde também a ocasião para criar uma das suas oportunas máximas espirituais: "Estes frutos têm a princípio um sabor amargo; porém, quando a alma se dispõe a sofrer até à morte por amor a Cristo Crucificado e pela virtude, eles se tornam doces. Constantemente tenho realizado esta experiência com as laranjas, que à primeira vista nos parecem ácidas e picantes. Após lhes ter retirado a polpa e mergulhado o fruto em água fervente, desaparece o sabor amargo, depois do que o recheamos de saborosos condimentos e o envolvemos numa folha de ouro. Que resta do insuportável travo amargo? Desapareceu, por obra da água e do fogo. O mesmo sucede, Santo Padre, com a alma que se enamora da virtude. Os primeiros passos lhe são amargos, em vista da sua

imperfeição mesma; se, porém, faz uso do sublime medicamento representado pelo Sangue do Crucificado, a água da graça que esse Sangue encerra destrói esse amargor sensível que tanto nos repugna. E, já que o Sangue não se poderá jamais dissociar do fogo, por ter sido derramado graças ao fogo do amor, podemos sustentar que a água e o fogo suprimem o gosto amargo do egoísmo, e que a perseverança enche a alma de bons sentimentos, entre eles a paciência, unida ao mel da humildade que assegura o conhecimento do nosso próprio eu... Depois de recheado o fruto e pronto para ser provado, cumpre recobrir-lhe a superfície com uma folha de ouro digna do interior. Esse ouro é a maravilhosa pureza que irradia o amor, sempre que o seu ardor se manifesta pelo serviço fiel e paciente ao nosso próximo..."

Muito tempo se passara desde quando, criança ainda, no lar paterno de Fontebranda, Catarina se dirigia a Deus por brincadeira, com toda a seriedade e a convicção com que as crianças se entregam aos seus passatempos. Agora essa mulher pálida e esgotada, de corpo gasto pelas experiências místicas e por trabalhos sobre-humanos, terá entrevisto, por vezes, de relance, que continua a ser a mesma menina que brincava sob os olhos de Deus e ria-se das suas próprias invenções.

CAPÍTULO 24

Catarina escreveu a Stefano Maconi manifestando-lhe o seu desejo de vê-lo romper os laços que o retinham prisioneiro em Siena. "O sangue dos mártires admiráveis que em Roma deram a vida com tão ardente entusiasmo, - dizia - o sangue de quantos deram a vida por amor à vida, continua em ebulição e ordena, a ti e a muitos outros, comparecerem nesta cidade e aqui sofrerem pela glória e magnificência de Deus e pela Santa Igreja."

Um dos laços que retinham Stefano em Siena era, provavelmente, a enfermidade que acometera a seu irmão. Esta fora, contudo, superada e Catarina confiava em que Madonna Giovanna não tardaria a conceder a Stefano a sua permissão para "despedir-se do mundo".

Entretanto, Stefano permaneceria ainda um ano inteiro em Siena, retido pelo desvelo da sua mãe. É possível também que houvesse mudado um pouco, desde a época em que a sua única felicidade consistia em estar ao lado da sua *mamma*.

Não obstante, na correspondência que entretém com Neri di Landoccio, nunca se cansa de referir-se a essa extraordinária *mamma* e à sua nostalgia de sentar-se novamente aos pés da santa. Por intermédio dele, Catarina e os seus amigos estavam ao par do que se passava em Siena. A cidade natal de Catarina conservava-se fiel a Urbano VI, a tal ponto que Stefano receava pela integridade física de uma eventual representação do antipapa em solo sienense. Catarina, aliás, nunca descuidara de manter uma correspondência activa com os seus amigos de Siena, e permanecia em contato com a sua cidade natal através dos numerosos concidadãos que chegavam e partiam da sua residência em Roma.

A mãe viera vê-la no dia de Ano Novo de 1379. Doravante Madonna Lapa - a "família" de Catarina tratava-a por *nonna*, que quer dizer avó - continuaria ao lado da filha enquanto esta vivesse. Esse prazo foi curto.

Conquanto pululassem no Mar Tirreno os navios e as galeras dos cismáticos e dos piratas, Raimundo conseguiu chegar a Pisa são e salvo. Ali o foi encontrar a primeira carta de Catarina, na qual a santa conjura-o, em tom afectuoso, a perseverar com confiança na missão que lhe foi entregue a bem da causa do legítimo pontífice, procurando na Fonte legítima a ciência e a luz pela qual deve conformar os seus actos. Sem a iluminação do alto, arrisca-se o homem a enxergar demasiado, e realizar de menos. Para terminar, não esconde um suspiro de desalento. "Caro Pai em Cristo, não me apraz referir-me a assuntos penosos. Deixo que o meu silêncio vos faça compreender o que teria a explicar. Termino aqui. Anseio por ter-vos de volta a este jardim, de onde me ajudareis a extirpar as ervas daninhas. Que a santa e doce alegria do Senhor esteja convosco. Jesu Dolce, Jcsu Amore."

Raimundo e a sua comitiva velejaram até Génova, de lá prosseguindo viagem por terra. Chegados porém a Ventimiglia, veio-lhe ao encontro um dominicano das redondezas a fim de preveni-lo de que uma emboscada fora armada contra eles, sendo que, para Raimundo pelo menos, a sentença era de morte.

Diante disso, o grupo voltou a Génova, de onde Raimundo enviou mensageiro ao papa, em busca de novas instruções. Recebeu então ordens para permanecer em Génova e aí pregar contra os cismáticos. Catarina, entretanto, reprovou a prudência do seu confessor. "Caríssimo Pai em Jesus Cristo, - escreve-lhe - eu, Catarina, a serva e escrava dos servos de Deus, vos escrevo com o Seu Sangue precioso, animada do desejo ardente de vos ver abandonar a infância e ingressar na plena maturidade... pois a criança, cujo alimento é o leite, não se destina a lutar nas frentes de batalha: a sua aspiração é apenas brincar no meio de outras crianças. Da mesma forma, o homem empedernido no egoísmo não aspira senão degustar o leite do reconforto espiritual e temporal; como criança que é, sente-se à vontade entre os que têm as mesmas predilecções. Uma vez tornado homem, porém, vemo-lo desprezar esse egoísmo pueril. Animado de santa ambição, escolhe o pão como alimento, e rompe-o com os dentes do ódio e do amor. E tanto mais aprecia esse pão quanto mais duro e grosseiro for..."

"Depois de assim fortalecido, ei-lo agora resoluto, prudente e sensato, buscando a companhia dos fortes para juntos marcharem para o campo de

batalha. A sua única ambição é lutar pela Verdade. Sente-se feliz e, à semelhança do indómito São Paulo, orgulha-se dos revezes, desde que sofridos pela causa da Verdade..."

"Criaturas dessa espécie encontram sempre abrigo seguro nas procelas; deleitam-se com a suavidade em plena amargura... Com meios miseráveis adquirem a riqueza eterna... Entretanto, quicá por não serdes digno de combater na liça sagrada, fostes relegado à retaguarda, ou, antes, fugistes deliberadamente, feliz por Se ter Deus apiedado da vossa fraqueza... Ó maldoso Paizinho, que felicidade representaria para a vossa alma, e para a minha, se com o vosso sangue houvésseis cimentado uma única pedra do edifício da Igreja de Deus, por amor ao precioso Sangue... Oh! não tardemos em perder os nossos dentes de leite, para substituí-los pelos dentes fortes do ódio e do amor. Armados com a couraça da misericórdia, empunhemos o escudo sagrado da fé e lancemo-nos resolutamente à refrega. Tendo a cruz como mira, não cuidaremos de fugir..."

A leitura dessa carta, ao que consta, comoveu Raimundo profundamente. Temeu haver perdido a amizade de Catarina e, acima de tudo, a sua estima. À carta que remeteu à santa, esta respondeu com extensas e minuciosas considerações, acusando-se a si mesma com veemência e grande elevação de espírito. Reconhecia-se capaz de recuar também ela diante do martírio: "Se fosse perfeita a minha fé, não duvidaria de que Deus é o mesmo para mim como para esses mártires. O seu poder continua o mesmo; Ele pode e quer favorecer-me de tudo quanto necessito. Por O não saber amar, todavia, é deficiente a minha confiança. O medo físico que reconheço estar em mim prova, suficientemente, a tibieza do meu amor, e o quanto a chama de minha fé se deixa velar pela minha infidelidade pura com o Criador e por minha presunção. Reconheço que essa raiz não foi ainda totalmente extirpada da minha alma. Eis aí o que vem retardando a tarefa que Deus me confiou e me impede de atingir o magnífico objectivo com que Ele me acenou no princípio, quando me permitiu trabalhar... A vossa carta dá a entender que fostes presa de violenta luta interior. As astúcias do demónio e a vossa própria sensibilidade conjugaram-se para vos apresentar como superior às vossas forças o fardo que vos coube; eu, por meu lado, vos avaliava segundo o meu padrão pessoal..."

"Se houvésseis conservado a fé, não teríeis desanimado e nem tampouco descrido de Deus ou de mim. Como filho obediente, teríeis caminhado para a frente, sempre vos esforçando em produzir o máximo; tornando-se impraticável o caminho, de rastros vos houvéreis arrastado até à meta. Se a jornada vos era impraticável como monge, cumpria fazê-la como peregrino. Em vos faltando meios, recorreríeis à esmola. A submissão filial teria realizado, pelo êxito dessa causa, junto a Deus e no coração dos homens, mais do que toda a prudência e a reflexão deste mundo."

Mostra-se, entretanto, segura da boa vontade de Raimundo no tocante ao serviço de Deus e do Seu Vigário, o pontífice legítimo. Ela mesma, explica, não soube levar a bom termo todas as tarefas em que se empenhou - fracasso esse em parte devido à falta de zelo dos seus colaboradores, porém, acima de tudo, às suas próprias falhas. "Na angústia do desespero, verificamos que as nossas faltas para com Deus estão prestes a nos submergir sob seu peso. Vivo em agonia, e suplico ao Senhor que em Sua misericórdia me arranque deste mundo sombrio."

As notícias vindas de Nápoles eram piores do que nunca, o que fornecia a Catarina dupla razão para lamentar-se sobre o insucesso da missão de Raimundo. Embora não alimentasse grandes esperanças sobre o encontro com o rei de França, jamais deixara de confiar na Providência. Surgiu a possibilidade de uma missão na Hungria. Diante do ocorrido, porém, o papa reconsiderou a sua decisão de para ali enviar Raimundo e os seus companheiros. Nova oportunidade para Catarina de voltar às suas preocupações no tocante a Raimundo e à sua própria pessoa. Devem renunciar a tudo que não seja a causa da Santa Igreja e do papa. "Sede forte e dai a morte ao vosso eu pela espada do ódio e do amor; assim não tereis ouvidos para as afrontas e provocações de que vos cumulam os inimigos da Igreja. Nada mais parecerá impossível a vossos olhos, os quais, descerrando-se ao clarão da fé, veriam por ela aplainados todos os caminhos, mesmo se Deus nos impõe fardos aparentemente mais pesados do que podemos suportar." Para remediar a escassez de tempo, Catarina incita novamente Raimundo a abeberar-se na Fonte de onde jorram a perfeição e a sublime audácia. É o que ao muito amado filho e pai deseja a sua filha espiritual, com todo o ímpeto da sua natureza ardente.

Para ela, era como se o sangue dos mártires continuasse a ferver em Roma. Organizara a sua casa de maneira a que a "família" tivesse facilidade em visitar-lhes os santuários, principalmente no tempo da quaresma. A praxe das "estações" constituía ocasião para grandes solenidades. Diariamente partiam sacerdotes em procissão, de todas as igrejas paroquiais, em direcção a alguma outra Igreja. Destas, algumas achavam-se em estado tal que apenas um dia por ano eram franqueadas ao povo, que aí assistia a uma missa celebrada com toda a pompa.

Catarina vivia absorvida pelas suas actividades, ditando cartas, entretendo-se com toda a sorte de pessoas, e entregando-se a toda a espécie de obras de caridade. Nas suas cartas de Roma, volta a referir-se àquela "cela do exame de consciência" levantada no mais íntimo da alma por mãos que não são deste mundo. Aos amigos que a haviam tomado por guia espiritual conjura a se retirarem para essa cela e de lá não saírem, qualquer que seja a actividade a que se elevam dedicar neste mundo. Poucos santos terão levado vida tão activa como a sua. toda ela dedicada às tarefas impostas pela sua época. Entretanto, mantinha-se inabalavelmente convicta de que a mais importante missão que lhe cabia era de orar incessantemente, de sofrer com alegria e aceitar, com a humildade própria do amor, todas as tarefas de que a incumbia o seu Esposo celestial, quando com ela Se comunicava através de visões.

CAPÍTULO 25

Tudo levava a crer que o grande cisma fosse causa de nova guerra. É bem verdade que a maioria dos estados cristãos mantinham-se fiéis ao pontífice Urbano VI, enquanto o império alemão, a Hungria, a Polónia, a Noruega, a Suécia e a Dinamarca lhe reconheciam legitimidade.

Pouco tempo depois o jovem soberano de Inglaterra, Ricardo II, dava publicidade a um documento, "*Rationes Anglieorum*", que em vão desafiou a Universidade de Paris a refutar. Contudo, a situação ainda não chegara a ponto de o cisma separar em dois campos as nações, os povos e os governos, e dividir as ordens monásticas. Apenas, monarcas rivais declaravam-se isoladamente seja por Urbano, seja por Clemente. Os bispos tomavam partido, e nas ordens religiosas insinuava-se o fermento da rebeldia.

Não era a primeira vez que um cisma se produzia na Igreja; apenas, nenhum deles tivera antes a mesma importância. Anteriormente, era notório que o antipapa devia a sua eleição seja ao imperador da Alemanha ou a um determinado grupo político. A política e a força das armas davam a palavra final sobre o assunto. Na conjuntura do momento, entretanto, o problema que se propunha era de ordem exclusivamente eclesiástica. A eleição de Urbano VI era ou não legítima? Criaturas bem intencionadas, até mesmo santos, como Santa Colette, da ordem das Clarissas reformadas, ou o dominicano São Vicente Ferrer, declaravam-se favoráveis ao papa de Avinhão. É bem verdade que este último acabou reconhecendo o seu erro e negou, publicamente, a autoridade do papa de Avinhão, então Bento XIII, o antigo cardeal Pedro de Luna.

O prior da ordem dos dominicanos, Fra Elias de Tolosa, tomou partido por Clemente, e não tardou que os dominicanos que continuavam fiéis a Urbano tivessem, também eles, o seu comandante na pessoa de Raimundo de Capua. Os três cardeais italianos, refugiados em Tagliacozza, insistiam na convocação de um concílio geral, destinado a esclarecer a questão. Em seu leito de morte, em 1379, o cardeal Corsini reiterou esse pedido. Os

cardeais Borzano e Corsini, assim como Pedro de Luna, acabaram por aliar-se a Clemente.

As repúblicas toscanas, por seu lado, nem ao menos queriam tomar conhecimento do antipapa francês. Entretanto não se mostravam muito desejosas de acorrer em auxílio de Urbano pela remessa de tropas ou de dinheiro, muito embora tanto o papa como Catarina remetessem mensagens urgentes, nesse sentido, aos Conselhos e a personalidades influentes das diferentes repúblicas. Catarina bem sabia que a paz não se pode implantar pela violência, pela espada e pela efusão de sangue. Entretanto, a situação excepcional criada pelo cisma exigia o recurso a esses meios.

A 17 de abril o antipapa francês lançou uma bula pela qual cedia ao duque de Anjou a maior parte dos estados pontifícios da Itália. Tratava-se do mesmo duque de Anjou a quem Catarina visitara uma vez no seu castelo de Viileneuve-les-Avignon, a fim de convencê-lo a compartilhar do comando da cruzada projectada por Gregório XI. O antipapa ordenava-lhe tomar posse, o mais prontamente possível, de seu feudo italiano. Não foi esta a primeira nem a última vez que Clemente intentou demarcar pela espada, na Itália meridional ou septentrional, feudos destinados a monarcas que pretendia conquistar à sua causa. De cada vez instava com eles para que garantissem imediatamente a propriedade pela sua presença.

Uma tropa de mercenários, a soldo de Clemente, comandada por Louis de Montjoie, primo do antipapa, acampou na Campânia, a pequena distância de Roma. A guarnição francesa do Castelo de Santo Ângelo resistia aos romanos, que desde o outono precedente montavam cerco à fortaleza. Isso impedia o papa de se instalar no Vaticano e desfalcava sensivelmente a defesa da cidade. Certo dia, um dos oficiais de Montjoie conseguiu penetrar em Roma com um punhado de homens e tomar de assalto o Capitólio - onde uma centena de cidadãos se reunira para deliberar. Foram massacrados, e o inimigo conseguiu retirar-se antes que os romanos, apanhados de surpresa, pudessem reagir. A multidão vingou-se sobre os estrangeiros que se encontravam na cidade, provocando vasto morticínio.

Catarina sentiu-se autorizada a insistir junto aos seus concidadãos toscanos para que viessem em auxílio do pontífice, enviando-lhe dinheiro e

soldados.

O papa tornou a seu serviço o conde Alberigo di Balbiano, *condottiere* profissional, afamado pelas suas qualidades de chefe militar. O seu exército, constituído por 4.000 soldados de infantaria e outros tantos de cavalaria, era também, inegavelmente, uma tropa de mercenários, embora o seu corpo de elite fosse formado por italianos que a si mesmos se chamavam "*la Compagnia di San Giorgio*" e haviam jurado dedicar as suas vidas a rechaçar os estrangeiros do solo italiano.

O Castelo de Santo Ângelo rendeu-se aos romanos a 27 de abril. Invadida a fortaleza, os vencedores cuidaram imediatamente de demoli-la, com o que causaram decepção a Urbano VI, que contara tomar posse da mesma. Dois dias mais tarde, o conde Alberigo tomava de assalto o campo dos franceses em Marino, massacrando a maioria dos soldados e fazendo prisioneiros a Montjoie e seus oficiais. "A Santa Igreja e o papa puderam então respirar mais livremente, e a nossa Santa sentiu-se mais consolada" - escreve Raimundo. Segundo ele, foi também a instâncias de Catarina que o papa se dirigiu, descalço, de Santa Maria de Transtevere até ao Vaticano, para fixar domicílio junto ao túmulo de São Pedro. Compacta multidão, delirante de alegria, seguiu o cortejo de acção de graças. Muitos julgaram dever atribuir à virgem seráfica de Siena os méritos dessa vitória. Como Moisés na Velha Aliança, ela fizera descer do Céu a vitória do seu povo pela prece das suas mãos incessantemente erguidas para o alto.

Quatro dias mais tarde escrevia ela ao governo civil de Roma. Esta, subordinada à Santa Sé desde a época de Cola di Rienzo, seleccionava os seus próprios dirigentes, os sete gonfaloneiros, um para cada distrito da cidade, além de quatro figuras representativas encarregadas do que hoje qualificaríamos como acção social. Catarina lhes torna presente o dever de gratidão para com Deus, que preservou a cidade do perigo que a ameaçava, e, às suas habituais recomendações concernentes ao amor de si mesmo e ao amor da Vida, acrescenta uma exortação mais particular visando os pecados de ingratidão: a blasfémia, as imprecações, a calúnia e todas as formas de maledicência. Como objecto imediato de amor ao próximo, propõe a esses expoentes do poder temporal os infelizes soldados feridos em Marino. Ademais, acusa-os de ingratidão para com o senador Giovanni Cenci, a

quem acima de todos se deve a tomada do castelo de Santo Ângelo. Além de não lhe terem manifestado a menor demonstração de reconhecimento, ainda permitiram, por essa omissão, que a sua reputação fosse denegrida pelos invejosos. "Com isso estais ofendendo a Deus e vos prejudicais a vós mesmos, pois a cidade carece urgentemente de varões prudentes, sensatos e conscienciosos." Termina por recordar-lhes que, na sua qualidade de estrangeira em Roma, nenhum partidarismo preside às suas adjurações, senão apenas o interesse pelo bem geral.

Nesse mesmo dia ditou três outras missivas, uma dirigida ao conde Alberigo di Balbiano, e duas aos oficiais da Companhia de São Jorge. Nelas discorre sobre a gratidão para com Deus - que lhes permitiu a vitória - e sobre a perseverança no bom combate, como também na luta contra todos os perseguidores da Santa Igreja e do Vigário de Cristo. Dias depois Alberigo traía o papa Urbano VI. Não passava, é verdade, de um simples *condottiere*.

O verdadeiro chefe do partido de Clemente era o rei Carlos de França. O seu desejo era naturalmente restaurar em Avinhão a soberania pontifícia e ter um francês como papa, fosse ele um cismático. Catarina escreveu-lhe, na vã esperança de que sua eloquência tivesse o poder de comover esse homem a quem Raimundo alcunhara de faraó. A ela, mais que a ninguém, cabia culpar o egoísmo como fonte de todas as injustiças cometidas contra Deus e o próximo.

Quando a notícia da tomada do castelo de Santo Ângelo e da derrota do exército em Marino chegou aos ouvidos de Clemente, em Fondi, este, seguido pelos cardeais cismáticos, correu a refugiar-se em Nápoles, junto à rainha Joana. É possível que ali se encontrassem ainda quando a rainha recebeu uma mensagem de Catarina, ditada, segundo testemunho de um copista, durante um transporte de êxtase, a 6 de maio.

Nela Catarina suplica à rainha ter piedade da sua alma e do seu corpo. "De que crueldade dá prova a alma que entrega ao inimigo a espada destinada a transpassá-la. Pois os nossos inimigos não possuem armas capazes de nos atingirem, por mais que o desejem; só a nossa vontade preside aos nossos próprios crimes. Nem o demônio nem outro ser qualquer dispõem de poder para vencer essa vontade ou obrigá-la a pecar. Eis por

que a vontade criminosa que cede às tentações do inimigo entrega a este a espada destinada a ferir de morte a própria alma. Qual o mais cruel: o inimigo, ou o homem que é atingido? Somos mais cruéis que o inimigo, pois consentimos na nossa própria morte." E Catarina cita um conceito corrente no mundo medieval: "O pecado é natural ao homem; mas persistir no pecado é agir demoniacamente." Reitera a advertência: se Joana não voltar à verdadeira fé, arrisca-se a ser arrebatada bruscamente pela morte. "Não espereis pelo momento em que nenhum prazo mais vos será concedido. Não obrigueis os meus olhos a verter torrentes de lágrimas pela vossa pobre alma e pelo vosso corpo miserável."

Os napolitanos não se conformavam em ter de suportar entre eles os cismáticos franceses. Animados pelo seu arcebispo, eram partidários ardorosos de seu concidadão, o papa de Roma, e nutriam pouco entusiasmo pela rainha. Ao primeiro sinal de revolta da sua parte, Clemente e o seu séquito, tomados de pânico, embarcaram às pressas para França. Pela festa de Pentecostes do ano de 1379, aproximadamente na época em que Urbano VI tomava posse do Vaticano, o antipapa chegava ao termo de uma viagem tempestuosa e instalava-se no castelo de Avinhão. E este deveria ser, durante setenta anos, o reduto dos cismáticos.

A derrota militar dos clementistas forneceu à rainha Joana motivos para reflexão. Despachou mensageiros para o papa Urbano VI, em Roma, chamando-os porém de volta antes que tivessem obtido qualquer resultado positivo. Segundo se depreende da última carta que lhe enviou Catarina, a rainha escrevera neste período à santa para comunicar-lhe a sua intenção de se aliar ao partido de Urbano VI.

A mensagem de Catarina era, como de hábito, vasada em tom enérgico. Alude não apenas ao egoísmo que impede essa mulher viciosa de arrepender-se e invocar o auxílio da graça, mas insiste em preveni-la: as suas relações com cismáticos e hereges podem custar-lhe a vida eterna, além da vida deste mundo.

Catarina leva a sua crueldade a ponto de recordar a Joana que esta não é mais jovem. Conquanto haja governado o seu povo durante longo prazo com critério e discernimento, procurando fazê-lo viver em paz - o que não era incumbência fácil naqueles tempos -, a obstinação da rainha em opor-se

à acção da graça acarreta para o seu povo toda a sorte de dissensões e querelas. O espectáculo dos seus súbditos a se entre-devorarem como animais selvagens e a padecerem por sua culpa toda a espécie de misérias - físicas e espirituais - deveria ser de molde a confranger o coração da rainha.

A missiva foi levada a Nápoles por Neri di Landoccio, encarregado ainda de distribuir outras missivas entre as nobres damas da corte, com quem Catarina parece ter entretido relações. Numa dessas missivas, dirigida a uma dama de alta posição, cujo nome não é citado embora se trate, evidentemente, de uma amiga íntima da rainha, Catarina exorta a destinatária a usar da sua influência sobre a soberana para decidi-la a mudar de vida.

As outras cartas tratam, todas elas, de assuntos espirituais. Todavia, Catarina via na política, o resultado da nossa vida interior. Se as damas a quem se dirige levassem uma vida norteada pela verdadeira piedade, ter-se-iam inevitavelmente oposto ao cisma.

Um dos filhos espirituais de Catarina acabava de abandoná-la, e Raimundo continuava em Nápoles. O papa voltava a formar o projecto de enviá-lo como delegado junto ao rei de França. Eis porém que corre a notícia de ter-se o rei de Aragão apoderado do mensageiro enviado ao rei de Espanha por Urbano VI. Mais uma vez a coragem de Raimundo fraqueja. Catarina, porém, já então se resignara a não pretender avaliar Raimundo pelo seu padrão pessoal. Teria sido presunção demasiada. As últimas cartas que lhe dirige provam que continua a querer-lhe bem como antes. Se ele não tinha a vocação do martírio, não duvidava que Nosso Senhor lhe houvesse reservado outras tarefas na Sua seara. Catarina estava segura de que ele não trairia o Mestre.

Se bem que absorvida a esse ponto pela política, Catarina sempre encontrava tempo para escrever aos seus amigos particulares. Estas cartas representaram, indubitavelmente, precioso consolo para ela, ciente como estava de que os poderosos deste mundo só lhe ouviam as palavras na medida em que estas concordavam com os os seus próprios interesses. Em tom afectuoso entretém-se com Francesco Pippini, o alfaiate, e sua mulher, Madonna Agnese, os bons amigos que conquistara quando de sua última estada em Florença. A esta última concita a não exagerar nos seus

propósitos de desprendimento integral, exprimindo-se nestes termos: "A nossa paz está em Cristo, que Se fez intermediário entre Deus e nós. Lede o livro inefável que é a Sua palavra (o Novo Testamento) e vereis dissiparem-se as dúvidas que porventura tenham nascido em vosso espírito e no de vosso marido, em seguida à leitura de algumas obras pias da actualidade. Se tais livros contêm algo de contrário à doutrina da Igreja e ao ensinamento dos santos, abandonai-os." A Ristori Canigiani, irmão do seu "filho mais novo", Barduccio, indica a maneira de servir a Deus no estado e na situação em que Ele o colocara neste mundo, a saber, como esposo, pai e chefe de numerosa família. Neste sentido Catarina apresenta-lhe alguns conselhos práticos, em tom afectuoso.

Nunca deixou, evidentemente, de manter activa correspondência com Stefano Maconi e com Neri, ausentes a serviço do papa e da própria Catarina. E quando, no outono de 1379, Andrea de Vanni - o pintor que traçara de Catarina adolescente um esboço numa coluna da igreja dos dominicanos - foi escolhido para *Capitano del Popolo de Siena*, Catarina dirige-lhe longa missiva em que exprime o seu desejo de ver esse amigo comportar-se como chefe bondoso e justo. Desse mesmo outono data ainda, provavelmente, uma segunda epístola a Andrea de Vanni,

CAPÍTULO 26

Em janeiro de 1380, Catarina instalava-se numa casa pouco maior do que a anterior, situada próximo a Santa Maria Sopra Minerva, na rua que hoje ostenta o nome de Via di Santa Chiara.

Confia a Neri a sua esperança de voltar a Siena para a Páscoa. Talvez porém tivesse já o pressentimento de não ver realizado esse anseio. "Foi por vós, Senhor da Eternidade, meu Deus, que aprendi a conhecer a minha própria natureza" - murmurava, numa das orações que os seus discípulos transcreveram, de acordo com o que dizia nos seus êxtases. "A minha natureza é de fogo!"

O fogo estava quase extinto. Essa mulher de trinta e três anos estava consumida a ponto de não se lhe notar mais que a pele sobre os ossos. Madonna Lapa assegurava que, além de parecer uma sombra, em razão do seu estado de fraqueza extrema, Catarina diminuía inclusive de estatura. Aquele coração de mãe provavelmente sangrava à lembrança da moça bonita e saudável de outrora. O único alimento de Catarina era, na ocasião, o Sacramento do Altar. Já não podia deglutir o que quer que fosse, nem mesmo um gole de água, embora o seu hálito queimasse como o fogo de um braseiro. Esse fogo lançaria ainda um derradeiro clarão, após o que a alma, tendo esgotado a resistência do corpo, alçaria vôo para unir-se ao "Amor que faz moverem-se o sol e as estrelas".

A agonia de Catarina começou quando os romanos, em princípios de janeiro, se revoltaram contra o papa e o ameaçaram de morte. Aniquilada pelo golpe, nada pôde fazer senão rezar, suplicando ao Esposo celestial que não permitisse a perpetração de tão grande crime. Enquanto orava, uma visão interior mostrava-lhe a cidade povoada de demónios que tentavam levar o povo ao parricídio. Estes gritavam-lhe: "Mulher maldita, se ousares enfrentar-nos, estejas certa da morte cruel que te reservaremos!"

Sem retrucar, a santa prosseguiu orando pelo povo e pelo papa. Ao fim de alguns dias teve outra visão, e sou-lhe aos ouvidos da alma a resposta do Mestre: "Deixa esse povo que diariamente espezinha o Meu nome

cometer o crime; após o que Eu Me vingarei destruindo-o, pois a Minha justiça já não pode tolerar tais infâmias."

"Ó Senhor, dispensador de graças, - respondia Catarina - Tu sabes que o mundo quase inteiro investe hoje cheio de ódio contra a Esposa que resgataste com o Teu precioso Sangue, sabes também o quanto é diminuto o número dos que a defendem e sustentam. Não podes ignorar portanto como estão ansiosos usurpadores e os inimigos da Igreja por derrubar o Teu Vigário e eliminá-lo. Se tal desgraça ocorresse, não apenas esse povo mas toda a Cristandade lhe sofreria as desastrosas consequências. Afasta de nós a Tua ira, não desprezes o povo que por preço tão alto resgataste."

Dias e noites decorreram assim. Catarina implorava ao Senhor, com todas as suas forças, que tivesse compaixão do povo. E o Senhor negava-Se a atender as suas preces, por espírito de justiça.

Os demónios continuavam a investir furiosamente contra a santa. Esta rezava com tal intensidade que o seu corpo estava à beira do colapso total. Mas o Senhor sustentou-a com a Sua força.

Segundo as cartas que Catarina dirigiu n Raimundo no correr desses dias, parece que os seus transportes visuais e auditivos eram então puramente intelectuais, não se manifestando em imagens sensíveis ou em impressões auditivas concretas. Finalmente, porém, a sua intercessão triunfava. Eis como respondera ao Esposo: "Uma vez que é impossível à Tua justiça deixar de realizar-se, faz padecer ao meu corpo o castigo destinado a esse povo. Senhor, ouve a súplica da Tua serva. Estou pronta a beber a taça do sofrimento e da morte, pela glória de Teu nome e pela Tua Igreja. Foi, em realidade, do meu ardente desejo de abeberar-me nessa taça que nasceu o amor que o meu coração e a minha alma conceberam por Ti."

Depois desta oração, proferida em espírito, a voz do Senhor deixou de fazer-se ouvir na alma da santa. Mas a paz e a calma que lhe enchiam a alma provavam que fora atendida a sua súplica.

A partir de então a agitação decresceu na cidade, a ponto de deixá-la quase completamente tranquila.

Essa luta espiritual devastara a um grau extremo o corpo de Catarina. Quando se estendia sobre o catre para repousar, dir-se-ia que estava morta. Os seus filhos dispersavam-se, tendo abandonado a esperança de conservar ainda algum tempo entre eles a mãe muito querida. Esta, não obstante, cada manhã levantava-se e fazia a pé o percurso entre a sua casa e a igreja de São Pedro. A única concessão que fazia ao corpo era atrasar para a hora terça - cerca das nove horas - a missa que diariamente era celebrada no seu altar particular.

Durante as Vésperas permanecia em oração junto ao túmulo do Apóstolo, após o que voltava para casa e deixava-se cair sobre a cama de tábuas, incapaz de um movimento.

À entrada da antiga basílica de São Pedro encontrava-se um mosaico de Giotto, "*la Navicella*" (a nau de São Pedro). Catarina deve tê-lo visto centenas de vezes, ora com interesse, ora sem lhe prestar atenção. Entretanto, quando teve a visão que lhe garantia ter o Esposo celestial consentido no sacrifício da sua vida, a impressão desse mosaico terá certamente contribuído para precisar a imagem sensível da sua visão.

O domingo da sexagésima caiu a 29 de janeiro. Catarina estava de joelhos nessa mesma igreja de São Pedro. Durante horas a fio estivera prostrada e imóvel. Repentinamente, ao soarem as Vésperas, os amigos viram-na tombar, como se uma carga demasiado pesada lhe houvesse sido imposta aos ombros, esmagando o corpo sob o seu peso. Quando quiseram ajudá-la a erguer-se, parecia fraca demais para se ter de pé. Apoiada aos ombros de dois dos seus filhos, arrastou-se até sua casa, praticamente carregada por eles. Ao ser estendida no leito, parecia agonizar.

Segundo o testemunho de Tommaso Caffarini, confirmado por William Fleete, aproximando-se a hora das Vésperas daquela escura tarde de inverno, Catarina sentiu que Jesus Cristo apoiava sobre os frágeis ombros da Sua fiel esposa todo o peso da sua Igreja, representado por *la Navicella*.

A dor que a arrazava era, no entanto, de uma suavidade inefável. Ela lhe anunciava que Jesus Cristo aceitava o sacrifício que, em seu ardor apaixonado, ela lhe oferecia. Outrossim, anunciava-lhe que Ele viria buscá-

la para conduzi-la, além deste "mundo de trevas", até o país dos seus sonhos, o país da eterna comunhão com Ele.

Durante a noite ditou uma carta ao papa Urbano VI. Aproveitando uma pausa, em meio a estarrecedoras experiências espirituais - visões do esplendor da divindade e do poder assustador de Satanás - e de terríveis sofrimentos corporais e espirituais, remetia uma última e breve mensagem ao homem cujas virtudes e fraquezas constatara sem ilusões, mas que persistia em acreditar encarregado por Deus da mais alta e mais importante missão deste mundo. Essa missiva, mistura de afeição filial e inquietos pressentimentos quanto ao carácter do pontífice, é excepcionalmente clara e precisa. Desta vez, já não se qualifica a si mesma de "serva e escrava do servo de Deus", mas simplesmente de "filha indigna de um pai muito amado e santo". Exprime o seu desejo de vê-lo seguir os passos do bem-aventurado São Gregório, a fim de que, esclarecido pela luz Ruave da Verdade, possa conduzir com sabedoria o seu rebanho, sem ser jamais obrigado a retratar-se de qualquer gesto ou prescrição. Tendo chegado ao seu conhecimento a má acolhida dispensada pelo prefeito de Roma aos representantes do papa, aconselha este a promover uma reunião entre os encarregados do comando das sete zonas da cidade e algumas outras autoridades civis.

"Suplico-vos, Santo Padre, - acrescenta - que continueis a acolhê-los com benignidade, como o tendes feito até aqui, conservando a prudência e unindo-vos a eles pelos laços do amor. Se vierem a vós para comunicar resoluções já tomadas, recebei-os em espírito amistoso e explicai-lhes o que Vossa Santidade julgar essencial. Perdoai-me se minha devoção filial me obriga a dizer o que mais teria valido calar, mas julgo necessário que tomeis conhecimento da verdadeira natureza dos romanos, vossos súbditos, a quem cativareis mais facilmente pela bondade do que pela rispidez e pela violência. Não ignorais, também, ser de capital importância para vós e para a Santa Igreja manter a obediência e a fidelidade desse povo a Vossa Santidade."

"Suplico-vos, outrossim, que não vos empenheis em compromissos que não estejais seguro de poder cumprir, a fim de evitar o desgosto e a vergonha de uma retratação. Pai muito amado e santo, permiti que assim

vos fale livremente. Espero que a vossa modéstia e bondade vos incitarão a acolher sem cólera e sem desprezo as palavras de uma humilde mulher. Aquele que professa a verdadeira humildade não se deixa deter pela pessoa que lhe fala, porém além dela divisa a glória de Deus, a verdade e a sua própria salvação eterna."

Concluindo, Catarina menciona um incidente ocorrido em Siena durante a permanência dos emissários do papa naquela cidade, o qual teria sido causa de grande escândalo. Ignora-se qual fosse esse incidente. Catarina desaconselha medidas de repressão que só fariam irritar os espíritos já vacilantes. "Tende em mente que a Itália foi suficientemente devastada pelos maus dirigentes, que se serviram de métodos nefastos para a Igreja de Deus, e que esse crime permanece sem expiação. Haja por bem Vossa Santidade adoptar as medidas cabíveis na circunstância. Exorto-vos à coragem, pois Deus não desprezará o vosso justo zelo e nem tampouco as preces dos vossos servidores. Nada mais me cabe acrescentar. Humildemente imploro a vossa bênção. Jesu Dolce, Jesu Amore."

Tencionara escrever igualmente aos três cardeais, mas o sofrimento que de momento a momento se agravava impediu-a de fazê-lo. Pouco adiante, os demónios voltaram a atacá-la com desmedido furor. Como ousara uma miserável criatura arrebatá-lhes o que por tanto tempo fora propriedade sua, inclusive no seio da Igreja? Aos padecimentos físicos veio somar-se uma angústia, a tal ponto intensa, que Catarina procurou escapar da cela para refugiar-se no oratório. Tal como na época da sua juventude, quando já se fazia sentir a perseguição desses mesmos demónios, continuava a acreditar ser a sua cela o local onde era maior o poder dos espíritos do mal sobre ela.

Ergueu-se a custo, mas viu-se impossibilitada de caminhar. Apoiou-se ao ombro do seu "filho" Barduccio, o que não impediu que caísse e, uma vez estirada no solo, tudo indicava que a alma se houvesse libertado definitivamente do envólucro corporal. Assim não sucedera, contudo; tal como no dia em que a alma escapara da sua prisão de carne e sangue para provar um antegozo da beatitude, voltava a ter a impressão de que o corpo não pertencia mais a ela, e sim a um estranho. Ante o desespero estampado no rosto do rapaz debruçado sobre ela, pretendeu confortá-lo com palavras

carinhosas, verificando porém que tampouco a língua lhe obedecia. Era como se a vida lhe houvesse desertado do corpo. Deixou-se pois ficar onde estava, e concentrou o espírito sobre o mistério da Trindade. Pelo espelho da sua memória desfilaram as lembranças das provações e necessidades da Igreja, bem como dos sofrimentos de toda a Cristandade. Ergueu o coração para Deus, suplicando-Lhe com confiança socorrê-los naquela hora de angústia de que ela compartilhava. Orou também para cada um dos seus filhos espirituais. Os demónios bateram em retirada, e a voz do Cordeiro de Deus fez-sc ouvir em sua alma:

"Estejas certa de que atenderei a todos os pedidos dos Meus servidores. Quero que compreendas que Eu sou um bom senhor. Faço como o oleiro, que destrói os seus vasos para reenformá-los. Por isso destruí o vaso de teu corpo: para reformá-lo no jardim da Santa Igreja. Dar-lhe-ei forma diversa da que teve até aqui." E assim fez o divino oleiro, aniquilando-lhe o corpo por obra da Sua graça, enquanto lhe dizia palavras que a ninguém, nem mesmo a Raimundo, pôde repetir.

Catarina voltou a respirar. Dir-se-ia que o corpo retornava à vida. Contudo, apenas instalada num quarto do rés-do-chão, foi novamente acometida de violenta crise de desespero. O aposento parecia-lhe infestado de demónios, contra os quais devia empenhar-se no mais renhido dos combates que já enfrentara em toda a sua vida. Os demónios intentavam fazê-la acreditar ter o corpo possuído por um espírito impuro. Catarina não fugiu à luta, mas não cessava de repetir intimamente: "*Deus in adiutorium meum festina*" - palavras do seu livro de horas pelas quais tivera sempre especial predileção.

A tempestade durou dois dias. Mas o amor de Catarina pelo seu Deus não foi abalado.

Na última carta que escreve a seu amigo Fra Raimundo, em meados do mês de fevereiro, Catarina descreve a experiência por que passou. Tinha a certeza de se estar despedindo. Morria pelo amor a Deus e à Igreja, de que a sua alma transborda.

Inquieta-se pela sorte dos amigos. Confia a Raimundo o quanto se preocupa com ele, que a Virgem Maria lhe entregou como pai e como filho.

Concita-o a abrir mão de todas as considerações pessoais e a dedicar-se integralmente ao serviço da nau da Igreja. "Sede prudente em todas as circunstâncias. Isolai-vos na vossa cela interior, onde o inimigo não tem poder sobre vós."

É preciso que Raimundo seja um exemplo para os demais sacerdotes. A pobreza voluntária em que sempre viveu, a sua generosidade e a sua bondade para com os pobres não devem cessar de renovar-se, inspirando-se sem cessar na humildade. "Amai a mesa da cruz e alimentai-vos do pão da alma, sem deixar de velar e de orar. Rezai diariamente a missa, sempre que não vos seja absolutamente impossível fazê-lo. Fugi da vaidade dos discursos vãos. Rejeitai para bem longe a vossa pusilanimidade e os vossos temores servis, pois a Santa Igreja despreza os servidores sem fibra."

Conclui por um adeus afectuoso, no qual exprime todo o seu amor pela alma do amigo, e sua esperança de vê-lo permanecer qual um círio ardendo em alto candelabro. Que ele não procure fugir à perseguição, antes faça prova de verdadeira coragem cristã. Finalmente, numa espécie de *post-scriptum*, roga ao seu antigo confessor que lhe perdoe todas as faltas: a desobediência, a ingratidão, a falta de respeito e, inclusive, esta própria carta, se houver constituído motivo de desgosto. Diz-lhe que não se aflija por ficar separado dela, enquanto lhes for possível rezar um pelo outro. Deixa-o encarregado de ocupar-se de todos os seus documentos escritos e de orar por ela, convidando outros a fazerem o mesmo.

A missiva devia terminar aí, quando bruscamente Catarina teve a inspiração de acrescentar algo. No dia seguinte, incluiu algumas páginas suplementares com referência aos seus temores acerca do papa Urbano VI. Raimundo era dos poucos a quem podia falar com liberdade.

Dir-se-ia que se sentia de algum modo forçada a insistir sobre o tema da sua impaciência em sentir-se cada vez mais próxima da Santíssima Trindade, e a discorrer sobre o seu amor incomensurável e os seus receios por essa Igreja visível que em breve deixaria e onde abundavam os desmandos e o número de maus servidores.

Cristo falara à alma de Catarina sobre o papa Urbano VI. "Permiti-lhe purificar a Igreja por meios violentos, dos quais se serve através do temor

que inspira aos seus súbditos. Outros porém me servirão sob o signo do amor... Urbano VI será, para a Minha Esposa, o mesmo que o temor representa para a alma, pois é ele o primeiro veículo a purificar esta dos seus vícios. Segue-se então o amor, para enriquecê-la e orná-la... Dirás ao Meu vigário o quanto deve esforçar-se por abrandar o seu temperamento e dispor-se a entrar em acordo com os que se apresentarem com disposições pacíficas. Aos cardeais dirás, da Minha parte, que, se desejam sinceramente reparar o que foi destruído, devem unir-se estreitamente - a fim de formar como que um manto destinado a esconder as faltas do seu Pai."

Nunca até então se vira Catarina tão intimamente envolvida no mistério divino. O facto transtornou-a a ponto de impedi-la de erguer-se para se dirigir ao seu oratório particular. Novamente teve a premonição da morte iminente e, enquanto sofria nova e feroz investida dos espíritos do mal, o desejo ardia nela como uma chama e fazia-a clamar ao Esposo: "Ó Deus eterno, recebe a minha vida em sacrifício pela Igreja, que é o Teu corpo místico. Nada tenho a Te ofertar que não me tenha sido doado por Ti. Toma o meu coração e aperta-o contra o rosto da Tua Esposa, a Igreja." O Senhor olhou-a com misericórdia, e, tomando-lhe o coração, atendeu-lhe a súplica.

Dividida entre uma felicidade que jamais ousara entrever e o furioso embate dos espíritos malignos, Catarina exclama: "Rendamos graças ao Altíssimo, ao Senhor eterno que determinou a nossa posição no campo de batalha. A nossa vitória é a do poder que derrotou o demónio, senhor da humanidade.. Não foram os nossos sofrimentos físicos, e ainda menos as virtudes humanas, a recolher a glória deste triunfo. Oh, sim, o demónio foi vencido, e sê-lo-á sempre, pelo fogo da incomensurável misericórdia divina."

A mensagem é cortada abruptamente, sem as habituais saudações de despedida. Nem ao menos ali se encontram as palavras que lhe serviam por assim dizer de rubrica - "Jesu Dolce, Jesu Amore."

CAPÍTULO 27

Em obediência à voz que lhe falara na visão, Catarina levantava-se diariamente de madrugada para assistir à missa no seu oratório particular. Logo após a comunhão, os amigos eram obrigados a carregá-la de volta ao leito, de onde voltava entretanto a erguer-se, horas mais tarde, para cumprir a pé o trajecto até a igreja de São Pedro. Dir-se-ia que uma força sobrenatural lhe sustentava o corpo esgotado; o seu passo era leve e rápido, tal como no tempo em que circulava na sua cidade natal atendendo a inúmeras obras de caridade. Hoje Deus a encarregara de cumprir uma missão que as palavras eram impotentes para a descrever à sua família espiritual. Maravilhados e confusos, os discípulos percebiam apenas que a sua *mamna* fora escolhida para uma obra de santidade. Sentiam que, através dos sofrimentos físicos e espirituais, ela "realizava na sua carne os padecimentos de Cristo", segundo a palavra do Apóstolo São Paulo.

Este escrevia aos coríntios: "É verdade que os sofrimentos de Cristo se multiplicam em nós", acrescentando porém: "por Cristo multiplicam-se também as nossas fontes de consolo." Dos místicos que comprovaram a veracidade de tais expressões, nenhum encontrou jamais, para referir-se às trevas do espírito e ao esplendor deslumbrante da comunhão com Deus, senão os símbolos extraídos do nosso próprio universo, e todos são unânimes em lamentar a precariedade dessas imagens.

De volta a casa, à noite, Catarina deixava-se cair sobre o leito de tábuas e parecia incapaz de voltar a dar outros sinais de vida. A sua família espiritual, reunida em torno dela, perdia-se em angustiosas cogitações sobre o prazo que lhe sobrava de vida. A situação anormal prolongou-se até o terceiro dia da quaresma. De então em diante, Catarina não mais abandonou o leito; mal podia mover a cabeça e as mãos. Não tardou que a paralisia a acometesse dos pés até a cintura.

Secretamente alarmados, os amigos percebiam que o seu corpo parecia ocasionalmente espancado por mãos invisíveis. A enferma explicou-lhes tratar-se de torturas físicas, se bem que não naturais. "Deus permite aos demónios atormentarem-me dessa forma" - dizia-lhes.

A propósito dos últimos dias da vida de Catarina, comenta Tommaso Caffarini: "Tudo suportava com espírito forte e serena alegria. Dir-se-ia não ser ela a sofrer. E com tanta suavidade e graça nos falava que não podíamos conter a nossa admiração. Para louvar-lhe a paciência, todos os encômios seriam descabidos. Jamais ninguém ouviu a menor queixa escapar dos seus lábios bem-aventurados. Dos seus sofrimentos dizia que não eram insuportáveis. Nunca a ouvimos pronunciar uma palavra inútil; ocupava-se exclusivamente da glória de Deus, da alegria que lhe causava a salvação das almas e do seu amor pelo próximo. E, conquanto suportasse padecimentos físicos que excedem qualquer descrição, a sua fisionomia mantinha a expressão serena e piedosa de um anjo."

No domingo da semana da Paixão, chegava a Roma Fra Bartolommeo de Dominici, então prior do mosteiro de Siena. Vinha cuidar de assuntos referentes ao seu convento, mas o seu primeiro gesto foi procurar Catarina.

O espectáculo com que defrontou de imprevisto foi para ele um rude golpe. A santa estava estirada no seu leito de tábuas, cercado agora por uma espécie de moldura, que lhe conferia aspecto de esquife. Catarina como que diminuía de volume, assemelhando-se a um cadáver ressecado; o próprio rosto, onde nada transparecia do antigo encanto, adquirira uma tonalidade sombria. Fra Bartolommeo ignorava que Catarina estivesse doente. Evidentemente sabia que a sua saúde, submetida a perpétuas oscilações entre a mais completa prostração e uma exuberante vitalidade, permanecia um mistério para quantos com ela privavam. Agora, porém, defrontava-se com uma moribunda. Desolado e banhado em pranto, exclamou: "Mãe, como está?" Impossibilitada de falar, Catarina demonstrou por gestos quanto se sentia feliz em revê-lo. E quando ele se debruçou sobre o leito, murmurou-lhe ao ouvido que, pela graça do Senhor, sentia-se muito bem.

Bartolommeo manifestou desejo de celebrar ali a missa de Páscoa do dia seguinte, que coincidia com o trigésimo terceiro aniversário da santa. A resposta veio num murmúrio: "Sim, se o meu doce Salvador permitir que eu O receba."

Na manhã imediata o sacerdote voltou para cumprir o prometido. Após ter confessado Catarina, ordenou-lhe como penitência que implorasse a Deus que lhe desse a força necessária para O receber nessa grande festa. O

altar foi preparado junto ao leito, e Fra Bartolommeo deu início ao sacrifício. Catarina permaneceu estendida e imóvel até que o monge houvesse comungado.

Ergueu-se então, subitamente, percorrendo sem qualquer auxílio a pequena distância que a separava do altar, ali se ajoelhando, de olhos cerrados. Tendo recebido o corpo do Senhor, manteve-se por longo tempo imóvel, sempre de joelhos, imersa em profundo êxtase. Ao recobrar o conhecimento, porém, os amigos tiveram de transportá-la para o leito, onde tornou a ficar completamente inerte.

Durante a permanência de Fra Bartolommeo em Roma, Catarina teve entretanto ocasião de falar-lhe algumas vezes. Confiou-lhe como Deus permitia o seu sofrimento a fim de fazer reinar a paz na sua Igreja. "Sofro com alegria e de boa vontade morrerei pelo resgate da Igreja" - declarou.

Uma vez resolvidos os assuntos de que viera tratar, Fra Bartolommeo não se mostrava disposto a regressar. Como abandonar Catarina tão gravemente enferma? Esta porém falou-lhe:

"Meu filho, sabes bem o conforto que representa para mim a presença a meu lado dos filhos que Deus me deu. Muito me alegraria ter também aqui Fra Raimundo. Porém a vontade de Deus determina que eu seja privada de ambos; seja feita a Sua vontade e não a minha." Segundo confiou a Fra Bartolommeo, Catarina sabia que Raimundo seria em breve eleito superior geral da ordem, em vista do que concitou Bartolommeo a apoiá-lo em todas as circunstâncias, prestando-lhe obediência e fidelidade constantes. Quando este último lhe implorou que pedisse a Deus que lhe devolvesse a saúde, ela prometeu fazê-lo. De facto, na manhã seguinte, quando o monge se apresentou para despedir-se, achou-a ligeiramente melhor. Foi mesmo capaz de erguer o braço e abraçar o pupilo. Este seria, porém, um gesto de adeus.

A narrativa de Fra Bartolommeo, de regresso a Siena, foi, talvez a responsável pelo gesto de Stefano Maconi, acorrendo para junto do leito de morte da sua *mamma*. Entretanto, a História refere ter ele sido informado do estado de Catarina através de uma revelação sobrenatural, enquanto imerso em oração na capela do hospital della Scala. Privada assim em seu leito de morte dos seus dois discípulos amados, Catarina recuperava entretanto

Stefano, o leal e talentoso rapaz por quem sempre nutrira afeição toda especial. Voltou a dedicar-se exclusivamente a ela, redigindo as poucas cartas que conseguiu ainda ditar, e ouvindo-a com dedicação cheia de zelo.

Messer Tommaso Petra, protonotário do papa, conhecera Catarina em Avinhão, e voltava a entrar em contacto com ela quando da sua visita a Roma. Num daqueles dias de abril foi encontrar a santa estendida no seu leito de tábuas, no pequeno oratório onde, sobre um altar portátil, era rezada missa em sua intenção.

"*Mamma*, o vosso Esposo celestial parece reclamar a vossa presença. Não desejaríeis acaso fazer um testamento e ditar as vossas últimas vontades?"

Catarina ficou visivelmente estupefacta. Respondeu que, sendo uma pobre mulher sem nada de seu, não saberia o que legar. Ao que Messer Tommaso retrucou tratar-se de um testamento espiritual, de conselhos, podendo servir de norma de vida para os seus discípulos, depois que ela mesma houvesse deixado este mundo.

Catarina replicou então que de bom grado executaria a tarefa, se para tanto Deus lhe desse forças.

Foi indubitavelmente Messer Tommaso, o velho protonotário, o encarregado de redigir, em presença da família de Catarina, esse testamento espiritual, espécie de resumo de tudo o que a santa tentava havia muitos anos ensinar aos seus pupilos.

Desde a mais tenra juventude, fora dado à virgem sienense compreender que a alma realmente desejosa de consagrar-se a Deus e n'Ele integrar-se definitivamente deve, antes de mais nada, extirpar de si mesma toda a espécie de amor carnal pelas criaturas e pela criação, não amando senão Deus e a todas as coisas através d'Ele. Isso podia implicar seguir a trilha do sofrimento, pois para aceitar tal norma de conduta é preciso deixar-se deslumbrar pela luz ofuscante da fé, que empana os valores temporais e sensíveis.

Catarina tinha a convicção de que nada podia acontecer à criatura senão por determinação expressa de Deus. É o Seu amor incomensurável, e não o ódio, que preside a tudo neste mundo. Eis porque sempre se esforçou por obedecer a Deus, e àqueles a quem Ele conferiu autoridade sobre ela, pois jamais duvidou que o que estes lhe recomendavam fazer fosse necessário à salvação da sua alma e ao aperfeiçoamento da sua virtude. O alfa e ómega da perfeição acham-se encerrados na oração - oração dos lábios nas horas determinadas e oração interior incessante, demonstração de nosso reconhecimento perene da bondade de Deus para conosco.

Catarina recorda aos discípulos que não devem fazer juízos temerários ou murmurar sobre o próximo. Embora os vejamos cometer o que sabemos serem infracções graves, reservemos entretanto a Deus o encargo de julgá-los. Oremos por eles com fervor, em espírito de humildade e de compaixão.

Recorda aos amigos a palavra do Senhor tal como é citada por São João: "Amái-vos uns aos outros. É este o sinal pelo qual os homens reconhecerão em vós Meus discípulos." Evoca a reforma da Igreja, pela qual há sete anos vem lutando. E agradece a Deus que, em Sua misericórdia, permitiu que os demónios a tentassem, como permitiu outrora que fosse tentado Job.

Hoje sentia que o Bem-Amado não tardaria a libertar-lhe a alma, fazendo-a sair da sua obscura prisão para que pudesse regressar ao seu Criador. Todavia, se o Senhor decidisse fazê-la trabalhar ainda para Ele nesta Terra, abençoada fosse a Sua vontade! Sabia, contudo, que o seu fim se aproximava. Pedia aos discípulos queridos não chorassem a sua morte, não perdessem o ânimo, antes se rejubilhassem por verem terminados os seus sofrimentos, e ela mesma transportada para o oceano de paz que é o Senhor da Eternidade. "Prometo estar sempre convosco. Muito mais útil vos serei na eternidade do que até agora o fui neste mundo, pois terei deixado para trás as trevas e estarei vivendo na luz eterna."

Para cada um em particular traçou um plano para o futuro. Alessia ficaria sendo mãe e superiora das suas irmãs mantelatas, enquanto Raimundo teria a missão de chefe e guia dos seus filhos.

Chamou a estes, um por um, junto ao seu leito, e aconselhou-os individualmente, indicando-lhes o rumo a tomar - uns para ordens

monásticas, outros como sacerdotes ou eremitas. Destinou Stefano Maconi para a ordem dos cartuxos, Francesco Malavolti aos olivetanos, Neri di Landoccio à vida solitária. A Messer Cristofano di Gano Guidini, o protonotário, sugeriu se fizesse enfermeiro no hospital de Santa Maria della Scala.

A toda a família reunida pediu que fosse perdoada por não se ter comportado como modelo perfeito e não ter intercedido por eles com a constância que fora de desejar. Implorou-lhes ainda lhe perdoassem os tormentos e provações que porventura houvessem suportado por sua culpa. "Afirmo diante de Deus sempre ter desejado, do mais íntimo da minha alma, que alcançásseis a salvação e chegásseis a ser perfeitos." Todos desfilaram, chorando, para dela receber a bênção, em nome do Senhor.

Viveu ainda até 29 de abril, o domingo antes da Ascensão. Algumas horas antes de despontar a aurora, perceberam os que a rodeavam que ela entrava em agonia. Imediatamente foram convocados os demais pensionistas e, ao vê-los todos reunidos, a moribunda manifestou por gestos o seu desejo de receber a absolvição pontifícia "*in articulo mortis*".

Esta lhe foi ministrada por Fra Giovanni Tancucci. Já então, apenas um leve sopro denotava que ainda vivia. Foi o cura de Santo Antimo, o mesmo cuja defesa tomara outrora no Grande Conselho de Siena, quem lhe administrou a Extrema-Unção.

Pouco depois, entretanto, a santa, aparentemente desfalecida, voltou a agitar-se; alçava incessantemente o braço direito e deixava-o cair sobre a coberta, repetindo: "*Peccavi, Domine, miserere mei.*" Parecia àqueles que a cercavam estar empenhada em luta contra demónios horríveis. A sua fisionomia ensombreceu-se; movia a cabeça angustiosamente, como para escapar a um perigo iminente. Murmurava sem cessar: "*Deus in adjutorium meum intende.*" Repentinamente, exclamou com santa indignação: "A minha própria glória? Nunca! Apenas a glória de Cristo Crucificado."

Travara o derradeiro combate, do qual saía vitoriosa. Aqueles que não desfitavam dela o olhar viram o seu rosto exangue iluminar-se de uma alegria radiosa. Os olhos, semicerrados, brilhavam como duas estrelas. A um tempo perturbados e exultantes, julgaram por momento que Deus

voltara a fazer um milagre e lhes restituía a sua *mamma*. A virgem seráfica sorria. "Bendito seja o Senhor muito amado."

Alessia apoiou contra o peito a cabeça de Catarina. Mas esta já fora dominada pela agitação que precede a morte. Por meio de sinais, pediu que a ajudassem a sentar-se. Alessia tomou o corpo emaciado e colocou-o sobre os joelhos, como se se tratasse de uma criança. Os discípulos armaram o altar portátil ornado de imagens sagradas e de relíquias, uma das quais oferecida por um cardeal. Catarina tinha o olhar pregado no crucifixo colocado ao centro, e diante da imagem do Salvador confessou-se pela última vez.

Voltou a exaltar a misericórdia de Deus e acusou-se da sua tibieza e ingratidão. "Tu me distinguiste elegendo-me por esposa quando eu era pouco mais que uma criança, mas não fui fiel para Contigo. Não busquei a Tua glória com o zelo que devia. Não tive sempre presente a lembrança de todas as graças de que cumulaste a minha humilde pessoa; a minha alma deixou-se não raro ocupar de sentimentos diferentes e indignos."

Insistiu em recriminar-se a si mesma, acusando-se de ter faltado aos seus deveres em relação às almas cuja orientação o Senhor lhe confiara. "Tu me entregaste tantos filhos e filhas de Tua predileção, incumbindo-me de amá-los com particular afecto, e de conduzi-los até à Tua presença pelos caminhos da vida. Entretanto, não fui para eles senão um espelho das fraquezas humanas; em mim não viram o exemplo que me incumbiste de ser, e as minhas orações perseverantes não tiveram poder para levá-los até junto de Ti." ("Estas as acusações que a si mesma fazia essa pomba imaculada" - comentam Barduccio e Tommaso Caffarini). Voltando-se para o sacerdote, tornou a solicitar-lhe a absolvição de todos os pecados que confessara e dos que porventura houvesse esquecido. E pela segunda vez recebeu a absolvição pontifícia.

Prosseguiu no colóquio com o crucifixo, mas só os que se encontravam muito próximos conseguiram distinguir algumas das suas palavras. Barduccio e Canigiani, que fez o relato da morte da santa em carta endereçada a uma religiosa de Florença, declara ter sido obrigado a colar o ouvido aos seus lábios a fim de perceber as derradeiras palavras que o seu carinho maternal lhe inspirou.

A velha Lapa, a muito querida *nonna* de todos os assistentes, estava presente à cabeceira da filha. Catarina pediu-lhe, humilde e respeitosamente, que a abençoasse. A pobre Lapa procurou remediar um pouco a sua imensa dor, suplicando por sua vez a Catarina que a abençoasse e lhe alcançasse de Deus a graça de não O ofender excessivamente pelo seu desespero por demais violento.

Até ao último instante Catarina orou pela Igreja, pelo papa Urbano VI, pela sua família espiritual. A ternura de que impregnava a sua oração emocionava todos os presentes; as suas palavras, acreditavam, teriam comovido as pedras. "Bem-Amado, Tu me chamaste, aqui me tens. Apresento-me despida de qualquer mérito, assistida apenas pela Tua misericórdia e pelo poder do Teu Sangue." Fez o sinal da cruz e exclamou: "O Sangue, o Sangue" - após o que, inclinando a cabeça, murmurou: "Pai, em Vossas mãos entrego o meu espírito." Tendo proferido estas palavras, entregou a alma a Deus. A sua fisionomia era bela como a de um anjo, e irradiava amor e felicidade.

Era meio-dia de 29 de abril de 1380.

CAPÍTULO 28

Aproximadamente a essa hora do mesmo dia, Raimundo preparava-se para deixar o convento de Génova para participar do Capítulo de Bolonha. O percurso seria feito por mar, em companhia de outros monges. Entretanto, o mau tempo reinante inquietava sobremaneira o monge. Subiu as escadas que conduziam aos dormitórios, com o intuito de fazer alguns derradeiros preparativos; no corredor deteve-se diante de uma imagem da Virgem, e inclinando-se recitou a saudação angélica. Uma voz, que não percebeu pelos sentidos mas captou nitidamente pelo espírito, falou-lhe: "Nada temas, estarei a teu lado para proteger-te; aqui estou por tua causa."

Perturbado até ao íntimo, o monge conjecturava de onde lhe viriam tais promessas, e qual a origem da estranha sensação que dele se apossou. Por momentos acreditou ter sido a voz da Mãe de Deus a falar-lhe, porém afastou a hipótese à lembrança da própria indignidade. Veio-lhe então o receio de tratar-se de um aviso. Estaria ele em perigo? A costa era infestada de piratas cismáticos, que lhe votavam ódio em razão das suas pregações contra eles. Rezou com humildade para que aquele aviso lhe redobrasse a prudência e o tornasse mais apto a sofrer com paciência o que lhe reservava o futuro.

"Foram cogitações dessa espécie - refere - que me impediram que compreendesse a graça sobrenatural incomensurável de Nosso Senhor que enviava a alma da Sua serva em apoio à minha fraqueza e pusilanimidade, que a santa conhecia tão bem, e melhor ainda o Senhor, seu Esposo. Em se tratando de acontecimento que não serve para glorificar-me, e que antes me envergonha, creio poder transcrevê-lo sem escrúpulos."

No capítulo de Bolonha, era nomeado Superior Geral da ordem dos dominicanos, e ficava sabendo que Catarina deixara este mundo precisamente no momento em que ouvia a voz que o reconfortava e lhe infundia coragem.

Em Roma, Stefano Maconi fizera transportar o corpo da bem-aventurada para a igreja de Santa Maria Sopra Minerva. Logo que se

espalhou na cidade a notícia da morte da santa, os habitantes precipitaram-se para a igreja. De momento a momento avolumava-se a massa popular desejosa de tocar as vestes ou os pés da morta. Os testemunhos de admiração com que os fiéis costumam homenagear os santos são, não raro, de molde a chocar-nos. Desde os tempos imemoriais em que recolhiam o sangue dos mártires e conservavam fragmentos de ossos, até uma época relativamente recente, as pessoas não se contentavam em arrancar pedaços das roupas dos que morriam em odor de santidade; acontecia-lhes subtrair inclusive pedaços do cadáver, na sua ânsia de guardar uma relíquia proveniente de um santo popular.

Para evitar que tal sucedesse ao corpo de Catarina, as religiosas do mosteiro colocaram-na por detrás da grade de clausura da capela de São Domingos, e ali montaram guarda. A multidão, desejosa de manifestar o seu respeito pelos despojos e de implorar a intercessão da santa, trouxe à sua presença doentes de toda a espécie. E Deus não quis frustrar-lhes a esperança.

Raimundo descreve minuciosamente oito casos de curas milagrosas ocorridas entre o instante da morte de Catarina e a hora em que foi sepultada.

Houve naturalmente muitos outros, porém ele preferiu ater-se aos casos que pôde comprovar pessoalmente, seja ouvindo os próprios beneficiados com a cura ou as testemunhas do facto. Com indisfarçável satisfação narra, por exemplo, a história de Semia, viúva de um cidadão romano, matrona simples, honesta e de uma piedade exemplar, a quem havia vinte anos conhecia.

Dadas as circunstâncias excepcionais desse caso, não é de estranhar que Raimundo fizesse sua a narrativa "con amore": Semia assistira em sonhos à entrada triunfal de Catarina no reino dos Céus; de então em diante vinha recebendo, na sua tarefa quotidiana, um auxílio sobrenatural de parte da santa recém-coroadada de glória, e que durante a sua vida terrena ocorrera com tanta frequência em socorro das criaturas comuns, nas pequenas dificuldades da sua vida de todos os dias.

Semia fora sempre muito piedosa; todas as vezes que lhe permitiam os afazeres domésticos, empreendera peregrinações aos lugares santos de Roma. Desde a morte do marido, dirigia a casa para os seus cinco filhos. Na noite que precedeu a morte de Catarina, erguera-se, como de hábito, para rezar; horas depois tornara a procurar algum repouso, pois sendo o dia seguinte domingo, não queria perder a missa. Encontrando-se naquele estado peculiar entre a vigília e o sono, teve uma visão maravilhosa. Um menino dos seus dez anos, de uma beleza radiosa, apareceu-lhe e falou-lhe: "Não despertes antes de teres visto o que tenho para te mostrar." Embora se sentisse feliz por contemplar tão bela criatura, ela protestou: "Linda criança, deixa que me levante, senão chegarei atrasada para a missa." O rapazinho porém não cedia, e Semia teve a impressão de que ele a puxava pelo vestido e a conduzia para uma sala que se assemelhava a uma igreja. Ali divisou um tabernáculo de prata sumptuosamente ornamentado de pedras preciosas. Um segundo menino, belo como o primeiro, abriu o tabernáculo, enquanto outros quatro transportavam magnífica liteira, em tudo semelhante às que se usavam para conduzir a esposa à moradia do esposo.

Sernia percebeu então que aqueles meninos eram anjos.

Do tabernáculo saiu uma donzela. Era também de uma beleza radiosa; em seu vestido branco cintilavam pedras preciosas. Sobre a cabeça ostentava três coroas dispostas com tanta arte que facilmente podiam ser distinguidas entre si. Uma era de prata brilhante, a segunda de prata e ouro vermelho, a terceira de pérolas e diamantes. O anjo que aparecera em primeiro lugar a Semia interrogou-a: "Reconheces esta jovem?" Respondeu: "Parece-se com Catarina de Siena, porém é muito mais moça do que ela." Pois Semia não conhecera Catarina antes que esta tivesse vindo para Roma. A jovem da visão sorriu e, dirigindo-se às crianças: "Viram? Não me reconheceu" - disse.

Aproximou-se da viúva, como se planasse sobre o solo. "Semia, - disse - não me reconheces? Olha para mim: sou Catarina de Siena." Concomitantemente, os anjos transportaram-na para a liteira e com ela alçaram vôo para o céu. Como Semia os acompanhasse com o olhar, divisou algo com um trono suspenso nos ares. Nesse trono sentava-se um rei, revestido de glória; na Sua mão direita trazia um livro aberto. O cortejo

de anjos conduziu a jovem até aos degraus do trono, onde ela se prosternou em adoração. E o rei pronunciou estas palavras: "Sê bem-vinda, Minha esposa bem-amada, Minha filha Catarina."

Pedi-lhe erguesse a cabeça e lesse um breve parágrafo do livro. Convidou-a então a postar-se ao lado de Seu trono, e Semia avistou uma procissão que se aproximava: era a Rainha do Céu, seguida de um longo cortejo de virgens. A nova santa dobrou os joelhos em adoração ante a Mãe de Cristo. Esta, porém, tomando-a entre os braços, deu-lhe igualmente as boas-vindas e convidou-a a fazer parte do cortejo das jovens bem-aventuradas, que, por seu turno, a beijaram fraternalmente.

Semia afiançou a Raimundo acreditar ter-se desenrolado o espectáculo no Céu. Entretanto, ao pretender saudar também e1a o cortejo celeste, o som da sua própria voz despertou-a, e percebeu que o Sol já ia bem alto no horizonte. Devia ser a hora terça.

Desolada por haver dormido tanto, apressou-se a acender o fogo e iniciou os preparativos para o almoço dos seus filhos, após o que correu para a igreja paroquial, preocupada com o atraso. Pensava: "Se eu perder a missa, isso significará que a minha visão não passava de miragem do Inimigo; entretanto, se chegar a tempo, será um sinal de que a minha mãe Catarina intercede por mim do alto." Quando chegou à igreja, o sacerdote rezava o ofertório. Semia voltou para casa profundamente decepcionada e persuadida de que o seu sonho fora um engodo do demónio.

Mal retomara a sua lida caseira, ouviu o sino de um convento próximo anunciando a missa. Radiante, esqueceu-se de jogar na panela os legumes que acabara de lavar e descascar, contentando-se em trancar a porta e dirigir-se a toda a pressa para a igreja. "Enganei-me, pensando ser vítima de um logro de Satanês" - pensou, aliviada. Sentia-se porém um pouco inquieta lembrando-se do almoço dos filhos, e pediu a Deus não permitisse que se zangassem em demasia.

Realmente, ao voltar, avistou os filhos agrupados na rua diante da porta fechada, famintos e encolerizados. "Terão que esperar um pouco, meus filhos." Abrindo a porta e precipitando-se para o fogão, viu com surpresa que a sopa fumegava, pronta para ser servida. Os rapazes comeram com

apetite e felicitaram a mãe pela refeição, melhor que de costume. Transtornada pela aventura, Semia tinha pressa em concluir a sua tarefa para tudo relatar a Catarina.

Havia muito não encontrava ocasião de a visitar. Sabia-a, é certo, gravemente enferma, mas, à semelhança de todos os amigos da santa, vira-a frequentemente pronta em aparência a exalar o último suspiro, para subitamente retomar novas forças, que lhe permitiam trabalhar e falar aos seus discípulos. Não lhe ocorreu que os factos pudessem ser diferentes desta vez. Todavia, encontrou fechada a casa de Catarina.

No caminho de regresso, passava diante de Santa Maria Sopra Minerva quando se encontrou envolvida por densa e agitada multidão. Às suas indagações, informaram-na de que Catarina de Siena morrera e o seu corpo se encontrava exposto na igreja. Semia esgueirou-se entre o povo até alcançar a grade da capela. As lágrimas corriam-lhe pelo rosto, enquanto invectivava as mulheres que cercavam o esquife por não a terem prevenido a tempo.

Em voz entrecortada de soluços, relatou aos assistentes o sonho que tivera, bem como o milagre da refeição preparada a tempo, por intervenção evidente da santa. Durante todo o tempo em que falou, lacerava o rosto com as unhas.

Na quinta-feira, ao crepúsculo - hora das Completas - foi sepultada Catarina de Siena. O corpo permanecia intacto, não apresentando nem mesmo o odor característico da morte; pescoço e membros estavam flexíveis como se vida ainda houvera. Os estigmas, que a santa implorara ao Senhor tornasse invisíveis enquanto vivesse, distinguiam-se nitidamente no corpo inanimado.

CAPÍTULO 29

Catarina de Sicna foi primitivamente sepultada no cemitério da igreja de Santa Maria Sopra Minerva. Ali vinham pedir-lhe a intercessão, e mais de um milagre lhe é atribuído.

Anos mais tarde, Raimundo fazia transferir o corpo para um túmulo situado no interior da nave, ao abrigo das intempéries. Foi provavelmente por ocasião dessa primeira transferência que se isolou a cabeça para encerrá-la em relicário de fino lavor artístico, sob a forma de um busto de bronze dourado, o qual seria transportado para Siena. A cidade inteira exultou, e um cortejo solene acompanhou o relicário até à igreja de São Domingos. As mantelias seguiam de perto a relíquia; entre elas se encontrava uma velhinha avançada em anos, que outra não era senão Lapa, mãe da santa. Todos gostariam de conhecer os seus sentimentos, naquela hora em que a filha tão querida, a filha que tanto a fizera sofrer e que tão corajosamente tentara compreender e seguir, regressava em triunfo à sua cidade natal. Estava-se então na primavera de 1383.

O corpo sofreu uma segunda transferência, para a capela do Rosário, e finalmente repousou onde até hoje se encontra, sob o altar principal de Santa Maria Sopra Minerva.

A última e carinhosa exortação de Catarina ao grupo de homens e mulheres que lhe davam o nome de "mãe", fora concebida nestes termos: "Amai-vos uns aos outros; por este sinal sereis reconhecidos como meus discípulos."

O pequeno rebanho guardou carinhosamente essas palavras, que Catarina tomara emprestadas de seu Esposo celeste, assim como guardara sempre todos os seus ensinamentos. Cada um, por seu lado, catalogava-lhe as cartas e copiava-as, assim como ao livro. Escreveram as suas memórias isoladas e por todas as formas procuraram trabalhar para a maior glória da sua Mãe, na esperança de vê-la um dia solenemente canonizada pela Santa Igreja, a Esposa do Cristo que fora a razão de ser da vida e morte da santa.

Nomeado superior geral da ordem dos dominicanos. Raimundo de Capua tinha muito a fazer para agir segundo as instruções de Catarina, nesse sombrio período do cisma. Apesar de tudo, encontrou tempo para compilar o material necessário à sua biografia.

Não deixa de enumerar conscienciosamente as fontes em que se documentou. Cita os nomes de testemunhas dos diversos milagres, e de modo geral o de pessoas que assistiram aos factos mencionados e que ainda se achavam com vida, ou que só deixaram este mundo após a conclusão da obra. Trabalhou nesta durante quinze anos, e quatro anos mais tarde, no outono de 1399, morria em Nuremberg, para onde o haviam conduzido os seus deveres de reformador da Ordem dos Dominicanos. O seu corpo foi trazido de volta à Itália e enterrado na igreja dos dominicanos de Nápoles. Conquanto não chegasse a ser formalmente beatificado, a igreja venerou-o sempre sob a apelação de bem-aventurado Raimundo de Capua, e, no quingentésimo aniversário da sua morte, o papa Leão XIII reconheceu oficialmente o culto que lhe era prestado.

Madonna Lapa, e a cunhada de Catarina, Lisa Colombini, viviam ainda na época em que Raimundo terminou o seu livro, mas Alessia Saracini, Francesca di Gori e muitas outras irmãs que Raimundo consultara já haviam morrido.

O jovem Barduccio Canigiani, o "benjamim" dos filhos espirituais de Catarina, foi também o primeiro a deixar este mundo. Quando da primeira viagem que fez a Roma após a morte de Catarina, Raimundo encontrou-o atacado de tuberculose. A fim de afastá-lo da cidade, cujo clima era notoriamente malsão, enviou-o ao mosteiro de Siena, onde morreu em 1382.

Pouco após a morte de Catarina, Fra Bartolommeo de Dominici viu-se forçado a abandonar o mosteiro de Siena para dedicar-se a outras obrigações importantes para a sua ordem. No posto de superior substituiu-o o irmão adoptivo de Catarina, que fora também o seu primeiro confessor, Fra Tommaso della Fonte.

Foi ele o primeiro a entronizar oficialmente na sua igreja um retrato da santa, antes mesmo que a Igreja lhe houvesse aprovado o culto. Raimundo

de Capua e Tommaso Caffarini, os dois biógrafos de Catarina, inspiraram-se amplamente no diário de Fra Tommaso della Fonte.

Neri di Landoccio, retido pela inútil viagem que empreendeu a Nápoles, chegou demasiado tarde para assistir à morte da sua mãe. Seguiu-lhe todavia o conselho, retirando-se para um eremitério dos arredores de Siena, onde passou a viver só, entregue à prece e à contemplação. Até à sua morte, porém, ocorrida em 1406, permaneceu em contato com Stefano Maconi e Francesco Malavolti.

Tendo perdido mulher e filhos, Francesco Malavolti ingressou na Cartuxa de Monte Oliveto, e pouco tempo depois transferia-se para os beneditinos.

Decorreu menos de um ano da morte de Catarina quando Stefano Maconi entrou para uma ordem de cartuxos situada nas redondezas de Siena. Ali foi nomeado prior, quase imediatamente em seguida ao noviciado. Traduziu para o italiano a biografia de Catarina, escrita em latim por Tommaso Caffarini, e colaborou com Messer Cristofano di Gano Guidini numa tradução latina do "Diálogo". Messer Cristofano era então irmão leigo da Congregação de Santa Maria della Scala. Ali cuidava dos doentes e atendia aos pobres. Posteriormente, foi eleito superior geral dos cartuxos e conseguiu fazer voltar a ordem sob a sua direcção à obediência a Roma. Morreu muito idoso, em 1424, na famosa Cartuxa de Pádua.

Tommaso Caffarini, concidadão de Catarina e um dos seus amigos mais antigos, foi enviado, após a morte desta, para o mosteiro dos dominicanos em Veneza. Também ele trabalhou activamente pela glória de Catarina. Conseguiu, entre outros feitos, reorganizar a Ordem Terceira de São Domingos, aquela mesma ordem para a qual Catarina adolescente se sentira tão invencivelmente atraída, e na qual vivera a sua estranha existência de actividade mística e prática. A orientação que Tommaso Caffarini imprimiu à ordem em Veneza foi, em grande parte, adotada pela Ordem Terceira dos Dominicanos, e assim se conserva até aos nossos dias.

Quando a ordem foi acusada de haver infringido a lei canónica, pelo facto de prestar publicamente homenagem a um dos seus membros ainda não canonizados, intentou-se em Veneza um processo que teve por

resultado, em janeiro de 1413, a autorização oficial conferida a esses monges para comemorar a memória da bem-aventurada Catarina de Siena.

Em 1461 era ela solenemente canonizada pelo papa Pio II, na vida leiga Enea Silvio Piccolomini de Siena. Assim passava a ser, para toda a Igreja, Santa Catarina de Siena. A vida e os ensinamentos da *popolana* foram reconhecidos como devendo servir de exemplo a todos os cristãos, quer as circunstâncias exteriores das suas vidas se aproximassem ou não das de Catarina.

A lição que esta nos legou foi a mesma que nos deu Cristo. "Eu sou o caminho, e o caminho que leva ao céu é como se fora o próprio céu, para aquele que ama Cristo."

Raimundo de Capua e Tommaso Caffarini fizeram valer que Catarina viveu e morreu como mártir da Fé. A apelação de mártir, na linguagem oficial da Igreja Católica, designa o homem ou mulher que preferem morrer de maneira violenta a renegar a fé cristã. Nós, entretanto, nos habituámos a emprestar ao termo significado mais lato, e designamos de bom grado por mártires todos quantos sofreram de maneira particular pela sua fé.

Uma coisa é inegável: de pleno consentimento da sua vontade - e poucas mulheres terão dado prova tão cabal de firmeza de convicções - Catarina propôs-se deliberadamente sofrer sem cessar por um ideal: a comunhão com o Senhor, a glória e a honra do Seu nome-, a felicidade eterna das criaturas e a reforma da Igreja de Cristo. Pois a Igreja carecia de um renascimento capaz de restaurar-lhe o esplendor externo, espelho da sua beleza interior. Ora, a Igreja de então apresentava-se denegrida, vilipendiada pela corrupção dos seus próprios servidores e pela rebeldia dos seus filhos. Catarina proclama: "A força e a beleza do seu corpo místico não se podem diminuir, pois ela é de Deus. Porém a roupagem de que ela se reveste é o bom comportamento dos seus filhos leais e fiéis."

O facto de se mostrarem os santos com tanta disposição para o sofrimento, a ponto de o buscarem a como sua função precípua neste mundo, não raro se afigura incompreensível aos fiéis. E, para muitos, tal atitude não oferece qualquer sedução.

Se Deus é Bondade, se Cristo morreu na cruz para salvar-nos, por que razão fazer sofrer ainda aos Seus eleitos? Com efeito, estes não se limitam a aceitar os reveses, que poderiam servir-lhes de provação, como ainda se dispõem espontaneamente a sofrer pelos pecados alheios, proclamando contudo serem-no pelos próprios. São eles os mais intitulados a proclamar: nada do que é humano me é estranho. E, no entanto, a experiência de duas conflagrações mundiais e as condições do após-guerra na maioria dos países do mundo deveriam bastar para fazer aceitar, mesmo aos mais relutantes e aos mais egoístas, o que ensinam os santos: todos compartilhamos das culpas alheias.

Dado que o precioso Sangue de Cristo resgatou a humanidade, temos garantida a nossa salvação - se este fôr, naturalmente, o nosso desejo. Não obstante, São Paulo já fazia ver aos coríntios ser eventualmente necessário que os nossos próprios sofrimentos viessem somar-se aos de Cristo; e desde então, nenhuma revelação veio infirmar-lhe as palavras. Na experiência humana nada indica que a matéria bruta de que se forma a natureza humana tenha sofrido alguma alteração. O anseio do impossível continua a esmagar-se sob o seu peso. Caminhamos de um a outro desejo, sempre insatisfeitos e sempre renovados, até que a velhice ponha um fim a essa busca e que a comédia termine pela morte.

Alguns ténues filamentos de luz emanados de nossa própria natureza não cessam de recordar-nos o Criador a cuja imagem fomos feitos. É essa imagem de Deus em nós que nos confere a energia criadora, oriunda do amor desinteressado - se bem que esse amor se encontre, ele mesmo, obscurecido em nós pelo egoísmo inseparável a todos os actos humanos. É ainda a imagem de Deus em nós que nos faz aspirar por um mundo modelar, e pela vida orientada por uma injustiça plenamente realizada.

No decorrer dos últimos séculos - é sempre São Paulo quem nos fala - o homem da Europa ocidental não esmoreceu no seu afã de forjar para seu uso instrumentos cada vez mais aperfeiçoados para a exploração do mundo da matéria e para alargar gradativamente o seu conhecimento das relações, aparentemente estáveis, entre as causas e os efeitos do mundo físico. A seguir, para exemplificar o que pretendia dizer, serve-se o Apóstolo de uma das noções que mais prezara e que com mais intensidade detestara, à qual

servira com a máxima abnegação e que mais vergonhosamente traíra - discorre sobre as "leis naturais".

Como criaturas percíveis que somos, vimos incansavelmente conspurcando e desfigurando a imagem de Deus que vive em nós, quando cedemos aos nossos apetites de poder e de glória e às nossas paixões: paixão de vingança, paixão do jogo, sede de honrarias. Ou ainda, cansando-nos simplesmente daquilo que havíamos conseguido na luta, demolimos por capricho tudo quanto havíamos edificado. Tememos a um tempo a mudança e a estagnação. Apegados como somos às instituições tradicionais, procuramos a todo o preço a novidade e o mistério.

Os mais nobres ideais, as inspirações mais ousadas e mais utópicas coexistem perenemente na nossa natureza, até ao momento em que o mais recente e o mais absurdo dos nossos sonhos nos fornece as armas que, indiscriminadamente usadas, poderão arrasar definitivamente o mundo em que vivemos. Quem pode determinar com segurança até onde irá o nosso espírito destruidor?

No dia previsto pela Igreja desde os primórdios do mundo, quando o Filho do Homem aparecer para julgar pelo fogo os vivos e os mortos, a nós caberá talvez fornecer esse fogo sagrado. O ensinamento de Santa Catarina à cerca da vida e do amor, culminando na morte, é hoje tão actual quanto o foi na sua época. A influência da sua personalidade excepcional, toda ela impregnada de vitalidade sobrenatural, o tempo não pode esgotar. Não é fácil para nós compreendê-la; tampouco o era para os seus contemporâneos. É inegável que, de então para cá, só se tem feito alargar o horizonte do nosso conhecimento; estamos hoje suficientemente instruídos sobre o mecanismo psíquico, normal ou anormal, sobre a energia que permite a uma criatura influenciar a outra mesmo à distância, e inclusive contra a sua vontade. Entretanto, tais fenómenos só se deixam observar em seres anormais, e muito raramente se associam a uma inteligência esclarecida, a um sólido bom senso, a uma capacidade ilimitada para o esforço e para os trabalhos de toda a espécie, à solicitude pelo bem-estar e pela prosperidade alheios e à ausência de qualquer interesse pessoal.

Fizemos recentemente a terrível experiência da eficácia dessas forças psíquicas, capazes de produzir em toda uma nação efeitos análogos àqueles

que se observam entre os possuídos pelo demónio. Muito mais raras são estas outras forças que consolam, fortalecem e acalmam os espíritos, que reanimam os desesperados e aniquilam o ódio, a desconfiança e o desejo de prejudicar. Não obstante, a maioria de nós conheceu criaturas dotadas das virtudes mencionadas, muito embora a nossos olhos o seu campo de acção se restringisse a uma família, a um círculo de amigos ou mesmo a um povo.

Porventura aliás nos enganemos, e seja essa força emanada de seres excepcionais demasiado subtil para que a possa captar a nossa inteligência limitada. Poderíamos, quiçá, compará-la a essas ondas luminosas e sonoras de que os nossos sentidos não percebem senão uma parcela infinitesimal.

Os santos souberam sempre que a força do bem não se submete às medidas humanas. Quando renunciavam à felicidade mais sadia e mais pura deste mundo para se lançarem no fogo do combate sem se deixarem deter pela preocupação com a própria vida, ou com a vida alheia, no intuito exclusivo de chegar à comunhão com o Criador. sabiam que, se Ele os inundava da Sua graça e da Sua misericórdia, o supérfluo dos Seus dons se derramaria sobre outras vidas humanas. Esse dom passava a ser, então, virtude que operava curas milagrosas, que dava a saúde e a vida, para além mesmo do seu raio normal de acção.

É certo que Santa Catarina se terá sentido frequentemente desencorajada ao constatar que os seus esforços deixavam de apresentar resultado palpável. Nunca porém se deixou dominar pela dúvida. Fez de si mesma o dom total. até que o seu corpo fosse consumido numa luta cujo resultado final antecipara com segurança - pelo menos no terreno espiritual.

Em realidade, Cristo não nos prometeu a vitória do Cristianismo neste mundo. Muito pelo contrário. As próprias palavras do Mestre deveriam bastar para moderar algum excesso de confiança da nossa parte nesse sentido. "Quando voltar o Senhor, encontrará ainda alguma fé sobre a Terra?" A questão permanece em suspenso.

Àqueles que anunciam o malogro do Cristianismo na nossa época, recomendaríamos maior circunspeção. Nunca tivemos a promessa de um mundo onde os homens aceitassem voluntariamente a doutrina de Cristo e a Sua norma de vida. No tempo em que poucos duvidavam ser Ele o Senhor

dos Céus e da Terra, já isso não se passava: muitos procuravam dispensar o Seu exemplo ou recusavam-se voluntariamente a O ouvir. A salvação, porém, é individual.

Não nos compete, pois, conjecturar sobre o destino do Cristianismo na Terra. Conquanto seja fora de dúvida que "as portas do inferno não prevalecerão contra a Igreja de Deus", não é menos certo que aqueles que desejam desertar das suas fileiras são inteiramente livres para fazê-lo. O essencial é coisa totalmente diversa. Trata-se de saber quem terá conquistado a vida eterna no mundo dos vivos, quando houver desaparecido a realidade material.

Os nossos próprios contemporâneos que exaltaram a confiança ilimitada naquilo que os nossos sentidos podem segurar, ver ou utilizar, e que disso fizeram uma religião - materialismo, humanismo egocêntrico, coletivismo etc. - abrigaram a suspeita da extrema inconsistência de tudo o que é material. A desagregação do átomo nos revela a matéria sólida como algo de transparente, de evanescente. Quem poderá julgar de como reagirão os homens às suas novas experiências?

Mais do que nunca, nos faz falta a prudência dos santos.